UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE
DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE E ATUÁRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONTROLADORIA E CONTABILIDADE

Suilise Berwanger Wille

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende ensinando”: refletindo sobre ações de
formação docente na pós-graduação em Contabilidade

São Paulo

2018

Prof. Dr. Vahan Agopyan
Reitor da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Adalberto Américo Fischmann
Diretor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade

Prof. Dr. Ariovaldo dos Santos
Chefe de Departamento de Contabilidade

Prof. Dr. Lucas Ayres Barreira de Campos Barros
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade

SUILISE BERWANGER WILLE

**“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende ensinando”: refletindo sobre
ações de formação docente na pós-graduação em Contabilidade**

Versão Original

Tese apresentada ao Departamento de Contabilidade e Atuária, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título Doutora em Ciências.

Orientadora: Silvia Pereira de Castro Casa Nova
Co-orientador: Prof. Dr. Alan John Anthony Sangster

São Paulo
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada por Martha Ribeiro Neves de Vasconcellos – CRB-8/5998
Seção de Processamento Técnico do SBD/FEA/USP

Wille, Suilise Berwanger

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende ensinando”:
refletindo sobre ações de formação docente na pós-graduação em
Contabilidade / Suilise Berwanger Wille. – São Paulo, 2018.
210 p.

Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2018.

Orientador: Silvia Pereira de Castro Casa Nova.

Co-orientador: Alan John Anthony Sangster.

1. Contabilidade 2. Formação de professores 3. Professor reflexivo
4. Estágios supervisionados I. Universidade de São Paulo. Faculdade de
de Economia, Administração e Contabilidade. II. Título.

CDD - 657

Nome: Suilise Berwanger Wille

Título: “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende ensinando”: refletindo sobre ações de formação docente na pós-graduação em Contabilidade

Tese apresentada ao Departamento de Contabilidade e Atuária, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título Doutora em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse, por ter me dado coragem para prosseguir em busca desta conquista e me guiado durante todos os instantes da minha vida.

Aos meus pais, Hugo e Elaine, meus maiores exemplos. Obrigada pela confiança e pelo amor que me fortalece todos os dias.

Aos meus irmãos, Mariano, Luciano e Vanessa, por todo o amor e carinho. E a todos os demais familiares que sempre acreditaram em mim e me ajudaram no que foi preciso.

A meu esposo Zelor, por todo o amor, carinho, paciência, compreensão e apoio que tem me dedicado. E também aos nossos filhos, que no ventre tem me acompanhado nestes últimos meses e pelos quais sinto um grande amor.

A todos os professores que contribuíram e enriqueceram os conhecimentos durante a vida acadêmica. Em especial, agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Silvia Pereira de Castro Casa Nova e ao co-orientador Prof. Dr. Alan John Anthony Sangster, pelas correções e incentivo. E também, aos Profs. Drs. presentes na banca de qualificação e do exame preliminar: Myriam Krasilchik, Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo e Edgard Bruno Cornacchione Junior, pelas contribuições que permitiram a melhoria e evolução deste trabalho.

Aos participantes da orientação coletiva: Ana Rodrigues, Elubian Sanchez, Camilla Soueneta Nascimento Nganga, Denise Bittar-Godinho, Felipe Teixeira, Juliana Bittar-Godinho, Larissa Calixto, Liege Moraes, Raíssa Farias, Marcus Satto, Robson Pereira, Sandro Vieira e William Gouveia por todas as contribuições e trocas de experiência que fortaleceram esta pesquisa.

A todos os amigos, que me incentivaram, apoiaram e ajudaram, contribuindo assim para que pudesse crescer.

Aos colegas, por compartilharem momentos de alegrias e superação no decorrer do curso. Em especial à Jeíce, Martha e Natália com as quais tive uma convivência mais próxima.

Aos que contribuíram cedendo as informações necessárias para o desenvolvimento do estudo. Em especial, a todos os entrevistados que cederam parte do seu tempo para participar dessa pesquisa.

A todos os funcionários da USP, FEA e PPGCC, que, sem dúvida, fazem parte também deste trabalho. Em especial, aos funcionários da Secretaria de Pós-graduação da FEA5, que muito me auxiliaram na análise dos relatórios do PAE.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo subsídio ao longo do doutorado.

Enfim, a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a consecução deste trabalho, meu muito obrigado!

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

Cora Coralina

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.

Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

Wille, S. B. (2018). *“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende ensinando”*: refletindo sobre ações de formação docente na pós-graduação em Contabilidade (Tese de doutorado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O presente estudo buscou responder: Como o PAE e a Monitoria Didática podem contribuir para a reflexão sobre a prática docente? Essa é a questão explorada nessa tese, em um contexto que considera: (i) a importância da formação inicial para a docência nos cursos de pós-graduação, (ii) que o Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE), da Universidade de São Paulo (USP), e as disciplinas de monitoria didática, do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da USP (PPGCC/USP), buscam suprir de alguma forma essa formação, (iii) que há poucos estudos analisando o PAE, (iv) que os estudos que já foram desenvolvidos denotaram necessidade de maior aprofundamento sobre o tema, a fim de se ter uma melhor compreensão do programa e possibilitar a sua melhoria e aperfeiçoamento, (iv) que não há estudos sobre a monitoria didática. A esses aspectos aliam-se a relevância do PPGCC/USP e as características da formação dos docentes em contabilidade no Brasil. Diante dessa questão e desse contexto, como objetivo geral se busca examinar o PAE e as disciplinas de Monitoria Didática como ações de formação docente por meio da prática e da reflexão sobre a prática docente. Utiliza-se como lente teórica a reflexão sobre a prática, com a abordagem de Schön confrontada às críticas e contribuições de outros trabalhos que tratam sobre o tema. A pesquisa se caracteriza como sendo de abordagem qualitativa, com a construção de evidências por meio de pesquisa documental (Relatórios, fichas de inscrição e outros documentos ligados ao PAE) e entrevistas, com professores(as) da área de educação e/ou relacionados à gestão do PAE, monitores/estagiários(as) do PPGCC da USP, professores(as) que atuaram como supervisores(as) e estudantes da graduação. A relevância do estudo reside na discussão estabelecida sobre a formação docente e sobre programas que tenham por finalidade a preparação para o exercício da docência e, principalmente, pelo fato de que a efetividade dos programas e ações de formação docente impactará na qualidade da formação, desenvolvimento e preparação docente e, consequentemente, na qualidade da formação profissional em contabilidade. Como resultados da pesquisa, foi possível constatar que um envolvimento em todo o processo atrelado a lecionar uma disciplina é importante para que os estagiários(as) possam refletir sobre a docência e tenham um aprendizado mais efetivo. Também são importantes as conversas, trocas de experiências e feedbacks, entre estagiários(as) e supervisores. Esse tipo de participação do(a) monitor(a) muitas vezes não ocorre, por questão temporal, no que se refere ao momento que o(a) professor(a) realiza o planejamento do semestre, por exemplo, por dúvidas referentes ao que o(a) monitor(a) pode e não pode fazer, advindas do desconhecimento das regras e normas do programa e da existência de um currículo oculto que perpetua algumas práticas, ou, até mesmo, pelo fato do(a) monitor(a) não possuir conhecimento suficiente sobre o assunto tratado na disciplina. Desse modo, observa-se a necessidade de um alinhamento entre supervisores e que, ambas as partes, monitor(a) e supervisor(a), tenham conhecimento sobre os objetivos das ações de formação do PAE e da monitoria, de suas responsabilidades e, também, de seu potencial para contribuir com a melhoria do ensino na graduação, por meio da reflexão conjunta sobre as práticas docentes. Foi possível perceber, tanto nas entrevistas com os(as) estagiários(as), quanto com supervisores e estudantes de graduação, que já há exemplos de reflexos positivos para a graduação advindos das monitorias/estágio PAE. Mas, esses reflexos positivos ainda são pontuais e existem muitas oportunidades de melhoria. Pode-se, por fim, afirmar que, da forma como se constitui hoje, a

principal função do PAE e da monitoria é aproximar professores e estudantes de graduação, pela intermediação de estagiários(as) PAE e monitores, uma vez que graduandos(as) se sentem mais próximos dos pós-graduandos(as) e mais confortáveis em compartilhar com eles dúvidas e preocupações. Sugere-se que pesquisas futuras busquem estender o estudo do estágio docente em outras instituições, programas e/ou outras unidades da USP; busquem desenvolver pesquisas quantitativas baseadas nos achados qualitativos desta pesquisa; aprofundem o estudo da etapa de preparação pedagógica do PAE; e, dado o contexto de valorização da pesquisa em detrimento do ensino, acredita-se que seria importante entender as percepções de representantes da CAPES e de outros órgãos avaliadores e/ou reguladores com relação ao tema da formação docente na prática. Como implicações dos achados para a prática, tem-se que é possível pensar em ações que possam contribuir com a melhoria do estágio do PAE e da monitoria didática como, por exemplo, buscar envolver o estagiário/monitor em todo o processo, tentar criar espaços (dias/horários) para a troca de ideias, sugestões e *feedbacks* entre supervisor e estagiário, dar oportunidades para o estagiário/monitor participar de forma ativa das aulas e até dar alguma aula e buscar pensar em formas de deixar mais claros os objetivos e regras da monitoria didática e do PAE tanto para os estagiários, quanto para os supervisores. Essas ações, como visto na pesquisa, têm potencial de impactar de forma positiva a qualidade do ensino dos cursos de graduação e a formação docente e a prática pedagógica de professores em atuação e de professores em formação, em um processo de colaboração e reflexão. Afinal, como nos ensinou Cora Coralina: "Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende ensinando".

Palavras-chave: Contabilidade. Formação de professores. Professor Reflexivo. Estágios Supervisionados.

ABSTRACT

Wille, S. B. (2018). "Happy are those who pass on what they know and learn by teaching": reflecting on faculty training actions in an Accounting graduate program (Ph.D. Dissertation). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This study seeks to answer the following: How can USP's (University of São Paulo) PAE (Programa de Aperfeiçoamento de Ensino - Program for the Improvement of Education) and the Didactical Monitoring (Monitoria Didática) contribute to the debate on educational practice? This study explores this question in a context that considers: (i) the importance of initial formation to faculty in graduate courses, (ii) that USP's PAE and the Didactical Monitoring disciplines of USP's Graduate Program in Controllership and Accounting (PPGCC/USP) seek to somehow provide that formation, (iii) that there are few studies that analyze the PAE, (iv) that the studies that have been made have pointed out a necessity for a deeper understanding of the subject in order to better comprehend the program and enable its betterment and perfection, and (v) that there are no studies about the didactical monitoring. Adding to these aspects, we have the relevance of PPGCC/USP and the characteristics of the faculty formation in accounting in Brazil. Facing this question and this context, the general goal of this study is to examine the PAE and the Didactical Monitoring as faculty formation actions through the practice of and reflection on the teaching practice. Our theoretical approach is reflection on the practice, with Schön's approach used along with criticisms that have been made about it, as well as the contributions of other works that deal with the subject. This research uses a qualitative approach, building up evidence via documental research (reports, application forms and other documents related to the PAE) and interviews with teachers from the field of education and/or those related to PAE's management, with teaching assistants/interns from USP's PPGCC, with teachers who acted as supervisors, and with undergraduate students. The importance of this study resides in the established discussion on faculty formation and on programs that aim to prepare people for the exercise of teaching; and most of all, in the fact that the effectivity of programs and actions geared towards faculty formation will impact the quality of the formation, development and preparation of teachers and consequently the quality of professional formation in the field of Accounting as a whole. As a result of this research, we were able to determine that being involved in every part of the process of teaching a course is important for the interns to be able to reflect on teaching and so that they may have a more effective learning experience. Also important are the conversations, the sharing of experiences and the sharing of feedback between interns and supervisors. This participation of the assistant doesn't often occur, though: whether it is because of time management issues, referring to the moment the teacher plans out the semester, for example; because of doubts related to what the assistant can and can't do stemming from lack of knowledge about the program's rules and norms and the existence of a hidden curriculum that perpetuates some practices; or even because the assistant might not have enough knowledge on the subject the course deals with. In that manner, we observed a need for alignment between supervisors and that both parts, assistant and supervisor, need to have knowledge about the goals and formation actions of the PAE and of the assistants, of their responsibilities, and also of their potential for contributing towards the betterment of teaching in undergraduate courses – and that shared knowledge is built via collective reflection on the teaching practices. We were able to notice, both in interviews with interns and interviews with supervisor and undergraduate students, that there already are examples of positive impacts in undergraduate courses that stem from the PAE assistant programs/internships. But these impacts are still relatively one-off and there are many opportunities for improvement. We can, finally, affirm that with the way it is

set up today, the main function of the PAE and the Didactical Monitoring is to bring together teachers and undergraduate students through the intermediation of the PAE interns and teaching assistants since the undergraduate students feel closer to the graduate students and this more comfortable in sharing their doubts and worries with them. We suggest that future research attempts seek to extend the study on education internships to other institutions, programs and/or other USP units; that they seek to develop quantitative research based on the qualitative findings of this research; that they study the PAE's pedagogic preparation stage more closely; and, given the present context in which research is valued in lieu of teaching, we believe it would be important to understand the perception that CAPES (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) representatives and other evaluating/regulatory agencies have about the theme of docent formation in practice. As an implication of the findings towards the practice, we hold that it's possible to think about actions that can contribute to the betterment of the PAE internship and the Didactical Monitoring, such as: engaging the intern/assistant in the whole process, trying to make room (days/times) for the sharing of ideas, suggestions and feedback between supervisor and intern, and giving the interns opportunities to take an active role in the classes and even perhaps give a lecture themselves. These actions, as seen in this research, have the potential to positively impact the quality of education in undergraduate courses and the faculty formation and teaching practice of professors/teachers both acting and in formation, in a process of collaboration and reflection. After all, as Cora Coralina taught us: "happy are those who transfer what they know and who learn by teaching."

Keywords: Accounting. Faculty training. Reflexive teacher. Supervised internship.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
1.1	Questão de pesquisa.....	21
1.2	Objetivos geral e específicos	22
1.3	Contribuição e implicações da pesquisa	23
1.4	Organização da tese	23
2	REFERENCIAL TEÓRICO	25
2.1	Formação do professor universitário: necessidade de olhar para o ensino	25
2.2	Reflexão sobre a prática e formação docente.....	31
2.3	O Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE) da Universidade de São Paulo (USP)	33
2.4	Disciplinas de Monitoria Didática I e Monitoria Didática II.....	38
3	METODOLOGIA	41
3.1	Pesquisa Documental.....	41
3.2	Entrevistas	42
3.2.1	Roteiro de entrevistas	46
3.3	Análise dos dados.....	47
4	RESULTADOS.....	51
4.1	Breve apresentação das entrevistadas e dos entrevistados	51
4.1.1	Perfil dos pós-graduandos e pós-graduandos entrevistados.....	51
4.1.2	Perfil dos professores e professoras entrevistados.....	58
4.1.3	Perfil dos estudantes de graduação entrevistados	62
4.2	Dificuldades e conhecimentos	69
4.3	Teoria, prática e o papel da pós-graduação	77
4.4	Estágio docência e reflexão sobre a prática docente.....	94
4.4.1	Estagiários	95

4.4.1.1 Processo	95
4.4.1.2 Aulas	101
4.4.1.3 <i>Feedbacks</i> e troca de experiência	105
4.4.1.4 Reflexão e reflexos para a graduação e sua própria atuação.....	112
4.4.2 Supervisores.....	118
4.4.2.1 Processo	118
4.4.2.2 Aulas.....	126
4.4.2.3 <i>Feedbacks</i> e troca de experiências.....	129
4.4.2.4 Reflexão e reflexos para a graduação e sua própria atuação.....	131
4.5 Relatório e <i>feedback</i>	134
4.6 Comentários adicionais sobre o PAE	139
4.7 Visão dos alunos da graduação	139
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	159
ANEXOS	165
APÊNDICES.....	189

1 INTRODUÇÃO

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira, às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

Paulo Freire

Se “a gente se forma educador” não é importante a formação dos professores nos cursos de pós-graduação, a fim de engajá-los ao processo de reflexão sobre a prática docente? Acredita-se que esse ambiente acadêmico deva fornecer um espaço para a formação inicial dos futuros docentes ou de aprimoramento para quem já atua como professor e ingressa em um curso de mestrado e/ou doutorado.

Essa preocupação se deve ao fato dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* terem como enfoque principal a formação dos pós-graduandos para a atividade de pesquisa científica, não se dando, necessariamente, atenção ao preparo para a atividade de ensino (Cunha, 2005; Kourganoff, 1990; Masetto, 2003). No entanto, contrariamente à essa realidade, para Cunha (2009), o lugar da preparação pedagógica inicial se refere a esses programas. Essa realidade, segundo Miranda (2010), também pode ser observada nos cursos de Mestrado e Doutorado na área contábil no Brasil, visto que poucos oferecem disciplinas de formação didático-pedagógica e, os que as oferecem, em sua maioria, as têm como optativas. Essa preocupação ganha ênfase ao se observar que, segundo estudo de Araujo e Mello (2014), o professor tem predominantemente uma formação prática e falta de preparação pedagógica. Assim, geralmente, a reflexão baseada em suas próprias formas de ensinar e aprender é considerada um elemento-chave no processo de “aprender a ensinar”. Há de se destacar, ainda, que essa deficiência na formação docente também pode ser notada em programas de doutoramento em contabilidade e/ou negócios de outros países (Stevens, & Stevens, 1992; Swain, & Stout, 2000; Mitchell, 2007; Brightman, & Nargundkar, 2013). Entretanto, de acordo com a literatura, a atividade do profissional docente demanda, além dos saberes específicos necessários à atividade de pesquisa, os saberes didático-pedagógicos (Almeida, 2011; Cunha, 2005;

Kourganoff, 1990; Pimenta & Anastasiou, 2010). Esse é o contexto a que se endereça essa pesquisa.

Diante da necessidade de diversos saberes, com o objetivo de oferecer um espaço de formação docente para pós-graduandos e pós-graduandas da Universidade de São Paulo (USP) foi criado o Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) em 1992. Esse programa, originalmente, consistia na realização de um estágio-supervisionado em disciplinas da graduação. A partir de 1999, passou a exigir também uma etapa de preparação pedagógica anterior ao estágio-supervisionado. Além disso, segundo Assunção (2013) e Conte (2013), o PAE serviu de modelo para a criação do Estágio Docência da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), objetivando a preparação para a docência e a qualificação do ensino da graduação.

No cenário internacional, para suprir a necessidade de formação docente, são oferecidos programas específicos de treinamento ou, como ocorre em muitos programas de pós-graduação, os estudantes e as estudantes atuam como *Teaching Assistants (TAs)*. No que concerne ao primeiro caso, alguns exemplos são os programas de formação das universidades italianas, em especial na Universidade de Palermo, que oferece treinamento para futuros professores em *Economia Aziendale* (envolvendo contabilidade e outras disciplinas da área de negócios), no qual os estudantes têm a oportunidade de ter contato com estudos relacionados à pedagogia, didática e educação em negócios (Costa, Torrecchia, & Sangster, 2013). Ainda há os programas de doutorado não tradicionais credenciados pela *Association to Advance Collegiate Schools of Business* (AACSB) como, por exemplo, o *Case Western's Doctor of Management* (Reserve University, em Cleveland), o *Doctor in Business Administration* (Pace University, em Nova York) e o *Executive Doctorate in Business* (Georgia State University, em Atlanta), que são mais flexíveis do que programas *Ph.D.* tradicionais, são direcionados para profissionais experientes - programas voltados para a formação de profissionais e executivos que buscam fazer a transição para a academia e, muitas vezes, enxergam a pós-graduação como um obstáculo para seguir à docência, devido principalmente a carga horária de atividades; apesar de serem programas de custo mais elevado, têm duração mais curta que programas tradicionais e com dedicação em tempo parcial, permitindo que o candidato continue no seu emprego - tentando oferecer uma proposta de solução para a falta de professores de contabilidade e auditoria (Bishop, Boyle, Clune, & Hermanson, 2011).

Por outro lado, no que concerne à atuação como *Teaching Assistants* na pós-graduação (denominados pelas siglas GTAs – *Graduate Teaching Assistants* – ou TAs – *Teaching Assistants*), pode-se ver um cenário mais próximo do PAE. Consiste, igualmente, em um estágio em docência. No entanto, diferente do programa da USP, esses estudantes ministram as aulas aos alunos de graduação sem a presença de um supervisor, enquanto no PAE, segundo as diretrizes (Universidade de São Paulo, 2010), é permitido aos estagiários conduzir aulas, desde que não se exceda 10% da carga horária total da disciplina, mas o comparecimento do supervisor é obrigatório¹. A presença de *Teaching Assistants* é comum em várias universidades do mundo. Mas, como destaca Muzaka (2009), apesar de essa função existir há muitos anos, poucos estudos ainda foram realizados. Em muitos países como, por exemplo, no Reino Unido, os GTAs ocupam um nicho ambíguo, sendo simultaneamente professores, pesquisadores, estudantes e funcionários, com tensões consideráveis emergentes como consequência dos direitos muitas vezes conflitantes e responsabilidades associadas a esses papéis. E, além disso, apesar de os pós-graduandos perceberem o desenvolvimento de certas habilidades docentes, há aqueles que relatam uma falta de formação pedagógica (Mills, 2011; Muzaka, 2009), evidenciando-se, por esses fatores, a necessidade de mais estudos de avaliação sobre esses programas (Muzaka, 2009).

No que se refere ao PAE, também, até agora, há poucos estudos analisando-o e as pesquisas desenvolvidas denotaram necessidade de maior aprofundamento sobre o assunto, no sentido de se ter uma melhor compreensão do programa que possibilite a sua melhoria e aperfeiçoamento. Além disso, no Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da USP (PPGCC/USP), também existem duas disciplinas que se caracterizam como um estágio em docência, Monitoria Didática I e Monitoria Didática II, que são disciplinas obrigatórias para quem cursa o Doutorado, sobre as quais ainda não foi realizado nenhum estudo. Porém, acredita-se que o estágio referente a essas disciplinas possa ser parecido com as atividades do estágio supervisionado do PAE, uma vez que, segundo a ementa da disciplina constante no Anexo B, a disciplina se propõe, através do acompanhamento das atividades de um professor, a familiarizar o pós-graduando com o planejamento, a preparação, a condução e a avaliação das atividades presentes em uma disciplina do Departamento de Contabilidade e

¹ De acordo com o que consta na página 3 das diretrizes do PAE (apresentadas no Anexo A): “É permitido ao aluno PAE ministrar aulas, a critério do supervisor, em número de horas correspondentes a não mais que 10% da carga horária total da disciplina. Fica clara a proibição da substituição de docentes pelo aluno PAE, sendo obrigatória a presença física do supervisor acompanhando a prática da regência do aluno” (Universidade de São Paulo, 2010).

Atuária e seus problemas operacionais, preparando o estudante para assumir o papel de docente. Deste modo, considerando o contexto em que a formação do docente em contabilidade se insere no Brasil e a relevância do PPGCC nesse cenário, aspecto este descrito na sequência, julgou-se relevante estudar, além do PAE, também essa ação. Isso porque, no PPGCC/USP essas são as principais ações voltadas à formação docente. São também as ações obrigatórias para os alunos bolsistas da CAPES (no caso do PAE), e para os doutorandos (no caso das disciplinas de Monitoria Didática), pois, apesar de também ser ofertada a disciplina de Metodologia do Ensino Superior, esta é de cunho optativo.

O Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da USP ocupa um lugar de destaque. Na área contábil, a USP foi responsável pela criação do primeiro curso de Mestrado em Contabilidade, no ano de 1970, e também pelo primeiro curso de Doutorado em Contabilidade, no ano de 1978 (Comunelo, Espejo, Voese, & Lima, 2012). Esse programa de doutorado foi por 30 anos o único curso de doutorado no país (Cunha, Cornachione Jr, & Martins, 2010). Ou seja, foi o lugar de formação dos doutores da área em outras instituições por um período muito longo de tempo. A expansão da pós-graduação na área, em termos da oferta de programas de doutorado, iniciou-se, somente, em 2007. Atualmente, conforme pode ser observado no Apêndice A, o Brasil conta com 28 programas de Pós-Graduação nessa área (25 acadêmicos e 3 profissionais), dos quais apenas 14 tem nível de doutorado, e alguns destes doutorados com início recente. Por todas essas razões, muitos dos docentes de contabilidade do Brasil tiveram parte da sua formação no PPGCC/USP. É importante ainda citar que este programa possui a maior nota na avaliação da Capes (Capes, 2017) em relação ao outros Programas de Pós-Graduação em Contabilidade no Brasil. Assim sendo, além do número de professores formados neste programa, ele é visto como referência pelas outras instituições de ensino que oferecem programas na área.

Deste modo, considerando: a) a relevância do PPGCC/USP no cenário da formação de mestres e doutores em contabilidade; b) as características da formação dos docentes de contabilidade no Brasil; c) que ainda não foram realizadas pesquisas sobre o PAE na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA); d) que o PAE serviu de modelo para a criação do Programa de Estágio Docente pela Capes em 1999 (Conte, 2013; Assunção, 2013); e que e) que ainda não foram realizados estudos sobre as disciplinas de Monitoria Didática do PPGCC/USP; se julga relevante proceder a um estudo do PAE e das disciplinas de Monitoria Didática no PPGCC/USP.

1.1 Questão de pesquisa

E como examinar essas ações? Tentando responder esta pergunta, passou-se a pensar nos vários saberes demandados pela atividade de ensino. Logo, questionando inicialmente como se formam esses saberes, procedeu-se o levantamento de uma série de considerações. Cada pós-graduando traz consigo diferentes contextos, experiências, histórias de vida que, de alguma forma, interferem na sua docência. Não há como oferecer ao estudante toda a teoria e pesquisas desenvolvidas na área de educação. Ao sair do doutorado, o egresso vai se deparar com ambientes diferentes daqueles em que realizou o estágio, com mais ou menos recursos (sejam de infraestrutura, de tecnologia, ou de apoio à docência). A cada semestre, apesar de estar em um mesmo lugar, o docente vai se deparar com turmas diferentes, com diferentes perfis e expectativas. Não é possível a um programa de pós-graduação, ou qualquer outro curso, formar um professor ou qualquer outro profissional e dizer que ele está pronto, de que não precisa mais formação pois, em qualquer área de atuação, para sermos profissionais, para sermos contador-profissional ou para sermos professor-profissional de contabilidade, precisamos de uma formação contínua. Assim, a partir de todas essas considerações, questionava-se de que forma poderíamos investigar o PAE e as disciplinas de Monitoria Didática como estratégias de formação docente.

Aliado a isso, segundo a professora Myriam Krasilchik², em sua concepção como programa, a ideia inicial do PAE era que, com o trabalho conjunto de um professor mais experiente e um jovem professor (o pós-graduando), fosse possível melhorar a qualidade dos cursos de graduação. Portanto, a atividade buscava trazer contribuição não só para formação do pós-graduando, mas também para a formação contínua dos professores e professoras para os cursos de graduação da Universidade de São Paulo. Ou seja, o PAE foi desenhado, na USP, como uma ação de desenvolvimento docente, assim como a Monitoria Didática, no PPGCC.

² Fonte: entrevista realizada. Conforme trechos a seguir: “umas das ideias surgidas para melhorar o ensino de graduação foi fazer um projeto envolvendo os alunos de pós-graduação no ensino de graduação”; “a ideia era trabalhar o professor experiente com o jovem professor, que os pós-graduandos supõe-se que estão começando, e tentar com isso modernizar, melhorar os cursos”;

Logo, supõe-se que ambas as ações têm possibilidade de serem opções de formação docente inicial e de desenvolvimento docente ou de formação contínua. E que essas formações poderiam estar relacionadas, portanto, ao pensar e repensar a prática docente, considerando as experiências anteriores de estagiários e de professores, os conhecimentos da área de educação, para os quais os estudantes de pós-graduação poderiam ser despertados na preparação pedagógica (PAE) e na disciplina de Metodologia de Ensino da Contabilidade, ou alguma outra disciplina que, eventualmente, optassem por cursar, e pelas atividades desenvolvidas no estágio docência, em conjunto. Além disso, apesar de as disciplinas de Monitoria Didática não estabelecerem no seu objetivo a melhoria da qualidade do ensino da graduação, como se tinha no PAE, acredita-se que ambas ações, dependendo de como estejam sendo colocadas em prática, têm espaço para propiciá-lo, pois, se o pós-graduando e o professor refletirem e dialogarem sobre as atividades que são desenvolvidas em sala de aula, ambos podem se tornar profissionais melhores. Além disso, se houver esse diálogo, essa reflexão, o PAE e a Monitoria Didática servirão, ainda, como ações que estimulem o futuro professor a iniciar um processo de reflexão sobre a prática docente, que poderá acompanhá-lo no resto da sua carreira docente.

Por isso, na tese, se busca responder à seguinte questão de pesquisa: **Como o PAE e a Monitoria Didática podem contribuir para a reflexão sobre a prática docente?**

Nesse sentido, ao buscar teorias que tratassem de prática e reflexão, chegou-se às obras de Donald Schön que tratam da reflexão sobre a prática. No entanto, neste trabalho não se pretende abordar a reflexão sobre a prática somente sob a ótica da obra deste autor, pois se considera relevantes as críticas à sua obra, principalmente no que se refere ao fato de que parece deixar de lado a teoria ao refletir sobre a prática e também que a atividade de reflexão não deve se fechar no individualismo, ou seja, deve ser uma ação coletiva.

1.2 Objetivos geral e específicos

Como objetivo geral se busca examinar o PAE e as disciplinas de Monitoria Didática como ações de formação docente através da prática e da reflexão sobre a prática docente. Para tal, como objetivos específicos podem ser elencados: **a)** reunir as percepções de pessoas que participaram como estagiários do PAE e da Monitoria Didática, com relação à contribuição dessas atividades para a formação docente, considerando a reflexão sobre a prática; **b)** levantar as percepções dos professores e professoras que participam do PAE e da Monitoria Didática como supervisores, buscando entender se têm contribuído para a reflexão em conjunto com o/a

estagiário/a das atividades docentes e qual a sua visão sobre a atividade de supervisão de estágio; **c)** inventariar quais são as percepções dos estudantes da graduação sobre as atividades desenvolvidas pelos estagiários do PAE e da Monitoria Didática, a fim de entender de que forma essas ações repercutem na graduação; **d)** confrontar essas percepções, de estagiários, professores e professoras e estudantes de pós-graduação, buscando-se uma melhor compreensão que permita qualificar a contribuição do PAE e da Monitoria Didática para a reflexão sobre a prática docente.

1.3 Contribuição e implicações da pesquisa

Quanto à contribuição do estudo se espera contribuir: **a)** para a reflexão sobre a forma como estão sendo desenvolvidas as ações do PAE e da Monitoria Didática e trazer sugestões de aperfeiçoamento e melhorias; **b)** com a discussão estabelecida sobre a formação docente e sobre ações que tenham por finalidade a preparação para o exercício da docência; **c)** com a área de pesquisa de educação contábil, mostrando lacunas e possibilidades de trabalhos futuros sobre a formação docente em contabilidade³; **d)** para se pensar nas monitorias e estágios docência em outros programas, criados nessa expansão da oferta da pós-graduação na área; **e)** com *insights* para trabalhos futuros, como, por exemplo, para a elaboração de questionários e roteiros de entrevistas a fim investigar o Estágio Docência da CAPES e sua repercussão na formação docente, considerando que, até o momento, não foram localizados estudos que tratem dessa iniciativa nos programas de pós-graduação em contabilidade e, em outras áreas, também são escassas as pesquisas realizadas sobre o tema; **f)** para pensar ações de formação contínua dos professores, ou seja, trazer para os professores em exercício, formações teóricas mas, também, propiciar espaços que permitam a reflexão sobre a prática, principalmente de forma coletiva (conjunta).

1.4 Organização da tese

Esta pesquisa está estruturada em cinco capítulos principais: Introdução, Referencial teórico, Metodologia, Resultados e Considerações finais. A primeira parte visa introduzir o tema de pesquisa, contemplando o problema (questão de pesquisa), seus objetivos (geral e específicos) e a contribuição esperada da pesquisa. O capítulo seguinte apresenta brevemente

³ É importante destacar que, de acordo com as teses e dissertações cadastradas na plataforma Sucupira de 2010 a 2015, de 960 trabalhos desenvolvidos nos programas de pós-graduação em contabilidade, somente foram identificados quatro que tratam de aspectos relacionados à formação docente.

alguns aspectos sobre a necessidade de olhar para a formação do professor universitário, fala um pouco sobre a lente teórica adotada para a pesquisa, sobre o Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE) e sobre as disciplinas de Monitoria Didática. Na terceira parte é apresentada a metodologia empregada a fim de cumprir os objetivos propostos e solucionar o problema de pesquisa. A seguir, são apresentados os resultados obtidos. E, por último, são apresentadas as conclusões do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Formação do professor universitário: necessidade de olhar para o ensino

O ensino superior vem passando por uma série de mudanças, como a expansão e diversidade de funções, a massificação e a heterogeneidade dos estudantes, globalização e internacionalização, entre outros (Zabalza, 2004). Mas mesmo em face dessa realidade, que por sua vez impõe mais exigências aos docentes (Zabalza, 2004), ainda se tem a pesquisa ocupando um lugar de destaque em detrimento do ensino, sendo que o modelo pedagógico pouco se alterou e a lógica da transmissão do saber encontra sua legitimidade em si própria, por ser fruto de pesquisa (Chamlian, 2003).

Chamlian (2003) aponta que nas Universidades brasileiras se observa uma crise acelerada pela fase atual do capitalismo organizado. Sendo que, segundo a autora, neste país, há um aumento da oferta de ensino superior especialmente pela atuação majoritária da iniciativa privada, que viu na profissionalização de ensino superior um mercado lucrativo a ser explorado; uma retração de investimentos do poder público na graduação e concentração de investimentos em pesquisa, favorecendo a implantação de cursos de pós-graduação. Ainda, aponta que com a reforma de 1968, se estabelece como princípio norteador da universidade a indissolubilidade do ensino e da pesquisa (Ministério da Educação e Cultura, 1968), o que trouxe avanços, mas ao mesmo tempo transformou os professores universitários em professores pesquisadores e, de acordo com Nogueira (1989 apud Chamlian, 2003) aumentou a burocratização do ensino e a desvalorização da atividade docente.

Aliado a esse contexto, de acordo com Severino (2009), a diferença de visão entre ensino e pesquisa, tem três fatores principais. Os mesmos consistem em: a) uma falta de preocupação no exercício da função de ensino; b) nos critérios de avaliação adotados em relação à produção acadêmica, ou seja, a uma avaliação da qualidade docente pautada na produção acadêmica; e c) à legislação vigente em relação ao ensino superior, que determina as funções inerentes à pós-graduação.

A ausência de preocupação para o exercício da função ocorre por se acreditar que quem sabe a técnica ou o conteúdo, também sabe ensinar. Segundo Almeida (2012), o ensino muitas vezes é compreendido apenas como uma dimensão técnica do fazer do professor, algo que se aprende com base na prática e pode ser alimentado apenas pelo conhecimento dos conteúdos da área específica, pelas experiências vividas como aluno, ao contrário da atividade de pesquisa,

na qual se reconhece a importância e o valor da formação como caminho para alcançar o domínio de seus fundamentos teóricos, códigos e procedimentos.

Já o segundo fator, consequência da influência do modelo humboltiano na universidade, é a avaliação da qualidade docente pautada na produção acadêmica (postura adotada pela CAPES, por exemplo). Nesse sentido, a afirmação de Gibbs (2004 apud Goulart, 2013, p. 94) ilustra esse contexto:

Cada hora adicional de esforço que um professor dedica à docência, provavelmente reduz uma hora de esforço que dedicaria à pesquisa e isso prejudicaria suas expectativas de carreira e sua remuneração a longo prazo. Existe quase perfeita correlação negativa entre as horas da docência e o salário. Os sistemas de reconhecimento e recompensa desanimam os professores que levarem a docência a sério.

Quanto à legislação, é possível observar mudanças em relação às atribuições da pós-graduação. Isso porque, na solicitação de regulamentação feita pelo Ministro da Educação ao CFE, em 1965, segundo Cunha (1974), se apontava três motivos fundamentais para a imediata instauração do sistema de cursos de pós-graduação, sendo eles: a) formar professores competentes que possam atender à expansão quantitativa do ensino superior brasileiro, garantindo, ao mesmo tempo, a elevação dos atuais níveis de qualidade; b) estimular o desenvolvimento da pesquisa científica por meio da preparação adequada de pesquisadores; c) assegurar o treinamento eficaz de técnicos e trabalhadores intelectuais do mais alto padrão para fazer face às necessidades do desenvolvimento nacional em todos os setores. Deste modo, era possível identificar a formação docente para o ensino superior, como uma das funções atribuídas à pós-graduação. No entanto, atualmente, a legislação vigente, destacando aqui a Lei Federal 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional, diz que: “Art. 66 – A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, principalmente em programas de mestrado e doutorado” (BRASIL, 1996). Portanto, como explana Veiga (2005), a Lei 9394/96 é bastante tímida com relação ao amparo legal para o processo de formação de docentes universitários, sendo o docente universitário, de acordo com o enunciado legal, preparado (e não formado) prioritariamente, nos programas de mestrado e doutorado. Além disso, os cursos de pós-graduação *stricto sensu* têm como enfoque principal a formação dos pós-graduandos para a atividade de pesquisa científica, não se dando necessariamente atenção ao preparo para a atividade de ensino (Cunha, 2005; Kourganoff, 1990; Masetto, 2003; Severino, 2009; Veiga, 2005; Soares, 2009). Veiga (2005) ainda acrescenta que a Resolução 3/99 do CNE exige a oferta de uma disciplina sobre metodologia de ensino nos cursos de pós-graduação *lato sensu*, ficando, portanto, a formação

docente para a educação superior, a cargo das iniciativas individuais e dos regimentos das instituições responsáveis pela oferta de cursos de pós-graduação. Assim sendo, as políticas públicas não estabelecem diretamente orientações para a formação pedagógica do professor universitário (Veiga, 2005).

Ressaltando a pouca ênfase dada à docência universitária, Soares (2009) diz que até no interior dos programas de pós-graduação em educação são raras as pesquisas que têm como objeto de estudo a formação do professor do ensino superior. Além disso, acrescenta que os processos de avaliação externa vigentes para a universidade brasileira, devido aos critérios que contemplam, parecem reforçar a ideia de que o professor universitário é, principalmente, pesquisador e, assim, subestimam a docência. Nesse contexto, a docência, parece expressar a visão tradicional do professor, isto é, o responsável pela transmissão do conhecimento sistematizado; perspectiva sob a qual a universidade não estimula, pontua ou assume financeiramente um investimento na prática docente, na realização de iniciativas inovadoras no ensino e na capacitação docente continuada, por exemplo.

Essa realidade, segundo Miranda (2010), também pode ser observada nos cursos de Mestrado e Doutorado na área contábil no Brasil, visto que: poucos oferecem disciplinas de formação didático-pedagógica; os que as oferecem, em sua maioria, as têm como optativas e/ou com uma carga horária muito reduzida; as disciplinas ofertadas possuem ementas voltadas, principalmente para questões institucionais (currículo e legislação sobre ensino superior), não aparecendo, por exemplo, as relações envolvendo professor e aluno, o apoio aos discentes com dificuldades, a afetividade em sala de aula, a emocionalidade e o aluno como sujeito do processo ensino/aprendizagem. Além disso, Andere e Araujo (2008), em pesquisa realizada junto aos discentes e coordenadores dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu na área Contábil, identificaram que os programas estão altamente direcionados para a formação técnico-científica, ou seja, para a formação de pesquisadores. Ainda, é importante ressaltar que essa deficiência na formação docente também pode ser notada em programas de doutoramento em contabilidade e/ou negócios de outros países (Stevens, & Stevens, 1992; Swain, & Stout, 2000; Mitchell, 2007; Brightman, & Nargundkar, 2013).

Entretanto, de acordo com a literatura, a atividade do profissional docente demanda, além dos saberes específicos necessários à atividade de pesquisa, os saberes didático-pedagógicos (Almeida, 2011; Cunha, 2005; Kourganoff, 1990; Pimenta & Anastasiou, 2010). Sendo que são necessários à docência, segundo Pimenta & Anastasiou (2010), saberes

pedagógicos, didáticos, da área de conhecimento, da experiência do sujeito professor (modo como alguém se apropria do ser professor na sua vida). Já Cunha (2010) classifica os saberes em: da condução da aula nas suas múltiplas possibilidades, da avaliação da aprendizagem, da ambiência de aprendizagem, do planejamento das atividades de ensino, da dimensão relacional e coletiva das situações de trabalho e dos processos de formação, do contexto sócio-histórico dos alunos. E Saviani (1997) os categoriza em específicos, pedagógicos, didático-curriculares, crítico contextuais e atitudinais. Portanto, é possível observar que além dos conhecimentos específicos concernentes a área em que o professor leciona, são necessários também conhecimentos pedagógicos.

Essa necessidade pode ser constatada pelo fato de que muitos docentes, de universidades ou de outras instituições de ensino superior, são profissionais especialistas em seu ramo de conhecimento, mas não apresentam uma formação para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem, repetindo-se, um modelo pedagógico tradicional (intelectualista) traduzido pela aula magistral e pelas mesmas formas de controle e de avaliação (Chamlan, 2003 e Grícoli, 1990 *apud* Soares, 2009).

Nesse sentido, Krasilchik (2008) ainda acrescenta que várias questões interferem no processo da docência, que independem da disposição individual do professor. Sendo que, currículos são estruturados majoritariamente em instituições que legislam sobre o ensino e que elaboram diretrizes gerais como, por exemplo, o Ministério da Educação (MEC) que explicita em suas Diretrizes gerais cinco competências a serem desenvolvidas, quais sejam: domínio de linguagens, compreensão de fenômenos, construção de argumentações, solução de problemas, elaboração de propostas. Essas diretrizes reforçam a ideia que há aspectos do ensino que podem e devem ser discutidos por grupos ecléticos que apontam visões oriundas de diferentes culturas acadêmicas e que confluem para formação geral. No entanto, muitas dessas discussões não atingem os professores que recebem incumbência de ministrar uma disciplina sem ter condições de estudar seu papel na grade curricular, conexões verticais e horizontais com os outros conteúdos e objetivos que estruturam o programa.

Estudos na área contábil, por sua vez, corroboram a existência e a importância de uma variedade de saberes/conhecimentos na carreira docente. Slomski, Lames, Megliorini & Lames (2013), desenvolveram uma pesquisa a fim de delinear as características (tipos e natureza) dos saberes da docência que estruturam e significam a prática pedagógica de um professor que ministra a disciplina de Gestão de Custos em um curso de Ciências Contábeis, oferecido por

uma IES do Estado de São Paulo. Os autores procuraram evidenciar elementos que permitam melhor compreender a construção das competências dos professores para o desempenho da função docente ao longo de seu processo de desenvolvimento profissional. Verificaram que os saberes docentes abrangem diferentes tipos e fontes sociais de aquisição, tais como: saber pessoal; saber dos programas; dos livros e materiais didáticos; das tecnologias e técnico-disciplinar. Miranda, Casa Nova e Cornacchione Jr (2012), avaliaram os saberes predominantes nos docentes percebidos como professores-referência pelos alunos de um curso de Graduação em Ciências Contábeis de uma universidade pública brasileira. Concluíram que os três saberes principais foram, nesta ordem: conhecimento didático, domínio do conteúdo e saberes experienciais, apontando para a necessidade de preparação didática sistematizada para o exercício da docência, a necessidade de formação continuada e a importância de o docente estar conectado com as práticas mercadológicas. Neves Júnior et al (2015), desenvolveram um trabalho com o objetivo principal de identificar as características do professor exemplar segundo os discentes do curso de Ciências Contábeis da UCB (Universidade Católica de Brasília). Como principais resultados deste estudo pode ser destacado que as características encontradas e consideradas muito importantes foram, em relação ao estímulo intelectual, ser conhecedor, claro, preparado e organizado; e, quanto ao relacionamento interpessoal, ser paciente, justo, acessível e interessado.

Outras pesquisas nos cursos dessa área demonstraram uma série de deficiências, reforçando a necessidade dos conhecimentos ligados ao ensino. Laffin (2005), em estudo realizado com 28 professores de instituições públicas e particulares, identificou, em relação à amostra estudada, que: o conhecimento contábil revelava-se reproduzido sem questionamentos; a pesquisa como procedimento de ensino era ausente; as estratégias de ensino eram concentradas pela avaliação somatória e classificatória; as disciplinas estavam individualizadas nos currículos e os saberes específicos atuais eram marginalizados; a teoria e a prática se confundiam, visto que exercícios e trabalhos realizados em sala de aula eram entendidos como exercício da prática profissional; prevalecia uma ênfase conteudista e uma abordagem quantitativa do programa curricular; a organização da aula estava baseada nas prescrições das ementas e o programa de cada disciplina era a essência da organização da aula; o ensino e a aprendizagem estavam vinculados às condições de trabalho; e a pesquisa, quando ocorria, era confundida com assessoria ou extensão e era assumida como complementar e, não, integrada. Camargo (2006), em pesquisa com os professores do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Ponta Grossa, constatou que, 66,67% dos professores apresentaram

necessidades de formação referente ao aspecto relacionado ao conhecimento técnico, , 72,22% dos professores apresentaram necessidades de formação no que diz respeito ao aspecto comportamental e, 100% dos professores apresentaram necessidades de formação no que concerne ao aspecto didático-pedagógico. Araujo e Mello (2014) apontam que, no que concerne à área contábil no Brasil, o professor tem predominantemente uma formação prática e falta de preparação pedagógica, sendo geralmente a reflexão baseada em suas próprias formas de ensino e aprendizagem considerada um elemento-chave no processo de “aprender a ensinar”. Antonelli, Colauto e Cunha (2012) aplicaram um questionário nos alunos das instituições UFPR (Universidade Federal do Paraná), UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) e UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), com o objetivo de avaliar o grau de satisfação e expectativa dos estudantes do curso de Ciências Contábeis com relação às competências docentes, sendo constatada uma baixa satisfação discente em relação às competências dos seus docentes, demonstrando uma falta de preparo didático-pedagógico para ministrar aulas.

Com tudo isso, observa-se que olhar para o ensino é algo necessário na área contábil, assim como nas demais áreas. Mas, apesar de ainda serem necessários avanços para a valorização do ensino na Universidade, a cada dia intensifica-se o reconhecimento da importância da formação dos docentes para a garantia da qualidade do ensino na universidade (Cunha, 2005; Pimenta & Anastasiou, 2010), sendo que, os pesquisadores da Educação, há mais de três décadas, apontam para a necessidade de uma formação pedagógica sistematizada para os docentes do ensino superior (Miranda, 2011). Nesse contexto, Soares (2009) afirma que não tem como se negar a importância do campo de estudo e pesquisa da pedagogia universitária que, mediante a ampliação de sua consistência teórica e da afirmação do seu sentido social e prático, poderá contribuir para sensibilizar os órgãos governamentais, pois é imprescindível que ocorra a elaboração de políticas que garantam a profissionalização, ou seja, a regulamentação, formação específica, revisão das formas de recrutamento e progressão na carreira, que ressaltem a importância dos saberes da docência, incentivem a melhoria da qualidade das práticas pedagógicas e contribuam para a valorização da docência do ensino superior no cenário acadêmico.

Também é importante lembrar, que apesar de os cursos de pós-graduação ainda estarem voltados principalmente para a pesquisa, eles tornaram-se a principal fonte de formação do professor pesquisador, sendo que, para Cunha (2009), os programas de pós-graduação *strictu sensu* deveriam ser o lugar da preparação pedagógica inicial.

Nesse âmbito, como nos últimos anos se começou a olhar para a necessidade da formação docente dos egressos desses programas, algumas ações foram adotadas, com vistas a uma formação pedagógica, como a criação da disciplina Metodologia do Ensino Superior, estágio supervisionado em docência obrigatório para bolsistas da CAPES e a introdução do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) na Universidade de São Paulo (Chamlian, 2003). Mas ainda, são necessárias mais ações, pois como afirmam Corrêa e Ribeiro (2013, p.319) é preciso “desenvolver uma cultura de valorização do ensino na universidade, processo este que pode ter na valorização de um capital pedagógico e na formação de um *habitus* pedagógico na pós-graduação *stricto sensu* uma fase de grande relevância”.

Logo, pode-se concluir que alguns passos já estão sendo dados, mas ainda é necessário muito trabalho a fim de o ensino ser mais valorizado e também ser considerada necessária a formação pedagógica para os professores do Ensino Superior. Sendo necessárias, para tal, entre outras ações, medidas políticas, institucionais que engajem e mostrem a importância do ensino, para que passe a ser valorizado junto à pesquisa e às demais atividades da Universidade.

2.2 Reflexão sobre a prática e formação docente

Segundo Souza (2009, p. 40) “as reflexões sobre o processo de formação docente apontam duas grandes tendências (modelos) norteadoras dessa formação: a do racionalismo técnico x racionalismo prático”.

Nesse sentido, o racionalismo técnico se baseia na premissa de que a formação consiste em ensinar os conhecimentos científicos e que estes oferecem o respaldo para a atividade prática, ou seja, que os problemas encontrados na prática são enfrentados através da aplicação dos princípios e conhecimentos científicos, assim como aponta Gómez (1992, p. 96), ao se referir à formação dos profissionais das Ciências Sociais:

[...] atividade profissional é, sobretudo instrumental, dirigida para a solução de problemas mediante aplicação rigorosa de teorias e técnicas científicas. Para serem eficazes, os profissionais da área das ciências sociais devem enfrentar os problemas concretos que encontram na prática, aplicando princípios gerais e conhecimentos científicos derivados da investigação.

Contrapondo-se a esse pensamento, surge a ideia do “pensar reflexivo”, da “reflexão sobre a prática”, e mais tarde do “professor reflexivo”, que fazem parte do racionalismo prático.

Esse ideia do pensar reflexivo tem sua origem no trabalho de Dewey (1959) que discutiu a natureza e as características do pensamento reflexivo. Segundo ele, o pensar reflexivamente abrange:

1) um estado de dúvida, hesitação, perplexidade, dificuldade mental, o qual origina o ato de pensar; e 2) um ato de pesquisa, procura, inquirição, para encontrar material que resolva a dúvida assente, esclareça a perplexidade” (Dewey, 1959, p.22)

Com base nas ideias de Dewey, Schön desenvolveu seu trabalho sobre o profissional reflexivo (Schön, 1983). Ele apresenta argumentos que vão contra a racionalidade técnica, no sentido de que os conhecimentos científicos possuem limitações na aplicação aos problemas práticos e reais, pois estes não são estruturas bem definidas que permitem uma aplicação imediata desses conhecimentos para solucioná-los (Schön, 2000).

Nesse contexto, Schön no que se refere a formação profissional propõe que ela seja baseada “na *epistemologia da prática*, ou seja, na valorização da prática profissional como momento de construção do conhecimento, através da reflexão, análise e problematização desta, e o reconhecimento do conhecimento tácito, presente nas soluções que os profissionais encontram no ato” (Pimenta, 2006, p. 19). Para tal, Schön (1983; 2000) propõe três momentos distintos para o processo de reflexão: a reflexão na ação, a reflexão sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão na ação. Assim, no caso da docência, o primeiro momento seria relacionado à reflexão que ocorre durante a aula, o segundo seria uma reflexão após a aula, e a última uma reflexão sobre a reflexão realizada, a fim de atribuir significados e pensar em ações.

Assim, como destaca Souza (2009) tem-se a ideia de formação como um *continuum*, onde a formação inicial é a primeira fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento profissional, o qual exige novos parâmetros para a formação de professores, que deve priorizar a reflexão, a criação, o conceber e executar projetos pedagógicos, na perspectiva do professor que participa em seu próprio processo de aprendizagem.

No Brasil, as ideias de Schön foram inseridas no cenário educacional a partir da obra de Nóvoa:

[...] uso do termo reflexão na formação de professores foi incorporado pelos educadores brasileiros a partir do livro de Antônio Nóvoa, *Os professores e a sua formação* (1992). O livro apresenta a visão de vários autores sobre o tema cujo foco é conceber o ensino como atividade reflexiva [...] os autores, posicionam-se francamente contra a adoção do modelo da racionalidade técnica na formação de professores. (Libâneo, 2002, p. 65)

Apesar de ter uma forte repercussão tanto no cenário nacional como no internacional, possibilitando repensar o modelo de formação profissional baseado na racionalidade técnica, a proposta de Schön também foi criticada, principalmente pela reflexão da prática dissociada da teoria e por dar ênfase a uma reflexão individualizada, como sintetiza Pimenta (2006, p. 22):

Sem dúvida, ao colocar em destaque o protagonismo do sujeito professor nos processos de mudanças e inovações, essa perspectiva pode gerar a supervalorização do professor como indivíduo. Nesse sentido, diversos autores têm apresentado preocupações quanto ao desenvolvimento de um possível “praticismo”, daí decorrente, para o qual bastaria à prática para a construção do saber docente; de um possível “individualismo”, fruto de uma reflexão em torno de si própria; de uma possível hegemonia autoritária, se se considera que a perspectiva da reflexão é suficiente para a resolução dos problemas da prática; além de um possível modismo, com uma apropriação indiscriminada e sem críticas, sem compreensão das origens e dos contextos que a gerou, o que pode levar à banalização da perspectiva da reflexão. Esses riscos são apontados por vários autores.

Nesse sentido, é importante considerar essas críticas, pois elas enriquecem a ideia de reflexão sobre a prática, portanto, ao olhar para o PAE e a Monitoria Didática pretende-se olhar para o processo de reflexão, buscando avaliar também como a formação teórica está inserida e se ela ocorre de forma individual ou coletiva, por exemplo.

2.3 O Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE) da Universidade de São Paulo (USP)

O Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE) é um programa da Universidade de São Paulo (USP), no qual pós-graduandos, sob a supervisão de um professor, auxiliam nos cursos de graduação. Sua intenção básica é fazer professores com diferentes experiências trocarem ideias para planejar e executar suas aulas (Krasilchik, 2008).

O PAE foi criado pela USP no ano de 1992. Na época era intitulado “Programa de Iniciação ao Ensino Superior” e destinado apenas a doutorandos, consistindo somente no estágio supervisionado. Em 1994, o programa adquiriu o nome que mantém até hoje (Programa de Aperfeiçoamento do Ensino) e foi aberto à participação de mestrandos (Conte, 2013).

Em 1999, foi regulamentado pela portaria GR nº 3190, de 26 de outubro, passando a ter um novo formato, tornando obrigatória a etapa de preparação pedagógica, que antecederia a etapa do Estágio Supervisionado (Assunção, 2013). A partir de então, ele tem sofrido outras alterações com novas portarias, mas sem modificações no que se refere a essa estrutura de duas etapas.

A Etapa de Preparação Pedagógica assume diferentes características de acordo com a forma como a Unidade de Ensino a estrutura, podendo ser encontrada em três modalidades: uma disciplina de Pós-Graduação oferecendo créditos, cujo conteúdo estará voltado para as questões da Universidade e do Ensino Superior; um conjunto de conferências, com especialistas da área de Educação, condensadas em tempo menor, tendo como tema as questões do Ensino Superior; ou um núcleo de atividades, envolvendo preparo de material didático, discussões de curriculum, de ementas de disciplinas e planejamento de cursos, coordenadas por professores (Universidade de São Paulo, 2010).

Já a Etapa de Estágio Supervisionado em Docência é realizada especificamente em disciplinas de graduação, devendo o interessado se inscrever na Unidade de Ensino da área de conhecimento pertinente ao seu curso (Universidade de São Paulo, 2010).

O PAE é opcional para os alunos de Pós-Graduação da USP, exceto para aqueles que são contemplados pela Bolsa Demanda Social da CAPES, cujo regulamento obriga a realização de estágio (Universidade de São Paulo, 2010).

No intuito de avaliar quais são os reflexos do PAE, foram desenvolvidos alguns trabalhos, destacando-se entre eles o de Assunção (2013) e Conte (2013). São, portanto pesquisas bastante recentes.

Assunção (2013) desenvolveu uma pesquisa na Faculdade de Educação da USP (FEUSP), analisando 47 relatórios das atividades realizadas no decorrer do estágio do 2º semestre de 2010. Os relatórios de atividades⁴ são entregues à Comissão Coordenadora do PAE da unidade onde realizou o estágio, por ocasião do término do semestre. A escolha desse grupo se deu pela possibilidade de acesso aos dados, que passavam por processo de avaliação junto à Comissão Central do PAE no momento do recorte da pesquisa. A análise desses documentos visava apontar: as atividades desenvolvidas ao longo do estágio supervisionado; o modo como o estagiário avalia o desenvolvimento do plano de atividades do estágio; a maneira como o estagiário analisa o seu processo de formação para a docência na educação superior, a partir de sua experiência no PAE; e as sugestões dos estagiários para o PAE. Também foram desenvolvidas entrevistas semiestruturadas com cinco ex-estagiários desse mesmo período,

⁴ São preenchidos ao final do semestre pelos estagiários, informando alguns dados pessoais – nome do estagiário, orientador, Programa de Pós-Graduação, departamento/unidade e disciplina de estágio, semestre/ano de participação e supervisor -, além de uma descrição das atividades desenvolvidas, uma avaliação sobre o desenvolvimento do plano e sugestões para o Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE).

cujo critério de escolha para escolha foi terem atuado ou atuarem no ensino superior, a fim de buscar entender, com base nas experiências deles, quais foram os saberes formativos presentes no PAE. Foi também realizada uma entrevista com uma ex-gestora ligada à constituição e à institucionalização do PAE, que foi mencionada no trabalho, mas não foi explicado como ocorreu e qual foi a finalidade dessa entrevista. A análise dos dados identificou deficiências em relação à estruturação do Programa, conforme apresentado no Quadro 1. As deficiências identificadas se referem, principalmente, à etapa de preparação pedagógica, que ocorre, em sua maioria, com conjunto de conferências e que, por falta de mais teoria, não se consegue relacionar com a etapa do estágio supervisionado. No entanto, também se concluiu que, por meio da inserção em atividades relacionadas ao trabalho docente, o programa propicia aos alunos de pós-graduação *stricto sensu* um aprimoramento de sua formação pedagógica, configurando-se, assim, como valioso espaço na formação para a docência na educação superior.

Conte (2013) fez um levantamento de 66 processos, que não deixa explícito no trabalho que documentos contêm, mas que se percebe que os principais documentos analisados foram as fichas de inscrição, no período de 2001 a 2011, totalizando 2.310 alunos em três unidades de ensino e pesquisa da USP. As unidades foram a Faculdade de Educação, Faculdade de Enfermagem e Escola Politécnica, procurando representar as áreas de humanas, biológicas e exatas. Adotou-se como critérios de seleção o fato de a unidade pertencer ao campus da USP capital; representar uma das três áreas mencionadas; e oferecer disciplinas (com conteúdos relativos à formação pedagógica do professor de ensino superior e a didática como eixo central) para a etapa de Preparação Pedagógica. Com base nos documentos foram coletadas informações sobre titulação (mestrado, mestrado profissional, doutorado, doutorado direto), tipo de bolsa na Pós-Graduação e forma de Preparação Pedagógica. Depois disso foi estabelecido contato com os ex-estagiários do PAE, por meio da Plataforma do Currículo Lattes, e aplicados questionários a 90 destes, sendo 30 estagiários de cada unidade. Esses questionários continham questões abertas, com as quais, mediante análise de conteúdo, buscou-se detectar como a Pós-graduação *stricto sensu* e, principalmente, como o PAE tiveram efeitos no desenvolvimento profissional, saberes docentes e identidade docente. Com base nesses dados, constatou que o PAE representa um espaço de formação inicial pertencente ao campo pedagógico do pós-graduando da USP. Entretanto, ainda não se consolida como um “lugar” na universidade, não se legitimou enquanto “território” de formação dentro da Universidade de São Paulo, onde a prioridade é dada à formação do pesquisador, pelos fatores apresentados na Figura 1.

Figura 1 - Principais conclusões dos estudos de Conte (2013) e Assunção (2013)

Assunto	Conte (2013)	Assunção (2013)
Disciplinas na pós-graduação	É unânime o relato da ausência de disciplinas que contemplem a formação pedagógica do professor universitário na pós-graduação, pois os cursos se voltam para a formação do pesquisador.	Este ponto não foi discutido, valendo destacar que foi desenvolvido na Faculdade de Educação, que por sua especificidade têm disciplinas de cunho pedagógico.
Estruturação do Programa	Não há o reconhecimento do PAE como espaço formativo dentro da universidade, o que fica claro pelo desencontro de informações entre a Comissão Central do PAE, a Comissão Coordenadora do PAE na Unidade e a percepção que o aluno possui sobre o programa. Outro fato que mostra isso é que as ações de preparar a Etapa de Preparação Pedagógica ocorrem de forma isolada.	Falta uma melhoria na estruturação das atividades e maior articulação entre a etapa de preparação pedagógica e o estágio supervisionado, pois a pesquisa aponta que não há um diálogo entre as duas etapas.
Conjunto de conferências	O Conjunto de Conferências é a atividade de Preparação Pedagógica mais procurada, provavelmente pelo tempo curto em que é realizado. No entanto, a autora entende que não é a maneira adequada de preparação, pois pelo tempo e maneira como é preparada não cumpre o propósito de formação.	A quantidade de alunos e a estratégia utilizada dificultaram as discussões e debates sobre conhecimentos essenciais para o exercício da docência. Além disso, o tempo, também é muito curto para permitir o aprofundamento nesses conhecimentos.
Núcleo de Atividades	O Núcleo de Atividades é pouco procurado, talvez por ter uma proposta confusa.	Somente é citada essa opção, mas a autora não traz conclusões ou descrições a respeito do Núcleo de Atividades.
Conteúdos abordados	As disciplinas e conferências tratam, em sua maioria, temas de planejamento e contexto da prática pedagógica, não abordando outros temas, também importantes, como dimensão relacional e coletiva do trabalho docente e contexto sócio-histórico do aluno.	Destaca que há necessidade de rever os conteúdos, mas não deixa explícitos quais conteúdos vem sendo abordados.
Despertar para a importância da Preparação Pedagógica	O PAE contribui para despertar os estagiários para a necessidade de preparação pedagógica. A Etapa de Estágio Supervisionado proporciona condições de aprendizagem e permite ao aluno perceber a importância e deficiências na Etapa de Preparação Pedagógica.	A falta de lastro teórico é vista como grande deficiência por parte dos estagiários, pois não desenvolvem capacidade crítica para avaliar as práticas do professor supervisor e o aprendizado do estágio supervisionado consiste muitas vezes em reprodução das práticas que observaram.

Fonte: Elaborada pela autora.

Deste modo, ambas as pesquisas convergiram no fato de que o programa constitui um significativo espaço de formação pedagógica. No entanto, também levantaram várias limitações, principalmente no que se refere à etapa de preparação pedagógica, que em sua maioria é feita por meio de conferências. Havendo que destacar, que na FEA, esta forma de preparação pedagógica também parece ser a predominante.

O presente estudo difere de ambos os trabalhos anteriores em diversos ângulos. Inicialmente por buscar ver como o PAE se insere como uma estratégia de formação docente em um Programa de Pós-Graduação da FEA/USP, onde ainda não foi investigado. Adicionalmente, por buscar analisar o PAE com alguns aspectos diferentes dos já analisados e buscar suprir algumas limitações percebidas em relação aos estudos apresentados.

No que concerne a aspectos diferentes, observa-se que ambos os estudos analisaram a formação docente em relação a saberes adquiridos com a participação do PAE e que o segundo estudo pesquisou dimensões de desenvolvimento profissional e identidade docente. Já a presente proposta, apesar de não ignorar esses fatores, busca como foco principal avaliar formação docente com base na reflexão sobre a prática docente. Pretende ainda, entrevistar não somente pessoas que estão atuando no ensino superior, mas também pós-graduandas e pós-graduandos, que apesar de não estarem ainda atuando como docentes, participaram das atividades de PAE e Monitoria Didática recentemente. Difere ademais por abranger as visões de outras pessoas envolvidas no processo, como os supervisores de estágio e os alunos da graduação. Por outro lado, em relação ao segundo estudo, apesar de o questionário permitir coletar opiniões, percepções e experiências de mais pessoas, percebe-se que algumas questões, pela linguagem utilizada, podem não ter ficado claras para quem não era da área da educação e que a entrevista como feita no primeiro estudo pareceu ser mais adequada, pois permite coletar dados com maior profundidade. Ainda, como destacado, os dois trabalhos olharam para os documentos gerados nos estágios (ficha de inscrição e relatório final, principalmente); os relatórios finais dos estágios também serão fonte de dados para o presente estudo, mas com a finalidade de coletar informações distintas das pesquisas mencionadas, sendo estes e os demais aspectos metodológicos abordados no próximo capítulo.

2.4 Disciplinas de Monitoria Didática I e Monitoria Didática II.

Como mencionado anteriormente, ainda não foram realizados estudos sobre as disciplinas de Monitoria Didática do PPGCC/USP, deste modo, basicamente o que se tem de informação é o que se encontra na ementa da disciplina (Anexo B) e também os regulamentos do PPGCC/USP (PPGCC/USP, 2014a, 2014b, 2016), sendo que a disciplina, de acordo com informação obtida junto à Seção de Pós-Graduação da FEA, passou a ser ofertada a partir de 2010. No regulamento anterior à 2014 (PPGCC/USP, 2014a) não consta se era obrigatória ou não, mas a partir de 2014 (PPGCC/USP, 2014b) passou a constar como disciplina obrigatória para os alunos do Doutorado do PPGCC/USP.

Conforme a ementa da disciplina (Anexo B), a mesma vem ao encontro do propósito de formar docentes para o campo das Ciências Contábeis, tendo em vista que os objetivos do curso de mestrado e doutorado em Ciências Contábeis são de formar e desenvolver pesquisadores e também formar professores da área de concentração do Programa. Nesse sentido, a disciplina busca familiarizar o aluno do programa de pós-graduação com o planejamento, a preparação, a condução e a avaliação das atividades presentes em uma disciplina do Departamento de Contabilidade e Atuária e seus problemas operacionais, preparando o estudante para assumir o papel de docente. Sendo que, para tal o pós-graduando atuará como monitor acompanhando uma disciplina de graduação de sua área de concentração durante um semestre letivo, sob orientação direta de um professor do curso de Graduação em Ciências Contábeis, em tarefas típicas da atividade docente como acompanhar o planejamento da disciplina, ao início do semestre letivo; acompanhar as aulas ministradas pelo professor responsável; apoiar o professor em todas as suas atividades docentes; ajudar no desenvolvimento de material didático; aplicar exercícios e assistir os alunos; ajudar na correção de exercícios e provas e ajudar no controle de frequência e emissão de notas finais. Ainda se destaca que as atividades não incluem a substituição do professor, mas sim estar em sala de aula acompanhando as atividades do professor. E também não se faz menção em relação à possibilidade de o monitor ministrar alguma aula sob a supervisão do professor responsável pela disciplina.

Numa comparação inicial com o PAE, observam-se algumas diferenças. Primeiramente, enquanto o PAE é de caráter parcialmente voluntário, sendo obrigatório somente para bolsistas da CAPES, a Monitoria Didática, ao menos a partir de 2014, é obrigatória para todos os alunos do doutorado. Outro ponto, é que no PAE alguns alunos recebem bolsa e podem receber 2 (dois) créditos. Já a Monitoria Didática, por se tratar de uma disciplina, não oferece remuneração e

sim 4 (quatro) créditos. E, ainda, enquanto o PAE, além do estágio supervisionado, possui uma etapa de preparação pedagógica obrigatória, a Monitoria Didática não tem essa etapa, apesar de, como mencionado anteriormente, para os alunos do PPGCC terem a possibilidade de cursar de forma optativa a disciplina de Metodologia de Ensino da Contabilidade ou alguma outra disciplina relacionada à docência ofertada na USP ou em instituições que possuem algum convênio com a USP, por exemplo.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa pode ser caracterizada como sendo uma pesquisa de abordagem qualitativa, com a construção de evidências por meio de pesquisa documental e entrevistas. Abordaremos, sequencialmente, as pesquisas documental e por entrevistas, descrevendo com detalhes os procedimentos adotados na trajetória de pesquisa.

É importante ressaltar, que, conforme Anexo C, antes de dar início à coleta de dados, o projeto de pesquisa foi encaminhado à Comissão de Pesquisa da FEA a fim de que fosse emitido um parecer, no entanto a mesma não se julgou apta a fazê-lo, pois o Comitê de Ética em Pesquisas da FEA ainda estava em trâmites.

3.1 Pesquisa Documental

Com relação à pesquisa documental, conforme o Anexo D, inicialmente foi solicitada autorização para acesso aos relatórios do PAE do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da USP de 1999 – visto que antes a estrutura do programa consistia apenas no estágio supervisionado – a 2014. No entanto, como acabou demorando algum tempo para serem desarquivadas as pastas e considerando que os relatórios dos três programas de pós-graduação da FEA (Administração, Contabilidade e Economia) estavam todos arquivados juntos, procedeu-se, mais tarde, à solicitação de autorização para acesso aos documentos dos demais cursos também, estendendo o período até 2015. Foram considerados os documentos do primeiro semestre desse ano que também já se encontravam na Secretária de Pós-graduação da FEA⁵. A intenção era buscar fazer um estudo mais detalhado e observar se era possível perceber diferenças entre os três cursos.

Foi realizada uma coleta manual de informações constantes nos relatórios e fichas de inscrição (Anexo E) referentes às seguintes informações: Nome dos aluno inscrito, se entregou o relatório, curso de origem (já que nem todos os que fazem o PAE na FEA são alunos dos Programas de Pós-graduação da FEA), curso em que realizou o estágio, sexo, disciplina em que realizou o estágio, Nível (mestrado ou doutorado), ano, se era bolsista (CAPES, CNPQ ou outros), tipo de preparação pedagógica (ciclo de palestras ou disciplina, se cursou disciplina qual foi), se já havia participado anteriormente do PAE e quando, tipo de participação anterior e atual (voluntário ou bolsista), orientador, supervisor, e-mail; além do levantamento das informações constantes no relatório do estagiário (Anexo F) – Atividades desenvolvidas,

avaliação do plano e sugestão do estagiário; e, finalmente, referente ao relatório do supervisor (Anexo G), quais as sugestões apresentadas.

No entanto, ao longo da coleta percebeu-se que as informações dos relatórios não forneciam subsídios para atender aos objetivos desta pesquisa, pois os elementos constantes nos relatórios não permitiam perceber aspectos de reflexão sobre a prática docente. Além disso, muitos relatórios pareciam incompletos ou faltavam algumas informações. Desse modo, optou-se por não fazer uma análise mais aprofundada das informações dos relatórios e optou-se por deixar as informações coletadas para serem utilizadas em uma pesquisa futura, de cunho mais descritivo, sobre os relatórios do PAE da FEA. Considerando o tempo hábil para realização da pesquisa da tese de doutorado e a importância de se ter mais tempo para dedicar a realização e análise das entrevistas, a análise dos relatórios acabou servindo para ter uma noção geral das atividades que estavam sendo realizadas na FEA e de sugestões dos estagiários, permitindo ter *insights* para a elaboração dos roteiros de entrevistas. Além disso, os relatórios permitiram coletar os nomes dos estagiários e estagiárias que realizaram o PAE ao longo dos anos e quais foram as pessoas que participaram mais de uma vez. Ainda foram consultados os Currículos Lattes dos participantes do PAE, para saber se foram professores antes da realização do PAE e se são professores atualmente. Assim encerramos a fase de levantamento de informações por meio da pesquisa documental.

3.2 Entrevistas

A primeira entrevista realizada foi com a professora Myriam Krasilchik, em 01 de setembro de 2015 e teve a duração de 28 minutos e 26 segundos. Para a realização dessa entrevista foi enviada uma carta de apresentação por e-mail (Apêndice B). No dia da entrevista foi entregue e assinado o Termo de consentimento para gravação de voz (Apêndice C). O roteiro utilizado na entrevista consta no Apêndice K. Após a entrevista, a transcrição foi feita pela pesquisadora e enviada para que pudessem ser realizados eventuais ajustes, anexando o documento do Apêndice D. Essa entrevista serviu para se saber um pouco mais sobre a origem do programa PAE. Também foi importante para ajudar na definição dos objetivos desta pesquisa, conforme já comentado anteriormente na seção de Introdução.

Com base nas informações obtidas nos relatórios do PAE e dos Currículos Lattes, foi possível chegar a nomes de pessoas que haviam atuado como estagiários do PAE e atuam como docentes atualmente. Deste modo, enviou-se e-mail a essa lista, composta por 39 pessoas, e também a algumas pessoas que a pesquisadora ou sua orientadora conheciam e que tinham

participado da Monitoria Didática. Ainda houve algumas pessoas que, ao tomarem conhecimento da pesquisa devido a e-mail enviado convidando alunos da graduação para participarem de um *focus group*, demonstraram interesse em participar do estudo. Deste modo, 31 pessoas participaram da entrevista falando das suas experiências com o PAE e/ou Monitoria Didática, conforme Figura 2. Vinte e uma pessoas participaram tanto do PAE quanto da Monitoria Didática. Duas pessoas participaram apenas da Monitoria. Oito entrevistas foram presenciais e as demais foram realizadas via Skype ou WhatsApp. Sendo que, as entrevistas deste grupo totalizaram 34 horas 51 minutos e 54 segundos de gravação.

Figura 2 – Informações sobre os estudantes participantes da entrevista

Código	Situação	Participação	Data	Tempo de Gravação	Presencial
E1	Doutoranda	PAE/Monitoria	04/set	01:04:40	Sim
E2	Doutoranda	PAE/Monitoria	04/set	01:15:01	Não
E3	Doutoranda	PAE/Monitoria	05/set	01:22:29	Sim
E4	Doutoranda	PAE/Monitoria	05/set	02:10:20	Não
E5	Mestre	PAE	12/set	00:44:34	Não
E6	Mestranda	PAE	12/set	00:38:49	Sim
E7	Doutorando	PAE/Monitoria	13/set	01:22:08	Não
E8	Doutorando	PAE/Monitoria	13/set	01:24:55	Sim
E9	Doutoranda	PAE/Monitoria	14/set	00:50:12	Sim
E10	Doutoranda	PAE/Monitoria	15/set	00:44:11	Sim
E11	Doutoranda	PAE/Monitoria	19/set	00:33:27	Sim
E12	Mestrando	PAE	20/set	00:46:00	Sim
E13	Doutor	PAE/Monitoria	26/set	00:32:06	Não
E14	Doutor	PAE	27/set	00:59:02	Não
E15	Doutor	PAE	27/set	01:18:29	Não
E16	Mestrando	PAE/Monitoria	28/set	02:01:06	Não
E17	Doutora	PAE/Monitoria	28/set	00:29:31	Não
E18	Doutor	PAE	28/set	01:36:21	Não
E19	Doutor	Monitoria	02/out	01:11:58	Não
E20	Doutora	PAE/Monitoria	02/out	01:06:44	Não
E21	Doutoranda	PAE/Monitoria	03/out	01:25:11	Não
E22	Doutoranda	PAE	05/out	00:40:33	Não
E23	Doutoranda	PAE/Monitoria	06/out	01:09:53	Não
E24	Doutoranda	PAE/Monitoria	09/out	01:42:28	Não
E25	Doutora	PAE/Monitoria	09/out	00:53:16	Não
E26	Doutor	PAE	09/out	00:48:36	Não
E27	Doutorando	PAE/Monitoria	10/out	01:20:50	Não
E28	Doutorando	PAE/Monitoria	12/out	01:33:24	Não
E29	Doutora	PAE/Monitoria	14/out	01:09:26	Não
E30	Doutora	Monitoria	18/out	00:52:59	Não
E31	Doutor	PAE/Monitoria	24/out	01:03:15	Não

Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação aos professores da FEA, considerou-se que todos os professores do Departamento de Contabilidade e Atuária eram potenciais supervisores. Deste modo, consultou-se no site da FEA⁵ a lista dos professores. Foi, então, enviada uma Carta Convite para participação na pesquisa a todos e todas, exceto àqueles que já tinha sido enviado convite por terem atuado como estagiários do PAE. Dos 39 professores, participaram da pesquisa 19. Dentre esses, sete foram estagiários PAE (sendo que alguns participaram do PAE fora do Departamento de Contabilidade e Atuária) e agora são professores do Departamento de Contabilidade e Atuária da USP. A maioria das entrevistas foi presencial, sendo oito realizadas via Skype. As mesmas totalizaram 18 horas, 9 minutos e 35 segundos de gravação. As informações sobre os professores que participaram da pesquisa estão resumidas na Figura 3.

Figura 3 – Informações sobre os professores participantes da entrevista

Código	Atuação	Data	Tempo de gravação	Presencial
P1	Professora	28/ago	01:00:33	Não
P2	Professor	15/set	01:02:53	Sim
P3	Professor	19/set	01:11:00	Sim
P4	Estagiário/Professor	19/set	01:00:00	Sim
P5	Professor	19/set	00:51:09	Sim
P6	Estagiário/Professor	19/set	01:23:32	Sim
P7	Professor	20/set	01:26:11	Sim
P8	Professor	21/set	00:49:48	Sim
P9	Professor	21/set	00:35:27	Sim
P10	Professor	21/set	00:37:10	Sim
P11	Professor	21/set	00:43:15	Sim
P12	Estagiária/Professora	22/set	01:41:33	Sim
P13	Professora	26/set	00:49:30	Não
P14	Professor	26/set	01:09:33	Não
P15	Professor	27/set	00:41:19	Não
P16	Estagiário/Professor	27/set	00:52:21	Não
P17	Estagiário/Professor	29/set	00:48:59	Não
P18	Estagiário/Professor	29/set	00:56:24	Não
P19	Estagiário/Professor	04/out	00:28:58	Não

Fonte: Elaborada pela autora.

⁵ Fonte: <https://www.fea.usp.br/contabilidade/pessoas/corpo-docente>

Figura 4 – Informações sobre os estudantes de graduação participantes da entrevista

Código	Sexo	Data	Duração	Presencial	Semestre/Turno	Curso
G1	M	14/ago	00:39:19	Sim	2/Diurno	Economia
G2	M	18/ago	00:25:30	Sim	6/Noturno	Contabilidade
G3	F	22/ago	00:38:45	Sim	4/Noturno	Contabilidade
G4	F	24/ago	00:45:11	Sim	6/Diurno	Contabilidade
G5	F	31/ago	00:29:06	Sim	2/Diurno	Contabilidade
G6	M	31/ago	00:36:08	Sim	2/Diurno	Contabilidade
G7	F	01/set	00:23:20	Sim	2/Diurno	Contabilidade
G8	M	04/set	00:36:20	Sim	2/Diurno	Contabilidade
G9	F	11/set	00:26:28	Sim	10/Noturno	Administração
G10	F	11/set	00:36:54	Não	Formada em 2016	Contabilidade
G11	F	13/set	00:23:44	Sim	2/Diurno	Contabilidade
G12	M	13/set	00:34:03	Sim	10/Noturno	Administração
G13	M	14/set	00:26:17	Sim	2/Diurno	Contabilidade
G14	M	14/set	00:25:00	Sim	2/Diurno	Contabilidade
G15	F	18/set	00:32:41	Sim	4/Diurno	Contabilidade
G16	M	18/set	00:26:49	Sim	4/Diurno	Economia
G17	F	20/set	00:32:35	Sim	2/Diurno	Contabilidade
G18	M	20/set	00:33:40	Sim	4/Noturno	Contabilidade

Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação aos alunos da graduação, originalmente se desejava realizar seções de *focus group*. No entanto, após várias tentativas de convite aos alunos (envio de e-mail – pessoalmente, através da Coordenação do Departamento de Contabilidade e Atuária -, entrega de folders, recados na lousa e postagens no grupo do Facebook da FEA), somente quatro pessoas se voluntariaram a participar da pesquisa, sendo, inicialmente, realizada entrevista com estes. Também foram enviados e-mails aos alunos dos outros cursos da FEA (Administração e Economia). No entanto, também somente dois alunos da economia e dois da administração participaram, realizando-se entrevistas individuais com estes também. Numa última tentativa, com autorização da professora de uma das disciplinas, foi realizado um convite para *focus group* ou entrevista individual, conversando com os alunos do segundo semestre diurno do Curso de Ciências Contábeis durante alguns minutos da aula e passando, depois, uma lista para que os interessados deixassem nome, contato, horário disponível e se preferiam participar de *focus group* ou entrevista individual. Com a lista em mãos, foi possível organizar três sessões de *mini focus group* (com 4 participantes cada) e mais algumas entrevistas individuais. Ao enviar e-mail para os alunos, alguns não responderam e outros preferiram trocar por entrevista individual, sendo que só em um dos dias 4 pessoas confirmaram participação, entretanto, no

dia, só dois alunos apareceram. Foi, então, realizada uma entrevista em ‘dupla’, que para fins de análise foi considerada como duas entrevistas individuais (G13 e G14). Assim, levando em conta todas essas ações de recrutamento de estudantes, foram realizadas 18 entrevistas, conforme indicado na Figura 4. Foram entrevistados estudantes de economia (2), administração (2) e contabilidade (14), dos turnos noturno e diurno, sendo que em um caso a estudante havia se formado em 2016. Essas entrevistas totalizaram 9 horas, 31 minutos e 50 segundos.

É importante salientar que antes de dar início às entrevistas com os estagiários foi realizada uma entrevista de pré-teste com uma pós-graduanda, colega da pesquisadora, que havia atuado como PAE e monitora. Com base nessa entrevista e das evidências que foram se apresentando, o roteiro foi sendo ajustado. Já, quanto ao grupo dos professores e alunos da graduação, chegou a ser realizada uma entrevista com uma professora e com um aluno da graduação com o objetivo de pré-teste, mas se observou que as mudanças no roteiro de entrevista seriam pequenas. Então, optou-se por utilizar essas entrevistas para análise junto com as outras que foram realizadas na sequência.

Há de se destacar que para a realização das entrevistas desta pesquisa, foi enviada primeiramente uma carta de apresentação/convite (Apêndices E, F). No dia da entrevista, foi entregue aos participantes um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e solicitada autorização para gravação do áudio da entrevista (Apêndices G, H). As entrevistas gravadas foram transcritas integralmente pela pesquisadora. Após a transcrição, as entrevistas foram enviadas por e-mail para os participantes para que pudessem ser revisadas e sugeridas eventuais alterações (Apêndices I, J).

3.2.1 Roteiro de entrevistas

Para atingir os objetivos específicos da pesquisa, utilizou-se como principal estratégia as entrevistas. Neste sentido, a seguir será tratada de forma sintética sobre a estrutura dos roteiros de entrevista.

Com a finalidade de reunir as percepções de pessoas que participaram como estagiários do PAE e da Monitoria Didática, com relação à contribuição dessas atividades para a formação docente, considerando a reflexão sobre a prática; foi utilizado um o roteiro de entrevista apresentado no Apêndice L. Sendo que, o primeiro bloco de questões procura entender a percepção do monitor/estagiário em relação a como avalia sua formação docente, quais conhecimentos acredita que são importantes para sua formação docente e qual o papel da pós-graduação nesse contexto. Já no segundo bloco de questões se busca entender a percepção em

relação à monitoria e o PAE. Além disso, as questões 25 e 26 buscam captar a percepção sobre atividades que são desenvolvidas na USP (a disciplina a distância é apresentada, pois algumas pessoas mencionam nos relatórios dificuldade de fazer a preparação devido ao horário, ou preparação muito curta; então se buscou saber o que os estagiários acham de existir essa alternativa; quanto a troca de experiência entre os estagiários, também foi uma sugestão que apareceu nos relatórios do PAE, então considerando que já existem em algumas unidades os Workshops do PAE, buscou-se também saber a percepção dos monitores/estagiários em relação a essas atividades).

Buscando levantar as percepções dos professores e professoras que participam do PAE e da Monitoria Didática como supervisores, buscando entender se têm contribuído para a reflexão em conjunto com o/a estagiário/a das atividades docentes e qual a sua visão sobre a atividade de supervisão de estágio; foram utilizados os roteiros dos Apêndices M e N. Ambos são semelhantes, mas o roteiro N é voltado para supervisores que também foram estagiários, para tentar entender, além da sua visão como supervisor, como foi a sua atuação como estagiário do PAE. Em ambos os roteiros temos questões semelhantes ao roteiro de entrevista voltado aos estagiários/monitores, sendo que também há um bloco de questões voltadas à formação docente e outro voltado ao PAE e à monitoria. Mas cabe destacar nesse roteiro das questões 7 e 8, que buscam entender um pouco sobre o processo de reflexão dos docentes, se é individual, coletivo, o que levam em consideração e se consideram importante a troca de experiências e a conversa com os pares.

E para inventariar quais são as percepções dos estudantes da graduação sobre as atividades desenvolvidas pelos estagiários do PAE e da Monitoria Didática, a fim de entender de que forma essas ações repercutem na graduação; foi utilizado o roteiro do Apêndice O.

3.3 Análise dos dados

O processo de análise de resultados, conforme Martins (2008), não tem uma etapa delimitada, pois análises e reflexões estão presentes durante vários estágios da pesquisa, particularmente quando do levantamento das informações, em situações em que resultados parciais sugerem alterações, correções de rumo, bem como exigem consultas adicionais a outras obras de referência.

Neste estudo, para fazer inferências sobre as evidências tanto dos documentos quanto dos questionários e das entrevistas, será utilizada a análise de conteúdo, que segundo Gray

(2012) consiste em identificar de forma sistemática e objetiva características especiais (classes ou categorias) entre eles. Esse tipo de análise, de acordo com Creswell (2010), pode ser dividida em seis passos, os quais são: 1) Organizar e preparar os dados para a análise; 2) Ler todos os dados, a fim de obter uma perspectiva geral das informações e refletir sobre seu significado global⁶; 3) Iniciar a análise detalhada com um processo de codificação, ou seja, organizando o material em blocos ou segmentos menores antes de atribuir significado às informações; 4) Utilizar o processo de codificação para gerar uma descrição do local ou das pessoas e das categorias ou temas para análise; 5) Informar como a descrição e os temas serão representados no relatório qualitativo (passagens narrativas, quadros, tabelas, figuras, etc.); 6) Realizar uma interpretação dos dados ou extrair um significado dos mesmos, o que pode ser feito por interpretação pessoal do pesquisador e/ou derivado da comparação das evidências coletadas com informações advindas da literatura ou de teorias.

A fim de respaldar a pesquisa, é importante assegurar a validade e confiabilidade das análises (Sampieri, Collado & Lucio, 2006). A validade do construto consiste em estabelecer medidas operacionais corretas para os conceitos que se encontram em estudo (Yin, 2001). Para tal, uma medida importante é utilizar a triangulação (Yin, 2001; Stake, 1995; Martins, 2008), cujo uso, neste trabalho, consiste, principalmente, pela comparação entre as evidências obtidas das entrevistas com diferentes perfis de entrevistados (professores supervisores, estudantes de pós-graduação e estudantes de graduação). A validade interna será julgada considerando-se até que ponto a descrição (conclusões) oferecida pela pesquisadora está (estão) de acordo, ou seja, representa as evidências coletadas. Para tal será necessário um cuidado constante para manter um nexo lógico entre as proposições iniciais, desenvolvimento e resultados encontrados (Godoi, Bandeira-de-Mello, & Silva, 2006). Já a validade externa se refere ao grau em que os achados de um caso podem ajudar a explicar outros contextos (casos) semelhantes (Martins, 2008; Gray, 2012). Buscar-se-á obtê-la pela coerência entre os achados da presente pesquisa e os resultados de outras investigações assemelhadas. E, por último, a confiabilidade/fidedignidade diz respeito à medida em que as conclusões do estudo podem ser replicadas (Martins, 2008; Gray, 2012) e ao grau de consistência com que códigos e categorias são atribuídos às informações coletadas, sendo fundamental para isso a codificação e interpretação dos dados (Smith, 2011). Ou seja, para obter essa confiabilidade é importante a checagem da codificação e/ou interpretação por

⁶ Este processo foi realizado após a finalização da coleta de dados. No entanto, ao longo do desenvolvimento da coleta de dados e da transcrição das entrevistas, já se buscou fazer análises preliminares. Por exemplo, após cada entrevista, a fim de observar o que poderia ser melhorado no roteiro da entrevista e/ou se eram possíveis constatar alguns aspectos que seria importante explorar nas entrevistas subsequentes.

vários pesquisadores (Smith, 2011; Gray, 2012) ou, como será realizado neste estudo, pelo mesmo pesquisador em diferentes ocasiões (Godoi, Bandeira-de-Mello, & Silva, 2006), além de apresentar um protocolo e um banco de dados detalhados do estudo, documentando os procedimentos do estudo ao máximo e da melhor maneira possível (Yin, 2001).

4 RESULTADOS

4.1 Breve apresentação das entrevistadas e dos entrevistados

Para qualificar o perfil dos entrevistados e entrevistadas, apresenta-se, a seguir, algumas informações relevantes sobre cada um dos participantes da pesquisa. As informações apresentadas sintetizam a experiência, crenças e valores de cada um, com o cuidado de permitir preservar o anonimato. Essa breve apresentação dos participantes está dividida nos grupos participantes da pesquisa: pós-graduandos, professores e estudantes de graduação.

4.1.1 Perfil dos estagiários e monitores entrevistados

E1 é doutoranda. Ainda não atuou como docente, mas pretende atuar no futuro. Sua formação docente até o momento foi baseada, principalmente, nas monitorias e em tentar aprender pelo exemplo. Das várias monitorias e estágios PAE que realizou, considera que um dos professores teve uma preocupação maior em relação à sua formação docente.

E2 é doutoranda. Tem a intenção de atuar como docente no futuro e, até o momento, sua única experiência mais direta como docente foi no ensino a distância, no qual atuou por um tempo, assim que concluiu o mestrado. Considera que suas experiências no PAE e monitoria didática foram positivas, até porque conseguiu escolher bons professores como supervisores. No entanto, acha que a pós-graduação deveria dar uma atenção maior para a formação docente.

E3 é doutoranda. Tem a intenção de atuar como docente no futuro. No momento, seu contato mais próximo com a docência e formação docente estão ligadas as atividades de PAE e monitorias. Mas se sente pouco preparada. Acha que a pós-graduação deveria ter uma preparação docente maior. Quanto às monitorias, a que achou mais interessante foi a que pode atuar junto com a supervisora em todo o processo.

E4 é doutoranda. Diz que o gosto pela docência vem desde a infância. Trabalhou no mercado por alguns anos e depois foi fazer o mestrado. No mestrado, participou do PAE e achou a experiência muito positiva. Depois ingressou na docência. Atualmente, segue lecionando e cursando o doutorado, no qual realizou atividades de monitoria didática. Tinha uma expectativa que as monitorias fossem algo parecido com o PAE, que realizou durante o mestrado. No PAE teve um grande envolvimento com as atividades dentro e fora de sala de aula. Mas a monitoria

didática acabou sendo muito diferente e acha que não contribuiu com a sua formação, pois não precisou fazer quase nada, nem sequer assistir às aulas.

E5 é mestre. Atualmente, atua como docente em tempo integral. Atuou como estagiário do PAE duas vezes e também cursou disciplinas sobre docência. Considera que tanto a teoria quanto a prática foram muito úteis para sua formação docente. Destaca como positivo o envolvimento que lhe foi permitido no estágio do PAE, tanto em relação a atividades em sala de aula, quanto fora dela.

E6 é mestranda. Atuou no mercado durante anos e ainda não chegou a atuar como docente. Mas, nas empresas em que trabalhou, chegou a dar alguns cursos. Pretende ser docente no futuro. Atuou como estagiária do PAE por duas vezes. Considera as duas experiências positivas, mas acredita que seria importante que a pós-graduação oferecesse mais ações de formação docente, como disciplinas obrigatórias sobre docência, por exemplo. Acredita, igualmente, que atualmente há um currículo oculto em ação que coloca a parte de ensino em segundo plano na pós-graduação.

E7 é doutorando. Ainda não atuou como docente. Mas pretende atuar na docência no futuro. Acredita que o papel da pós-graduação é formar para a pesquisa e não para a docência. Chegou a cursar uma disciplina voltada para a docência no mestrado e atuou como estagiário do PAE e monitor. Acredita que as atividades que realizou foram adequadas e que o que mais contribuiu para a reflexão foram as reuniões e conversas com o supervisor, que reputa como muito importantes.

E8 é doutorando. Ainda não atuou como docente e pretende fazê-lo no futuro. Participou do PAE e das monitorias didáticas. Considera que as experiências nessas atividades foram positivas. No entanto, acredita que o mestrado e o doutorado deveriam dar um suporte maior para a formação docente dos pós-graduandos. Como resultado dessa lacuna no suporte à docência, sente-se preparado para pesquisa, mas não para a docência.

E9 é doutoranda. Chegou a atuar como docente por um período, após concluir o mestrado. Pretende voltar a lecionar, assim que concluir o doutorado. Acredita que sua formação para a docência, até o momento, advém da participação dos estágios do PAE e das monitorias.

E10 é doutoranda. Ainda não tem experiência como docente. Pretende atuar como docente no futuro. Cursou uma disciplina de metodologia do ensino no mestrado e participou

do PAE e das monitorias. Acha que seria importante a pós-graduação se voltar, também, ao ensino e não somente à pesquisa. Assim, coloca que seria interessante ter pelo menos uma disciplina obrigatória relacionada à docência. Destaca que o fato mais importante de atuar como monitora foi poder ter espaço para dar aula. No entanto, ao mesmo tempo, não foi tão proveitoso, pois o supervisor não assistiu à aula que ministrou. Então, não teve nenhum *feedback* sobre o seu desempenho em sala de aula.

E11 é doutoranda. Ao ficar sabendo da pesquisa, disponibilizou-se para participar, pois considerou suas experiências tanto no PAE quanto nas monitorias muito importantes para sua formação. Inclusive, menciona a experiência no PAE durante o mestrado como algo que a fez ter certeza que era o caminho da docência que queria seguir. Todos os supervisores com quem estagiou lhe permitiram participar ativamente das atividades das disciplinas. Chegou a lecionar disciplinas na graduação, após concluir o mestrado e, atualmente, às vezes tem oportunidades de lecionar em cursos de especialização. Também destacou como importante a disciplina de metodologia do ensino que cursou no doutorado, principalmente para conhecer novas técnicas de ensino.

E12 é mestrando. Pretende atuar na docência no futuro mas, até o momento, não tem uma experiência prévia como docente. Disponibilizou-se a participar da pesquisa e atuava como estagiário do PAE no semestre em que a entrevista foi realizada. Considera a experiência no PAE positiva, principalmente no que se refere a entender todo o processo que está por trás do momento da sala de aula em si. Quanto a dar alguma aula, não sabe se isso realmente é tão relevante, pois já teve muitas oportunidades de falar em público. Também acha que seria importante ter mais disciplinas ou *workshops* que tratem de técnicas de ensino e até de ferramentas como o *Moodle*, por exemplo.

E13 é doutor e atua como docente em uma universidade pública há mais de uma década, tendo ingressado na carreira acadêmica logo depois de concluir o mestrado. Foi a pesquisa que o atraiu para essa área de atuação e acha que nunca teve muita vocação para ser professor. Acha que a responsabilidade de oferecer uma formação docente é das instituições que contratam o professor e não da pós-graduação. Fez as monitorias e os estágios do PAE com o mesmo professor. Acredita que foi uma experiência importante, que lhe permitiu aprender muita coisa. Até hoje, muito do seu comportamento docente tem origem nessas experiências de PAE e monitoria.

E14 é doutor e atua como docente há quase duas décadas em uma universidade pública. Seu desejo de ingressar na carreira docente surgiu ainda durante a graduação, sendo que logo após concluir o curso já começou a atuar no ensino superior. Anteriormente, trabalhava na área contábil de uma empresa. Deste modo, começou a atuar sem uma formação docente prévia. Depois, ingressou no mestrado e diz que “a disciplina que eu fiz de metodologia no mestrado, de didática, e também o estágio docência foram ponto de inflexão nesse processo de docência minha, desde quando comecei até hoje”. Participou duas vezes do estágio docência pelo programa PAE.

E15 é doutor e, desde a graduação, tinha o desejo de se tornar professor. Atua na docência no ensino superior há quase duas décadas, desde alguns anos antes do ingresso no mestrado. Atualmente, trabalha em uma universidade pública. Considera que sua formação docente se deu principalmente pela experiência do dia-a-dia como professor. Mas cursou uma disciplina no mestrado que achou importante. Pensa que ter recebido mais treinamentos sobre estratégias pedagógicas poderia lhe ajudar. Atuou como estagiário PAE duas vezes ao longo do mestrado e uma vez no doutorado, sempre com o mesmo supervisor. Diz que seu papel como estagiário foi basicamente de observador. No entanto, acredita que o estagiário do PAE deveria ter oportunidade de ter uma participação mais ativa, dando alguma aula sob a supervisão do professor da disciplina e, também, acompanhando, de alguma forma, a preparação das aulas.

E16 é mestrando. Em relação à docência, ainda não teve oportunidade de lecionar. Mas, na empresa em que trabalhava, chegou a ministrar treinamentos e teve oportunidade de dar uma palestra sobre um objeto de estudo da contabilidade. Participou do estágio do PAE e das disciplinas de monitoria didática. Acredita que teve oportunidade de aprender com os estágios realizados e destaca a importância de poder discutir com o professor o plano de aula, mesmo que a aula já esteja preparada, e também de poder dar alguma aula, sob a supervisão do professor da disciplina.

E17 é doutora. Atuou durante um período em empresas e, dentro destas, teve oportunidade de oferecer treinamentos, interessando-se, então, pela docência e ingressando no mestrado para poder atuar como docente. Começou a atuar na docência logo após finalizar o mestrado. Atualmente, atua em instituições privadas, lecionando tanto na graduação, quanto na pós-graduação. Durante o mestrado, participou de disciplinas sobre docência e do PAE, por duas vezes, por sugestão do seu orientador. Acha que a ajudou muito para se transformar em uma docente. Também cursou as disciplinas de monitoria didática e, mesmo já sendo docente,

acha que contribuiu para sua formação, pois é uma oportunidade de assistir à aula de outro professor e, principalmente, por ser um espaço para discutir com outro docente. Acha que seria importante: (i) ter mais atividades de formação docente, (ii) que a disciplina de metodologia do ensino fosse obrigatória e (iii) que, tanto no PAE quanto na monitoria, o pós-graduando tenha oportunidade de dar alguma aula.

E18 é doutor. Atua na docência há duas décadas. Atualmente, trabalha em uma universidade pública. Foi levado à docência inicialmente pela possibilidade de flexibilidade de horários e pela possibilidade de participar de eventos na área contábil. Começou a atuar como docente logo após o mestrado e, uns quatro anos depois, acabou ingressando no mestrado. Conta que começou a atuar sem nenhuma preparação para entrar em sala de aula. Porém, diz que teve a sorte de atuar, logo no início da carreira, em uma instituição particular que ofertava uma formação voltada para a docência. Além disso, sempre observava todas as aulas que assistia, considerando algumas modelos de sucesso e, outras, modelos de fracasso. Ainda, ao ingressar no mestrado, no qual uma grande parte da turma já era composta por docentes, teve oportunidade de debater e trocar experiências sobre docência com os colegas, o que também considera enriquecedor. Além disso, cursou disciplinas e fez o estágio docência do PAE em mais de uma ocasião, acompanhando seu orientador. Considera que o estágio foi desenvolvido de forma adequada, contribuindo com sua formação docente.

E19 é doutor. Atua como docente no ensino superior há quase uma década, trabalhando, atualmente, em uma universidade pública. Começou a atuar na docência durante o mestrado. No início, não tinha uma formação prévia e sentiu várias dificuldades para começar a atuar na docência, principalmente no que concerne ao planejamento das aulas. No mestrado, que não foi na USP, acabou não cursando nenhuma disciplina de metodologia do ensino e buscou fazer uma monitoria voluntária, que foi basicamente de observação. Já no doutorado, realizado na USP, cursou a disciplina de metodologia do ensino e as disciplinas de monitoria didática. Considera que essas disciplinas vieram complementar de maneira significativa sua formação docente.

E20 é doutora. Atualmente, atua como docente em uma universidade pública. Desde o início da graduação se interessou pela docência. Antes de ingressar no mestrado, chegou a atuar como docente durante um ano. Realizou o mestrado com dedicação exclusiva e, depois, retornou à docência, sendo que já atua há quase dez anos. No doutorado, participou tanto das disciplinas de monitoria didática, como realizou o estágio PAE, em duas ocasiões. Realizou as

atividades com dois professores, sendo que em uma disciplina teve um papel mais de observadora e, na outra, disse que pôde participar de forma mais ativa. Acredita que ambas contribuíram de alguma forma para sua formação docente. Mas, atualmente, como supervisora acaba tentando reproduzir o modelo de supervisor que permite uma participação mais ativa do monitor.

E21 é doutoranda. Ainda não teve experiência como docente, mas pretende atuar na docência após finalizar o doutorado. Coursou as disciplinas de monitoria didática e, também, realizou uma vez o estágio do PAE. Em duas disciplinas teve um papel mais passivo e, na outra disciplina, teve oportunidade de participar mais ativamente de todo o processo de planejamento e implementação da disciplina. Considera que o ideal seria que o monitor/estagiário tivesse oportunidade de atuar da forma mais ativa, como foi nessa disciplina em que esteve envolvida em todo o processo.

E22 é doutoranda. Coursou o mestrado na USP e atuou como estagiária do PAE. Após concluir o mestrado, teve oportunidade de lecionar em uma instituição de ensino privada por um semestre. Sentiu falta de uma preparação pedagógica maior, achando, inclusive, que a disciplina de metodologia de ensino deveria ser obrigatória. Além disso, no estágio do PAE, acredita que seria importante o estagiário ter a oportunidade de dar uma aula, supervisionado pelo professor da disciplina.

E23 é doutoranda. Atuou, inicialmente, no mercado e, por meio de um convite, ingressou em uma instituição de ensino privada. Mais tarde, ingressou no mestrado. Salientou que, no início da sua atuação, teve a oportunidade de estar em uma instituição que oferecia suporte para a formação docente, o que a ajudou bastante para que o início da docência fosse tranquilo. Além disso, sempre procurou continuar se atualizando em relação à docência ao longo dos anos. Acha que a pós-graduação deveria ofertar uma formação docente teórica e prática. Participou das disciplinas de monitoria didática e duas vezes do estágio do PAE. Teve atuações diferentes nesses estágios/monitorias: em algumas não teve abertura para participar e, em outra, participou ativamente de todo o processo. Acha que o ideal seria o monitor participar ativamente de todo o processo.

E24 é doutoranda. Começou a lecionar cinco anos antes de ingressar no mestrado, atuando, inicialmente, em instituição de ensino privada e, atualmente, em uma universidade pública. Além do curso de contabilidade como graduação, realizou outro que lhe permitiu ter uma certa bagagem em termos de formação pedagógica. No doutorado coursou as disciplinas de

monitoria didática e participou uma vez do estágio do PAE. Em todas elas, pode participar de todo o processo da disciplina e acredita que contribuiu muito para sua formação como docente.

E25 é doutora. Atua em uma universidade pública há mais de cinco anos. Seu ingresso na carreira acadêmica foi motivado pelo interesse na pesquisa. Participou das monitorias didáticas e, em duas ocasiões, do PAE. Acredita que essas atividades foram importantes para sua formação docente, mas sente falta de uma formação maior que, na época do mestrado e do doutorado, não procurou, por se focar nas disciplinas de pesquisa e de contabilidade. Acha que seria importante que pelo menos uma disciplina de metodologia do ensino fosse obrigatória.

E26 é doutor. Ingressou na carreira acadêmica originalmente atraído pela pesquisa. A partir do segundo semestre do mestrado, teve oportunidades de lecionar e a experiência o surpreendeu positivamente. Da primeira vez que participou do PAE, no mestrado, acabou assumindo uma disciplina sozinho. Mas, da segunda vez, já no doutorado, acha que as regras já estavam mais estruturadas e conseguiu participar realmente de um estágio supervisionado. Acha que aprendeu muito com essa segunda experiência. Pensa ser importante que o monitor esteja envolvido em todo o processo de ensino-aprendizagem do curso e, também, considera ser interessante que o estagiário tenha oportunidade de dar alguma aula ou partes de uma aula sob a supervisão do professor responsável pela disciplina.

E27 é doutorando. Atuou como docente por um período, entre o mestrado e o doutorado. Participou do PAE e das monitorias didáticas. Teve experiências diferentes nessas atividades, dependendo do professor que acompanhou. Desse modo, destacou bastante que os professores precisam entender que no PAE e na monitoria estão lidando com a formação docente do estagiário/monitor e que, por isso, precisam integrar os estudantes nas diversas atividades relacionadas ao ensino. Além disso, acha que é importante o monitor/estagiário poder assumir uma aula sob a supervisão do professor da disciplina.

E28 é doutorando. Ainda não atuou como docente, mas teve a oportunidade de ministrar um curso de curta duração. Participou do PAE e das monitorias. Todas as atividades foram supervisionadas pelo mesmo professor, que era o seu orientador. Acha que as experiências contribuíram para sua formação docente e que os principais momentos de reflexão ocorriam nos momentos que recebia *feedback* das atividades que realizava.

E29 é doutora. Começou a atuar como docente no ensino superior no final do mestrado. Trabalha, atualmente, em uma universidade pública. Participou do PAE, das monitorias e da

disciplina de metodologia do ensino. No entanto, diz que os professores que acompanhou “não tem um *feeling* de que o monitor é um estagiário. Eles tratam o monitor como um trabalho...alguém que vai fazer o trabalho chato para você. E não envolvem, muitas vezes, o monitor na preparação, nas partes que talvez agregariam mais para você como professor. Então, o que salvou, assim, foi essa disciplina de metodologia, porque nela, de fato, eu vi métodos diferentes de ensino, tomei contato com teorias sobre ensino, tive a oportunidade de trocar ideias com colegas, testar coisas.”

E30 é doutora. Atuou como docente por um período entre o mestrado e doutorado e, após concluir o doutorado, voltou a lecionar, atuando, atualmente, em uma instituição de ensino privada. Participou, no doutorado, das disciplinas de monitoria didática. Acredita que a experiência das monitorias, atrelada à uma disciplina que cursou no mestrado, foi muito importante para sua formação docente. Em uma das monitorias atuou de forma mais passiva e, em outra, de forma mais ativa. A segunda forma é a que achou mais interessante e que tenta reproduzir como supervisora.

E31 é doutor. Começou a atuar como docente após concluir o doutorado. Trabalha, atualmente, em uma universidade pública. Sua maior referência de formação docente é ter acompanhado o PAE e as monitorias didáticas. Mas, sente falta de ter uma formação teórica também, que pretende ainda buscar em disciplinas na instituição em que atua. Por isso, acha que seria interessante ter uma disciplina obrigatória de docência na pós-graduação. Em uma das disciplinas que atuou como monitor, era a primeira vez que estava sendo ofertada. Acredita que foi essa experiência que lhe permitiu uma maior reflexão, pois havia um engajamento maior no pensar e em discutir com os professores a disciplina.

4.1.2 Perfil dos professores e professoras entrevistados

P1 mencionou que foi fazer o mestrado para complementar a formação profissional e com o envolvimento, por meio de um convite para lecionar, começou a considerar a atuação na parte acadêmica. Diz que, ao longo do tempo, fez disciplinas, foi atrás de procurar formação, mas partia muito da sua própria experiência, de observar outros professores e, também, da prática para dar aula. Seu início foi sem uma formação prévia para a docência. Acredita que a pós-graduação deveria suprir a formação docente, mas não o está fazendo, e que isso deveria ocorrer tratando teoria e prática. Quanto as monitorias e PAE, considera importante o pós-

graduando participar de todo o processo e dar alguma aula. Vê o acompanhamento do monitor como oportunidade de repensar suas práticas.

P2 acredita que, de certa forma, pelo seu histórico familiar, sempre teve uma ligação com a docência. Começou a lecionar ainda no mestrado, sem ter um treinamento prévio para dar aula, vindo a ter treinamentos posteriores em instituições que trabalhou e também estudos por conta própria. Considera todas suas experiências com monitores positivas. Procura conversar com o monitor a fim de explicar escolhas (no planejamento, na aula, etc.), dar *feedbacks*. Mas acha que isso ocorre menos do que deveria por questão de *timing*.

P3 foi levado para o ambiente acadêmico mais pelo interesse na pesquisa do que pela docência. Começou a lecionar logo após concluir o mestrado. No início da sua atuação, a sua docência era baseada no “aprender enquanto fazia” e usava alguns dos seus professores como referência. Mais tarde, procurou formações por meio de treinamentos, workshops e disciplinas, atividades que estavam sendo oferecidas nas instituições em que se encontrava. Acredita que a pós-graduação seja para treinar pesquisador e não para formação docente. Manifestou que sua principal dificuldade, no início da atuação, foi em relação a planejamento. Nesse sentido, ao longo da entrevista, manifestou que talvez seria uma parte que o monitor deveria ser envolvido. Mas que, atualmente, isso não acontece. Quanto ao PAE e a monitoria, acredita que “a regra não escrita é cada um faz o que acha que é mais interessante fazer. Essa parece a regra, independente da regra escrita, parece ser a regra prática”.

P4 chegou a atuar como estagiário do PAE. Considera a sua experiência como estagiário muito enriquecedora e procura agir com seus monitores da forma que os seus supervisores agiam. Diz que seu gosto pela docência foi despertado ainda na graduação, pela participação nas atividades de monitoria. Ingressou na docência no ensino superior logo após concluir a graduação. Então, não teve uma formação prévia para a docência. O que o ajudou muito no início foi conversar com outros professores, além de sempre observar muito seus professores e refletir sobre o que poderia utilizar e o que deveria evitar. Também considera importante para sua formação a disciplina de docência que cursou no doutorado. Acredita que “o PAE e a monitoria, eles são bem feitos quando, de fato, o doutorando ou mestrando se envolve profundamente nas atividades da disciplina. E, aí, depende do professor dar esse espaço e do mestrando e doutorando querer isso”.

P5 tem formação em mais de uma área, atuava no mercado, mas sempre gostou da docência. Em virtude de uma oportunidade durante o mestrado conseguiu começar a atuar como

docente. Quando começou a lecionar, foi sem formação prévia para a docência. Relata que foi muito desafiante, principalmente o planejamento e o dimensionamento de tempo das aulas, aprendendo na tentativa e erro. No entanto, mais tarde, teve oportunidade de realizar uma disciplina na área pedagógica que o ajudou muito. Enquanto supervisor, atualmente não vê utilidade no PAE ou na monitoria, pois acha que seus monitores atuam mais como alunos assistindo aula. Acha que deveria ter mais interação e os monitores deveriam poder partilhar do planejamento e dar alguma aula. Mas diz não fazer isso, pois acha que pode estar infringindo as regras.

P6 não tinha um objetivo inicial de ser docente. Tinha mais interesse em fazer pesquisa. No entanto, já no mestrado, começou a se envolver com a docência, tendo inclusive participado do PAE. No PAE, teve experiências variadas, sendo que uma disciplina foi lecionada por ele sem supervisão. A partir dessas experiências, passou a se sentir “atraído pela possibilidade de compartilhar”. Ou seja, passou a gostar da docência. Apesar de ter participado de uma disciplina de didática no mestrado e ter utilizado um pouco desses conhecimentos, acredita que sua formação foi mais na prática, usando referências de professores que teve e também daqueles que via na instituição em que trabalhava. No geral, avalia sua formação docente como superficial. Acredita que a atuação dos monitores varia muito de professor para professor. Então, tenta fazer um meio termo, discutindo alguns aspectos com o monitor e pedindo ajuda na parte burocrática. Acha que o supervisor tem que dar abertura para que aconteça o diálogo. Mas afirma que não tem recebido *feedbacks* que provocaram mudanças. Acha que também não dá muito *feedback*, por conta de atividades pontuais que os monitores realizam.

P7 diz ter sido levado à docência e à descoberta dessa vocação em função de oportunidades que foram surgindo ao longo da carreira. Não teve uma preparação formal para a docência no início da sua carreira, com exceção de uma disciplina de metodologia didática que cursou no mestrado. Sua atuação é muito pautada na reprodução do que tinha visto da atuação de seus professores. Acredita que a pós-graduação deveria ter um papel fundamental na formação docente. Mas pensa que também é preciso considerar que a docência é algo ligado à uma vocação. Ou seja, a pessoa tem que ter um certo interesse nessa formação. Acha que os monitores e estagiários do PAE estão sendo subaproveitados, pois o monitor acaba se limitando a poucas atividades, com medo de extrapolar os limites e/ou desrespeitar as regras. Diz que procura sempre conversar com os monitores e fazer reuniões de planejamento. Acha positivo ter a oportunidade de conversar com outra pessoa sobre as disciplinas que ministra.

P8 tem formação na área de exatas. Teve oportunidade de ter alguma formação na área pedagógica. Acha que a pós-graduação forma para a pesquisa e menospreza a formação para a docência mas, no seu entendimento, isso é um erro, pois deveria haver uma preocupação com a docência. Na sua opinião, o PAE e a monitoria acabam, muitas vezes, desvirtuados, sendo o monitor alguém que realiza só atividades operacionais, quando, na verdade, deveria ser envolvido no processo. Pensa também que o supervisor pode se reciclar pedagogicamente com a experiência. Além disso, acha que deveria ter, além de PAE e monitoria, ações mais estruturadas de formação docente, pois só essas duas atividades não são suficientes.

P9 atuava no mercado e diz não ter escolhido a docência, mas que oportunidades que foram surgindo de lecionar o levaram a gostar da atividade e a permanecer na mesma. Diz que nunca foi preparado para ser professor, mas considerava o que tinha gostado ou não dos seus professores para decidir como atuar. Os seus monitores ou estagiários PAE tem atuações bem definidas em relação a atividades, sendo que não participam do planejamento, até por ele já estar pronto bem antes de o monitor chegar. Também acha que não é função do monitor dar aula, até porque dividir as tarefas pode ser arriscado, pois todo semestre muda o monitor e, em um semestre pode haver uma atuação muito positiva, mas em outro pode ser negativa, prejudicando a graduação.

P10 foi levado à docência pelo gosto e pela necessidade de seguir estudando, possuindo formação em mais de uma área. No entanto, em nenhuma das suas formações teve uma abordagem pedagógica. Deste modo diz “a parte pedagógica que a gente aplica é aquela que a gente aprende com os professores que tivemos, de certa forma meio que replicando os métodos e técnicas que recebemos enquanto alunos da pós-graduação e da graduação, a gente meio que replica, e isso meio sem questionar porque que é assim, porque que não é, mas é um processo extremamente longo, doloroso, um processo de aprendizado muito grande, em que a gente na verdade deveria ter uma formação bem mais acentuada do que temos em termos pedagógicos”. Como supervisor por enquanto só atuou com um monitor ou estagiário, no entanto, comentou que acredita que a experiência não foi interessante para a formação docente do pós-graduando, pois ele não tinha conhecimento da disciplina, então não tinha como envolver ele nas atividades da disciplina, que não fossem aquelas mais operacionais (ex.: fazer chamada), ou permitir que desse alguma aula. E também não teve como envolver ele no planejamento, pois além do fato de não conhecer o conteúdo, o monitor chegou para atuar com ele quando já estava prestes a iniciar o semestre.

P11 começou o mestrado como continuação da graduação. Mas, logo que ingressou na pós-graduação, já começou a dar aula em algumas faculdades. Acha que sua formação para a docência poderia ter sido melhor, mas que não foi de todo ruim, pois teve a oportunidade de fazer uma disciplina de didática, ainda durante o mestrado. Foi orientado que o monitor não pode dar aula. Assim, seus monitores não desenvolvem essa atividade, apesar de achar que as funções são limitadas e que o PAE deveria dar uma parte das aulas. Procura inserir os estagiários PAE nas demais atividades da disciplina, com exceção do planejamento pois, geralmente, as disciplinas já são lecionadas há anos e têm um planejamento pronto.

P12 é uma professora que chegou a atuar como estagiária do PAE, mas em uma época em que alguns estagiários assumiam disciplinas sem supervisão. Diz que, por ter passado por essa experiência, hoje procura agir diferente como supervisora. Acha que o que a levou a ingressar na carreira docente foi mais a pesquisa do que o ensino. Acha que até teve oportunidades de formação docente, antes e durante a pós-graduação, sendo suas dificuldades mais atreladas à questão de vocação, porque faz mais naturalmente a pesquisa do que o ensino. Com relação ao PAE e às monitorias, afirma que o supervisor precisa estar engajado na formação docente do pós-graduando, que precisa planejar as atividades que esse aluno vai desenvolver, implementar e, também, avaliar. Acredita que é importante o monitor estar envolvido em todo o processo. Considera que um ponto negativo é quando não se tem comprometimento do monitor.

P13 é uma professora que, pela atuação no mercado, foi fazer mestrado com a finalidade de aprimoramento e crescimento na carreira. No entanto, ao longo do tempo e com oportunidades de lecionar que foram surgindo, começou a gostar do ensino. Acha que teve muita sorte pois, no início da carreira, as instituições em que atuou ofereciam algum tipo de formação docente. Na sua opinião o PAE tem muitas restrições e cada professor lida com o programa do seu jeito. E, diante das limitações em relação às funções, acaba colocando seus monitores e/ou estagiários para fazer tarefas mais burocráticas. No entanto, acha que, para o programa PAE ser mais eficiente, o pós-graduando teria que participar desde o começo e estar envolvido. Atualmente, em sua experiência, não é o que ocorre.

P14 atuou no mercado e, concomitantemente, foi fazer a pós-graduação, seguindo depois a carreira acadêmica. No início da sua atuação docente não tinha uma formação docente prévia, mas tinha alguma formação relativa à comunicação, que advinha das empresas em que atuou. Ao longo do tempo, teve oportunidades de ter formações na área pedagógica e, até hoje,

sempre procura se manter atualizado. Quanto ao PAE e à monitoria, acha muito importante conversar com o pós-graduando para explicar escolhas, dar *feedbacks* sobre as atividades e, também, estar aberto para ouvir e dar conselhos.

P15 tem formação na área de exatas. Ainda não atuou como supervisor do PAE. Atua tanto na parte prática, quanto na academia, sendo que lecionar não foi um plano, foi algo que, à medida que foi se conhecendo, foi gostando. Sempre buscou, por conta própria, formações complementares em termos de pedagogia. Na sua visão, o estagiário PAE tem que ter mais espaço para criar, inventar, testar. Tem a impressão que o estagiário do PAE é muito mais um assistente do que alguém mais proativo. Acha que o estagiário do PAE precisa ser desafiado e precisa, sim, dar algumas aulas. Já o supervisor, em sua opinião, precisa acompanhar, orientar, transmitir suas experiências e estimular o estagiário a entender o contexto em que está inserido.

P16 chegou a atuar como estagiário do PAE na pós-graduação, mas em numa época em que os estagiários, às vezes, assumiam disciplinas sozinhos. Neste sentido, diz que hoje, como supervisor, procura agir diferente. Acredita que a influência que teve para se inserir na docência teve origem familiar. Também, na faculdade, teve oportunidades de realizar atividades de monitoria e iniciação científica, atividades que percebeu que gostava. Inicialmente, atribui o seu aprendizado docente à observação de outros professores. Mais tarde, teve algumas oportunidades de formação por meio da participação em disciplinas e workshops. Disse que procura manter atualizada a formação nessa área. Quanto ao PAE e às monitorias, diz que, mesmo com o planejamento pronto, gosta de discutir a disciplina com o PAE, de conversar e de discutir com o estudante sobre o planejamento, que busca envolver o pós-graduando no processo e que gosta de perguntar se ele quer dar aula. Acha importante ter o PAE como alguém para trocar experiência, para ter um outro ponto de vista. Apesar de não lembrar de uma melhoria significativa em sua prática pedagógica, acha que é algo que acontece de forma constante, com base nas conversas com os monitores.

P17 chegou a atuar como estagiário do PAE e, também, realizou monitorias voluntárias durante a pós-graduação. Foi fazer o mestrado para complementar a formação. Com o envolvimento em atividades acadêmicas, entre elas ministrar algumas aulas, se identificou com a parte acadêmica. Julga que sua formação docente foi muito mais prática do que teórica, sendo que, em sua experiência, a monitoria ajudou muito. Diz que tenta envolver o monitor em todo o processo e que acha importante dar oportunidade de ministrar aula. Considera sua atuação como supervisor parecida com os seus supervisores de PAE. Acha que a presença do monitor

tem potencial de provocar mudanças. E, até o momento, a única experiência negativa que teve foi com um monitor que não estava afim de realizar a monitoria.

P18 tem formação na área de exatas e chegou a atuar como estagiário do PAE. Considera que sua formação para a docência foi deficiente. Acha que, para a formação docente, é importante a pessoa ser exposta diante de uma plateia. Neste sentido, acredita que uma forma de ajudar na formação docente dos pós-graduandos seria realizar atividades de extensão em escolas públicas. Acha que o papel do doutorado é pesquisa, que formação docente seria no mestrado. Acha que o papel do supervisor é de oportunizar a exposição do monitor e prover *feedbacks*.

P19 chegou a atuar como estagiário do PAE, mas em uma época em que acontecia de o estagiário acabar assumindo uma disciplina sem supervisão. Diz que não teve uma formação para a docência, mas que teve bons modelos de professores e que a sua forma de expor os conteúdos foi inspirada nesses seus professores. Acha que o papel do supervisor é de envolver o estagiário no processo, discutir ideias com ele e dar liberdade para que possa apresentar ideias e sugestões. Acredita que é importante o monitor dar aula.

4.1.3 Perfil dos estudantes de graduação entrevistados

G1 é estudante do segundo semestre do curso de Economia, no turno diurno. Achou bom ter a presença de monitores, principalmente por achar que o monitor é alguém mais próximo. Acha importante o monitor estar presente em aula para ter uma proximidade maior. Disse que: “Eu acho que é bem legal deixar um espaço, assim uma aula para o monitor. Mas, no geral, a regra é não deixar [o monitor dar aula].”

G2 é estudante do sexto semestre do curso de Ciências Contábeis, do turno noturno. Destaca como principal ponto positivo da monitoria o fato de ter um outro canal de comunicação, além do próprio professor da disciplina, o que pode ajudar principalmente o aluno mais introvertido. Em relação a aspectos negativos, afirma que não consegue ver nenhum: “Nenhum monitor/PAE atrapalhou a aula, nenhum PAE criou algum tipo de atrito. Então, eu não vejo nenhum aspecto negativo.” Acha que seria importante o monitor dar ao menos uma aula, para passar por essa experiência, já que acredita que ter a experiência de ministrar uma aula é importante para a formação docente do estudante de pós-graduação.

G3 é estudante do quarto semestre do curso de Ciências Contábeis, do turno noturno. Já possui uma outra graduação pela USP, sendo que teve experiências diferentes nas monitorias. Acredita que os monitores do curso de Contabilidade foram mais atuantes em sala de aula do que os monitores da graduação anterior. Diz que os alunos sentem mais liberdade de tirar dúvidas com o monitor do que com o professor, principalmente em se tratando de dúvidas que possam ser de conteúdo mais básico. Acha muito importante a presença dos monitores, também, para tirar dúvidas sobre a carreira acadêmica e de pesquisa pois, muitas vezes, os estudantes da graduação não ficam sabendo sobre as possibilidades de laboratórios e possibilidades de inserção na parte acadêmica.

G4 é estudante do sexto semestre do curso de Ciências Contábeis, do turno diurno. Vê o monitor como um *link* entre gerações: “Por um lado, ele ajuda a gente a compreender o professor ou, às vezes, o professor compreender a gente. E, por outro [lado], também, a parte deles ajudarem com esclarecer dúvidas e, mesmo, ter um pouco mais de disponibilidade ou paciência para explicar para a gente.” Acha que os monitores ajudam os professores com a utilização dos sistemas da USP (*Moodle*, por exemplo). Como ponto negativo, mencionou o fato de algum monitor que parece estar por obrigação. Também mencionou que seria bom deixar mais claro para os estudantes da graduação a função do monitor e ser essencial que os professores sempre apresentarem os monitores, pois, segundo sua experiência, tem casos que “você vai descobrir que o monitor é o monitor depois de um bom tempo, quando o professor fala ‘fulano recolhe a lista’ e tipo já passou dois meses de aula e você descobre que aquela pessoa não está assistindo a aula, ela é monitora.”

G5 é estudante do segundo semestre do curso de Ciências Contábeis, no turno diurno. Destacou como principal ponto positivo o fato de um monitor ter apresentado seu trabalho de pesquisa, pois ajuda a ter uma perspectiva mais ampla sobre o campo de atuação na contabilidade. Como ponto negativo, mencionou que um dos monitores só aplicava prova, não estando em sala de aula para poder acrescentar ou contribuir de alguma forma, tornando a relação com os estudantes de graduação distante.

G6 é estudante do segundo semestre do curso de Ciências Contábeis, do turno diurno. Como ponto positivo, destacou o fato de se sentir mais à vontade para se aproximar do monitor do que do professor. Já um aspecto negativo citado foi um caso em que faltava comunicação entre o professor e o monitor. Considera que o monitor da graduação está ligado a esclarecer dúvidas mais pontuais e os monitores da pós-graduação têm condições e esclarecer as dúvidas

mais complexas, envolvendo questões do curso como um todo, iniciação científica, entre outras questões.

G7 é estudante do segundo semestre do curso de Ciências Contábeis, no turno diurno. Acha que seria bom o monitor da pós-graduação também oferecer plantão de dúvidas. Em sala de aula, gosta dos monitores que participam e complementam a aula de alguma forma, pois acha que só ficar assistindo não vai fazer diferença. Acha que a monitoria ajuda na melhoria do ensino, pois “às vezes, a gente tem dúvidas na parte prática, a parte teórica na aula é ótima, mas a parte prática tem vezes que a gente não consegue [entender]. E, eu acho que, se não tivesse monitor, a gente levaria o dobro de tempo para entender os assuntos. Tipo, se a gente fizesse tudo sozinho ou só perguntando para o professor na aula.” Sente-se mais próxima dos monitores da pós-graduação do que dos professores. Mas, sente-se ainda mais próxima dos monitores da graduação.

G8 é um estudante do segundo semestre do curso de Ciências Contábeis, no turno diurno, que chegou a cursar parte de outra graduação na FEA, no passado. Destacou como interessante o monitor trazer complementos às aulas por meio da experiência prática que teve. Acredita que o monitor também ajuda o professor com aspectos de tecnologia (ex. *Moodle*) e dando mais agilidade nas correções e *feedbacks*. Acha importante o monitor estar presente na sala de aula, pelo menos se apresentar, pois teve monitores que só foi passado *e-mail* para que os estudantes pudessem entrar em contato, se desejassem. Ainda menciona que o monitor pode ser uma forma de o graduando saber mais sobre pesquisa e sobre a pós-graduação.

G9 é estudante do décimo semestre do curso de Administração, no turno noturno. Prefere recorrer direto ao professor para tirar dúvidas, mas considera importante ter mais alguém a quem recorrer para tirar dúvidas. Destacou, como ponto negativo, algumas vezes que monitores deram aula sem a presença do professor da disciplina, pois a turma não dava credibilidade ao monitor. Comentou que é bom quando os monitores intervirem na aula do professor, com alguma informação mais atual, que o professor não tem, ou com algumas perguntas relevantes que a sala não fez, pois servem como um complemento e que gostaria que isso continuasse. Também acha interessante os monitores fornecerem algum material complementar à disciplina, como artigos, por exemplo.

G10 é graduada em Ciências Contábeis, turno diurno, em 2016. Destaca como ponto positivo ter mais alguém para tirar dúvidas, discutir e, até, ser mais próxima em idade, facilitando que alguns estudantes recorram aos monitores ao invés do professor. Gostaria de ter

visto os monitores dando alguma aula, pois acha que contribuiria para a formação deles. Também acha importantes os plantões de monitoria e o monitor trazer atualizações e complementos para a aula como, por exemplo, alguma notícia sobre o assunto que está sendo tratado. Ainda mencionou que conversava com os monitores sobre mestrado/doutorado e sobre o mercado de trabalho.

G11 é estudante do segundo semestre do curso de Ciências Contábeis, turno diurno. Destacou como principal ponto positivo da monitoria a possibilidade de *networking*, de compartilharem experiências do mercado de trabalho. Gostou do fato de uma pós-graduanda apresentar seu trabalho de pesquisa, pois os alunos da graduação têm curiosidade de saber como funciona essa parte acadêmica, como funciona a pesquisa.

G12 é estudante do décimo semestre do curso de Administração, no turno noturno. Gostou da experiência de poder ter aula com um monitor, pois afirma que mudou a dinâmica da aula. Mencionou, como ponto positivo, também, a interface de ter um contato com o que é a pesquisa pelo monitor e, igualmente, de os monitores poderem trazer complementos às aulas. Já, quanto aspecto negativo, citou que teve monitores que pareciam estar lá somente por obrigação. Acha interessante ter plantão e, também, que o monitor disponibilize materiais complementares, como bibliografia ou notícias, por exemplo. Conversava bastante com os monitores nos intervalos das aulas.

G13 é estudante do segundo semestre do curso de Ciências Contábeis, turno diurno. Costuma tirar mais dúvidas com os monitores da graduação. Vê como ponto negativo o professor passar tarefas para o monitor sem acompanhar, por exemplo a correção de exercícios e aula sem supervisão. Acha que mandar *e-mail* para marcar horário de plantão de dúvidas acaba sendo algo burocrático e que, talvez, seria interessante pensar em uma forma de comunicação mais ágil e imediata.

G14 é estudante do segundo semestre do curso de Ciências Contábeis, turno diurno. Acha que os monitores da graduação tem o papel de esclarecer dúvidas mais fáceis e os monitores da pós-graduação, são para dúvidas mais complexas. Vê, como vantagem, ter acesso a alguém com um conhecimento mais abrangente, que pode auxiliar em aspectos relacionados à pesquisa. Vê, como ponto negativo, o professor deixar tarefas a cargo do monitor sem acompanhar, por exemplo, aplicar prova ou corrigir listas de exercícios ou trabalhos. Acha que o fato de o monitor participar das aulas de forma ativa ajuda na aproximação com os estudantes.

G15 é estudante do quarto semestre do curso de Ciências Contábeis, turno diurno. Diz que, na sala de aula, para não atrapalhar o professor, acaba recorrendo aos monitores da pós-graduação. Mas, fora de sala de aula, costuma recorrer mais aos estudantes da graduação. Destacou uma aula que teve com o monitor que gostou, pelo fato de ele ter trazido exemplos da prática. Assim, acha que “o monitor ajuda neste quesito, de você ver o porquê que a matéria é importante e no que você vai utilizar” até pelo fato de, muitas vezes, estar mais próximo da realidade dos estudantes de graduação. Também acha interessante os monitores trazerem ou postarem materiais complementares, como exercícios ou sugestões de leituras.

G16 é estudante do quarto semestre do curso de Economia, turno diurno. Mencionou que esperava ter mais aulas com os monitores e uma participação ativa nas demais aulas, trazendo contribuições. Como ponto negativo, citou o fato de o professor deixar a tarefa de correção de forma integral com o monitor. Acha que os monitores poderiam trazer material complementar e ajudar a fomentar a pesquisa na graduação, além de ser interessante participarem de projetos extracurriculares, como o PET e o PESC.

G17 é estudante do segundo semestre do curso de Ciências Contábeis, turno diurno. Acha que é importante os monitores participarem das aulas de forma mais ativa. Em sua opinião até seria interessante darem alguma aula, se disponibilizarem de alguma forma para ajudar, não precisando ser com horário fixo, mas através de *e-mail*, por exemplo, além de passar dicas sobre o curso, sobre pesquisa, sobre sua experiência na faculdade. Acha muito legal os monitores apresentarem suas pesquisas, para permitir uma noção do que é pesquisa acadêmica e poder ver a contabilidade de outro jeito. Diz que é importante ter monitores, pois se sente mais próxima deles para perguntar e tirar dúvidas, do que dos professores.

G18 é estudante do quarto semestre do curso de Ciências Contábeis, turno noturno, e possui uma graduação anterior. Vê, como ponto positivo, os estudantes se sentirem mais confortáveis de conversar com o monitor do que com o professor e, também, de, às vezes, estarem mais próximos da realidade do estudante de graduação. Acha que um ponto negativo poderia ser o monitor não estar bem a par da disciplina. Também mencionou que já tirou dúvidas sobre mercado de trabalho com um monitor. Considera importante o monitor participar das aulas.

4.2 Dificuldades e conhecimentos

Nas entrevistas, tanto com as pessoas que foram estagiárias, quanto com os professores e professoras, foram realizadas duas questões que tentavam identificar quais eram as principais dificuldades didático-pedagógicas que os encontraram no início da sua atuação como docentes e que tipo de conhecimentos didático-pedagógicos eles e os futuros docentes julgavam que seriam relevantes para o início da carreira. Esses conhecimentos, sejam os referentes às dificuldades enfrentadas ou os que sentiram falta na formação inicial, podem ser relevantes para se pensar no que a formação docente pode se concentrar, tanto em termos de atividades como PAE e monitoria, por exemplo, ou quanto em termos de disciplinas a serem estruturadas e oferecidas pelos programas.

Neste sentido, apesar de terem aparecido dificuldades relativas a pouca idade do docente, dificuldades com relação à própria instituição de ensino, ou a características pessoais, como inibição, por exemplo, entre outras, as dificuldades que se mostraram mais recorrentes foram o planejamento, a avaliação e dificuldades de lidar com os alunos. Detalharemos cada uma delas na sequência, exemplificando com trechos das entrevistas.

Com relação ao **planejamento**, foram apresentadas algumas dificuldades que se relacionavam sobretudo ao dimensionamento do tempo para realização de atividades e distribuição de conteúdo por aulas, de elaboração de programas de disciplinas e de objetivos de aprendizagem. Assim, para os entrevistados:

A primeira dificuldade era planejar uma aula, planejar o tempo que a aula tinha que durar. Então, preparar o material que fosse instrutivo que tivesse exercícios, que tivesse tudo que uma aula precisa, e que ela coubesse no tempo daquela aula. Então, muitas vezes eu preparava o material e eu achava que aquele material ia durar 2 horas e às vezes, aquele material se acabava em meia hora. Às vezes, eu preparava o material que eu imaginava que ia durar 15 minutos e, às vezes, ela durava a aula inteira. Então, essa falta de experiência para planejar uma aula foi uma das maiores dificuldades. (E19)

Mas eu acho que, em uma palavra, o que gerou mais dificuldade foi essa noção mesmo de planejar a aula, de saber até onde eu ia com o conteúdo, quanto que eu tinha que preparar de conteúdo para poder entregar em uma aula, para que eu conseguisse trabalhar o conteúdo que preciso, com a devida profundidade e sem isso prejudicar, digamos para que eu conseguisse trabalhar o conteúdo na profundidade correta e no prazo certo, no meu bimestre ou no meu semestre. (E19)

Acho que a questão de dimensionar o tempo das aulas também, eu tinha muita dificuldade com isso, não tinha nenhuma noção, sempre achava que preparava muitos materiais, que tinha material assim para usar uma ou duas aulas, mas acabava consumindo, gastando aquilo muito rapidamente assim. (E20)

Mas eu vejo que as maiores dificuldades elas vão, realmente, desde a questão de planejamento, de conseguir dar conta de todo o conteúdo dentro do tempo premeditado, porque a gente ainda não tem muito esse *feeling* de *time* mesmo de sala de aula. Então, essas ‘questãozinhas’, eu percebo que com o passar do tempo, com a experiência efetivamente, a gente começa a tratar isso com maior naturalidade. Mas, sempre foram questões que exigiram muito esforço da minha parte, no sentido de preocupação, atenção e planejamento prévio. Acho que esses são alguns pontos que eu destaco em relação aos desafios no momento de inserção no campo. (E30)

Eu não sabia o que que era preparar o programa de uma disciplina, eu não sabia o que era preparar ou pensar um objetivo de aprendizagem; é como eu estou te falando a gente ia meio na tentativa e no erro. Como eu assumi disciplinas que já existia um programa, então, enfim, eu adotava aquele programa. Mas, eu teria limitações para propor qualquer coisa. E acho que uma parte do que é interesse na nossa atividade é exatamente isso, de poder propor. Então, nisso, eu estaria limitada também. (P1)

A outra coisa é que eu não sabia exatamente como preparar uma aula, uma aula ou um curso como um todo. Então, não sabia bem o que que eu tinha que fazer. Eu sabia que tinha que ter alguns tópicos e que tinha que de alguma maneira organizar o que eu ia fazer em cada aula e tal. Mas, isso foi um aprendizado, isso fui aprendendo fazendo. Então, isso, acho que isso tudo, eu posso dizer de maneira resumida que eu não sabia como preparar a ementa para uma disciplina (incluindo o cronograma, incluindo o que eu ia fazer, o que eu esperava daquilo lá no final). Então, no início, eu estava sempre muito mais preocupado em saber o conteúdo que eu tinha que incluir, o que, não sei se vou saber explicar, mas o que eu achava que tinha que fazer parte daquela disciplina e que os alunos tinham que ficar sabendo. Então, acho que era muito focado nisso. Mas não de maneira muito estruturada. E não necessariamente pensando naquilo que era realmente importante que eles soubessem. Então, enfim, era um pouco um processo que eu acho que ainda estou também aprendendo. A cada semestre antes de começar um curso, planejar aquele curso. E acho que também uma dificuldade no início é que, uma vez que eu planejava, eu me dava muito pouca oportunidade de flexibilidade em relação ao planejado. Então, eu pensava que tinha que ser aquilo ali e tinha que ser aquilo ali, independentemente do tipo de *feedback* e do que acontecesse ao longo do curso. Então acho que isso era uma dificuldade também, que eu nem sabia exatamente como fazer. Aí eu fazia e achava que não deveria mudar também. Até meio contraditório. Então, essa foi uma dificuldade: de como planejar o curso, como pensar o curso aula a aula ou semestre, alguma coisa assim. (P3)

Mas, as maiores dificuldades talvez tenham sido talvez aprender a planejar melhor. (P16)

As dificuldades eram básicas: planejar a aula, fazer com que a aula coubesse dentro ali de 50 minutos. E daí, eu comecei a ver que você tinha que ter uns ‘colchãozinhos’ (você tinha que ter uns exercícios extras para não terminar a aula muito cedo. Eu não tinha assunto na aula, como eu era muito amarrada no planejamento da aula, eu não tinha jogo de cintura. Então, eu tinha sempre algum pano na manga para caso sobrasse tempo falar sobre isso. Então, eu preparava muitas vezes quilos de aulas para usar metade disso. Então, a dificuldade era essa de preparar a aula e fazer a aula caber. (P13)

Com relação à **avaliação**, a preocupação com adequação, coerência e justiça, em termos de considerar o momento de avaliação como um momento de julgamento era recorrente. Para os entrevistados e entrevistadas:

Acho que é bem complicado instituir a avaliação, ser justa, especialmente com as turmas estava ministrando assim disciplinas bem iniciais de escrituração contábil. Eu lembro que tive bastante dificuldades com isso. (E20)

A parte de avaliação, que é um negócio que não é muito simples. Então, como elaborar uma prova, por exemplo, é um negócio extremamente complicado. E a gente só percebe isso quando vai realmente colocar a mão na massa. (E13)

Eu tenho dificuldade de avaliar se as minhas provas estão adequadas e coerentes a minha aula. Às vezes eu fico com medo de talvez exigir menos do que eu poderia exigir e talvez... essa é a minha maior preocupação, uma pessoa que ainda não entendeu o mínimo da disciplina que ela vai precisar no futuro e eu acabei aprovando ela por engano. Porque, geralmente, eu olho para as notas das provas e eu acho coerente o *ranking*, digamos assim, a maior nota é de quem realmente participa e está interessado. Então, me parece coerente, mas eu não sei se o número é coerente. (E31)

E ser justa na avaliação, separar o joio do trigo, conseguir separar quem sabe e quem não sabe, dando nota justa para os dois. (P13)

Essas falas, no entanto, revelam a compreensão da avaliação como uma forma de determinar se o estudante deve ser aprovado ou não. Ou seja, a prova subsidiando o julgamento a respeito da aprovação ou reprovação. Não houve referência à avaliação como forma de identificar os pontos que precisam ser retrabalhados ou como uma forma de *feedback* para o estudante e para o professor.

Outro ponto referido é a dificuldade de lidar com o estudante, remetendo à questão de relacionamento interpessoal, entre docente e discente, como saber estabelecer limites, saber se impor e, também, saber reconhecer limitações e respeitá-las.

Não sabia lidar com o outro (se o outro não quer aprender, o que que eu faço com um cara que quer conversar enquanto eu estou dando aula). Então, as minhas principais dificuldades foi eu respeitar o outro, o estudante, os limites dele, as limitações dele, e também as minhas. (E14)

Lidar com o público, eu acho que isso foi a dificuldade maior, a de lidar com o público. E isso te dá um pouco de nervosismo e que é normal no início. Mas, depois, foi resolvido com a prática. (E15)

[...] e aí é tudo muito novo, você tem alunos de todos os perfis, e não necessariamente no começo você sabe lidar, sabe se impor [...] (E29)

Na questão de conhecimentos que os entrevistados acham importantes para o início da docência apareceram, também, os aspectos relativos ao planejamento, lidar com os alunos e à avaliação.

[Planejamento, avaliação, lidar com os alunos e tecnologia] Então, voltando, a questão de planejamento, então planejamento do curso, planejamento em sala de aula, da aula; questão de critérios de avaliação; acho que essas são formações básicas importantes, e essa questão de como lidar com turmas em que a maioria dos alunos estão lá e não querem efetivamente aprender aquilo que você está ali para ensinar, então isso é um desafio muito grande; somando a isso [...] por exemplo, você não tem nenhuma formação de como lidar com um fórum que você abre, um chat para debater sobre determinado assunto, e daqui a pouco você vê lá 100 mensagens e como você deve filtrar, como você deve trabalhar, como você deve fazer com o aluno em relação a esse tipo de coisas; então esse é um outro problema da formação do docente na área de contabilidade, que eu acho que a gente não está conversando muito sobre isso. (E18)

[Planejamento, estratégias de ensino e avaliação] Então, por exemplo, que o professor tenha um mínimo de conhecimento do processo de ensino-aprendizagem de modo geral, os aspectos relacionados ao planejamento de uma aula, as diferentes estratégias de ensino que podem ser utilizadas, bem como os aspectos relacionados aos processos avaliativos. (E21)

[Planejamento] acho que planejamento de aula é uma coisa essencial, planejamento na verdade da disciplina, talvez um pouco mais amplo, entender o como aquela minha disciplina se encaixa dentro do meu currículo, no da universidade, planejar a minha disciplina e planejar a minha aula; acho que o planejamento de aula seria uma coisa essencial que teria que ensinar antes das pessoas começarem a dar aula. (E19)

[Planejamento] Eu acredito que a questão de você saber preparar bem um plano de aula, o programa, você saber aquela disciplina e como é a melhor forma de você aplicar, e aí também tanto fazendo um link com a disciplina anterior, quanto com a próxima, e ver quanto que você consegue acrescentar de fato na vida do aluno, e acho que isso seria o primeiro passo. (E19)

[Planejamento]... então a questão do projeto pedagógico e os temas da disciplina alinhados a isso, uma outra coisa que pensaria é assim de que modo as disciplinas têm que integrar ao projeto pedagógico geral, então aquela disciplina tem uma função dentro de um contexto mais amplo, isso aí a gente tem alguma noção mas não é nada bem fundamentado, então conhecimento disso não tem. (E8)

[Planejamento] acho que tem que primeiro aprender a planejar, esse é o primeiro passo, aprender a planejar (P4)

[Planejamento e estratégias de ensino] Então pensar o conteúdo e como esse conteúdo vai ser discutido em sala, então acho que essas são as duas coisas, e conteúdo eu falo em termos de sequência, em termos do planejamento todo e como isso vai ser discutido (é aula expositiva, se vou usar casos, como que vai ser esse processo). (P3)

[Avaliação] a questão de avaliação, o que se levar em conta, porque não é só aquela prova ali, você está medindo conhecimento, qual o nível de conhecimento que você quer medir e outras questões disso. (E8)

[Avaliação] uma coisa que é fundamental e que acho que falta isso muito e ninguém fala é avaliação (avaliação é uma coisa que acho que no começo ninguém comenta sobre isso, ah você tem que dar uma prova, mas ninguém te explica porque é uma prova, o que ela tem que avaliar, o que é uma avaliação, acho que avaliação é uma coisa que falta muito discussão sobre isso ainda). (E19)

[Avaliação]...talvez eu sinto que os métodos de avaliação dos alunos é a parte mais crítica. (E22)

[Avaliação] E um outro ponto ainda em relação ao conteúdo é a questão da avaliação, que eu vejo que todo mundo acaba na questão da prova pela dificuldade que às vezes é você passar um trabalho ou alguma apresentação e tudo mais, então é bem mais difícil, então o professor realmente ele aplica uma prova, que daí ele já dá uma nota e passa todo mundo, só que não sei se necessariamente essa é a melhor forma que você tem de avaliar alguém e até a melhor forma que você tem de desenvolver competências de um aluno. (E16)

Mas, foram elencados, igualmente, por vários entrevistados, a importância de se ter conhecimentos de técnicas ou estratégias de ensino diferentes das tradicionais, ou seja, diferentes da aula expositiva.

[Estratégias de ensino] Um segundo ferramental, metodologias de ensino, técnicas talvez assim *Roleplay*, PBL. Enfim, todo tipo de metodologias de ensino, para que eu não começasse...para que ao começar eu já soubesse que eu teria mais de uma opção do que somente aula expositiva, onde, tradicionalmente, eu, acho que todos nós, somos formados em grande parte pela aula expositiva. Então, nós acabamos replicando a aula expositiva; se antes de começar eu tivesse sido apresentado a outras técnicas, talvez as aulas não seriam só expositivas. Principalmente no começo. Talvez elas incorporassem um pouco dessas outras técnicas. E isso provavelmente diminuiria, aí, ou facilitaria eu utilizar técnicas diferentes já no começo da atividade. (E19)

[Estratégias de ensino] Mas, eu vejo assim, o que é fundamental, a pessoa que for dar aula no curso de contábeis, e eu acho que isso muitas pessoas não têm, e eu gostaria de me aperfeiçoar, são as estratégias de ensino ativas, as abordagens e metodologias ativas de ensino. Porque, muitas vezes, a gente tem os modelos de sala de aula de nossos professores e a gente esquece de procurar ou estudar um mundo diferente. E, às vezes, a gente tem medo de se arriscar no diferente. Então, eu acho que, assim, se eu tivesse tido uma formação que me possibilitasse enxergar na área contábil como eu pudesse abordar outras formas de ensinar, antes de ter ido para sala de aula, teria sido muito bacana. (E24)

[Estratégias de ensino] Algum tipo de formação que o prepare para trabalhar com as chamadas opções didáticas. Porque, no modelo que a gente acaba reproduzindo. Quando a gente não tem nenhuma formação no sentido da didática, o modelo é o modelo da aula expositiva, porque é o modelo predominante. Eu, quando fiz graduação, 100% das minhas aulas foram expositivas. Então, você tende a reproduzir isso aí. Então, hoje nós temos várias outras metodologias, técnicas de trabalhar em sala de aula e que, aliadas ao conhecimento do tema, são fundamentais para que exista uma relação de aprendizado entre o professor e o aluno. Só a velha e boa aula expositiva não funciona. Às vezes, ela é necessária. Mas nem sempre ela pode ser trabalhada ou, pelo menos, deveria ser

trabalhada. Então, eu acho que um professor deve ter conhecimento de técnicas diferentes da aula expositiva. (E14)

[Estratégias de ensino] Ah, eu acho que tem uma série de dinâmicas de aula que um pouco mais de conhecimento em pedagogia me ajudaria, sabe?! Então, eu acabava reproduzindo muito a aula expositiva porque era o que eu tinha tido sobretudo na minha formação. Então, eu acho que faltava um pouco mais de conhecimento mesmo sobre modalidades didáticas, sabe?! A gente acaba ficando um pouco sem recurso; isso teria me ajudado muito, muito mesmo. E eu fui ter contato com isso um pouco mais para frente. Então, foi uma pena. (P1)

[Estratégias de ensino] Acho que entender as técnicas de ensino que você pode fazer numa sala de aula, o jeito de você suscitar interesse da turma, as maneiras de você apresentar determinados temas, todas as técnicas que você eventualmente pode ter (de usar *lecture*, de usar estudo de caso de uso, de usar discussão em grupo). Então, para te dar uma visão mais estruturada e organizada das coisas, antes que você vai fazer em sala de aula. Então, geralmente, no começo da carreira, eu acabei fazendo umas coisas de maneira mais intuitiva. Algumas coisas funcionavam, outras funcionaram menos. Depois, muito tempo depois, eu fui entender um pouco melhor isso; mas eu acho que seria fundamental, para que as pessoas que dessem aula, tivessem esse treinamento das técnicas para você usar em sala de aula, do jeito de você lidar com a turma, do aprendizado da linguagem adequada, do entendimento das características da turma que é uma coisa muito importante. Eu acho que nem precisaria ser um curso muito extenso nesse sentido. Mas, minimamente, para estruturar e organizar as técnicas que um docente tem a sua disposição para que ele pudesse escolher essas técnicas mais adequadas num momento ou outro das disciplinas que ele está dando. (P2)

[Estratégias de ensino] Quais são as técnicas disponíveis que são as mais modernas, vamos dizer assim, e as melhores opções. Enfim, ter tido oportunidade de mergulhar mais no assunto de ensino aprendizagem, para coisa que depois eu fui descobrindo como educação tendo como centro o aluno e não o professor, mesmo isso é algo que só mais para frente que eu fui tendo conhecimento e tendo contato com essas ideias que são mais novas, ou coisas que invertem a sala de aula, ou ideias que vão sair do tradicional, para que a gente não fique reproduzindo aquilo que a gente teve como aula enquanto éramos alunos. (P6)

[Estratégias de ensino] Ah! eu diria o seguinte, o professor ser exposto a cursos de metodologia de ensino, várias metodologias, várias técnicas de ensino. Ele ser conhecedor, ser exposto a elas para poder entende-las, aprende-las e aplicar. (P7)

[Estratégias de ensino, avaliação] Uma formação, acho que ajudaria. Então, métodos de avaliação, como conduzir a aula, as técnicas/as metodologias de ensino, a questão da lousa (como organizar a lousa, de que forma desenhar as coisas e tal). Acho que isso são questões que poderiam ser abordadas, métodos de avaliação (de que forma você pode avaliar os alunos, as diferentes alternativas). Acho que essas questões seriam as mais relevantes. (P17)

[Estratégias de ensino] Subsidiar aspectos de metodologia do ensino, métodos de ensino, e discutir os prós e contras de cada um deles. Primeiro, na pós-graduação, eu acho que, inicialmente, apresentar os métodos de ensino e uma reflexão sobre eles: ‘qual é mais interessante e qual se adapta melhor em cada contexto’. E acho que esse é o

grande papel, o de oferecer essa discussão ou essas alternativas no método de ensino. (P19)

Foi mencionada, finalmente, a questão dos estilos de aprendizagem e aspectos relacionados à tecnologia.

[Estilos de aprendizagem] Então, por exemplo, a gente pensar em educação superior, no Brasil, em geral, os alunos podem vir com vários *backgrounds* diferentes. Então, muito provavelmente, teremos salas de aula cada vez mais diversificadas. Então, é importante que o professor aprenda sobre os estilos de aprendizagem, que, por exemplo, cada aluno pode ter uma forma de aprender diferente. Então, eu acho que o professor tem que ter conhecimento para poder diversificar as estratégias de ensino, avaliar uma turma como um todo, como lidar com as novas gerações, como lidar, por exemplo, com uso de tecnologias em sala de aula e como tudo isso dialoga com os conteúdos, no meu caso, da minha área, que é a contabilidade. (E21)

[Estilos de aprendizagem] O segundo passo, já na sala de aula, é você interagir da melhor forma com a classe. E, aí, entra o desafio dessa geração YZ, que são pessoas que têm uma dificuldade de atenção. Então, assim, eu acho que a gente tem que estar preparado para isso. (E16)

[Estilos de aprendizagem] Primeiro ponto, tem que ter percepção do que é o aluno. Eu sempre falo o professor, ele tem que entender o aluno ao qual está dando aula, ele tem que conhecer com quem ele está trabalhando, porque, se ele não conhecer com quem ele está trabalhando, ele não vai conseguir ter uma capacidade melhor didática para atingir o objetivo da matéria, atingir o objetivo da disciplina que ele está trabalhando. Esse é um ponto chave [...] entender o aluno, entender como o aluno trabalha e entender formas de aprendizagem [...] (E27)

[Estilos de aprendizagem] Acho que é uma coisa assim que ajudaria muito seria essa de como é que eu lido com alunos com perfil diferente. Porque, às vezes, o aluno com mais dificuldade, ele precisa de um tipo de ensino, não tipo de ensino, mas uma abordagem diferente para ele entender. E talvez isso que eu peque. (E31)

[Tecnologia e estratégias de ensino] Tecnologias de ensino. É uma coisa importante, também, são outras estratégias de aula (a gente acaba repetindo muito a estratégia clássica do professor como centro da sala de aula e aquela aula tradicional em que o professor dá o conteúdo, discute com os alunos, mas de uma maneira muito direcionada em relação ao conteúdo que ele está dando, exercício e acabou a aula; é a aula clássica que você acaba vendo e você vê muito pouco o professor trabalhando com outras dinâmicas. E eu acho que o fato de a gente não trabalhar com outras dinâmicas em sala de aula também é consequência dessa falta de formação na área de docência. (E18)

[Tecnologia] Eu acho que eu, de novo, eu acho que na área de educação, dentro da contabilidade, eu acho que nós deveríamos entender alguma coisa na área de tecnologia de educação. (E15)

Além disso, foram apontados pontualmente outros conhecimentos que são os ligados à gestão universitária, a questão de inclusão, formação relativa à orientação e, também, conhecimentos relativos à psicologia, sociologia, filosofia e política.

[Gestão universitária] Existe uma parte de gestão, também, envolvendo a pesquisa, extensão, ensino, vinculado à questão acadêmica. Então, eu vejo que, muitas vezes, essa parte de você ser chefe de departamento, coordenador de curso, coordenador de TCC, coordenador de projeto, coordenador de atividades acadêmicas que estão vinculadas às atividades de ensino, muitas vezes, isso não é passado. E o professor ele acaba aprendendo isso no dia a dia, na loucura entre a sala de aula e essas partes administrativas, que por mais que...por menor que seja a carga horária, ela existe e, em algum momento, você vai ter que assumir um cargo de gestão, mesmo que seja temporário, por um ou dois anos, isso vai acabar acontecendo. Então, eu vejo que, às vezes, essa formação... o único lugar que eu vi uma disciplina sobre isso, foi no programa da USP de Ribeirão Preto. Eu lembro que eu assisti no Congresso USP uma apresentação do programa deles e eles tinham uma disciplina. Porque é algo que você praticamente não vê... eu não lembro como se chama a disciplina, mas que eu fiquei muito encantada por ter a disciplina, eu fiquei. (E24)

[Inclusão] A questão da inclusão (que agora está sendo muito forte na minha universidade assim, eu tenho recorrentemente alunos surdos, alunos cegos, com baixa visão...), então tudo isso são coisas assim, são dinâmicas que acaba mudando, que eu preciso me preparar bastante assim. Eu preciso me preparar não, eu tenho uma certa crítica, assim, com relação à política da Universidade. No sentido de que ela propõe a inclusão, por exemplo. Mas, de alguma forma, ela não promove formação aos professores para lidarem com isso. Então, hoje eu te diria que uma das minhas inquietações, nesse sentido, é essas políticas assim, não saber, não ter muita base, ou ter que buscar paralelamente como lidar com questões dessa inclusão, desses alunos especiais. Existe uma dificuldade constante. (E20)

[Orientação] Tipo, os programas poderiam propor algum tipo de ação que subsidiassem, também, nesse processo de formação docente, as habilidades para a pessoa ter enquanto orientador ou orientadora. Porque é uma atividade que as pessoas quando são professores fazem, elas orientam os trabalhos de conclusão de curso e as dissertações de doutorado, por exemplo. Então, quando eu tive essa experiência no mestrado [realizado em outra instituição], eu me lembro que era muito interessante acompanhar as orientações porque eu via a forma que minha orientadora dialogava, repassava os ajustes que precisava fazer nas pesquisas das meninas. E eu pude fazer isso também, foi um exercício, porque eu também dava as minhas sugestões nos TCCs. E, depois, quando teve aquele seminário de TCC para as meninas treinarem como elas iam para as bancas, eu também pude ser banca, por exemplo. Então, foram atividades muito ricas assim para mim. (E21)

[Política] Nós somos, professores, um monte de nós, um dia seremos reitores, um monte de nós, seremos chefe de departamento, coordenador, diretor de centro, diretor de universidades. Sem essa formação mais política quando se trata de Universidade, eu acho que a gente fica um pouco refém ou fica à margem das grandes discussões que estão por trás de tudo isso. (E15)

[Psicologia] Acho que é importante a gente ter um pouco de conhecimento comportamental, que a contabilidade, embora seja uma ciência social, ela é muito técnica. Então, eu sempre olhei mais para o lado técnico do que comportamental. Então, eu acho olhar um pouco o lado comportamental é importante. (E13)

[Psicologia, sociologia e política] ter psicologia, ou seja, formação de aulas e treinamentos na área de psicologia, na área de sociologia e obviamente de política, no sentido geral da palavra, precisaria ter isso. (P8)

[Filosofia] tem aspectos de conhecimento de conhecer coisas, mas também tem que ter uma filosofia, que é um problema de filosofia. Eu acho que o que precede é quase uma filosofia para depois vir os instrumentos; a filosofia e, hoje, esse caminha para algumas ideias. Mas, no passado, era diferente, como a filosofia ‘eu ensino coisas ou as pessoas aprendem por si próprios?’, ‘como se dá o processo de obtenção do conhecimento?’. eu acho que um bom professor teria que começar fazendo essas perguntas, se a metodologia que ele utiliza, independentemente dos outros conhecimentos e de materiais, qual é a filosofia. (P11)

Nesse contexto, cabe questionar qual seria o papel da pós-graduação e como os conhecimentos poderiam ser trabalhados, caso fossem trabalhados. Nesse sentido, a seguir será tratado um pouco sobre a visão em relação ao papel da pós-graduação e o que se julga que deveria ou poderia oferecer em termos de estrutura para a formação docente.

4.3 Teoria, prática e o papel da pós-graduação

Em consonância com o que trata a literatura, a percepção em relação à formação na pós-graduação é vista pelos entrevistados também como muito mais voltada para a formação para a pesquisa do que para a docência.

Nesse ponto eu tenho uma crítica, na época do mestrado eu acho que já tinha, mas agora o atual modelo me deixa mais crítica em relação a isso, que é olhando para o nosso programa, mas os programas que têm em outras universidades não divergem muito do que a gente encontra na USP, que é ‘o pessoal está muito preocupado com o viés da pesquisa’. Aí eu acho que não é um problema do programa em si, mas é uma coisa de incentivos, porque a coisa vem de cima, ah os professores são exigidos de publicação, não é exigido ah quanto tempo você está na sala de aula, a sua aula foi ótima, não sei o que...não, ninguém está preocupado com uma avaliação de como está sendo na sala de aula, mas a cobrança da publicação é gigantesca (ah tem que ter publicação em tais tipos de periódicos, de tal nível, com tal fator de impacto). Uma vez que o *Big Boss* está te cobrando com o viés de pesquisa, os programas é claro, como tudo na vida, em qualquer área, a gente dança conforme a música, então os programas foram se adequando ao que é exigido, se é exigido mais pesquisa do que ensino, então vou focar em formar o pessoal para fazer pesquisa, e aí você vê uma oferta maciça de cadeiras focadas na metodologia da pesquisa em si, então métodos quantitativos ou métodos de pesquisa em si, que eu acho super importante, mas aí você vê que toda a energia está sendo jogada para esse viés e para o lado da formação docente quase inexistente. Ninguém está preocupado em ‘vamos preparar esses futuros professores que vão sair daqui’, porque nem todo mundo vai sair dali e vai ficar só pesquisando. Na verdade, o pessoal vai sair e vai dar aula, só que a gente não tem uma formação e vai sair dali e começar a dar aula, e aí simplesmente você entra sala de aula, ‘ok agora sou professor, vamos lá, vamos ver o que eu consigo

fazer de melhor', mas falar que você tem uma formação um pouco mais estruturada, não tem. (E4)

... eu não tenho isso quantitativamente, mas eu imagino que a gente ainda pese mais a mão na pesquisa, acho que a docência a gente acaba não trabalhando tanto, isso assim no contexto geral minha percepção como o país todo. (E19)

... a gente vê, pelo menos assim nas universidades federais e tudo mais, nas grandes universidades, que existe um foco para pesquisa, então você termina sendo um excelente pesquisador, só que acontece que, quando você vai para a vida real, as universidades elas vão te contratar, pode ser para pesquisa, mas muito do seu tempo vai ser em função de dar aula. Então eu acho que deveria também ter alguma formação voltada para isso, para essa questão da docência, que inclui vários âmbitos, porque não é somente ser professor, é saber se relacionar (não ser um professor cheio de não-me-toque que não cria vínculo nenhum com aluno e que acaba desestimulando o aluno a aprender alguma coisa). (E16)

Bom, eu tenho uma opinião que a pós-graduação *stricto sensu* ela tem um viés muito forte para pesquisa. Não é uma opinião, isso é uma constatação. Embora o mestrado e doutorado formem um cidadão com competências para atuar na docência, praticamente nós não damos ênfase nenhuma para o ensino, nossa ênfase total é na pesquisa, é na publicação de artigos e é por meio disso que a Capes nos mede, nos avalia. Então eu vejo que a pós-graduação ela fica meio manca, porque se eu quero formar um sujeito, um profissional, para atuar na docência (também, porque ele também pode atuar em qualquer outro mercado, no mercado formal de trabalho, sem ser na docência, na educação), mas se eu quero formar um profissional e predominantemente a gente forma mestres e doutores para trabalhar na docência, nós estamos dando uma formação incompleta para ele, porque a nossa ênfase é ensinar esse sujeito a pesquisar. Nós já ensinamos o cara a fazer pesquisa e dizemos para ele que ele tem que publicar, porque precisamos de pontos, e aí ele sai muitas vezes um ótimo pesquisador, mas sem nenhuma competência docente, sem nenhuma competência para a sala de aula (o máximo que ele tem de experiência docente no mestrado e no doutorado é nas disciplinas onde ele tem a oportunidade de trazer temas para sala de aula e apresentar seminários, ele tem sim algumas experiências, mas são mínimas). E eu vejo assim com bons olhos a iniciativa de alguns programas que incluíram em seus currículos a disciplina de didática, a disciplina de metodologias de ensino, porque senão nós estamos dando uma formação incompleta, eu creio que a gente tem que formar pesquisador e professor, docente para a sala de aula, para o ensino. (E14)

Então, assim, eu acho que hoje a pós-graduação ainda é muito precária nessa parte do ensino, ela é voltada muito para pesquisa e o que deveria ser, o que eu acho que deveria ter, disciplinas tanto no mestrado e, principalmente, sem dúvida nenhuma no doutorado, com essa função de auxiliar o discente a se preparar para ser um docente no futuro. (E11)

Então o problema do curso de pós é que às vezes, por exemplo, no meu caso eu vou entrar na docência, porque não tem como você fazer pesquisa sem você ser professora ao mesmo tempo, então no curso de pós-graduação ele teria que dar uma base para os dois lados, só que daí acaba dando mais para a área de pesquisa mesmo, o que acaba sendo a área que mais me interessa, mas no final das contas o que vai me dar dinheiro mesmo é a docência, então tinha que ou separar isso de pesquisa e docência ou dar base para os dois. (E2)

Acho que o papel dos cursos de pós-graduação na formação docente tem três vertentes, que são o tripé da universidade, extensão, pesquisa e ensino, e eu vejo que a pós-graduação é muito mais voltada para pesquisa do que para os outros dois aspectos. Mas então assim eu vejo que é necessário também ter mais incentivo para pós-graduação dar cursos para projetos de extensão e ensino, mas hoje eu vejo que é muito mais voltada para pesquisa. Como eu próprio relatei anteriormente, eu não cheguei a fazer nenhum curso específico ainda de formação docente, mas por outro lado de técnicas de pesquisa, de análise de dados (tanto quantitativos, quanto qualitativos) já cheguei a fazer bastante disciplinas. Então é isso, a pós-graduação que eu vejo pela minha experiência hoje é que ela é voltada para pesquisa, mas entendo que também é importante e relevante tratar questões de formação docente nos aspectos de extensão e de ensino. (E28)

Eu não sei se isso é assim fora, mas uma coisa que nós discutíamos no doutorado é que o doutorado ele trabalha muito na formação de pesquisadores, é muito focado, muito específico em pesquisadores, e você está sendo trabalhado primordialmente para a docência, digamos assim você espera que um cara com doutorado vá para sala de aula, não que isso seja obrigatório, mas existe uma expectativa muito forte. Então você coloca um pesquisador na função de professor sem que o principal foco do doutorado seja esse, tanto que matérias de docência elas não são requisitos, tipo você vai ter ela como optativa. É claro que nas outras disciplinas e isso também foi muito válido durante o doutorado, a questão de ter os seminários, você se obriga a ter uma primeira experiência, e sempre que você apresentou nos seminários os professores vem e te dão um *feedback* de como foi a apresentação, então isso também acho que acaba sendo de alguma forma uma preparação, que inclusive eu não mencionei antes. Mas eu acho que assim, primordialmente, o doutorado forma pesquisadores e joga eles na sala de aula, como tem essa questão de doutores geralmente vão para a docência, talvez precisaria de um componente curricular de docência para ter essa preparação mesmo, acho que hoje a preocupação é fundamentalmente na pesquisa e você não.... sendo uma reclamação constante às vezes até dos alunos que o professor é doutor e é incrivelmente inteligente e bem preparado, mas na sala de aula ele não tem uma interação clara o suficiente com os alunos. (E31)

então é um papel limitado atualmente e idealmente seria mais aprofundado, só que eu não sei como isso funcionaria dentro das exigências todas que o curso tem, mesmo o tempo que o curso tem e tal, quer dizer eu não vejo uma solução tão fácil, porque é uma questão no fundo de tempo, de como você vai dedicar o tempo, qual vai ser a prioridade e tal, e a prioridade no curso de pós acaba recaindo sobre a pesquisa e aí deixa de lado algumas outras coisas que são importantes também, no caso a docência, a formação docente propriamente dita. (P6)

infelizmente a pós-graduação na área de contabilidade, na área de administração, que eu mais conheço, elas têm em seus objetivos principais formar professores e ao longo do seu currículo menosprezam, marginalizam as disciplinas pedagógicas. Então a pós-graduação não tem contribuído para a formação dos professores, o que é um erro básico, ou seja, a CAPES que coordena, que avalia os programas de pós-graduação, não sei porque ainda não enfrentou esse problema, porque os cursos de pós-graduação não só na área de contabilidade, na área de administração também, eles colocam como objetivo fundamental formal o pesquisador e o professor e a longo da prática do curso menosprezam, marginalizam ou omitem disciplinas da área de pedagogia, da área de formação de professores, então portanto é um erro básico. (P8)

No entanto, muitos acham que a pós-graduação deveria oferecer algum tipo de formação para a docência, até tendo em vista a função social dos programas de pós-graduação em relação à formação de docentes. Para alguns, bastaria a oferta de uma disciplina. Porém, muitos acreditam que é necessária uma formação tanto teórica quanto prática.

Eu acho que logicamente quando a gente pensa em mestrado e doutorado a gente pensa mais em pesquisa, mas principalmente no Brasil [...] acho que a gente tem uma função social também de formar docentes para a quantidade de cursos que existem. (E26)

os programas deveriam pensar um pouco assim pela lógica de política pública, de qual é a principal demanda, apesar de ser professora, eu não conheço assim números, não saberia te dizer assim, mas o que a gente sabe assim, em linhas gerais, é que somos um país extremamente carente, precisamos crescer muito, em termos de educação, então eu acho que o papel seria muito de tentar formar professores, tentar estimular esse tipo de profissional; e eu acredito que talvez seria esse um grande papel hoje dos programas de pós-graduação, formar professores, mas não apenas... algo que vá muito mais, vá muito além do que simplesmente titular alguém como mestre ou titular alguém como doutor, porque eu diria que nós temos vários mestres e vários doutores que, não que não são professores, mas que não vestem a camiseta e não conseguem né. Então talvez o grande papel nesse momento, considerando a atual conjuntura do nosso país, eu diria que fosse a de colaborar com a formação de docentes, de bons docentes, que eu acho que nós estamos muito carentes. (E20)

Então se a gente pensar de uma maneira geral acho que a pós-graduação em geral ela prepara mal as pessoas para dar aula, é só a gente ver que a maioria esmagadora dos programas, não vou dizer a maioria esmagadora, mas talvez a parte dos programas que eu conheço ela pode ter muitas disciplinas de pesquisa, muitas disciplina de métodos, disciplinas de técnica, disciplinas de metodologia, mas são raros os programas que tem disciplinas de ensino, que de fato ensinem a pessoa a se colocar numa sala de aula, a fazer aquela parte da docência. Em geral a gente forma bons pesquisadores, a gente pode vir a formar bons pesquisadores, mas em geral os programas não tem muita preocupação em formar bons docentes, e acho que isso é muito preocupante, porque aqui, principalmente na Universidade pública, a gente é custeado por toda a sociedade e o papel que a gente tem aqui ele se reflete, ele tem uma externalidade positiva, então eventualmente se eu formo aqui como docente ou como qualquer um dos meus colegas uma pessoa mais capacitada ela vai replicar isso para a sociedade durante muitos anos, mas se por outro lado a pessoa sai daqui sem uma formação adequada para dar aula, aí é uma coisa muito complicada, porque essa pessoa vai ter dificuldades em sala de aula, ela vai formar mal seus alunos, ela vai suscitar pouco interesse pelas atividades de ensino, pelas atividades pesquisa, então é uma coisa que vai se propagar por muito tempo. Então talvez o que os programas, vários programas, falhem é no sentido de não dar uma formação estruturada para que as pessoas saiam daqui não só como pesquisadores mas também como docentes, que em geral eu acho que são duas habilidades um pouco diferentes, eu já vi casos de pessoas que eram excepcionais pesquisadores e já vi essas pessoas fazendo exposições e eram exposições horrorosas, e conheço casos que são o oposto, que são pessoas que são muito bons docentes e eventualmente como pesquisadores eles não tem todo esse brilho, eu acho que a universidade, principalmente a Universidade pública deveria ter um papel no sentido de formar, de tentar formar, as duas habilidades, como pesquisador e como o docente. (P2)

Pelo menos em contabilidade, na minha área, eu acho que os cursos deveriam oferecer mais ações relacionados à formação de professores, por exemplo, tudo isso que eu falei que eu acho que é importante, em geral, a gente vê de uma forma bem rápida e bem superficial em uma disciplina, que é metodologia do ensino, que é uma disciplina que não necessariamente todas as pessoas fazem por que ela não é obrigatória e também acho que eu não sei se tem em todos os cursos de pós-graduação em contabilidade. Então eu acho que, por exemplo, as coordenações, a CAPES, de um modo geral deveriam estar mais preocupados com ações voltadas para a formação para o ensino, por exemplo, talvez ofertando mais disciplinas relacionadas à formação de professores, a conteúdos didático-pedagógicos. Porque, por exemplo, os programas em geral têm essa prerrogativa de formar professores e pesquisadores e na área de contabilidade muitas pessoas vão para a pós-graduação, não todos, mas boa parte, busca essa formação na pós-graduação pensando em seguir carreira docente ou às vezes até já seja docente. Então se as pessoas estão procurando esses cursos para essa formação docente, os programas deveriam oferecer mais ações, sejam disciplinas, workshops ou eventos, ou talvez estruturar de uma forma mais nítida, mais estrita quais são as ações relacionadas ao estágio docência, o que se espera do aluno, o que se espera do professor, esse tipo de coisa. (E21)

Eu acho que o professor ele tem que ter um contato básico com a estrutura mesmo conceitual teórica de educação, quais são as principais linhas de educação, metodologias, e eu acho que tem que ter uma disciplina básica e que seja cobrada também uma parte prática, sei que a gente acaba sendo cobrado muito no mestrado e no doutorado por seminários de pesquisa sobre os temas que a gente acaba tendo que pesquisar e apresentar e isso já desenvolve bastante em termos de aula expositiva, agora a gente sabe que aula expositiva não é o único método do ensino, existem diversos outros métodos e esses métodos não são abordados. (E26)

Eu acho que é importante ter disciplina assim especificamente voltada para o ensino superior, acho que é responsabilidade dos programas de pós, porque não só eles formam pesquisadores e tem a formação digamos sobre o conhecimento da disciplina (por exemplo, no nosso caso é contabilidade), mas é o principal formador de professores, então o corpo docente deveria ser formado por um programa de pós-graduação e precisa melhorar bastante nesse aspecto de como dar aula, em preparar os alunos em como dar aulas (que tipos de atividades utilizar, que técnicas, coisas assim). (E10)

Eu acho que falta muito, eu fico vendo colegas (não colegas daí necessariamente, colegas de onde eu dou aula) que não tem nem ideia do que é metodologia do ensino, não tem ideia do que é ensinar, aí acham que o ensinar é como um trabalho técnico desenvolvido de contabilidade e uma coisa não tem nada a ver com a outra. Então eu acho que falta muito nos programas, inclusive na USP, poderia ser meio que obrigatório o aluno fazer o PAE, fazer metodologia do ensino, porque para mim me ajudou muito, muito mesmo, essa é a minha impressão. (E5)

Eu acho que assim, primeiro, aí são pressupostos que nem sempre estão claros para todo mundo, mas para mim você está fazendo um mestrado ou um doutorado, você ou vai pesquisar ou vai ministrar aulas. Então, essas duas coisas, a gente tem que ser treinado para e esse treinamento tem que ter sim aquela parte teórica, mas tem que ter uma parte prática, mas uma parte prática que esteja alinhada com o desenvolvimento pedagógico, que necessariamente acontece nesses estágios que a gente teve no mestrado e no doutorado. (E23)

Então eu vejo que depende muito da proposta que o programa quer ter, eu vejo que se a proposta dele é formar professor e pesquisador, se a proposta dele é formar o docente eu vejo que pelo menos uma parte ou algumas dessas disciplinas poderiam ser obrigatórias; até mesmo porque a pessoa ao buscar a pós-graduação ela busca entrar nesse mercado ou já está no mercado de trabalho enquanto docente ou busca ser um futuro docente profissional da área de ensino, então eu vejo que é extremamente relevante ter essa obrigatoriedade de estar fazendo uma disciplina ou um programa... Não sei se ter uma disciplina ou uma atividade... eu acho que seria mais uma questão de atividades que tragam essa formação para um estudante ali da pós-graduação para prepará-lo para a docência, eu não sei se só a disciplina seria interessante. Eu vejo assim que só a disciplina, sem a experiência de sala de aula, também não vejo se faz muito sentido, mas eu vejo que ter a disciplina e a experiência, seja por meio de estágio ou de monitoria, ela é extremamente válida. (E24)

Então seria interessante a monitoria, a disciplina de metodologia do ensino e talvez mais uma (de repente algumas tecnologias aplicadas à educação, tecnologias modernas)... acho que por aí, duas disciplinas, duas monitorias e obvio que isso não poderia tomar tanto tempo a ponto de atrapalhar o mestrado e da dissertação como um todo, mas acho que esse é o papel, formar o pesquisador, mas também dar uma carga docente para ele, não adianta ele ter todo o conteúdo que o mestrado vai proporcionar, se ele não tiver didática provavelmente ele vai ter alguma dificuldade depois para ministrar aulas, e o que paga salário aqui no Brasil é dar aulas, não é ser pesquisador, raríssimos locais é que você vai ganhar dinheiro ou vai conseguir se sustentar, então a gente tem que equilibrar os dois a pesquisa e a docência. (E19)

eu acho que basicamente ter as disciplinas e ter um estágio de docência. (E22)

Então para mim seriam esses dois pontos, ter uma atuação docente como estágio e você ter uma formação anterior de disciplina. (E3)

Então essa questão de ter um componente curricular obrigatório acho que seria algo interessante, e já existe, eu não estou dizendo que não, eu só acho que o primordial é a questão da pesquisa, mas a USP mesmo tem o PAE, que eu participei, tem a monitoria durante o doutorado, mas eu acho que talvez... claro que pro PAE você tem que fazer uma preparação lá docente, mas isso é de duas tardes, eu acho que a monitoria só poderia ser autorizada depois de concluir então esse componente curricular obrigatório, então você ia ver digamos assim assistir a disciplina, discutir formas de apresentação de conteúdo, formas de avaliação, como enfim trabalhar com diferentes perfis de alunos e daí acompanhar um professor na disciplina e ver isso como que acontece na prática e como que cada professor adapta isso para atender os seus alunos. (E31)

Então eu acho que potencializar as atividades que já existem é importante e eu acho que a ideia da disciplina de docência ela é fundamental porque aonde você tem como discutir teoricamente determinadas abordagens e depois o PAE e a monitoria se tornam a prática disso. (P4)

Então como dentro da estrutura, dentro da carreira docente do ensino superior, as atividades de ensino elas fazem parte, eu acho que os cursos deveriam cuidar para que houvesse também essa formação, então porque ter o conhecimento técnico não é suficiente para atuação em sala de aula, então eles deveriam cuidar, eu não sei se a partir de uma disciplina específica, porque eu acho que a disciplina ela te dá esse instrumental,

ela vai te dar esse conhecimento sobre o ensino, sobre como eu percebo a instituição, sobre o currículo, sobre metodologias de ensino, então ela te dá esse conhecimento que é importante, mas eu acho que a gente só aprende também em sala de aula. (P12)

É fundamental, não sei, de novo, dosar a teoria e a prática, não sei quanto deveria ter de cada um, mas acho que precisa ter, é fundamental, você tá formando uma pessoa que no futuro vai ser professor, você tem que dar elementos para que essa pessoa possa ter essa capacidade, posso desenvolver isso; então disciplinas na área de educação, atividades, monitorias, que eu vejo que nosso curso já tem isso né, já tem a própria monitoria no doutorado que hoje é obrigatória, na minha época não era, e acho fundamental, que não adianta nada você ficar só olhando livro de metodologia de ensino e não ir para sala de aula, você já tem que ter em um misto, tem que ter um pouco dos dois. (P17)

Já outros acreditam que não seria papel da pós-graduação oferecer essa formação docente. Seja pelo fato de que o tempo é muito curto e já se tem outras formações para tratar ou seja porque acreditam que a pós-graduação deveria ter como foco formar pesquisadores. Para esses, o papel de formação docente deve ser atribuído, por exemplo, às instituições que contratam o professor.

Então como eu falei, eu acho que você tem um número de créditos, o número de disciplinas que você tem que fazer, ele é muito limitado em que eu tenho que dar formação, na verdade você vai ser doutor em contabilidade ou mestre em contabilidade, então eu tenho que dar aquela formação para o que estou querendo fazer, por outro lado eu tenho um problema da expectativa de que quem faz doutorado, principalmente na nossa área, vai acabar atuando com docência e aí eu entro num problema que é para formar alguém para docência eu deveria ter um curso para isso e aí eu questiono se você não deveria fazer, dependendo da sua base, uma pós-graduação efetivamente na área de ensino; agora eu acho muito complicado achar que uma ou duas disciplinas do mestrado e doutorado vão resolver e suprir essas carências; eu acho que o profissional de contabilidade que quer atuar no ensino deveria buscar essa formação de forma complementar, com cursos de menor duração, ou de forma efetiva com uma pós-graduação lá na área de ensino, acho que é isso. (E18)

Eu acho que eu vejo mais do que formação docente, os cursos de pós-graduação como uma forma de introduzir no mundo da pesquisa, eu acho que essa visão da pós-graduação para docência é mais antiga, que antigamente precisava mais, mas não estou bem convicto. (E7)

Eu acho que, principalmente, os que são voltados para o lado acadêmico, eles têm um papel fundamental. Mas, não é todo mundo que está ali que quer ser professor. Então, eu não sei até que ponto teria que estender essa responsabilidade para um curso de mestrado ou de especialização que seja. Embora eles ofertem as disciplinas, nem todo mundo que está ali tem como objetivo ir para a academia. Então, eu acho que esse papel é muito mais importante para a universidade que vai contratar o professor do que propriamente um programa de mestrado e doutorado. Eu acho que, no programa de mestrado e doutorado, o foco tinha que ser pesquisa, deixar a parte do ensino mais voltada, realmente, dando esse suporte, para as próprias universidades. Eu quando passei no concurso do [instituição], por exemplo, na época eles me deram cursos básicos. Daí,

eu fiquei fazendo cursos de preparação para atuar no [instituição] e, isso, na universidade, falta um pouco ainda, pelo menos nas que eu tenho experiência. (E13)

Eu vou lhe dar uma resposta bem honesta, bem direta, e simples: nenhum, na minha opinião, nenhum. Pós-graduação não é para isso, é para treinar pesquisador. Essa é a minha opinião. [...] Então, vou colocar PAE e monitoria. Então, é uma possibilidade, embora acho que o PAE é mais interessante, porque, enfim, eu posso não querer dar aula. No nosso contexto isso não é realístico, acho que o pacote vem junto. Mas, se eu quero investir nisso, eu acho que o que é importante é a instituição dar oportunidade. Se é por meio da pós-graduação ou não, acho que é uma escolha, desde que, no meu entendimento, do que é o papel da pós-graduação, não desvirtue esse papel. E, veja, é por causa do meu entendimento do papel, não que desvirtue isso. E, aí, ser livre. Se eu quero, se eu percebo como sendo importante, porque eu vou fazer a opção de atuar no ambiente acadêmico e eu não vou ter a opção de escolher, então, eu vou lá e faço. Acho que, é um pouco para mim, é isso. Enquanto você ainda não é vinculado a nenhuma instituição como professor. Então, enquanto formação, mestrando ou doutorando, eu acho que é algo que seria livre e você escolhe seguir, como o caso da disciplina que eu comentei da docência. Então, eu fui lá fiz, eu não precisava dos créditos, eu fiz porque achei que era interessante fazer. Então, acho que é isso. Como eu fiz de acompanhar o professor depois. Não tinha nenhuma necessidade, motivo, fui lá e fiz. Mas, acho que, então, é isso: a princípio, penso que é cada um escolhe em razão de que se quer ou não investir nisso como parte da carreira. Uma vez que esteja na Instituição, então, uma vez que eu seja o professor aqui, ou seja lá onde for, então, penso que a instituição para os professores, deveria dar um suporte para esse tipo de formação, inclusive diretrizes de como que a instituição pensa mesmo a graduação e o ensino da graduação. Acho que é isso, acho que eu penso que esses são os dois caminhos possíveis. Mas, então, assim, só acho que o papel principal é da instituição que me contrata como professor. (P3)

E, mesmo entre os que acreditam que seja papel da pós-graduação oferecer formação docente, também há controvérsias entre ser de cunho obrigatório ou optativo.

.... acho que a obrigatoriedade, pelo menos, assim, o mínimo, por exemplo, uma disciplina obrigatória... eu acho que seria necessário oferecer mais possibilidades, cursos de curta duração, talvez, para trabalhar com coisas mais específicas, técnicas específicas. E, assim, pelo menos alguma obrigatoriedade, porque, senão, muitos alunos vão sair de um programa de pós sem ter discutido sobre isso e refletido, efetivamente, sobre como fazer uma avaliação, como se portar em sala de aula, como resolver algumas questões... (E10)

... metodologia do ensino, normalmente, fica opcional. Mas, eu acho, isso é, minha opinião, que a de ensino deveria ser obrigatória. Você vai formar um pesquisador, mas 90% ou pelo menos 80% do público que sair do mestrado vai dar aula. Então, é essencial que ele saiba dar aula, que ele saiba pelo menos o básico de metodologia do ensino. Então, eu colocaria metodologia do ensino e a monitoria didática como obrigatória. (E19)

Talvez, até tornar a disciplina de metodologia do ensino obrigatória, porque a gente acaba tendo outras disciplinas obrigatórias, que são extremamente importantes, mas não focam metodologia de ensino. E, talvez, o fato dessas disciplinas não serem obrigatórias, o aluno, como é o meu caso, acaba tendo a opção de não fazer. E, talvez, acaba sendo um profissional docente, digamos assim, não tão preparado quanto outro que tenha

cursado a disciplina. Nesse sentido, eu acho que, talvez, esses cursos deveriam ser, obrigatoriamente, para os alunos a disciplina de metodologia. (E22)

É bem complicado essa questão do obrigatório ou optativo. Porque acho que, no cenário ideal, seria bom que as pessoas pudessem montar as suas grades, o seu catálogo de curso durante o doutorado e o mestrado, de modo que atendesse às suas necessidades. Então, a pessoa poderia ter digamos uma certa autonomia de escolha sobre o que seria melhor para ela, enquanto ser professor ou o profissional que ela está buscando no mestrado e no doutorado. Mas, por exemplo, hoje, a gente ainda, pelo menos em contabilidade, a gente não tem essa maturidade, eu acho, de modo geral. Mas a gente tem algumas disciplinas que são obrigatórias e outras que são optativas. Então, por exemplo, metodologia de pesquisa em contabilidade é uma disciplina obrigatória nos programas. Então, eu fico pensando, porque metodologia do ensino em contabilidade, então, não poderia ser obrigatória, pelo menos. Então, assim, para o cenário hoje, já seria um avanço estipular que todos os programas de pós-graduação tivessem metodologia do ensino de contabilidade como obrigatória, assim como metodologia da pesquisa já é, indo pela lógica de que os programas buscam formar professores e pesquisadores. Então, eu acho que seria o mínimo para começar. (E21)

Olha, essas disciplinas têm muito aquela coisa, assim, também às vezes, as coisas que são forçadas não têm tanto sucesso. Mas, algumas coisas, se a gente não força, as coisas não saem. Eu penso que a gente não precisaria, assim, inflar o leque das disciplinas obrigatórias. Mas, eu penso que, pelo menos uma aproximação, pelo menos uma disciplina com esse tipo de abordagem, o mestre ou um doutor poderia ter no seu currículo. Ainda que fosse alguém que é da área de mercado financeiro e de créditos de capitais, por exemplo. Acho que aprendizado sempre é aprendizado e, de alguma forma, se essa pessoa resolveu seguir uma carreira acadêmica, alguma aproximação com sala de aula, ela poderia ter. Que não vai ter prejuízo nenhum. Poderia ser obrigatório, sim. (E20)

Eu acredito que, pelo menos uma disciplina de didática, poderia ser obrigatória. (E25)

Bom, a minha opinião, ela pode não ser de grande valia. Porque eu também, não sou um especialista nesse assunto. Mas, no mínimo, passa pela oferta de uma disciplina. No mínimo. E que ela fosse uma disciplina obrigatória, independentemente de linha de pesquisa. Ela fosse obrigatória geral, todo o estudante *stricto sensu* deveria cursar uma disciplina, pelo menos, pelo menos uma disciplina, de 60 horas-aula, que seja, que tivesse como objeto a formação do docente. Entender como que funciona a formação docente, como que funciona a relação de ensino-aprendizagem, quais são as técnicas que a gente pode trabalhar em sala de aula, o que a gente pode fazer, o que a não deve fazer, etc. Fora disciplina, os estágios docência são programas que deveriam ser incentivados. Hoje, eles são obrigatórios apenas para quem é bolsista. Mas, é um erro. Deveria ser obrigatório para todo mundo participar do estágio docência. (E14)

O que talvez devesse haver uma necessidade disso. Por exemplo, uma disciplina obrigatória de metodologia do ensino, para que todo o programa formasse docentes. Acho que esse seria um ponto. Porque, aparentemente, o mercado valoriza pouco isso. E [isso] é uma coisa ruim. Porque a gente forma pessoas. E a formação docente é algo que você não aprende muito. Você tem que entender que existem técnicas, existem métodos. Então, talvez, embora eu não goste por princípio, eu não gosto muito de regulação de influência externa, de influência governamental, talvez uma disciplina de ensino fosse muito importante nesse sentido. (P2)

Nós tivemos muitos debates sobre ter uma disciplina obrigatória de didática. Muitos debates lá atrás. Mais recentemente, isso não tem acontecido. E tem um grupo que diz, assim, eu até me incluo nesse grupo, se é para ter uma disciplina obrigatória didática deveria ser porque o aluno vai precisar de mecanismos para ele sobreviver, ter inserção e tudo mais. A absoluta maioria dos nossos doutores vão dar aula? Com certeza. Talvez alguns poucos gerem, em termos de pesquisas e publicações. Mas, certamente, darão aula. Então, esse olhar pedagógico, ou coisa do gênero, deveria ser muito mais forte inclusive do que é. Esses mecanismos que nós temos, eles são mínimos, ter uma disciplina, ter uma área que está preocupada com isso, ter a existência do PAE. Mas, eu acho que nós deveríamos ter mais mecanismos realmente de estímulo para essa área. (P14)

Dentre os entrevistados, aqueles que defendem as ações de formação serem optativas, argumentam que nem todas as pessoas que fazem pós-graduação querem, realmente, seguir na docência. Além disso, também são apontados os aspectos de carga horária referente a outras atividades e a possibilidade de menor comprometimento com as atividades de formação docente, quer seja disciplina, quer seja a monitoria, se forem obrigatórias.

Isso é interessante, porque, por exemplo, no mestrado ela era obrigatória. Essa disciplina, ela era de cunho obrigatório, pelo que eu me lembro. Ou, se não era optativa, era "optatória". Nesse sentido, então, eu vi muito valor nela quando fiz ela no mestrado, de repente pelo foco, como muitos professores ou pessoas que buscam o mestrado têm esse interesse pela docência, pela sala de aula, propriamente dita, então, eu vejo um alinhamento: você atrelar essa disciplina como algo obrigatório. No ambiente do doutorado, eu acho válido também, no sentido de que, pela própria demanda do nosso país, é quase que natural que os professores pesquisadores em programas sejam também professores em sala de aula, que necessitam desses arranjos e dinâmicas e, enfim, essa preparação para a sala de aula. Eu acho quase que natural que tenha um espaço para essa discussão, também, no ambiente do doutorado. Mas, a gente sabe que, de repente, tem pessoas que não têm a docência como um objetivo, estão interessados na pesquisa em si, ou em um tema específico. Então, de repente, ter essa disciplina como algo optativo, traz a oportunidade, a possibilidade para esse profissional se aperfeiçoar. Mas, que ainda assim, a própria estrutura curricular do programa permita que se tenha um contato em relação a isso. Ou chame à atenção para essa importância. (E30)

Então, o que eu acho é que, talvez, assim, é claro que a gente tem que ver qual que é o foco da pessoa que está fazendo pós-graduação. Se a pessoa diz: 'Ah eu estou fazendo doutorado, mas eu vou voltar para o mercado de trabalho', então, para que que ele quer saber metodologia de ensino? Então, por isso, que eu acho que, se a pessoa está com interesse de docência e quer saber mesmo outras formas de ensinar, acho que tem que ser a cargo dela. Por isso, que eu acho que não tem que ser obrigatório nada. Pode ter oferecimento de disciplinas. Mas nada de ser obrigatória. Tanto que não sei se eu faria, realmente. Como eu não fiz, na verdade. Se fosse obrigatório, daí eu faria. E eu também não ligaria de fazer por causa do meu foco em docência. Mas, quem não tem esse foco aí, realmente, não iria gostar. (E2)

Eu acho que sim, não de forma obrigatória, mas, de forma voluntária. Não acho legal você obrigar o aluno que faz doutorado ou mestrado, mas não tem interesse na área acadêmica. Se for uma coisa obrigatória, não faz sentido, eu acho. Tem que ser uma

coisa voluntária, que a pessoa realmente busque porque, realmente, acha que é importante ou tem interesse. (E9)

Eu acho que deveria ser de cunho optativo, mas com recomendação do programa de pós-graduação. Acho que a obrigatoriedade pode ser que cause desinteresse em alguns alunos. Porque, por exemplo, muitos dos ingressantes na pós-graduação, às vezes, não querem seguir carreira acadêmica. Então, fazer a disciplina obrigatoriamente, não que seja uma perda de tempo, porque aprender é sempre bom, mas esse tempo que ele está se dedicando à disciplina de formação docente poderia ser empregado em pesquisa, no trabalho que ele tem. Então assim por não ser todos os ingressantes que tem interesse na carreira acadêmica mas tem interesse em pesquisa ou fazer a pesquisa para ajudar no seu trabalho ou para aprimorar profissionalmente, eu acho que deveria ser optativa, mas obviamente para aqueles que têm a intenção de ingressar nessa carreira docente após o curso de mestrado ou doutorado acho que é muito interessante fazer, mesmo porque é a essência daquilo que ele vai praticar durante vários anos que é o ensino. (E28)

Eu acho que é o seguinte eu ofertar isso de forma complementar e não obrigatório... porque vamos imaginar os programas da forma que eles são estruturados hoje, se eu vou para a linha de usuários internos e usuários externos, o que vai variar de programa para programa, mas você tem basicamente duas linhas e você tem um monte de disciplinas na formação que você escolheu (usuário interno, usuário externo, enfim), então eu tenho que estudar tudo isso e se a gente pega a média dos alunos que entram no mestrado e no doutorado, a gente já tem uma base muito limitada na formação principal que é Contabilidade, a gente tem uma barreira enorme da língua inglesa, então o aluno já tem lá toda a pressão que ele tem; para aquele período curto de tempo ele tem que superar a barreira da língua inglesa, ele tem que estudar disciplinas obrigatórias, que não necessariamente estão alinhadas com o que ele está querendo pesquisar, e não é raro o aluno do pós ele trabalhar, ou seja, com afastamento parcial ou sem afastamento fazer a pós-graduação. Então ele tem uma série de barreiras, se eu forçar ele a fazer alguma disciplina de formação de docência isso seria complicado, agora eu acho que isso é uma lacuna. (E18)

Agora é claro que muitas vezes você vai ter aquela pessoa que já está na docência e talvez essa imposição da disciplina ser obrigatória, talvez ela não seja interessante para algumas pessoas, eu acho que depende muito da percepção da pessoa que está fazendo a monitoria, que está fazendo PAE, o quanto que aquilo vai agregar para ela quanto profissional da área de ensino. (E24)

talvez o que acabou tendo mudado e contribuído no estágio docência foi o meu interesse maior em aprender, ou seja, eu fiz o programa para aprender e como não era obrigatório, quer dizer eu fui lá para fazer algo que eu queria fazer e da forma que eu queria fazer, quando é obrigatório talvez o resultado não seja o mesmo que eu estou te falando, para quem fez obrigado a fazer. (E18)

No entanto, caso as atividades relacionadas à formação docente sejam optativas, pela questão de tempo necessário para as outras atividades, percebe-se que, mesmo tendo algum interesse, os pós-graduandos, às vezes, acabam não cursando a disciplina de metodologia do ensino, por exemplo.

Embora eu não cursei, tendo em vista essa bagagem que eu trouxe e aí o volume de disciplinas que nós temos também no doutorado, eu acabei não cursando a disciplina da professora [...], que eu vejo que ela é extremamente importante nessa formação do professor da área de contabilidade. (E24)

Nesse contexto, a fim de aproveitar a grade de disciplinas já ofertadas e considerando as barreiras de tempo, volume de disciplinas e atividades do mestrado e doutorado, uma sugestão apresentada é a de trabalhar as questões de ensino dentro das próprias linhas de pesquisa. Ou seja, assim como já se trabalha a pesquisa por meio da elaboração de projetos ou artigos científicos nas disciplinas, por exemplo, também se poderia pensar em trabalhos que se voltassem para construir propostas e efetuar pesquisas sobre como poderiam ser ministrados os conteúdos para a graduação, por exemplo.

eu acho que o programa tem a responsabilidade em formar para a pesquisa e formar para a docência, eu acho. E o foco muito grande em pesquisa e, já é atribulado. Daí, eu fico pensando: ‘Será que teria mais carga ou não teria? Será que dá para alinhar algumas matérias com a questão de docência?’ Então, por exemplo: ‘Ah, a disciplina de custos que eu fiz, será que pode focar em pesquisa ou melhor focar em docência?’ Algumas matérias, assim, das linhas, não sei se precisa ter um foco tanto em pesquisa. Pode ser docência também. Os seus conceitos, como é que avalia? Então, ter coisas de disciplina envolvidas naquilo. [...] às vezes, assim, não em substituição, mas algumas matérias estarem alinhadas com uma perspectiva de ensinar para a docência. Como essa matéria de custos que eu citei, então, ter algumas atividades, ali, de avaliação. Ah, no final da disciplina, eu não lembro se eu tinha que montar um projeto de artigo. Mas, ao invés de montar um projeto de artigo, eu vou montar uma avaliação sobre aqueles temas de custos que eu aprendi ali, ou vou montar uma aula para a graduação, ou vou montar um curso para a graduação, alguma coisa assim. [O tema de] Gecon, a mesma coisa. [O de] Controladoria, também, a mesma coisa. A gente tem os temas lá, mas, às vezes, fica solto: Numa graduação, o que vou dar de aula? E, às vezes, foca muito em pesquisa. Você tem que fazer projeto, tem que isso e aquilo. Mas, às vezes, essas matérias poderiam ser direcionadas para docência e outras matérias, como Seminário de tese, Fundamentos e coisas mais gerais, Metodologia da pesquisa, para pesquisa, ok. Mas, outras matérias até no *core* mesmo de cada área, podem ser focadas no ensino, eu acho. (E8)

Formação docente, eu acho que os cursos de pós-graduação, eles deveriam ter, assim, um módulo que foque na área didática pedagógica. Mas, é como eu falo, depende muito do foco do programa. Se o programa ele tem um foco muito estruturado para a área de pesquisa... mas, talvez, um ponto-chave que a gente possa fazer um alinhamento é como aplicar essas pesquisas ou como esse conhecimento gerado dentro dos programas, como eles vão se reverter para dentro da sala de aula. Porque, por exemplo, a gente faz uma pesquisa na área de mercados financeiros e por aí vai, que é publicado numa revista tal. Como que essa publicação, ela vai ser sedimentada e vai ser conseguir que seja transmitida em aula? (E27)

Outra sugestão apresentada seria ofertar a disciplina de curta duração, para ter mais chances de atrair os pós-graduandos vinculados a outras linhas de pesquisa que não a linha 4, a linha de ensino e pesquisa contábil.

se for fazer uma matéria específica, que eu até pensei em fazer, que até chegou a ser oferecida, eu acho que ela tem que ser de curta duração para atrair interesse. Porque vai atrair interesse do pessoal da linha 4, com certeza. Mas, das outras linhas, como já tem esse tanto de matéria para fazer, vai dar prioridade para a linha, [...] então, se fizer uma de curta duração, às vezes, pode ter mais candidatos aí a fazerem. A ficar algo mais interessante mesmo. (E8)

Outros entrevistados e entrevistadas apontam que, ao invés de pensar na questão de obrigatoriedade ou não, seja incentivada e reforçada a importância de buscar uma formação docente, inicial e contínua.

E, aí, um comentário adicional, nesse ponto, é que talvez as Universidades pensem na obrigatoriedade ou não, não sei se precisa ser obrigatório. Mas, talvez, uma forma de se reforçar a importância da disciplina de metodologia de ensino. Já que, como você não deixa ela como obrigatória, muita gente não faz e acaba não criando aquela importância. E, infelizmente, no país que a gente vive, na cultura que a gente tem, se você não obrigar, se você não der uma chamada, as pessoas não se atentam. E vão sair por aí professores sem saber ser professores. (E16)

Na verdade, por um lado não necessariamente todo mundo que vai fazer a Pós vai virar professor depois. Mas eu acho que é a grande maioria dos casos. E eu acho que contribuir para que a gente tenha mais experiência como professor, eu acho que seria interessante. Incentivar que você participe como professor aqui ou que você dê aula sozinho em outro lugar, não sei, eu acho que falta um pouco desse incentivo, talvez. (E1)

eu estou pensando aqui que ninguém chegou para mim e falou que essa era uma possibilidade. Os orientadores, dentro dessa ideia de formação do profissional, de educador, estimularem que os orientados façam disciplinas na área dos diversos departamentos de Educação que existem em cada programa. (E18)

Eu acredito que isso aí tem que ser optativo. Porque, assim, dentro de um programa de pós-graduação, cada aluno tem que construir, como eu falei. Eu sou muito do construir o seu conhecimento. Então, eu acredito que, no caso, o ponto mais importante é que o aluno construa o seu conhecimento e veja as competências que ele precisa e, aí sim, julgar isso como sendo interessante, importante para o aluno. Não precisa falar, assim, ‘você tem que fazer!’ Eu sempre falo que algo que é feito por obrigação, o aluno acaba tendo um rendimento menor ou ele faz para cumprir. Às vezes, a maioria faz para cumprir um pouco de tabela. Eu sou muito do, acredito assim: mostra para o aluno que aquilo é importante para a formação dele como pesquisador. Mas, não só como pesquisador. Mas, também, como professor, fala: ‘Olha, faz uma monitoria com o professor A, porque é importante para você aprender a dar aula.’ Isso é importante mostrar. Eu acho que é mostrar a importância. A partir do momento que você mostra a importância, e a pessoa acaba vendo que aquilo é importante para ela, ela dá mais valor àquele conhecimento e você tem uma taxa de aprendizado maior [...] (E27)

Eu acho que deveria ser de cunho optativo, mas com recomendação do programa de pós-graduação. (E28)

No entanto, apesar dessas controvérsias, é importante retornar aos conhecimentos mencionados na seção anterior, como metodologias do ensino e estilos de aprendizagem, por exemplo. Será que a monitoria ou o estágio do PAE conseguem trabalhar esses conhecimentos? Ainda mais se considerarmos que, de acordo com as entrevistas, a maioria das estratégias utilizadas em aula ainda se concentram na aula expositiva. Além disso, apesar de o PAE ter uma preparação pedagógica, apesar de algumas pessoas até terem achado as palestras interessantes, enquanto outros acharam que foi uma atividade burocrática necessária para fazer o estágio, não foi possível identificar uma articulação entre a etapa de preparação pedagógica e o estágio docência, no sentido de contribuir para a reflexão sobre o ensino. Já o fato de ter cursado uma disciplina, foi apontado por uma das entrevistadas como um ponto importante para que ela pudesse refletir sobre o estágio docência e por outros entrevistados como algo muito importante na sua formação docente.

Hoje eu percebo, por exemplo, que essa disciplina que eu tive no mestrado, eu tenho utilizado bastante para minha preparação, principalmente a questão do planejamento de aula. Até os próprios materiais que a gente utilizou durante a disciplina, em relação a plano de aula, cronograma, desenvolvimento do conteúdo ao longo do semestre. Todas essas preparações que em algum momento discuti na disciplina, eu retomei no momento que eu estava planejando meu semestre, ao iniciar o planejamento das minhas aulas durante o semestre. Então, eu percebo bastante valor nessa disciplina em relação a preparação do docente. Consigo visualizar a importância prática da questão da discussão teórica, vamos dizer assim. (E30)

Sim, acho que foram momento válidos, sim, em relação a esse processo de ensino-aprendizagem. Principalmente, pela experiência da disciplina de práticas de ensino que eu tive no mestrado. Eu acho que isso me permitiu ter o *background*, assim, para direcionar ou perceber valor em questões específicas, no momento da monitoria. Eu acho que isso ajudou muito. De repente, para o aluno que não teve esse contato inicial com uma disciplina específica, para isso tenha sido um pouco mais... ou esse processo de monitoria tenha sido um pouco mais disperso. Mas, aí é uma questão muito particular. Eu vejo que a monitoria foi importante e algumas práticas específicas ou momentos específicos da monitoria, eu conseguia ligar à importância relacionada à disciplina que eu tive no mestrado, de ensino. Então, isso esteve muito atrelado na minha cabeça. (E30)

Eu fiz durante o doutorado uma disciplina de docência no ensino superior. E essa disciplina também foi fundamental. Porque, ali, ela fez a gente gerar várias discussões sobre os vários aspectos que envolvem a docência, avaliação de alunos, avaliação de instituição, avaliação de conteúdo, bibliografia e uma série de coisa, e isso foi extremamente importante. (P4)

Agora essa disciplina que eu tive no mestrado foi muito útil para mim. Foi uma só, chamada metodologia do ensino. Não era da contabilidade, tinha até uma professora da educação que veio dar a disciplina para a gente. E eu achei que para mim foi

fundamental. Ela ensinou métodos, técnicas que eu aplico até hoje, foi muito interessante. (P5)

Deste modo, é importante refletir a respeito da importância de se ter uma parte teórica também atrelada à prática. Como afirma Harden e Laidlaw (2016), é importante ter uma caixinha de ferramentas, ou seja, ter conhecimento sobre várias metodologias para poder optar por usar o que julgarmos melhor diante de cada situação. Mas, se o aluno não tiver essa caixa de ferramentas, será que a reflexão e o aprendizado dele na monitoria não fica limitado? Afinal, ele só terá como subsídios para refletir sobre o estágio, nas suas experiências anteriores como aluno ou, eventualmente, como docente e a própria experiência do estágio, sem ter um arcabouço teórico que permita também pensar em alternativas.

Nesse contexto, também foram sugeridas, como opção de formação teórica para a docência, atividades de menor duração como *workshops*, seminários, minicursos, que incluíssem também interação com outras áreas.

É, não só disciplinas em si, mas eu acredito que alguns seminários, algumas discussões e buscar também a interdisciplinaridade. Porque, ficar também só no núcleo do programa de pós-graduação, discutindo didática, sendo que, muitas vezes, as outras áreas têm avanços que podem contribuir para a contabilidade. Então, acredito que não só uma disciplina obrigatória. Mas, eu acredito que o contato com outras áreas, para também não ficar muito endógena essa questão de técnicas de ensino. Então, eu acredito que um contato mais amplo, termos seminários, também seria interessante para os alunos no programa de pós-graduação. (E25)

Eu acho que outras atividades também seriam válidas, outras formas de interação. Acho que é sempre rico. Às vezes seminários, palestras, *workshops*. Eu acho que tudo isso é bem válido. Teve até uma iniciativa recente da pró-reitoria de pós-graduação, daquela disciplina *online* de docência. Então, acho bem interessante. Então, você entra lá, você tem a plataforma e você consegue interagir com pessoas de outras áreas, de outros cursos. E acho que isso também é bem importante, da contabilidade também se relacionar com outras áreas. Porque, às vezes, a gente acaba se isolando muito e isso, às vezes, acaba até sendo meio prejudicial. Porque a gente só vê o formato de um professor dando aula e, geralmente, os professores de contabilidade e os contadores eles já tem ali um padrão bem parecido, ah, de conta “T”, de demonstrações contábeis, etc. Mas, será que não tem outra forma?! E quando a gente se aproxima de outros cursos, a gente vê outras formas de se dar aula. (E16)

É que nem eu falei para você, eu acho que deveria ter oficinas pelo menos uma vez por semestre e os alunos terem que participar, visto que é um mestrado acadêmico, mestrado e doutorado acadêmico. Por exemplo, oficina de uma tarde ou duas tardes a cada semestre seria importante ter. (E17)

Eu acho que os *workshops* seriam mais interessantes que disciplinas, do que uma disciplina completa. Talvez tipo uns minicursos, alguma coisa assim, ao longo do

doutorado. Talvez não necessariamente obrigatório. Talvez nem valendo crédito, para que seja uma coisa mais para quem tem interesse poder participar. Mas acho que seria interessante, alguns *workshops*, algumas coisas mais simples. (E1)

Eu não tenho disponibilidade e talvez nem competência para tanto. Mas que nem eu falei do Moodle, eu acho que tinha que ter um *workshop*, se não na preparação pedagógica, tinha que ter um *workshop* de uso do Moodle ou de sistemas eletrônicos, plataformas de ensino. Porque eu acho que isso pode melhorar muito a troca com os alunos e o potencial do ensino. Eu acho que tem muita coisa para aproveitar na ferramenta que são raros professores que usam e, se usam, usam pouco, mal ou errado. (E12)

Não necessariamente disciplinas. Eu acho que disciplina você direciona para um único foco: a disciplina é essa, a disciplina tem esse objetivo. Mas, eu acho que tem outras ferramentas como *workshop*. Aqui, na FEA, mesmo eu já vi algumas iniciativas de trazer professores que adotam uma determinada metodologia para uma palestra. Então, não chega a ser uma disciplina, mas é uma palestra, um *workshop* ou uma discussão sobre essas alternativas. (P19)

Ainda no que se refere a alternativas, na parte da prática, foram citados como exemplos, cursos oferecidos pelos próprios pós-graduandos, os estudantes organizarem algum minicongresso sobre docência ou uma revista voltada para a parte de ensino na nossa área, ou um trabalho em conjunto para pensar na estruturação de cursos/disciplinas e atividades de extensão em escolas públicas.

Uma outra saída, mas aí isso vai de estrutura para estrutura, seria tentar oportunizar aos alunos do mestrado ofertarem alguns cursos de curta duração. De repente, pega os alunos de graduação, eles precisam ganhar uma carga horária. Coloca os alunos do mestrado oferecendo cursos de curta duração para esses alunos da graduação. Então, de repente, alguns conteúdos, [como] métodos quantitativos, métodos qualitativos, coisas que os alunos podem utilizar de repente no TCC na graduação, ou materiais complementares que não tem na graduação, sei lá, de repente, alguma coisa que em algumas faculdades talvez não tem na graduação, [como] Big Data, entre outras coisas, os alunos do mestrado poderiam fazer seminários sobre isso ou cursos de curta duração. Oferece para a graduação e, de repente, pode ser até uma fonte de recurso, aí, tanto para os mestrandos ou para os programas, ou mesmo que fosse um custo baixo, só para poder dar o certificado. Acho que ofereceria ao aluno do mestrado uma oportunidade de testar uma sala de aula. Porque acho, até saindo um pouco talvez do contexto de mestrado, vejo muitos alunos falando que querem dar aula. Mas eles nunca viram uma sala de aula. ‘Ah eu quero ser professor.’ Mas eu costumo brincar que treino é treino, e jogo é jogo. Na hora que você fala: ‘Eu quero ser professor.’, é uma coisa. Na hora que você está na frente da sala de aula, sala cheia, e você tem que entregar ali, aí, a coisa é um pouco mais difícil. (E19)

Eu acho que poderia ter talvez duas coisas, que poderiam ser interessantes, um laboratório de congresso, que nós mesmos, os alunos, montássemos um congresso, como se fosse um evento, com apresentação, fazendo todos os papéis. Não sei se isso seria muita viagem. Mas, seria como se a gente pudesse organizar um evento. Mas, que não fosse aberto, seria um evento que nós fizéssemos um minicongresso, vamos dizer

assim, passando por todas as etapas de organização de um congresso. Ou, talvez, de uma revista, de uma revista científica da nossa área. [...] [seria relacionado à docência] pelos temas, pelos tópicos da discussão do congresso ou da revista. É que, aí, eu pensei mais no lado acadêmico, só que explorando o tema de ensino. Mas, também, poderiam ter *workshops* de exploração desses métodos diferentes de ensino, PBL ou poderia ser estudo de caso, poderia ser contar histórias, o que fosse o mais amplo possível. Tanto é que, na hora que a gente vai falar, a gente fala meia dúzia. Esse é para meia dúzia. Mas, se tivesse mais assim, talvez pudesse ter tantos métodos quantos o número dos alunos, se for explorar, talvez, tenha coisa por aí que a gente não imagina. Se tivesse que explorar num workshop, de um ano para o outro, se não for repetir, a gente começa a descobrir mais coisas que está sendo até, talvez, até sendo feito por aí...(E6)

Eu estava pensando, outro dia, que, assim, se um grupo de pessoas do doutorado ou do mestrado, por exemplo, a gente fala: 'Nós vamos tentar propor um curso na área de controladoria, da disciplina de controladoria, ou de contabilidade de custos.' Como que seria esse curso? Como que a gente formataria? Qual material você utilizaria? A gente montaria *slides*, montaria? Quais atividades que teria? Quais são as opções de temas?... Então, eu acho esse tipo de discussão, a gente não tem oportunidade de ter. Provavelmente, vou ter quando for começar a dar aula e vou montar o meu material. Mas, só que isso sendo com mais pessoas e tendo o auxílio de um professor, por exemplo, daqui da casa, às vezes, a gente conseguiria montar algo mais interessante. Até acho que assim, é bom o resultado, a gente ter um curso já montado. Mas, é bom também o processo de discutir o que que é necessário se levar em conta para montar um curso. Então, eu estava refletindo isso recentemente mesmo, a gente tem aqui muitas pessoas especialistas, cada um pesquisa numa área um pouco diferente. Mas, a gente tem em comum o interesse por alguns temas e cada um vai para o seu caminho, cada um vai montar seu material e, assim, se a gente unisse de alguma forma e montasse conjuntamente, acho que todo mundo teria aprendido. Tanto aprendizado teórico sobre os temas em si, porque a gente teria que estudar para montar as coisas. Às vezes, até faria mini-seminários só para a gente apresentar mesmo aqueles conteúdos para a gente mesmo, para a gente estar mais preparado para a docência. (E8)

Olha, eu acho que não no caso da monitoria, ela é muito perigosa. Porque não pode o monitor dar aula no lugar do professor. Por outro lado, eu acho que o aluno só acaba desenvolvendo se ele tiver oportunidade real de ministrar algumas aulas, ainda que sejam práticas. E ainda que sejam sob o acompanhamento do supervisor. O problema grande é que, como eu posso falar, deixa eu pensar direito numa maneira. Eu acho que um jeito que seria muito ideal de ajudar a desenvolver o professor, o aluno como professor e, eventualmente, como esse indivíduo está numa universidade pública, ele talvez conseguisse resolver dois problemas, um próprio de experiência mesmo e outro de ajudar a sociedade. Que seria fazer estágios, não em disciplinas técnicas de graduação. Eu acho que, em boa parte, se desenvolve muito quando o indivíduo, ele tem a capacidade de simplificar temas muito complexos para uma plateia que tem ou muita dificuldade, ou não está preparada para aquele nível que o indivíduo está acostumado. Então, eu vou te dar um exemplo, teve um momento da minha vida, quando eu comecei a dar aula, que eu tive a experiência, aí, é uma questão de benevolência pura. Eu ajudava, eu ensinava em um cursinho, não um cursinho pré-vestibular, era um programa de alfabetização para adultos que tinha na região sul de São Paulo. Então, o que eu fazia?! Eu ajudava, ensinava analfabetos, mesmo, literalmente, a fazer contas de somar, dividir. Porque a pessoa, ela precisa mesmo é lidar com dinheiro, contar dinheiro, saber fazer operações básicas de adição de peso de frios na padaria, coisas elementares que para um

indivíduo que é desenvolvido, tecnicamente falando, instruído, esse indivíduo sabe fazer numa boa e sabe viver numa boa com essas questões. Agora, é muito triste uma pessoa que não sabe ler tomar um ônibus. Ela não consegue entender os números. Então, a minha grande experiência, quando muito me desenvolvi, foi longe da Universidade, tanto em âmbito privado, quanto em âmbito público. Mesmo que eu estivesse nas monitorias didáticas e tudo mais, foi nesse lugar em que eu tive, vou falar uma coisa quase grosseira, tive que rebaixar o nível que eu estou acostumado, para tentar simplificar todas aquelas coisas que para a gente passa totalmente despercebido e, eventualmente, alguns raciocínios são razoavelmente complexos para uma plateia que não sabia ler e escrever. E, isso, é uma arte. Então, imagina o seguinte. Talvez um grande fator de desenvolvimento do docente, seria ele estar exposto a esse tipo de plateia. Estar em uma escola pública, dando plantão ou dando aula. Porque a gente sabe que no setor público de ensino básico há um déficit, uma carência grande de professores. E na universidade, há um monte de gente que está fazendo mestrado ou doutorado, que tem a oportunidade de devolver um pouco para sociedade aquilo que a sociedade está investindo nele. E dessa maneira, é bom para todo mundo, uma parte para a sociedade, outra parte pro desenvolvimento próprio. Eu imagino que esse seria o melhor dos mundos. (P18)

4.4 Estágio docência e reflexão sobre a prática docente

Tanto o PAE quanto a monitoria didática são vistas pelos estagiários e pelos professores como atividades que se diferenciam por aspectos formais e estruturais. O PAE é uma atividade institucional da Universidade de São Paulo, que é realizada de forma obrigatória pelos pós-graduandos bolsistas da CAPES. No PAE há a possibilidade de receber uma bolsa. Há uma etapa de preparação pedagógica anterior ao estágio obrigatória e uma carga horária semanal de seis horas, que implica na concessão de dois créditos aos alunos do Programa de Pós-graduação em Contabilidade da USP. Já a monitoria didática é uma disciplina do PPGCC/USP, que dá direito a quatro créditos, sendo obrigatória para os doutorandos do programa. No entanto, no que concerne a atividades, os professores, unanimemente, afirmam que não fazem diferenciação entre as atividades que delegam aos alunos da pós-graduação, que chegam a eles quer como estagiários do PAE, quer como monitores inscritos na disciplina de Monitoria Didática. Além disso, a maioria dos estagiários e monitores também acredita que as atividades variam de professor para professor e não por ser do PAE ou da monitoria didática. Por esse motivo, ambas as atividades foram tratadas de maneira conjunta, como sendo duas formas de estágio docência. Ou seja, buscou-se entender as percepções dos estagiários e dos supervisores em relação ao que seria um estágio docência que pudesse contribuir para a formação docente, considerando a teoria subjacente de Schön, a teoria da reflexão sobre a prática.

4.4.1 Estagiários

Neste capítulo será tratado o estágio do ponto de vista dos estagiários e/ou monitores, tentando entender o que seria um estágio docência ideal na percepção dos mesmos.

4.4.1.1 Processo

Alguns dos entrevistados mencionam que independentemente de como foi a monitoria ou o estágio do PAE, puderam refletir sobre a docência, pois é algo intrínseco a eles. Ou seja, sempre procuram fazer reflexões a respeito de todas as aulas que participam ou assistem, independentemente de a considerarem boa, ruim ou de como estiveram envolvidos.

Eu acho que isso é uma coisa que eu não consigo nem pontuar sobre esse momento especificamente, porque eu sou uma pessoa que reflito sobre ensino praticamente 24 horas por dia, eu respiro isso (só para ter uma ideia eu vou dar aula de repente ‘poxa não foi legal dessa vez vou tentar uma abordagem diferente’, até comprei um livro recente, [...], aí fui ler um pedaço de um capítulo lá especificamente, que foi um dos temas que me chamou atenção, aí já me deu ideias, assistir um pedaço da vídeo-aula e também já me deu a ideia, ah tem uma coisa diferente é legal, aí você leva para sala de aula e aí aquela aula se foi efetiva você sai ‘isso aqui é legal, acho que da próxima vez já dá para aprimorar aqui não sei o quê’ ou não, entra e faz uma coisa e de repente não foi muito legal aí você fala ‘da próxima vez ou eu abandono isso aqui ou vou tentar fazer de uma maneira diferente’; e eu tenho uma colega da [...] que ela está super preocupada com a questão de ensino, então a gente se trombou tá discutindo), então só estou falando isso para demonstrar que essa reflexão convive comigo o tempo todo, então certamente durante o PAE teve reflexão observando a maneira como os alunos estavam reagindo, observando a maneira como o [...] conduzia tudo, pegando para mim ‘poxa isso aqui foi legal, gostei do jeito que ele fez’. (E4)

Assim, eu sempre reflito sobre a postura do professor, na verdade eu não refleti por causa do PAE, toda aula que eu tenho eu acabo refletindo como o professor está dando aula, às vezes eu gosto de como a aula é conduzida aí eu anoto para não esquecer, que foi o exemplo que eu dei quando eu fui monitora; por exemplo, agora eu tenho um professor que dá prova antes de todas as aulas e eu acho isso fantástico e eu adotaria; mas assim, eu faço isso com todos os professores e não foi diferente no PAE. Mas eu não refleti porque era o PAE também... é um hábito que eu tenho. (E22)

Acho que sim, na verdade, não só por esses momentos de estágio docência, porque eu venho refletindo sobre essa questão da minha formação enquanto professora já desde muito tempo, eu acho que são ações que me ajudam a pensar, olhando, acompanhando, participando das aulas, como eu posso atuar enquanto professora, o que eu posso fazer, o que eu acho que eu não vou fazer, por exemplo, esse tipo de coisa, ajuda bastante a pensar sim. (E21)

Eu acho que sim, aliás eu diria que até mais, principalmente você ter oportunidade, não é bem também só oportunidade, mas você ter a obrigação de ir lá e assistir as aulas

também, então acho que a obrigação é importante para você fazer a autorreflexão seja "eu jamais vou fazer isso em sala de aula ou eu adorei acho que vou incorporar isso a uma das cartas na manga; isso aqui não ficou legal, mas talvez se eu fizesse isso aqui, poderia ser diferente e vou testar". Então sim, para mim independente se foi bom ou ruim a experiência com o PAE ou monitoria, até porque você fica lá obrigatoriamente em alguns momentos sem fazer nada, então o cérebro está trabalhando, então o que você faz?! ao menos para mim é assim. (E23)

Eu acho que essa reflexão ela foi realizada assim principalmente porque quando você tá na monitoria você está com outra visão, você não está mais lá como aluno se esforçando para poder aprender o conteúdo e fazer uma prova, você está observando a didática do professor, principalmente quando você tem acesso a diferentes didáticas de diferentes professores, você tem essa visão crítica e analisa qual a melhor didática, extensão de horas, tarefas que dá, metodologias de ensino, principalmente a comparação entre professores diferentes você consegue chegar a alguma análise do que você entende que seja melhor ou você acredita que você aplicaria de maneira mais adequada, o que seria melhor para o aluno... (E25)

Com certeza, é meu isso aí de estar aberto a repensar as aulas, eu sempre sou bem crítico em relação a isso, inclusive eu sou muito crítico comigo mesmo, então logicamente que eu já tinha isso, já fazia isso desde o começo e nessa oportunidade do PAE eu tentei absorver o máximo possível que eu pude dos supervisores. (E26)

Observação e reflexão pessoal, porque, como eu te disse, em nenhum momento teve um processo formal para isso, então é muito individual mesmo. (E29)

No entanto, considerando a forma de condução e as atividades desenvolvidas, o que foi visto como mais enriquecedor em termos de aprendizado e reflexão sobre a prática docente, foi o fato de poder participar de todo o processo da disciplina, ao longo do semestre. Dessa forma, consideraram que era importante não só desenvolver uma ou outra atividade isolada, mas sim participar de toda a experiência, do planejamento à avaliação final do aprendizado.

a monitoria acadêmica eu acho que é algo que vale se bem elaborada, bem feita, o aluno acompanhando o professor, planejando a aula, ajudando na aula, ajudando na avaliação, participando de todo o processo, eu acho válido, porque o aluno ao mesmo tempo ele entra no jogo, ele está fazendo parte ali da disciplina, ministrando tudo, só que ao mesmo tempo ele está sendo supervisionado, então ele tem alguém para defender ele, para proteger ele, quando ele pega uma disciplina e vai para a sala de aula, pegando uma faculdade, ele está sozinho, ele está exposto e aí ele pode criar algum probleminha e de repente ele já acaba sendo demitido ou ele perde o interesse pela área docente e não é porque ele não era capaz, mas porque naquele início ele precisava de um suporte maior, então acho que nesse passo a monitoria acadêmica ajuda. (E19)

Eu diria que se ele fizesse estágio docente como eu fiz para mim seria perfeito, onde você aprende a planejar, você trabalha na programação, você participa do planejamento da disciplina, obvio que o professor é quem tem as rédeas, ele que vai definir o que vai ser feito e o que não vai ser feito, mas você participar do planejamento, você entender o encadeamento dos conteúdos que vão ser trabalhados, então participar do planejamento, participar da execução, ajudar a preparar a aula, ajudar a corrigir exercícios, ajudar a

elaborar prova, ajudar a corrigir prova...e em sala de aula talvez eu permitiria ao monitor, ao estagiário, talvez fazer pequenas participações, como foi o meu caso, mas eu não acho correto você pegar uma disciplina e entregar ela inteira nas mãos de um aluno de mestrado, que está por exemplo fazendo estágio docência. (E19)

nessa disciplina eu senti que eu aprendi mais sobre pensar na minha atuação enquanto docente, por ter participado mais do processo da disciplina, não só ficado nessa posição mais operacional. (E21)

Assim como eu comentei dessa última disciplina, eu acho que foi muito rico para mim, porque em geral quando fala em monitoria e estágio docência é ir para a sala e acompanhar a aula de um professor, assistir, e depois dar uma monitoria ou corrigir uma prova, nessa disciplina eu pude acompanhar o processo; porque quando você acompanha uma aula ou uma disciplina o que acontece ali na sala de aula mesmo é uma parte, tem todo um processo prévio, tudo o que acontece antes, que vai possibilitar o acontecimento dessa aula e o que vem depois também (às avaliações, o *feedback* da aula, entender se foi uma aula boa, se a próxima precisa de um ajuste ou não). Então eu acho que o processo de uma aula, o processo de uma disciplina, ele é bem maior do que o momento ali da sala de aula, então eu acho que é muito importante para o aluno que ele acompanhe esse processo como um todo, para que quando ele for ser professor ou professora que ele entenda ou ela entenda que a profissão docente ela é muito mais complexa do que parece ser. Então se o PAE e o estágio docência são etapas da formação para uma pessoa atuar enquanto professora, que essa etapa, que o estágio do PAE, permita que a pessoa veja todo o processo. Então eu acho isso muito importante, que o estudante, o aluno, que eles tenham a possibilidade de acompanhar o processo de planejamento, a aula em si e a avaliação e o *feedback* que vem depois. (E21)

Tanto do PAE, quanto da monitoria, eu não consigo ver que eles deveriam ter funções diferentes, não consigo, pois acho que os dois estão querendo desenvolver a mesma coisa, então eu vejo que os dois deveriam ser tratados iguais. Porque eu acho que como eu gosto dessa coisa de *feedback*, de construção coletiva, eu acho que o professor deveria ajudar o estagiário com questões (porque ele tem muito mais experiência, muito mais vivência em sala de aula), mas também deveria ser uma oxigenação do professor de "olha tem gente nova, com pegada diferente, com trejeitos diferentes, seria interessante que fossem trocas em todos os processos, tanto de planejamento, de preparar a aula, quanto de execução, quanto correção de provas. Eu acho que deveria ser uma parceria, mais do que só ir lá e corrigir as provinhas. (E23)

Assim foram muitas atividades, mas foram atividades bem divididas entre apoio ao aluno (ao discente) e ao docente e essa inserção dentro sala de aula. Então acho que acompanhar o processo como um todo, desde a preparação da aula até a aula sendo realizada e aquilo que aquela aula gera de atividades, de produto, que o grupo desenvolve, que o aluno desenvolve, poder participar/acompanhar esse processo de avaliação (como avaliar, por que avaliar tal coisa e não avaliar outra coisa...), isso assim teve um crescimento muito bacana. (E24)

Eu acho que o papel do professor supervisor ele é de envolver o aluno no processo de ensino aprendizagem, ou seja, eu vejo que a interação do monitor dentro do processo, ou seja, ele é um terceiro elemento, ou seja, tem o docente, tem o monitor e tem o estudante, cada um claro nos seus respectivos papéis; mas a partir do momento que o docente envolve o monitor nesse processo, o ganho para o monitor ele é muito maior, é muito diferente de você estar tendo uma monitoria onde você só prepara listas de

exercícios, ou em que você só fica ali no computador alimentando o sistema Moodle para dar um apoio (seja por baixar material, baixar slides, fazer lista de exercícios), eu acho que isso é uma parte, mas não é o todo. O que eu valorizei bastante, que eu acho que seria bastante válido nessa formação do monitor é você entender desde o começo do processo que o docente tem, de preparar o programa da disciplina, preparar as aulas, desenvolver elas em sala de aula, até o processo da avaliação; eu acho que aí é um crescimento para o monitor, agora se ele fica só em um dos caminhos. Por exemplo: ele só assiste a aula, ele vai lá e só acompanha a aula do docente, mas ele não sabe por que aquela aula está ali ou por que ela veio antes/depois ou por que ele usou a abordagem expositiva e não um trabalho em grupo ou um seminário, que critério de decisão foi esse para trabalhar ali...ele simplesmente é um ouvinte; se é aquele monitor que ele só vai trabalhar com preparação de material, então ele vai ter um conhecimento sobre qual seria a melhor forma de preparar a aula – de material, no sentido de preparação de exercícios, seja de coletar material que possa ser utilizado naquele tema -, ele vai ter uma vertente e não nas outras; aquele monitor que vai auxiliar no processo avaliativo, seja desenvolvendo avaliação, seja ajudando a entender os pesos na distribuição daquela avaliação ou por que fazer uma prova, uma lista de exercícios, um seminário... ele vai ficar focado só no sistema avaliativo, ele vai ter só aquela percepção e não vai muitas vezes entender porque a escolha foi aquela, mesmo que aquela escolha seja impositiva pelo sistema, pelo currículo, pela instituição, mas há uma justificativa do porquê fazer dessa forma e muitas vezes você faz a monitoria e não consegue perceber isso. E aí eu acho que entra o papel do professor supervisor de envolver o aluno e apresentar essas abordagens, ou melhor, essas abordagens não, essas esferas, essas possibilidades, pensando que esse monitor vai ser o futuro professor e ele está se preparando para ser um futuro professor ou já está na área de docência e ele vai estar utilizando aí dessa aprendizagem como algo, seja na esfera positiva ou negativa, depende a experiência que cada um vai ter na monitoria ou no PAE e ele com certeza vai levar isso para a experiência de vida dele e a intenção é que ele aplique no futuro aquilo que ele aprendeu na monitoria ou no PAE, ou que ele traga a experiência de vida dele para auxiliar a melhorar aquela aula, aquele processo de ensino aprendizagem também. (E24)

Bom primeiro eu acho que existem os aspectos formais da aula, de novo, planejamento, então desde o planejamento do plano de ensino, depois o planejamento do plano de aula, planejamento das avaliações, critérios de avaliação e tudo que envolve essas questões, então desde essas questões formais mínimas que o professor tem que ter eu já deveria estar discutindo isso com ele e a partir dali eu estar discutindo aula a aula o que que deu certo, o que que deu errado, o que precisa ser feito para melhorar e, dentro do possível, embora às vezes como isso é muito corrido talvez não seja sempre possível de fazer é discutir assim ‘olha está vendo?! isso aqui é essencial, esse tipo de formação é essencial e você deveria estar buscando complementar sua formação com isso’, ou seja, estimular aquele estagiário, dentro daquela ideia de que ele deveria buscar complementarmente aqueles conteúdos da área de educação que a gente não tem no programa, nos programas de pós de contabilidade, estimular ‘tá vendo você deveria buscar formação nisso, nisto, naquilo’. Então eu acho que o papel nosso lá com o estágio docência ele vai desde os aspectos formais da aula até os aspectos de postura em sala de aula, de interação com os alunos, estratégias de interação, etc. e discussão com o estagiário a respeito disso, de como lidar com uma sala de aula. (E18)

A principal atribuição é da tutela, é envolver o aluno no planejamento da aula, para o estagiário entender que a aula começa com um planejamento do conteúdo que nós vamos trabalhar, do tempo que nós temos para trabalhar, que que nós vamos colocar,

que que nós podemos tirar, então desde o começo o professor tem que inserir o aluno no planejamento, e tem que estar presente na sala de aula para dar o suporte naquilo que porventura o estagiário falhou, acho que o professor tem que estar ali para corrigir o rumo, para corrigir o erro, e servir de apoio; então principalmente a tutela, eu acho que o professor que acolhe o aluno ele tem que compartilhar todas as etapas da disciplina, tudo, é provas, correção das provas, enfim tudo, trabalhos, elaboração de trabalhos... acho que não pode o estagiário ficar com uma parte apenas, o estagiário não deveria ficar restrito apenas ao ambiente dentro da sala de aula, fora também, tem que trabalhar também fora da sala de aula, e o professor tem papel fundamental nisso permitindo que isso aconteça. (E14)

Eu acho que discutir com o aluno o andamento da disciplina, eu acho que tem que envolver o aluno nessa dinâmica de aula: “temos uma disciplina, a gente tem que conduzir essa disciplina e como a gente vai conduzir isso?”. E orientar e explicar: o objetivo da disciplina é esse, eu estou pensando nisso...Envolver o aluno para preparar ele para quando ele for professor (que a gente é difícil preparar uma aula), daí essa é a hora para a gente aprender a preparar uma aula, por exemplo...uma aula ou preparar uma disciplina, entender a lógica da disciplina inteira, discutir ementa, discutir objetivo da disciplina, acho que é mais isso...E também tentar fazer o aluno participar da aula, não só como ouvinte, mas também tentar trazer o aluno para tentar conduzir alguma dinâmica, alguma discussão. É envolver o aluno no processo de ensino. (E5)

Não deixar só o estagiário de docência ser aquele cara que vai corrigir prova e corrigir exercício e formular questão de múltipla escolha, mas ele ser a pessoa que senta junto com professor e monta o conteúdo programático, ele monta o material junto com o professor, ele vai estar atuando em parceria com o professor e não só ele como o cara que vai fazer a correção dos exercícios, é diferente, e, sei lá, ele vai para a sala de aula também dar aula junto com o professor, então ele divide a disciplina, então é muito mais uma parceria do que simplesmente uma relação hierárquica do tipo ‘oh você vai fazer o trabalho mais pesado, porque é o que me demanda mais tempo e eu não tenho tempo e eu já sou docente’. (E3)

Fora isso acho que o que tinha te falado nas primeiras perguntas de você desenvolver o material e até mesmo planejamento do curso junto com o professor, então sentar junto com ele, ele falar ‘olha, a ementa que eu vou ter vai ser essa’ e isso eu só fiz numa monitoria que foi voluntária, que a professora sentou comigo e ela falou ‘olha eu queria fazer uma coisa diferente esse semestre e eu acho que você poderia me ajudar’, e ela me passou o que ela tinha de conteúdo anterior e pediu pra eu pensar em alguma coisa diferente, aí eu pensei e mandei para ela, a gente sentou e conversou, fechou as atividades do semestre e toda a semana a gente se reunia para rever como estava sendo o andamento daquelas atividades e como os alunos estavam reagindo, então assim foi a primeira vez que eu fiz algo que foi construído com o professor, todo o resto já me dava um programa pronto, falava ‘vai ser assim, vão ter essas atividades, o que você acha, tudo bem, então vamos’, só, não foi algo que foi construído junto e acho que isso é bem importante, porque te dá uma sensação de pertencimento naquela turma, você está construindo junto com professor e os alunos estão te dando *feedback* em relação àquilo, você está fazendo uma coisa em conjunto, não é só um pedaço acessório, tipo você está ali só para corrigir exercícios, porque normalmente é essa a impressão que dá o PAE, você está só lá num cantinho assistindo aula, e depois para você poder corrigir exercício para o professor. (E3)

eu não sei se ele tem responsabilidade sobre isso formalmente, mas eu acho que seria muito importante ele ter isso em mente, que ele está te ajudando a se formar como professor, então quanto mais ele puder participar disso melhor, então seria para te mostrar as coisas, quanto mais ele te envolver nos processos de didática dele mesmo, de elaboração de material, de preparação de prova, de discussão com os alunos, coisas assim, acho que ele acaba te preparando mais, então não sei se seria obrigação dele, mas eu acho que seria o papel social dele. (E9)

Então eu acho que na verdade ele deveria participar de todo o processo, eu até acho que eu não sou contra sei lá o monitor corrigir prova ou fazer exercícios, que nem eu falei, ficar corrigindo exercício, enfim, eu acho que o que falta talvez é envolver em todas as etapas, e de uma forma estruturada, não só como uma mão de obra adicional, mas assim se envolvesse o monitor desde o planejamento da disciplina 'olha, os tópicos que a gente vai trabalhar são esses, você tem alguma ideia de alguma coisa?', sei lá, desde o planejamento até o momento final lá, de ver como os alunos foram, o que deu certo, o que não deu, da avaliação final mesmo do curso, eu acho que aí você teria um ciclo completo de aprendizado mesmo, caso contrário fura alguma coisa. Então, na minha visão, para a experiência ser válida, efetiva, bacana, agregar, o monitor deveria ser envolvido em todas as etapas, mas não existe esse processo estruturado, o que eu percebi é que cada professor vê o monitor de alguma forma, alguns como 'alguém que está ali para olhar, para ver como eu faço', outros 'como alguém que está ali para ajudar, para me dar uma mãozinha', outros 'como uma mão de obra mesmo' (assim, 'ele está aqui para trabalhar, então tenho que arrumar atividades para ele fazer', e eu tive monitorias que davam mais trabalhos do que uma disciplina inteira no curso de pós-graduação). Então assim, como te falei, eu fiz, se não me engano, três PAEs e duas monitorias, então eu acompanhei 5 professores diferentes, e era bem diferente um do outro, por que? porque cada um enxerga o processo de uma forma, cada um enxerga o PAE de uma forma e cada um enxerga que você tem atividades diferentes para cumprir, então eu tive desde matérias que eu não fazia nada (ficava lá só olhando, só tinha que ir na aula) até outras que eu tinha que fazer tudo, até montar os slides do professor (montar os slides, corrigir as provas, corrigir os exercícios, dar algumas aulas, fazer tudo), então para mim isso não é um processo estruturado, é 'ah agora você tem um monitor, vê aí o que você vai fazer com ele'. (E29)

de repente repensar a estrutura dessa monitoria didática para que ela contemple todas essas fases do processo de ensino-aprendizagem, principalmente da exposição do professor em relação à condução da aula, a preparação dele efetivamente no sentido não só nessa visão mais passiva, de acompanhar o professor, mas também com maior envolvimento do aluno que está fazendo monitoria no sentido de participar do planejamento em si das disciplinas do semestre, ao longo do semestre, que vai tornando esse processo também um pouco mais natural para ele depois, quando tiver a sua turma, tomar a frente dessas outras questões além da sala de aula, daquele momento presencial efetivamente. (E30)

Mas, cabe destacar, que é preciso que se tome cuidado, para que esse envolvimento não seja excessivo ao ponto de sobrecarregar o estagiário do PAE ou o monitor. Algumas falas dão conta da preocupação com sobrecarga de atividades que pode recair sobre o PAE e a importância de alertar os professores que as atividades preveem um número limitado de horas de dedicação.

É, um exemplo específico seria na confecção dos exercícios. Eu acho que os alunos podem sim e devem ajudar na construção do material didático. Mas existiam certos professores que exigiam uma quantidade de exercícios, de produção semanal de exercícios, que nem o próprio professor daria conta. Então, exigia que os alunos fizessem provas e exercícios toda semana e que o próprio professor não preparava esse material. Então, não que o aluno não deva auxiliar na preparação do material didático, mas eu acho que tem que ser com o auxílio do professor. Eu não acredito que isso deva ser transferido totalmente para o aluno. (E25)

Eu também entendo, como parte do processo, você ajudar o professor a construir a prova, corrigir a prova, corrigir trabalho. Só que acho que tem que tomar um certo tipo de cuidado para que esse estágio não se torne uma escravidão. Tipo, ah, o professor delegar tudo que ele gostaria de fazer para o estagiário e não ter aquela noção de horas. Acho que tem que estar muito claro, tanto na mente do estagiário, quanto para o professor, que aquilo ali prevê um número de horas. (E16)

Eu acho que nessas atividades que eu fiz, por exemplo, todas elas são válidas. Eu acho que vale o bom senso do professor de não sobrecarregar o monitor. (E7)

4.4.1.2 Aulas

No que concerne a participar de todo o processo, há um ponto que não é consenso, que seria o fato de o aluno ministrar alguma aula sob a supervisão do professor. Há pessoas que consideram que isso é importante e deveria ser obrigatório. Já outros destacam que, na verdade, a aula se torna interessante a partir do momento que o estagiário realmente tiver participado do processo, não como sendo uma atividade isolada. Ainda, há quem argumente que o importante não é ministrar uma aula em si, no sentido de aula expositiva, mas, sim, ter a oportunidade de participar ativamente do processo de preparação da aula. E, um outro grupo argumenta que, a ministração de aulas não necessariamente que é algo que contribui muito para a formação ou que deva ser obrigatório.

Então eu acho que para ficar completa a minha experiência, teria sido se tivesse me dado uma aula que fosse a chance de ter dado uma aula teórica (o professor chegar para mim e falar, a aula de hoje é sobre tal tema, monta o material, manda e eu vou olhar e eu vou validar, mas deixa eu montar, não dá o material dele, deixa eu montar para eu ter essa experiência; ele dava uma orientada e eu montaria e ele me dava um *feedback*, ajustava e entrava na sala de aula), que não fosse uma aula inteira, que fosse um pedaço, mas aí acho que seria perfeito. (E4)

Eu acho que nessas atividades que eu fiz, por exemplo, todas elas são válidas [...] e talvez uma das mais interessantes foi essa experiência de dar aula, é que como quem está fazendo pós-graduação na maioria dos casos tem a intenção de seguir na docência, acho que é válido. (E7)

‘Nossa Senhora isso aí...a gente tá dando aula aqui, tem oportunidade de dar aula para os alunos que são bons, que vão exigir de você e com seu professor, seu tutor, na sala de aula para poder te assistir, poder te avaliar e te dar o *feedback*, eu só vejo como lado

positivo’, só acho que assim não pode ser uma carga gigantesca, o cara não pode dar metade do curso, mas uma ou duas aulas eu acho que a pessoa cresce com isso; não sei se no mestrado... eu dei, mas assim a confiança é menor vamos dizer, mas eu acho que é super importante. (E8)

para mim foi uma experiência muito importante ter um espaço para dar aula, então talvez se existisse um limite de uma ou duas aulas, seria interesse, mas eu acho que é muito produtivo, principalmente para mim que nunca lecionei foi uma experiência muito boa. Mas assim, acho que deveria ser bem monitorado pelo professor, bem acompanhado, então o professor estar na sala para dar um *feedback*, essas coisas. (E10)

Eu acho que isso é importante, mas talvez eu acrescentaria talvez a experiência de dar uma aula no lugar do professor, claro com professor acompanhando e fazendo a intervenção que fosse necessário, e talvez ajudar a planejar as disciplinas, mas aí eu não sei se o professor ia gostar da ideia, até talvez pela inexperiência do estagiário, mas acho que seria isso. (E22)

Eu acho que sim, eu acho que se a ideia é esse aperfeiçoamento educacional como docente, então é importante que partes da aula, ou algumas aulas, ele ministre sob a supervisão do outro docente, até para que o docente da disciplina consiga avaliar e dar algum *feedback* sobre se ele está indo bem, como está a sua dicção, como está o seu nível de explicação para a graduação e etc. (E26)

eu acho que o professor tem que entender que ele tem que dar abertura a uma experiência prática, porque o grande desafio que eu percebo [...] é assumir o processo de coordenação da construção de conhecimento, basicamente, falando de forma mais clara, é o aluno perder o medo de colocar o pé em cima do tablado, essa é a grande dificuldade que o aluno têm, porque o aluno ele é inseguro na hora de assumir uma aula, na hora de dar um exercício, na hora de encarar a plateia, encarar os alunos ao qual ele está ali, e se você não tem e se o professor não dá...lembrando você ter o professor acompanhando sempre, sempre fazer esse acompanhamento, o aluno subir em cima do tablado e dar uma aula de revisão, por exemplo, com o professor do lado ou às vezes com o professor e depois uma com e uma sem só, está bom demais...ele não tem essa experiência e aí ele acaba ficando com aquele medo e esse medo vai até ele terminar o programa e aí ele fica inseguro na hora de começar a dar as aulas dele. (E27)

Eu acho que isso seria o ideal, mas eu acho que sempre deveria incluir essa aula, como no PAE esse foi um caso em que o professor achava importante isso, eu acho que na monitoria também tinha que institucionalizar isso, de ter uma aula que o monitor dá sob a supervisão do professor da disciplina. (E17)

Eu acho que o professor deveria dar mais oportunidade do aluno do PAE poder escolher um conteúdo o ele próprio orientador, orientador que eu falo do PAE, dar um conteúdo para ele ‘olha, hoje você vai dar essa aula e da do jeito que você sabe e eu vou observar, eu vou intervir também na aula, até porque eu preciso que o aluno aprenda o conteúdo, então se você ensinar mal eu vou intervir e vou contribuir para que o aluno aprenda aquilo que eu gostaria que ele aprendesse’, por exemplo, então o professor seria observador nesse caso da gente e aí ele poderia conversar conosco depois e dizer ‘olha não é bem assim, assado, você deveria ter feito aquilo’ ‘Olha você foi bem’ ou ‘foi ruim’, ou seja, fazer uma avaliação da tua intervenção, e isso poderia ser feito com mais de um conteúdo, não precisava ser só um conteúdo, também não precisava ser um conteúdo, poderia ser uma parte do conteúdo eu fico, outra parte o professor fica, onde

em um eu era observador para aprender e a outra ele é observador para poder me avaliar, que eu acho que para mim já é um estágio da docência esse negócio, então eu deveria praticar, se é um estágio eu tenho que pegar a mão na massa. Então para mim o PAE ele deveria funcionar dessa forma. (E15)

Eu acho que, por exemplo, dar aula, não é dar todas as aulas do semestre, mas dar algumas aulas com o professor em sala te ajudando, porque você só vai saber o que é você pegar uma turma, você tá lá na frente com uma turma grande dando um conteúdo novo para eles, quando você tiver lá na frente fazendo isso, então se você não fizer, se não tiver isso no estágio, você não vai saber como fazer até que seja seu momento de fazer, na sua própria turma, e aí esperar isso acontecer é meio pesado para sua primeira experiência. (E3)

Essa questão da exposição eu acho válida, de repente não logo no começo do semestre, porque ele também está sendo inserido nesse contexto, mas em algum momento essa exposição é uma barreira importante a ser quebrada, pela própria necessidade de exposição do aluno, eu acho que é um momento válido, com a supervisão propriamente dita do professor. Se o aluno monitor faz parte desse processo de planejamento, de *feedback*, de acompanhamento, de construção da sala de aula em si, eu acho que é quase que natural que ele tenha essa exposição em algum momento desse semestre, dessa monitoria especificamente, então quanto mais ativo ele for nesse sentido mais proveitoso vai ser essa experiência para ele e também para o professor, é interessante o professor ter esse contato e ter esse papel na formação desse monitor, acho que é um momento de aprendizado bem válido. (E30)

Ah! Com certeza, só que não dar uma aula sozinho. Dar uma aula que o professor estivesse presente, que o professor desse um *feedback* e um *feedback* sincero. (E23)

Agora o que seria interessante para a gente monitor, para a gente pós-graduando, é a flexibilidade de eventualmente uma ou outra aula mais de base, ou uma aula mais específica de conteúdo, que os pós-graduandos pudessem dar essa aula, obviamente supervisionado pelo professor, então além de ter o acompanhamento das aulas de forma passiva poder ter essa atitude mais ativa de realmente lecionar, então essa é uma das atividades que poderia ser flexibilizada pelos programa e pelas monitorias (E28)

em geral uma das principais dificuldades é a inibição e no momento em que você vai ser o professor de uma disciplina inteira você não tem espaço para ter que lidar com tudo isso de uma vez, então você ter tido experiências prévias eu acho que é muito bom...sei que tem professores que têm abordagens bem diferentes e que colocam muito mais o monitor à frente da disciplina, eu sei que o [...] sempre pede para que o monitor ministre uma ou duas aulas com ele presente, acho que é uma estratégia interessante também. (E31)

Olha, eu acho que sim, mas desde que seja estruturado 'olha em tal momento do curso você pode dar uma aula? Você está à vontade para isso e tal', 'vamos ver juntos, eu reviso a sua aula', sabe uma coisa assim?, fosse uma coisa planejada, não como já aconteceu 'ah o professor vai faltar' ou em cima da hora avisa 'hoje eu não vou estar aí, você dá aula no meu lugar', aí opa não é isso, você está colocando uma pessoa que em tese está lá para aprender, para fazer o papel principal sem ela ter tempo de ter um preparo prévio, então perde a função, já começa errado; então acho que assim, é legal se for dentro de um processo estruturado, 'vamos montar juntos a aula' ou 'monta do jeito que você acha que tem que ser e eu te dou uma dica' e no dia o professor estar

presente e dar *feedback* sobre a aula, aí ok, aí é legal, agora não como uma coisa sem planejamento, aí acho que não funciona bem não. (E29)

Eu acho que é importante, desde que seja nesse formato que eu estou trazendo, desde que seja um formato em que a pessoa tenha a chance de acompanhar todo o processo, por que?! justamente para isso que eu falei, para a pessoa entender que uma aula não é só aquele momento ali que você está dentro de uma sala de aula com os alunos, é um processo muito maior do que isso. Então se o aluno ou a aluna tem a possibilidade de acompanhar a disciplina desde o início, de pensar a disciplina, pensar o syllabus, pensar os módulos, até o final eu acho que vai ser muito mais rico e contributivo para a formação enquanto dar uma aula, por exemplo, ele ministrar um dos módulos que estão previstos, se for esse o formato, do que de repente o aluno está ali numa função mais operacional (corrigindo as provas, controlando as presenças, acompanhando o professor) e de um dia para o outro ele vai dar uma aula (mas como ele vai fazer isso, como ele vai planejar essa aula, como ele vai avaliar – se tiver uma atividade avaliativa -, como ele vai conseguir pensar no processo; porque se é para ajudar ele a atuar como professor precisa ser muito mais do uma ação isolada ali no momento, precisa ser uma ação planejada também essa aula que o estagiário ou estagiaria, por ventura, venha a ministrar). (E21)

Talvez ter mais oportunidade de aplicar um exercício, ajudar na resolução, ter mais oportunidades, talvez fosse mais interessante ter uma participação um pouco mais ativa na aula, além da observação no decorrer da aula. [...] É, porque isso vai depender do professor, que nem o professor [...] falava ‘você quer apresentar a solução desse caso prático?’ aí eu ‘ah legal’, mas depende do professor, mas se fosse uma coisa institucionalizada do tipo o mestrando ou doutorando que está fazendo PAE vai ter uma ou duas aulas que vai ser de responsabilidade dele mesmo. [...] tem que ser com o professor lá assistindo para dar um *feedback* ou talvez uma aula no início e outra aula no final para ver a evolução. Eu acho que seria interessante, porque talvez só de fazer isso às vezes muda a postura do semestre todo, porque você já passa o semestre construindo aquela sua aula com base nas experiências ou querendo agregar alguma coisa a mais, às vezes isso muda a postura do semestre todo. (E6)

sempre que possível uma participação ativa nesse sentido de ter oportunidade de comentar, de partilhar alguma experiência, de criar momentos em que o estagiário possa ter essa participação, deixar essas oportunidades combinadas para não pegar ninguém de surpresa. (E6)

Então, eu acho que aí depende, depende da estratégia de ensino. Então aí depende do que se entende por dar aula, se dar aula for apenas a questão de uma aula expositiva, eu acho que depende muito da formação que esse monitor quer ter também, se...é difícil explicar...vamos supor, se lá na frente você conseguir ter um domínio de sala, você conseguir falar lá na frente, trabalhar uma aula expositiva, eu não sei se 60 minutos, eu acho que não seria isso, entende?! mas eu acho assim que você ter uma participação, seja de 5, 10, 15 minutos em que o aluno, o monitor, tenha um espaço que contribua com a formação dele, eu acho que é legal. Agora falar que ele vai ficar lá trabalhando com uma aula expositiva 60 minutos, eu não sei se isso traz algum benefício. É que, na verdade, eu não sei se eu sou muito fã dessa questão de você só ter aulas expositivas, entende?!, e eu vejo que é muito mais difícil e é muito mais gratificante para um monitor se ele conseguir trabalhar com um docente que, além de aulas expositivas, trabalha com outras estratégias de ensino, porque às vezes estar lá na frente, falar ou sugar o material

e saber que você tem o domínio daquele material e que você vai fazer o papel do professor enquanto sujeito ativo e os alunos vão ficar ouvindo enquanto sujeito passivo, eu acho que essa é a forma mais fácil de você estar trabalhando na docência, eu acho que o difícil é quando você tem as outras estratégias de ensino, que muitas vezes, muitos nem tiveram na sua formação acadêmica experiência enquanto aluno, em que os professores trabalharam outras estratégias, então eu vejo que é muito mais difícil... a aprendizagem para mim foi muito maior em estar participando das aulas em que houve interações em grupos, com outras atividades em que se desenvolviam habilidades/attitudes e não só conhecimento, do que nas aulas que seriam expositivas. (E24)

Eu acho que é interessante, mas que não deveria ser obrigatório, principalmente porque como é o começo da docência do aluno e quando você dá esse tipo de aula com acompanhamento do professor, muitas vezes é um pouco desgastante para quem tá no começo, então eu acho que é interessante sim, mas não precisa ser obrigatório, porque muitas vezes é um esforço muito grande por parte do aluno no começo e talvez não tão necessário. (E25)

Então o problema de você dá aula numa turma que não é sua é que você fica muito refém do que você pode e não pode falar na aula, eu não sei se é interessante isso para um monitor, para melhorar a docência dele, uma aula ou duas eu não sei se vai fazer diferença ou se vai ser só mais um trabalho para o monitor, porque quando você tem a sua própria disciplina você pode ir dando ela da forma como você quer, agora se tem um professor que é o responsável da disciplina e que teoricamente deveria estar te assistindo dar aquela aula, fica mais uma avaliação de apresentação do aluno do que realmente um treinamento de docência na minha opinião, então não acho que dar aula é interessante para treinamento de docência não. (E2)

Eu acho que é importante, é um contato, mas eu não sei se é essencial, do meu ponto de vista [...] mas eu não sei o quão diferente seria dar uma aula de dar uma apresentação, uma palestra em outro lugar; é que se for uma apresentação em uma disciplina que você faz, você está falando para seus colegas, talvez eles não peguem tão pesado quanto seus alunos pegariam, 'ah o professor quero que ele me entregue o que preciso', os colegas não 'ah não vou queimar meu colega', então tem essa diferença, mas eu não sei se isso é a essência do que a gente precisa, eu gosto muito mais da parte do planejamento da aula, acho que isso é o grande diferencial, principalmente para mim que nunca tive o contato com a academia, venho da prática, traz mais do que o fato de eu falar em público (eu já falei tanto em público). (E12)

4.4.1.3 *Feedbacks* e troca de experiência

Outro ponto levantado pelos entrevistados e entrevistadas que atuaram como estagiários ou monitores é que é importante que os supervisores deixem claro o que esperam deles e deem *feedbacks* após o desenvolvimento das atividades. Alguns manifestaram terem ficado perdidos em relação ao que se esperava que fizessem ou, se o que estavam fazendo, estava atendendo às expectativas. Além disso, o fato de receber *feedbacks* sobre as atividades realizadas, por

exemplo a forma que realizaram alguma correção, ajuda a refletir sobre como desenvolver esse tipo de atividade. É esse é o intuito do PAE e da Monitoria Didática como ações formativas.

bom eu acho que esse papel de orientação, de supervisão em todo o processo, explicando quando ele fez algo dentro do que deveria ter sido feito, dando um *feedback* sobre o seu desempenho, por exemplo, se for para ministrar uma parte da aula dar um *feedback* orientando como que vai ser essa parte e não simplesmente deixando totalmente livre para que o PAE faça, mas ter algum tipo de orientação e depois de uma supervisão realmente no sentido de dar um *feedback*, de apontar pontos de melhoria, etc. (E26)

Na verdade eu acho que assim, como o próprio nome diz, o supervisor tem que andar junto ali, supervisionar, no sentido de dar *feedback* também sobre as coisas, em primeiro envolver o monitor naquilo que está acontecendo, para que ele de fato participe, depois dar *feedback* sobre as coisas que o monitor vier a fazer (o que está bom, o que não está bom), [...] (E29)

O professor supervisor ele tem o papel de acompanhar e avaliar todo esse processo, então, por exemplo, assim, quando eu dei aula, no final da aula a [...] chegou para mim ‘olha, eu acho que tem que cuidar disso, que tu tem que fazer esse ajuste’, então esses *feedbacks* no meio do processo foram muito importantes; a mesma coisa a [...], às vezes eu divulgava uma lista de exercícios e saía uma correção errada no exercício, ela não vinha e dizia ‘isso aqui tá errado’, ela dizia ‘agora a gente vai corrigir dessa maneira’, então assim esse processo de acompanhamento e de *feedback* constante eu acho que é o principal papel. (E11)

aí nessa eu senti que faltou assim os professores dizerem quais eram exatamente as minhas atribuições, eu lembrei disso só por causa disso, eu lembro de ficar perdida sem saber o que eu devia fazer ou não, eu ficava lá tem um material ali, tem um ambiente online, tem os alunos, e eu sempre ficava sem saber o que eu tinha ou não que fazer, e no final das contas o que eu fiz basicamente foi só corrigir as provas e os exercícios e dar uma nota para os alunos, esse tipo de coisa, mas ao longo do semestre eu fico meio perdida ‘eu não sei o que que eu tenho que fazer’ e não era exatamente falta de experiência em monitoria, porque eu já tinha dado muitas monitorias, mas de novo eram disciplinas e professores diferentes, então era um negócio completamente diferente; então eu senti falta disso, de sentar junto e falar, isso eu fiz com outros professores, ‘o meu plano nessa disciplina vou fazer isso aqui, isso aqui, e eu quero que você me ajude com essa parte aqui e tal’, isso eu conversei bastante com o [...], ele foi o melhor professor de PAE, ele foi mais organizadinho assim, ele sentou antes e falou ‘eu vou dar isso nessa disciplina, a aula vai ser assim, eu quero que você me ajude nessa parte específica’ e assim eu acho isso bem importante. E além disso, além de definir o que você tem que fazer, dar *feedback* também, dizer ‘está ok, continua assim ou não, essa parte aqui não ficou tão legal, tenta fazer desse jeito’, eu acho que falta também, faltou um pouco ao longo. (E1)

Então assim primeiro que você vai fazendo as coisas durante o semestre e às vezes não tem muito *feedbacks* se o que você está fazendo está bom, ou se não está, o que o professor acha, então talvez assim você ter um acompanhamento melhor do professor isso é interessante; outra coisa também é que eu já tive disciplina em que boa parte do semestre o professor não me passou nada e aí eu ficava meio assim insegura ‘será que eu estou fazendo uma coisa errada? Será que ele não está me passando porque eu fiz alguma coisa errada e tal?’ então aí eu ia atrás do professor e ele ‘não, tudo bem, fica

tranquila, é assim mesmo, não precisa ficar preocupada e tal', então esse negócio de ter um acompanhamento maior você dá uma certa segurança para o aluno, quer dizer para o monitor, de que o que ele está fazendo é o suficiente, então você fica esperando ali uma avaliação, uma nota, do professor e você não sabe se o que você está fazendo é o suficiente. (E2)

E, sei lá, experiência com correção de exercício é importante, é importante porque você pega dinamismo de correção, você vê critérios de pontuação, entende as diferenças entre corrigir uma prova dissertativa de outra que seja múltipla escolha, só que eu acho que às vezes você fica meio solto nessa atividade, então uma coisa que seria melhor feita era o professor te dar o gabarito e te mostrar 'olha os critérios de correção podem ser assim, assim, assado', tipo dar mais informações sobre a coisa, porque não é sua turma, não é você que tá dando aula para eles, é outro professor, então a percepção dele do que seria uma questão certa, uma questão errada é diferente da sua, até mesmo que ele é outro ser humano, mas fazer uma coisa mais conjunta, do tipo, sei lá, você faz a primeira correção, o professor dá uma correção reversa e te corrige em relação a sua correção, você ter um *feedback* daquele processo, porque às vezes você simplesmente cumpre aquela tarefa e foi feita, você não sabe se ficou bom ou não ficou, e aí assim fica meio atropelado. (E3)

Então, eu acho que deveria dar *feedbacks* constantes, do tipo ah se a atuação está boa ou está ruim, se poderia fazer mais assim ou assado, porque você acaba tendo o *feedback* do tipo se ele não falou nada está bom e se ele falar alguma coisa é porque estava muito ruim. (E3)

no primeiro professor não ficou muito claro, porque ele disse no final da disciplina que eu talvez poderia ter contribuído mais no sentido da discussão durante a aula, por exemplo, falar mais da minha experiência e eu não sabia que ele estava esperando isso, então eu também não interferia durante a aula para falar da minha opinião, tipo no momento que abre para os alunos falarem o que eles pensam, ele disse que talvez eu poderia ter falado também. [...] Eu acho que mais do que pedir ajuda para o monitor para certas coisas, talvez dar um *feedback*, porque as pessoas são movidas a metas, mas também precisam de um *feedback*, então acho que isso pode ajudar, tipo como foi o exemplo daquela aula que o professor disse como eu me saí da aula; agora no caso dessa participação maior que ele esperava de mim, isso foi porque eu fui perguntar para ele, senão ele também não teria falado. Eu acho que esse poderia ser o papel do professor, tipo conversar com o aluno, com o monitor, sobre o que espera da sua conduta como monitor e como isso pode ajudar no futuro na docência e se o aluno está no caminho, alguma coisa nesse sentido. (E7)

Eu acho que é dar *feedback* continuo, sempre dar um toque e deixar claro o que ele espera de você 'quero que você me ajude nisso, naquilo', isso estar bem definido mesmo, eu acho que tem que estar claro, e te dar *feedback*, não sei se tem mais assim o papel do professor, porque assim essa questão do *feedback* que eu comento 'isso aí é bobo', mas não é, é de tudo que fala, da sua atitude em sala, da sua postura, da aula que você dá, do conteúdo às vezes que você não está dominando, então é algo complexo. (E8)

Eu acho que isso é importante também, ter um *feedback* de como você está indo, se está fazendo certas as coisas, acho que é importante. (E9)

corrigia os exercícios dos alunos que o professor dava em sala de aula, mas a nota era analisada pelo professor, então mesmo que eu corrigisse os exercícios e atribuisse uma

nota, ainda tinha a revisão do supervisor e ele me dava um *feedback*, se ele alterou alguma nota ou não, então isso era importante porque eu precisava ver realmente como eu poderia melhorar [...] (E28)

Eu tive algumas oportunidades [de refletir], as reuniões com o supervisor não acontecem só antes da aula, então quando eu entrego os exercícios para ele também a gente tem uma conversa, por exemplo, agora que eu estou fazendo monitoria didática, eu fui entregar a correção dos exercícios da prova para ele, então ele já me deu *feedback*, falou que eu tinha que anotar mais por que eu estou descontando a nota ou por que eu estou dando nota, então essa explicação adicional que eu tinha que dar é uma coisa que eu cheguei a aprender e a refletir sobre isso de que os meus *feedbacks* aos alunos eles podem não estar sendo tão claros, então essas explicações que eu consegui do professor me deu esse *insight* assim. (E28)

Ainda no que se refere ao estágio do PAE ou à monitoria, foi destacado como relevante que ocorressem conversas que permitissem a troca de experiências e ideias entre supervisores e estagiários. Esses momentos foram apontados por alguns entrevistados como os que mais suscitavam a reflexão.

Eu acho que ele deveria trabalhar com o monitor como parceiro da disciplina, mas lembrando que o professor é o responsável pela disciplina e que o aluno, o monitor é um apoio, então mostrar de repente nessas etapas onde o monitor está ajudando, mostrar para ele porque você está fazendo aquilo, principalmente para entender os porquês, ah porque um programa da disciplina, ah um programa da disciplina porque acima tem um projeto pedagógico que fala que a gente tem que atingir isso para atingir aquele objetivo de formação do projeto pedagógico, então trabalhar com o aluno para ele entender o contexto da aula, porque faz planejamento, porque que a aula vai ser daquele jeito, porque vai ter uma avaliação sobre isso, porque a avaliação vai ser desse jeito...ele entender o processo como um todo e não, de repente, o monitor só ficar corrigindo exercício, daí ele não vai aprender docência, vai aprender a corrigir exercício e para corrigir exercício não precisa de alguém com mestrado, coloca de repente um computador e o computador corrija, eu quero que ele pense o processo, para que o aluno de mestrado venha do meu lado ah o programa vai ser assim, assim, isso aqui por causa disso, qual sugestão você tem, aí discute, altera, muda, mas o professor no sentido de ser um guia, talvez essa palavra, o professor da disciplina guia e o monitor vai dando suporte para ele, vai trabalhando junto, mas o professor transferindo experiência docente para o monitor para que ele possa depois quando formado, ele possa ir para uma sala de aula e ele possa utilizar aquela experiência da monitoria para que ele passe do papel de monitor para professor com uma confiança maior, com uma certeza que ele vai conseguir desempenhar aquela função. (E19)

Talvez, ver o desempenho do estagiário ou a desenvoltura do estagiário na sala de aula e orientar. Talvez até falar assim olha, explicar digamos assim o que está fazendo e porque está fazendo, porque está colocando aquelas questões na prova ou porque que a disciplina tem essa programação e não outra; é mais no sentido de explicar, não no sentido de se justificar para o estagiário, mas no sentido de descrever para ele como está sendo o processo. Até para dar ideias para estagiário que futuramente se tornará docente. (E22)

Eu acho assim, se você é um monitor e você está participando ali, você precisa interagir, você precisa conhecer, você precisa entender porque daquele jeito e não de outra forma, entende?! Eu acho que as discussões, as reuniões elas foram muito construtivas, eu acho que o fato de você poder ter essas interações, essas conversas, elas ajudaram bastante. Entender porque vem primeiro esse assunto e não o outro, entender porque trabalhar com essa atividade em grupo aqui e aí gerar aquele produto que dependeu da aula 1, da aula 2, da aula 3; então foi bem bacana. (E24)

eu gostei bastante e acho que o principal elemento que eu gostei disso foi da troca de experiências. Como eu já vinha de 6 anos de docência, então assim eu vi o PAE e a monitoria como uma excelente oportunidade de troca de experiências. Eu posso dizer que eu aprendi muito, aplico muito do que eu vivenciei nessas experiências hoje nas minhas aulas e eu também acredito que, de uma certa forma, eu acredito que eu também acredito que eu consegui contribuir um pouco, levando essa minha experiência docente em alguns aspectos do que eu utilizava ou do que eu imaginava que fosse legal de se trabalhar, eu acho que a troca de experiências foi muito válida. (E24)

Sim, eu acredito que foi possível [refletir] sim, porque você tá em sala de aula ali com os professores e tudo mais e está interagindo com a turma, acho que suscita várias questões sobre o ensino, sobre a sala de aula etc., às vezes tem dificuldades que você vivencia com o professor e já te preparam para os desafios que você vai encontrar, seja a questão de reter a atenção da turma, seja às vezes uma dificuldade que você encontra no período noturno que é a presença dos alunos (a questão de que os caras faltam, então você tem que ter uma forma ali de sem ser um ditador, sem ser autoritário, tentar meio que negociar com a turma e ter a presença deles, contar com a boa vontade deles), então acho que é isso. Então acho que aí também entra um pouquinho o papel do supervisor, o quanto mais ele compartilha e conversa com o estagiário PAE, acho que mais ele insere o estagiário PAE nesse mundo e faz ele refletir sobre as coisas, então assim deu bastante certo com os professores que eu fiz, que a gente conseguia ter uma interação bem bacana, a gente conversava bacana, e eles colocavam várias coisas, às vezes você tem diferenças naquela turma, mas eles falavam ‘oh na turma tal todo mundo foi bem melhor por conta disso, disso, disso’, ou falar ‘eu tentei a mesma coisa que eu tô fazendo agora e na outra turma não deu certo por conta disso’, então você acaba aprendendo muita coisa ali, por conta dessa troca de ideias com os supervisores, então isso me fez amadurecer bastante, tanto nos aspectos positivos quanto negativos. (E16)

Do professor supervisor eu vejo que é muito nesse sentido de inserir o aluno, o monitor, em uma maior percepção do que é a sala de aula, que além do momento propriamente dito de exposição, de discussão, de um tema, de uma atividade, em sala de aula, tem toda uma preparação prévia e uma reflexão pós (do que que deu certo, do que tem que melhorar para o próximo semestre), então acho que a figura do supervisor é muito no sentido de trazer para esse futuro professor, para esse monitor, essa percepção de que esse processo ele é muito mais amplo do que só a sala de aula, aqueles uma hora e quarenta minutos ou enfim o tempo da aula em si. Então acho que é no sentido de preparar para todas as questões relacionadas a esse processo de ensino-aprendizagem, inclusive ao planejamento prévio e a reflexão, apanhado, *feedback* pós-aula. Inclusive a questão da troca de experiências, conversa entre o supervisor e monitor pós aula é muito enriquecedora. (E30)

Ah ele tem que ficar acompanhando, dando *feedback*, solicitando as coisas para o aluno, assim porque tem muito professor também que deixa o aluno fazer tudo ou não deixa

ele fazer nada ou não dá nenhuma... o aluno está lá e ele não fala o que o aluno tem que fazer e não passa nada também e o aluno fica perdido e aí tem que ficar perguntando ‘ah professor tem que fazer alguma coisa?’ e aí ‘Não, não precisa fazer nada’, tem que passar alguma coisa, tem professor também que não passa nada, eu acho que tem que ter ali entre professor e aluno uma concordância assim que ‘poxa uma pessoa está ali também para aprender né, então ele tem que estar lá para ensinar, passar o que ele sabe e passar as experiências dele talvez, o que ele acha que dá certo, o que não dá certo’, eu tive isso já algumas discussões com os professores e ‘ah por que a gente não faz isso?’ eles ‘ah eu já tentei isso antes não deu certo com uma turma’, então isso é uma discussão legal, você passar suas experiências para o aluno assim que está fazendo a monitoria, então acho que é isso. (E2)

[...] também acho que é interessante quando troca ideia com o monitor sobre o andamento, sobre a forma que estão sendo conduzidas algumas coisas, para ele participar e entender. (E29)

Muito é apresentar como funciona a dinâmica de preparação e ministrar aula e prover essas experiências digamos assim para o aluno, tanto de ou apresentação de parte de um conteúdo ou uma aula inteira, esse tipo de orientação e principalmente *feedback* ‘oh tem isso, tem aquilo, isso aqui ficou bom, isso aqui não ficou bom’, às vezes até uma autocrítica ‘oh eu acabei de dar essa aula e eu achei que isso não foi legal’, que isso aconteceu principalmente na disciplina do [...] que era a primeira vez que era lecionada, então eu via, como eram mais professores [...], então tinha uma discussão de nós 4 do que tinha sido legal ou não na aula, o que precisava melhorar, ‘ah era bom colocar um slide para isso, não colocar para isso’, instigar as perguntas assim [...]. (E31)

Eu acho que as conversas com o professor responsável pela disciplina, para mim era o que mais me ajudava, era a conversa com as professoras, era o que me fazia refletir sobre o que aconteceu, o que deu certo e o que não deu certo, a entender o que está acontecendo, acho que isso me ajudou muito. (E5)

estar sempre conversando ou no começo ou no final da aula, que foram coisas que foram acontecendo comigo, essas conversas que acabam agregando ‘o que achou? Você acha que essa aula ficou boa? Os alunos captaram? Eles estavam dispersos? Eles estavam atentos?’, que com isso o professor também capta se o estagiário está efetivamente acompanhando ou se ele está ali só de corpo presente e daí ele está vendo que é uma observação ativa [...] [as conversas] ajudaram bastante [na reflexão], porque era uma coisa que era constante, quando tem essa conversa, esse *feedback* no final da aula, ou no começo da aula seguinte comentando da aula anterior, vinha essa discussão, essa conversa sobre o processo de ensino-aprendizagem, que acho que é nisso que está essa troca, essa troca é justamente sobre o processo de ensino-aprendizagem. (E6)

Eu acho que não sei se teria obrigação dele formar, mas acho que seria legal da parte dele o quanto mais ele puder te ajudar com a questão da didática da aula mesmo, te mostrar como funciona a aula, como tratar os alunos, como lidar com os alunos, como lidar com questões na sala de aula, sei lá aconteceu alguma coisa um aluno perguntou alguma coisa e você não sabia, e como é que você poderia fazer nessas situações ou sei lá qualquer tipo de coisa. (E9)

Acho que talvez mais essas discussões que nós temos, nós monitores ou estagiários, temos com os nossos supervisores, acho que esse processo de receber e dar *feedbacks* tanto para o professor quanto para os alunos é importante, na minha experiência pelo

menos tem contribuído de forma a aperfeiçoar as minhas competências didáticas pedagógicas, então são essas conversas mesmo e não precisa ser algo formal, pode ser um café ou uma conversa de corredor mesmo, acho que isso ajuda a refletir sim sobre como nós contribuímos para a aula e para os alunos, para a formação dos alunos. Basicamente acho que a minha ideia para fomentar essa reflexão são essas discussões. (E28)

Esses momentos foram apontados, também, como importantes para o estagiário dar algum tipo de sugestão ao professor supervisor em relação à disciplina.

Eu acho que essas reuniões foram importantes porque quando você está, por exemplo, o professor está lecionando uma disciplina sozinho às vezes ele tá muito tempo daquele jeito e ele não percebe que pode ter alguma deficiência, mas quando ele tem a companhia de um monitor e mais do que isso se ele tem um momento para conversar sobre a forma que a aula está sendo conduzida pode contribuir para melhorar o processo, simplesmente estar acompanhando a aula e pedindo o que se pede para fazer acho que muitas vezes não é tão efetivo. (E7)

E ressaltaram que é importante que se tenha, além de abertura para dar e receber *feedbacks* ou sugestões e trocar experiências, espaços para isso. Ou seja, tentar definir momentos em que isso vai ocorrer, até para incentivar também o monitor a pensar em sugestões e ter uma atitude mais ativa em relação à disciplina.

Eu acho que mais do que a abertura do professor é você ter um espaço para isso, você criar uma cultura de todo final de aula, vamos supor, o professor guarda uns cinco minutos para te perguntar ‘e aí o que você achou da aula?’ e ele te falar ‘olha o que estou achando da sua atuação até o momento’. Então é ter o espaço para fazer isso, então de alguma forma, nem que seja por e-mail, na verdade e-mail eu não gosto muito, eu preferia que fosse pessoal, que acho que a comunicação verbal ela te dá atributos que a escrita não vai te dar. Então é isso, porque às vezes o professor ele é aberto para receber o *feedback* e até mesmo te dar, mas se você não pergunta, porque você, sei lá, não se sente.... cada aluno vai ter um perfil diferente, se você é um pouco mais despachado você vai lá e pergunta na cara dele e ele vai te falar, mas se você é um pouco mais fechado, recluso, você não vai sentir à vontade de perguntar. Então acho que é essa coisinha do tipo ‘olha vamos criar esses cinco minutos aqui sem perder a amizade’, mas não é no intuito de ser grosso, mas é falar ‘olha, vamos falar o que cada um está percebendo’, porque se sente mais à vontade também, professor te fala as coisas que podem melhorar e você fala para ele as coisas que ele pode melhorar e vai que melhora mesmo dentro de sala, o clima fica melhor, as coisas melhoram para os alunos, porque tá todo mundo ali por causa de uma coisa só que é fazer com que o aluno tenha uma aprendizagem melhor. Então é isso, eu acho que é esse ponto que eu destaco, ter o espaço para abertura. (E3)

E para o estágio em si talvez... o que eu percebi agora falando na entrevista, mas que enquanto monitor eu não tinha pensado nisso, que tivesse momentos assim que o professor e o monitor conversassem sobre... pudessem conversar mais sobre a disciplina, por exemplo, que ficasse definido sempre tal horário vamos conversar sobre o que vai ser dado na disciplina, sobre avaliação [...] (E7)

E, por final, o relato de que, caso não se tenha um ambiente em que fique claro para o monitor que ele pode dar sugestões e que há abertura por parte do supervisor, pode acontecer de ele não fazer isso, simplesmente por medo de estar sendo invasivo.

No meu caso acabou sendo assim, os professores que eu já tinha alguma liberdade, eu acabava fazendo [sugestões]; agora professores que não me deram liberdade, não criaram um ambiente para isso e que eu não tinha tanta afinidade, acabava ficando mais na minha; então o que eu percebia que essa questão de sugerir, propor e tal, ia muito com o conhecimento prévio e a afinidade que eu tinha com o professor, senão acabava não acontecendo, porque fica parecendo invasivo, tipo você não entende exatamente o papel que o outro acha que você tem que ter, então se você não tiver um processo formal para isso parece um pouco invasivo para o outro, parece como um espinho, se isso não estiver bem estabelecido previamente parece errado. (E29)

4.4.1.4 Reflexão e reflexos para a graduação e sua própria atuação

Quanto aos reflexos positivos da monitoria ou estágio do PAE, foram destacados alguns pontos em relação à graduação e mudanças que ocorreram nas atuações das pessoas que já eram professores antes de atuar no PAE ou na monitoria didática. Ou seja, foram relatados aspectos em que conseguiram repensar a sua prática pedagógica. Esses aspectos são apresentados em itens, com os trechos das entrevistas que subsidiam essa análise reproduzidos na sequência.

- a) Possibilidade de trazer ideias novas ou outro olhar. Nos exemplos mencionados observa-se que a monitoria pode contribuir com ideias novas tanto para o supervisor, quanto para o estagiário e, também, o monitor como observador pode contribuir com um outro olhar em relação à turma e/ou atividades que estão sendo desenvolvidas.

Olha acho que não existe uma unanimidade, mas eu diria que pode ajudar sim, porque se o professor e o aluno trocam ideias, o professor e o monitor trocam ideias, isso permite algumas modificações, eu posso falar do meu caso particular, quando fui trabalhar com a professora [...] na disciplina de [...], eu vinha de uma...eu tinha acabado de sair do mestrado, mas eu vinha de uma experiência já com educação a distância, e a minha tese eu queria fazer sobre tecnologia e tal, e aí eu me lembro que ela abriu a possibilidade quando a gente começou a disciplina, de tornar a disciplina algo que tivesse mais recursos tecnológicos, e aí eu me lembro que a gente implementou uma prova em computador, então tanto a prova do primeiro quanto do segundo bimestre a gente fez no computador, a gente usou o Moodle, acho que foi o Moodle, então as duas provas foram no computador, fora isso a gente implantou, não acho que o resto ela já tinha, ela já usava o Moodle e já usava o Blackboard se não me engano, mas a prova no computador foi uma coisa que não tinha e a gente implantou, então foi a partir dessa parceria entre o professor e o monitor, o monitor já tinha uma expertise o professor também já tinha uma expertise, mas daí quando houve essa união aí houve essa oferta de uma ferramenta a mais no processo avaliativo [...] eles gostaram muito, na época, principalmente segundo eles por causa do *feedback*, porque o aluno faz uma prova hoje

e normalmente você leva no mínimo uma semana para trazer as respostas para eles e até lá eles já tinham esquecido porque que eles erraram, o que eles pensaram na hora da prova, e no computador ele fazia a prova das 10 ao meio dia, meio dia ele chegava na casa dele e eu já tinha disponibilizado o gabarito, então com isso ele conseguia chegar na casa dele e ver tudo o que ele tinha acertado e errado na prova e aí havia na minha percepção, uma construção mais rápida de conhecimento, porque se você erra e logo em seguida você vê a correção, você já sabe o que você errou, uma semana depois, duas semanas até às vezes, a hora que você pega a prova você ‘ah mais por que errei isso?’, você já nem lembra o porquê, qual o raciocínio que você levou para colocar aquela resposta, então acho que nesse caso foi um produto que veio dessa parceria, de docente e discente, não que talvez a docente não conseguisse fazer sozinha, mas acho que talvez com o apoio do monitor isso se tornou viável, isso ajudou, isso colaborou para que isso ocorresse, então pode ajudar sim a graduação, principalmente porque eu acho que é uma visão nova, é uma visão diferente, uma visão até muitas vezes de gerações diferentes, muitas vezes você tem, eu falo até mesmo como professor, às vezes você está dando aula e você está dando aula de uma forma que você acha que sempre deu certo, aquele jeito estava dando certo e você segue desse jeito, aí às vezes vem o monitor ou às vezes um aluno da aula mesmo e fala ‘faz tal coisa professor’, de repente você tenta aquele negócio, então eu acho que pode contribuir para a graduação em termos de metodologia, de procedimento, conteúdo já é um pouco mais difícil, porque normalmente conteúdo o professor via de regra ele tem o domínio de conteúdo daquela disciplina maior que o monitor, mas pode acontecer de ter monitores que dominam o assunto e nesse domínio conseguir complementar o plano de ensino. (E19)

Sim, eu acho que sim, eu percebo que, pelo menos nas experiências que eu tive, por serem supervisores que me incluíam mesmo na disciplina, nas discussões, eu percebo que às vezes a gente consegue trazer um outro olhar, seja de ser talvez de uma geração diferente da deles, então você vê com outros olhos, ou seja pelo fato de você ser aluno e às vezes você se coloca, você tem a facilidade maior de se colocar no lugar desses alunos (seja com um exercício que eles estão com prazo apertado, seja uma semana de prova em que eles estão atribulados, e às vezes tem algumas coisas que os professores eles têm um pouco menos de sensibilidade, porque talvez estar afastado já há muitos anos, de estar do outro lado da cadeira, então a gente nesse ponto consegue compreender melhor). (E16)

mas assim o papel do monitor é perceber coisas que o professor talvez não está conseguindo ver lá na frente, então acho que muitas vezes o monitor estando no papel mais de observador da turma, você consegue ver grupos que estão com alguma dificuldade, que o professor lá ministrando a disciplina não percebe. (E31)

É engraçado, quando eu tive o PAE [...], quando eu dei aula eu usei Prezi, o que não era algo tão comum deles utilizarem lá, que é uma ferramenta como os slides, mas utiliza um pouco mais de tecnologia, a professora ficou fascinada por aquilo, ela disse ‘é muito legal, eu achei que ajudou para os alunos prestarem atenção, tinha vídeo no meio’, então ela gostou bastante, eu acho que assim foi um incentivo para que ela também utilizasse. Aqui com a professora [...], antes ela usava o Moodle mas assim não de uma forma que fosse quase uma biblioteca virtual para o aluno e que ele pudesse dar um espaço de comunicação professor-aluno e eu comecei a usar nesse sentido, todas as informações eram postadas lá, todos os documentos, todas as aulas, cada aula tinha o seu resumo da aula, então eu comecei a movimentar mais nisso, e eu acho que agora a tendência é que ela utilize também muito mais. Então eu acho que ajuda, a gente troca informações nesse

sentido, tem coisas também que, por exemplo, eu nessa de Matemática Financeira, a professora ela abre a calculadora HP no slide e vai fazendo com os alunos e isso eu achei bem interessante, para Matemática Financeira eu acho que facilita bastante, daí eu pensei ‘nossa no dia que eu tiver que fazer cálculos com os alunos e utilizar esse sistema, eu vou fazer isso’, então eu acho que é uma troca nesse sentido da tecnologia. (E11)

Então, por exemplo, eu sugeri à [...] dar o pontapé inicial da disciplina um caso do professor Eliseu Martins, que não estava no programa dela original, que a gente no começo da disciplina ela pediu para eu comentar sobre o programa e fazer sugestões e daí eu já comecei com a sugestão de dar um caso e que daí acho que esse caso levava umas cinco aulas para poder discutir conceitos de contabilidade, então a gente discutia conceitos de contabilidade e aplicava no caso e daí deu para fazer uma dinâmica bem interessante, bem legal. (E5)

já que tem esse processo de reflexão e até de agregar ideias, porque assim, eu estava lá esse semestre e agregou minhas ideias, no outro semestre vai estar o outro mestrando ou o outro doutorando agregando ideias também (eu intervim no estudo de caso, o outro vai dar outra parte), então às vezes o professor vai fazer uma coisa diferente que ele não faria se não tivesse o estagiário passado por lá, e se ele faz diferente porque ele acha melhor do que ele fazia antes está sendo melhor para os alunos da graduação, não chega a provocar uma mudança radical de toda uma estratégia de ensino, mas é um processo de melhoria. (E6)

eu ouvi falar uma vez que o próprio professor da disciplina o [...] dava uma disciplina de [...] e o [...] sugeriu uma mudança, seria uma mudança assim quase radical no conteúdo que ele passava nas aulas e ele aceitou; então eu acho que isso é mais... é só um exemplo de tantos monitores que têm e do que pode ser feito, porque pessoas discutindo as coisas sempre conseguem melhorar, é como na pesquisa, por exemplo, você está com seu projeto de um jeito e vai apresentando para mais pessoas e de pouquinho em pouquinho dando sugestões você alcança assim digamos uma pluralidade das coisas e você consegue melhorar, então eu acho que, claro que isso é opinião, não estou medindo o desempenho dos alunos, mas acho que deve ter contribuído e muito com a utilização de monitores para ajudar nas disciplinas; por mais que tenham disciplinas que eventualmente os professores que não vão aceitar, mas eu acho que a grande maioria deve ter recebido contribuições dos monitores e ter incorporado, porque o monitor às vezes pode entender mais o lado do aluno, ser mais alguém que tá tentando entender o conteúdo da aula, tem como dar esse *feedback* para o professor. (E7)

b) O estagiário poder trazer experiências que complementem as aulas.

Acho que fundamentalmente nesse sentido assim e claro que tem alguns momentos em que o estagiário docente ele pode ter, não é o meu caso, mas pode ter alguma experiência, algo legal assim, que está alinhado com a disciplina para compartilhar e que torna a disciplina mais atrativa. Eu lembro que tinha colegas que eram auditores e que estavam acompanhando as disciplinas de auditoria, então conseguiam fazer uma aproximação prática, assim eu lembro deles falarem muito sobre o PAE, sobre monitoria deles, com assim sabe com brilho no olho, por estarem vivendo academicamente, estar compartilhando na academia questões do dia a dia profissional. (E20)

Eu acho que essa dinâmica de você permitir intervenções pontuais, complementares, ela é bem interessante, claro é interessante dependendo da disciplina que você trabalha, como era disciplina de Orçamento você tem uma dinâmica de exemplos, de

contribuições, que o professor às vezes tá dando aula e ele está esquecendo de dar algum exemplo, está esquecendo de dar algum reforço, que vai fazer o aluno capturar melhor aquele conceito, então eu acho que contribui sim para o aluno. (E18)

- c) A possibilidade de ter mais de uma pessoa em sala de aula para ajudar os alunos.

Mas vejo que sim, a monitoria pode ajudar a melhorar a graduação sim, em muitos aspectos, não só esses, mas até um monitor ajudar um professor em sala de aula tirando dúvidas dos alunos é como se fosse melhora, porque o aluno tem dúvidas, tem 50 alunos na turma, um professor para atender todo mundo, ele não dá conta de tirar todas as dúvidas, então você coloca um monitor ou dois monitores, o aluno tendo um acesso mais rápido a resposta ele evolui mais rápido, então o aluno tem uma dúvida, levanta a mão, o monitor já vem e atende, já soluciona mais rápido; ah o aluno, não tem monitor, o aluno levanta a mão, outro levanta a mão, o professor está atendendo um, até ele atender o outro, de repente o outro aluno que estava com dúvida já ficou desmotivado, já não faz mais o exercício, então ter os monitores também nesse aspecto contribui para melhorar a graduação também. (E19)

na própria sala de aula em vez de ficar esperando o professor passar pela sala de aula inteira, porque todo mundo levanta a mão, e tem duas pessoas para poder ajudar, aí nesse sentido ajuda, mais nesse sentido de poder tirar dúvida e poder perguntar para mais pessoas. (E9)

- d) O monitor servir como um canal de comunicação entre os alunos e o professor, em função de alguns alunos, às vezes, se sentirem mais à vontade de falar com eles do que com o docente da disciplina.

Eu acho que às vezes a questão do acesso, para alguns estudantes assim, eu lembro que alguns acabam procurando bastante o bolsista, o estagiário, e acabam às vezes se sentindo mais à vontade para fazer algumas perguntas, para expor algumas dificuldades, que não fazem diretamente com o professor da disciplina, então eu acho que às vezes existe um benefício nesse sentido de aproximação, é muito mais da diferença de como aquela figura é vista. (E20)

mas no comportamento em sala de aula assim eu acho que muda essa questão de ter a possibilidade de uma pessoa que também vai saber aquilo que o professor está falando e de tu ter um contato mais direto, porque às vezes fica aquela situação de aluno professor, ele não gostar, eu vejo que todos os professores tem abertura para isso, mas se isso acontece às vezes ele tem mais facilidade de conversar com o monitor, então nesse sentido. (E11)

É muitas vezes eu percebia isso, que eles se sentiam mais confortáveis em tirar algumas dúvidas, principalmente quando eu participava, porque as duas monitorias que eu participei foi de multivariadas, muitas vezes eles se sentiam mais confortáveis em realizar certos questionamentos para estagiaria, que no caso era eu, do que o próprio professor, por medo, vergonha mesmo, de achar que a pergunta era boba, então eles acabavam perguntando muitas vezes para mim e não para o docente da área. (E25)

e até às vezes ser um canal de comunicação mesmo, porque muitas vezes o aluno acaba tendo algum relacionamento com você, seja pela questão de perfil, seja por se identificar mais, seja pela questão da idade, então ele acaba trazendo muitas coisas para você e você consegue levar isso para o professor e interagir um pouco com o professor e ele acaba mudando um pouco. (E16)

Então o monitor ele é a ponte entre o professor e eles, é o mais próximo do professor que eles chegam, então você percebe você está ali do lado, você está do mesmo lado que os alunos, sempre os alunos vem falar com você sobre alguma coisa, sobre se algo está incomodando, sobre alguma coisa que não entendeu, e aí fica a cargo do monitor fazer a ponte com o professor (passar as dificuldades que os alunos estão tendo, porque às vezes o professor dá aula a tanto tempo que já perdeu essa conexão com os alunos e aí o monitor está ali para isso), eu acho que é importante sim ter monitor na disciplina, para todas, não só as que normalmente têm, eu acho que é legal, não só por conta do professor, para ajudar o professor, mas para poder ter ali mais um, mais um elemento para ajudar os alunos, acho importante. (E2)

outra coisa que eu acho é que às vezes o aluno ele se sente mais à vontade para tirar dúvidas com o monitor do que com o professor, dependendo do perfil do aluno, então isso, para esse tipo de público, já garante uma melhora no aprendizado. (E31)

e) Possibilidade dos plantões de monitoria.

Uma coisa que eu vejo que favorece muito é a questão na monitoria, quando o monitor oferecer horários extra aula para ajudar o aluno, a gente vê a diferença que tem no nível de quando ele não estava tendo às vezes a monitoria, ele não estava entendendo, mas ele não conseguia comunicar que ele não estava entendendo aquilo e daí foi para a monitoria, que é quase uma aula particular, e daí acaba tendo um desempenho e aí a gente acaba vendo quando ele dá exemplos na aula, que ele cita exemplos da monitoria. (E11)

e aí assim eu consegui com aquele cinco alunos, eles trouxeram dúvidas bem pontuais, mas você percebe a mudança da pessoa dentro de sala de aula assim no sentido que mesmo que a quantidade pequena, você via que aqueles alunos que vieram na monitoria eles tinham um pensamento diferente, eles já tinham uma predisposição a querer estudar mais e depois de ir na monitoria eles tinham uma demanda maior por tirar dúvidas comigo, então eles mandavam mais e-mail, eles pediam mais atendimento, eles tiravam mais dúvidas assim. Então acho que minha principal contribuição foi essa de, para alguns alunos, aqueles que tinham interesse de virem me buscar e conseguirem atuar de alguma forma. (E3)

Eu acho que com certeza ajuda, porque eu recebo na minha sala onde eu trabalho umas 3 vezes por semana sempre tem algum aluno lá que tira dúvida, então acho que isso talvez ele não conseguiu aprender na sala de aula ou não conseguiu absorver, porque a sala de aula também é limitada, então sei lá foi para casa, estudou e percebeu que estava com alguma dúvida e você tirou alguma dúvida, isso sempre acaba ajudando. Então o fato de poder tirar dúvida fora do horário de aula assim eu acho que com certeza ajuda. (E9)

e um que acaba sendo pouco utilizado e que tem um potencial ótimo eram os momentos de monitoria, o plantão de dúvidas, em que o aluno poderia ir, principalmente, com exercícios que tinham sido atribuídos para eles resolverem e se eles tivessem dúvidas ir lá conversar, mas que eu sentia que era só utilizado na véspera da prova, então só por ser na véspera da prova já te dá um ganho de qualidade do ensino, mas eu acho que poderia ser melhor aproveitado, mas isso também depende do interesse dos alunos, interesse e também disponibilidade (alguns alunos trabalham e não podiam estar lá antes da aula, então também tem esse lado). (E31)

- f) Quanto ao monitor repensar suas práticas pedagógicas em função da experiência na disciplina.

Exclusivamente por causa da monitoria uma coisa que eu não fazia muito e, depois da monitoria, passei a fazer, é preparar com mais antecedência, ter um planejamento com mais longo prazo assim, ah, o que vou ter cada dia na disciplina, quais os exercícios... (E19)

Eu vejo que foi muito, principalmente, na esfera avaliativa, que conheci um outro mundo; a esfera tecnológica de como atribuir a tecnologia dentro de um cenário de sala de aula, eu achei que também foi um crescimento muito grande; a questão de você trabalhar essas abordagens ativas de ensino e as estratégias de ensino para uma metodologia ativa, foi muito legal, contribuíram muito para minha formação enquanto docente (pena que a minha universidade não tem tanto recurso tecnológico, há uma limitação de recursos tecnológicos infraestrutura diferente da USP, sem dúvida, então isso também tem que ser levado em consideração, que aí gente tem uma estrutura muito bacana e muitas vezes na realidade que você vai exercer você não vai encontrar a mesma realidade; é claro que as dificuldades vão sempre existir, vão surgir outras dificuldades que você vai acabar tendo que superar, mas eu acho que foi muito legal). (E24)

eu tinha muito receio de trabalhar em grupos, é aquilo que eu mencionei antes, na universidade, que eu lecionava antes, as turmas eram muito grandes, então assim, eu sempre tive muito receio de trabalhar em grupos, com atividades que envolvessem trabalho em grupos e tinha aquele receio de uma pessoa não fazer, aí o outro vai levar 2 do grupo e 2 acabam trabalhando. E assim, eu mudei muito isso, eu aderi bastante a essas abordagens dentro das minhas aulas hoje. Então assim, é aquilo que eu mencionei, antes eu vinha de um cenário de aula 100% expositiva, 100% não, mas uma carga de aulas mais expositivas, e depois dessas experiências que eu vivenciei, na questão de monitorias, de PAE, de disciplinas, que trabalharam esse processo, eu comecei a trabalhar com essas abordagens ativas, essas metodologias ativas, e assim eu tenho gostado, tem funcionado, e assim eu vejo que as minhas aulas mudaram muito. O processo avaliativo também mudou bastante. (E24)

Aham, repensei muita a estratégia, mudei muita coisa que eu fazia em sala de aula, deu para refletir e verificar que algumas coisas não funcionavam, se eu fizesse de outra maneira ia funcionar, mudou muito meu jeito de trabalhar. (E17)

Sim, ele permitiu rever algumas posturas em sala de aula e permitiu começar a pensar outras estratégias de ensino para tentar atingir os objetivos das disciplinas que eu ministro. Se eu pegar a minha postura no final do mestrado com a minha postura no final do doutorado, em sala de aula, ela é absurdamente diferente a forma de eu lidar com a sala de aula. (E18)

Ah, com certeza a gente sempre traz essa reflexão, busca essa reflexão, no que a gente pode fazer diferente, no que a gente pode fazer melhor, então acho que é um processo muito válido, é natural essa reflexão e auto avaliação, influencia bastante nesse momento de repensar algumas questões e de trazer novas possibilidades mesmo. (E30)

Principalmente, eu destacaria principalmente a questão que envolve... com o PAE eu aprendi, e aí eu não sei se é o PAE ou se é o professor que eu tive a sorte de ser o meu supervisor, eu aprendi que eu tinha que ser profissional, eu tinha que ser um profissional do ensino e o profissional do ensino ele prepara adequadamente o seu material, ele revisa

seu material, ele vai para a sala de aula preparado, com uma missão a cumprir naquele dia e ele tem foco no resultado daquela aula (o que que eu espero que aquela aula provoque nos meus estudantes, que efeitos que eu espero), então essa preocupação, e essa forma de pensar, eu só comecei a ter depois do PAE, antes eu não tinha, eu não sei eu acho que eu não encarava o professor como um profissional, profissional é quem trabalha na empresa, professor é professor, eu não sei que visão que eu tinha equivocada, que viés que eu tinha que me fazia pensar assim, e foi a partir do PAE que mudou a mentalidade minha para ser profissional, agora como eu disse eu não sei se o PAE tem esse potencial, mas o fato de o professor que me acolheu como supervisor fez toda a diferença. (E14)

4.4.2 Supervisores

Neste capítulo, será tratado o estágio docência do ponto de vista dos supervisores, tentando confrontar as percepções com os aspectos destacados na seção anterior pelos estagiários e/ou monitores.

4.4.2.1 Processo

Quanto aos supervisores, há visões diferentes em relação a quais são as atividades que solicitam dos seus monitores e em relação a quais são as atividades que eles deveriam desenvolver. Um grupo acredita que o monitor deve ser envolvido em todo o processo e diz que busca colocar isso em prática.

Agora, acho também que é muito importante a interação quando você está planejando o curso, quando você está revendo as atividades de aprendizagem, quando você está preparando provas e os instrumentos de avaliação...Então eu acho importante a participação do PAE em todos esses momentos né, porque senão a atividade acaba não sendo uma atividade plena, o que eu acho que é uma pena, é uma pena que se perca essa possibilidade. (P1)

Eu entendo que o supervisor precisa desde o início, desde a preparação da disciplina trazer o monitor para participar da confecção, da elaboração da disciplina, ainda que seja uma disciplina que já foi ministrada, eu acho que o supervisor tem que ouvir opiniões do monitor e ele também deveria mesmo que eventualmente com pouca experiência colocar o ponto de vista dele na preparação da disciplina, porque a preparação ela é fundamental, porque você prepara, coloca no programa e divulga isso para aluno, depois que você divulgou você vai ter que cumprir isso. Feito isso eu entendo que cabe ao monitor, por exemplo, monitorar toda a plataforma na qual a disciplina vai ser ministrada, então se nós vamos trabalhar com Moodle, como eu tenho feito, então o monitor ele é responsável por postar materiais, mandar avisos para os alunos, abrir espaço para os alunos colocarem materiais, enfim, então todo o monitoramento e acompanhamento da plataforma acontece pelo monitor, isso não quer dizer que o professor não faça isso em conjunto. Acho que uma outra atividade importante é que o

monitor sempre traga contribuições sobre os materiais já prontos, então, por exemplo, os slides da disciplina eles estão construídos, mas eles sempre vão sendo melhorados, então eu procuro pedir que o monitor traga contribuições, às vezes até durante as aulas a gente percebe melhorias, eu estou dando aula e verifiquei que o slide lá não estava tão didático, então eu troco ideia com o monitor para que ele possa fazer ajustes e melhorias, da mesma forma a parte de exercícios, então a parte de aplicação de exercícios, elaboração de um gabarito ou pesquisa de novos exercícios eu deixo por conta do monitor, então o que eu espero, tendo em vista que normalmente o monitor vem trabalhar numa disciplina que já está construída, o que ele precisaria é me trazer contribuições para melhorar aquilo que já existe, por exemplo, naquilo que diz respeito ao banco de questões para as provas, ele poderia trazer novas questões para gente ampliar aquele banco, essa é a expectativa, agora tudo isso deve ser feito com acompanhamento constante do supervisor, com troca de ideias, com revisão. (P4)

então como supervisora ou do PAE ou da monitoria eu sempre tenho essa visão: algo o aluno precisa desenvolver, ele precisa sair da monitoria com algumas habilidades mais desenvolvidas ou passar a desenvolver algumas habilidades ou conhecimentos, por exemplo, saber elaborar questão objetiva, saber atuar no Moodle, saber o que é planejamento da disciplina, avaliar criticamente quais são os aspectos... assim avaliar criticamente o processo de avaliação, então acho que o aluno ele tem que estar envolvido do início até o fim, para que ele possa entender mesmo. [...] Então normalmente os monitores eu procuro envolver os monitores em todas as atividades, desde o planejamento da disciplina, pensar em cada uma das aulas, então normalmente eu peço que eles ajudem a pensar no planejamento de cada uma das aulas, na preparação de material eles estão envolvidos, no planejamento e na implementação da avaliação, na interação com os alunos. (P12)

é tentar envolver o aluno em todo o processo da disciplina, desde o planejamento até o desenvolvimento das atividades, construção e elaboração, correção de provinhas, de provas, exercícios, materiais adicionais, casos e tudo mais. (P17)

Outro grupo sustenta que o monitor deveria ser mais envolvido. No entanto, devido à dificuldade de saber o que o estagiário realmente pode fazer, por medo de talvez acabar infringindo as regras do PAE e/ou monitoria, acaba não envolvendo tanto o pós-graduando como acha que deveria.

Eu sou um pouco crítico a isso, não só o programa, que hoje o PAE ele vira um aluno, quer dizer se você for pegar a maioria dos professores, inclusive eu, eu não posso deixar você dar uma aula no PAE, é proibido né. [...] Eu acho que se fosse para fazer um programa de aperfeiçoamento ele deveria começar antes da aula, se você vai fazer monitoria ‘o que você acha desse programa? esse programa já tem 10 anos, será que a gente poderia acrescentar alguma coisa ou tirar; o método de avaliação você tem alguma ideia?’, quer dizer é bom para os dois lados, você tá chegando, talvez com alguma ideia boa ‘por que ainda se dá duas provas? Não é melhor dá uma prova’, o que é uma troca e durante o andamento até te criticar ‘olha essa aula ficou muito chata, tem um pedaço aqui que você concentrou demais, poderia fazer menos’ e isso eu acho que é importante para todo mundo, ‘aula que vem você vai dar aula, eu venho aqui eu quero que você dê aula sobre investimentos’, aí você vai se preparar, você vai ver as dificuldades na troca com o aluno, senão não tem utilidade, você fica sentado lá assiste a aula, não sei o que

que acrescenta pro aluno, na minha opinião. Acho que esse PAE e a monitoria eu não vejo diferença prática e não vejo utilidade, então a maioria dos professores que eu conheço, não vou dizer todos, usam o PAE como monitor aquele de catalogar seus exercícios, isso aí faço eu, não acho nem justo usar o monitor para isso, acho que você tá perdendo uma oportunidade de uma troca rica usando ele com uma coisa que um aluno de graduação poderia fazer a mesma coisa, não acho que é bom nem para o professor nem para o aluno, quer dizer para o professor é bom, porque acaba tirando aquele trabalho braçal, mas para o aluno o que acrescenta? Então programa de aperfeiçoamento do ensino ou monitoria de ensino, ele deveria aproveitar para aprender o processo de ensinar e participar, não simplesmente ah o [...] falou que é assim e assim, não, vamos discutir às vezes você tem uma ideia que eu nunca pensei e às vezes uma coisa que eu fiz te ajuda ‘poxa eu nunca pensei em fazer dessa maneira’, mas daí eu não sei se as normas permitem ou não. (P5)

em termos de atividades, como já está nas regras aqui, eles não dão aula, os monitores ou PAEs, então eles mais assistem aula, vão observando aquele ambiente, vão vendo, idealmente vão questionando também as coisas como é feito, por que é feito dessa forma, idealmente eles poderiam discutir isso com os professores, mas sem substituir o professor, fazendo uma complementação e enriquecimento da matéria, da disciplina, ajudar a pensar a disciplina, muitas vezes não acontece assim, muitas vezes acontece que o PAE e o monitor ficam basicamente responsáveis pela parte burocrática e não sei muito disso, mas isso é eu acho o que falei, é um pouco solto em relação a como acontece na vida real, então depende muito do caso, de como o professor entende, o que deveria ser feito e tal. Eu faço uma espécie de meio termo, eu não exijo muitas atividades, peço bastante ajuda na parte burocrática, que isso é importante para mim, para conseguir conciliar as atividades também e também discuto algumas questões, peço para que por exemplo os meus monitores ou PAEs ajudem a tirar dúvidas dos alunos, o monitor precisa conhecer o assunto, a interação com os alunos, faz uma mediação e utilizar as plataformas eletrônicas. (P6)

Olha o estudante de pós-graduação, na minha visão, ele está sendo subaproveitado nesse processo, então pelas razões mais distintas, que a gente pode ou não entrar, mas eu acho assim é um pessoal de alto nível que tá numa instituição de ponta como a nossa e tal e que poderia fazer muito mais, tanto no processo de provocação dos docentes atuais quanto na própria intervenção ali naquela disciplina, naquele semestre, mas eu penso que ele é muito tolhido, o estudante ele acaba sendo muito limitado no que ele pode fazer, e na maior parte das vezes o que eu percebo é que cumpre uma tarefa mais ou menos predeterminada de apoiar mesmo com exercícios, com prova, acompanhamento da aula, monitorar como o grupo de estudantes (lá dos alunos) estão se desenvolvendo, então é muito limitado se você pensa. (P7)

Olha me colocando na postura, na posição do PAE, eu gostaria que o professor supervisor me ajudasse a ficar mais à vontade com a docência, então para mim, invertendo a ordem, o professor supervisor deveria se colocar à disposição do PAE e se colocar nessa tarefa de ajudar esse camarada, essa pessoa, a se desenvolver nessa atitude de professor, precisaria criar essa abertura, quer dizer eu não sei se eu tenho..., por exemplo, ah vou transmitir uma leitura, vou dar um livro, às vezes acontece isso ‘ah dá uma olhada nisso aqui, uma olhada nisso aqui’, mas, de novo, como é muito limitada a coleção de coisas que o PAE e o monitor podem fazer, então não tem nem espaço para isso; o que eu faço é criar essa abertura para poder conversar, para poder dialogar sobre experiências, mas, de novo, dá impressão que falta uma orientação geral, uma estratégia

da instituição para isso. Você fica até receoso, ah o que pode fazer e o que não pode, a maior parte das questões que vinha para mim lá na Comissão do PAE é isso, o que que pode fazer e o que não pode fazer, então, não sei, por mim eu tentaria ajustar, sabe redefinir um pouquinho esse programa para ele ser mais compreensivo e de fato gerar melhores frutos para todos os participantes. (P7)

só que o PAE ele se restringe ao aluno vai e...ele não deve isso e aquilo, mas deveria existir, já que é para esse aluno receber esse treinamento, alguns aspectos ele deveria passar, ou seja, deveria ter um planejamento integrado para os professores para que isso fosse mais aproveitado, tanto os PAEs ajudarem mais os professores, como os professores ajudarem mais os PAEs. O que tem hoje em dia é que cada professor recebe o PAE e mostra o que é dado na sua disciplina e o PAE ajuda naquilo que pode, então tem professor que o PAE aplica prova, por exemplo, e dá aula para ele, apesar de na USP ser proibido, aplica prova, corrige prova, faz tudo e tem alguns que o PAE só auxilia em algum trabalho burocrático e não existe nenhum acompanhamento da pós-graduação em relação a isso que o PAE faz, no meu ponto de vista. [...] Para realmente ser eficiente ele teria que participar desde o começo...o que eu tento fazer com meus PAEs? Eu tento pelo menos passar, por exemplo, o programa e dizer 'o que você me sugere em relação a isso?', mas eu não tenho uma discussão com ele, é uma coisa muito 'passei e o que você me sugere?', aí tem aquelas pessoas mais interessadas e proativas que dão sugestões e para outros sempre está tudo bom. (P13)

Isto demonstra uma necessidade que os estagiários também manifestaram: que haja clareza para ambas as partes do que é o PAE e a monitoria didática e qual é o papel do monitor ou estagiário do PAE e do supervisor, nesse contexto. Nesse sentido, para que também não ocorram tantas diferenças entre as atuações dos monitores e/ou estagiários PAE, foi sugerido que, de alguma forma, ocorram reuniões entre os professores ou que os professores conversem entre si para chegar a um consenso mínimo de como desenvolver as monitorias e o PAE, de uma forma a contribuir de maneira efetiva para a formação docente dos pós-graduandos que participem dessas atividades.

Tem uma discussão e quer dizer durante a execução se você me perguntar assim 'qual o papel...', é um pouco eu acho até do que você colocou se tem diretrizes, então 'qual o papel do PAE e do monitor?', eu não sei o quanto que isso está claro, para mim não está claro e já falei, eu não sei, quer dizer para mim a prática é que cada um faz do seu jeito e eu não sei se essa é a melhor maneira; mas eu também sei que cada disciplina tem especificidades que vai requerer algo diferente, que pode requerer algo diferente do aluno. Mas então precisaria ter algum tipo de diretrizes muito gerais, gerais assim que pudessem ser aplicadas em diferentes situações, não é diretriz do tipo faça isso ou não faça aquilo, mas coisas mais gerais do que é esperado. E que houvesse uma comunicação mais frequente ou sei lá, não sei eu acho que, me parece que, isso não é claro para nenhum dos lados, nem para o lado de quem está como monitor e nem para o lado de quem está como docente, então acho que de alguma maneira alinhar mais isso, eu não sei se institucionalmente, talvez institucionalmente, não sei, essa é a minha dúvida, se precisaria ou não disso institucionalmente, se isso é mais importante do que o alinhamento individualmente, então pelo menos individualmente esse alinhamento teria que ter, de que em cada caso fosse muito claro e que ambos, ambas as partes, se

sentissem muito à vontade de colocar o que é que se dispõe ou não, o que no caso do PAE talvez seja mais fácil, porque você define antes (agora eu lembrei que o PAE define antes), então o PAE tem a oportunidade de participar do planejamento, já o monitor nem sempre, o monitor às vezes é isso em cima da hora e é uma coisa que é também mais ‘você tem que fazer’, o PAE ‘você escolhe fazer’ (o monitor você não escolhe fazer, você tem que fazer), então isso já gera um como, deu para perceber, já gera um sentimento em alguns casos de a atividade não ser algo benéfico, percebido como não benéfico, porque ela é obrigatória. E acho que essa ideia do obrigatório é o que eu comentei no início sobre o papel da pós-graduação, acho que não é obrigação da pós-graduação, eu acho que não tem que ser obrigação durante a pós-graduação, tem que ser acho que como o PAE mesmo, você escolhe fazer, se você achar que é interessante. (P3)

agora não sei se a regra em si dá conta do que o PAE se pretende como programa, acho que talvez deveria ter um maior esclarecimento do que significa o professor receber um aluno, ser supervisor de um aluno do PAE, porque eu vejo posturas diferentes entre os professores, porque essa postura de receber o aluno como alguém que está em formação exige um compromisso do professor, exige um compromisso do professor supervisor, e eu não vejo que isso é sempre verdadeiro, então, por exemplo, já tive situações de alunos questionarem de que ‘poxa eu achava que não era assim, porque outros professores dispensam de acompanhar a aula, não pedem para elaborar atividades etc etc e tal’, então acho que não tem uma visão homogênea do que significa o PAE, então talvez o PAE poderia neste trabalho com os docentes falar olha ‘na verdade quando você fala vou ser supervisor do PAE são essas responsabilidades’, mais do que está limitado, do que estou limitando o aluno pode fazer isso, isso e aquilo, mas o que você está se responsabilizando lá, acho que isso não tem muito. A monitoria eu acho que também, o que significa a disciplina de monitoria didática?, e até porque eu acho que tem esforços diferentes, então tem monitor que trabalha com dois créditos, tem um monitor que trabalha com disciplinas de 8, cada professor tem uma exigência diferente em relação aos monitores e essa exigência ela deveria estar relacionada com as responsabilidades que o docente assume em relação ao objetivo que a monitoria tem, então, ou seja, não deveria ter tantas variações assim, essa é a minha visão. (P12)

Sim, eu acho que, por exemplo, precisaria ter de uma forma mais explícita, mais aberta, o que é o PAE, porque ele existe, o que é o estágio docência, a importância... acho que precisa ser colocado para as pessoas que estão participando desses processos qual a importância de PAE, qual a importância da formação docente para os pós-graduandos e pós-graduandas. Eu acho que precisa de ações que estimulem as pessoas a refletir um pouco mais sobre esses processos, por exemplo, eu acho o PAE uma ação muito importante, muito inovadora para quem, por exemplo, eu sou doutoranda e fiz o PAE, eu acho que é muito importante; mas eu vejo assim, cada professor faz o que quer assim, tipo não tem um mínimo, eu acho que deveria ser um processo um pouco mais estruturado sobre o que se espera do professor, o que se espera do aluno, esse tipo de coisa. Mas acho que isso vem também com o estímulo à reflexão, as pessoas precisam parar e refletir porque que é importante o PAE, porque que é importante a formação de professores. Então acho que seria mais ou menos isso. (E21)

Então acho que a partir do momento que a gente conseguisse pensar o PAE de uma forma um pouco mais nítida ‘olha isso que está sendo proposto pelo PAE, esses são os atributos dos professores, esses são os atributos dos alunos e alunas, provavelmente a gente teria um alcance do objetivo que seria melhorar a qualidade do ensino na USP, mas da forma como é hoje eu não tenho certeza sobre esses objetivos, porque é isolado,

eu tenho impressão de que cada professor, professora, os alunos, cada relação está sendo construída de uma forma diferente. (E21)

Então assim eu acho que aquele dia lá participando daquele treinamento, porque assim eu fiz um PAE apenas, as demais foram as monitoras, então eu só fiz um curso de formação, foi muito legal, porque eles explicam o que é o PAE, qual é o papel que o PAE tem na formação do docente, então assim eu achei extremamente válido, eu acho que ele é importante, até mesmo porque na monitoria didática você negocia direto com o professor da disciplina, que é a segunda fase do PAE, só que não tem aí uma explicação do porque essa disciplina é importante, do que é o papel dela, claro existe essa explicação na semana de integração, mas assim para o aluno que tem ali várias disciplinas, um monte de atividades [...] Eu vejo assim essa apresentação do que é a monitoria didática muitas vezes ela não é feita ou ela é feita de uma forma muito superficial, eu acho que poderia valorizar melhor essa importância que ela tem na formação do docente. (E24)

E acho que talvez reforçar isso com os professores, eu sempre me pergunto e eu não sei até que ponto os professores sabem o que é um monitor, o que é um estagiário PAE, às vezes os alunos podem estar perdidos e os professores também. Então assim ah eu não sei quais são os meus deveres e os professores não sabem quais são os meus direitos, e aí tudo se perde nesse meio tempo, e aí às vezes vale tudo e às vezes não vale nada. Então acho que tem muita coisa perdida nesse meio termo aí e que acho que talvez, sei lá, uma política institucional, uma reformulação etc. pudesse deixar as coisas um pouco mais claras e que isso pudesse ser conversado melhor com os monitores, com todos os lados, não só com monitores, mas com professores etc... e talvez até deixar claro um pouco para os alunos também, às vezes para os alunos também isso é confuso, eles não entendem o que é um monitor, o que é um estagiário, até se eles podem interagir com um ou com outro, se eles podem conversar, e qual o papel de cada um, acho que isso também poderia estar mais claro com os alunos. (E16)

Eu acho que sim, mas assim, na parte das sugestões, eu acho que falta muito a formalização, muita definição de quais são os papéis, acho que porque acaba sendo um negócio muito solto, você vai fazer o PAE, você senta com o professor, ele vai falar 'eu quero que você faça isso aqui', quando fazem isso, aí quando não fazem fica solto. Mas assim falta mais estruturação, porque se você sabe o que vai fazer você consegue pensar como que fazer aquilo vai ajudar eu a ser professor algum dia. Se o professor fala simplesmente 'a aula é tal horário, aparece lá', você fica sem conseguir aproveitar as coisas. Então eu acho que poderia ser mais útil nesse sentido de ajudar a gente a se formar como professor se tivesse mais formalização e mais definição de quais seriam os papéis, assim do próprio programa do PAE, não só em relação a cada professor, que é o que tem, quando tem. (E1)

Essa parte que eu comentei de que falta formalização, eu lembro que até coloquei isso como sugestão, que no final quando a gente preenche o relatório na parte das sugestões para o programa, eu lembro de colocar isso, porque acho que isso faz bastante falta, até para evitar superexploração dos alunos, que assim nunca aconteceu comigo mas eu sei de colegas que trabalhavam muito mais que 6 horas por semana e aí acaba perdendo um pouco do sentido, que não é esse o objetivo do PAE, então acho que isso também seria importante, para ajudar tanto na preparação e depois no *feedback*, quanto para evitar assim tanto que o aluno não faça nada quanto que o aluno faça demais, porque daí acho

que desvirtua um pouco as coisas, eu acho que é só isso que queria ressaltar assim, eu acho que eu coloquei isso em todos os relatórios (E1)

Então eu acho que a regulamentação está ok, falta um *enforcement*, falta ter um maior acompanhamento do que está acontecendo com os alunos para poder evitar qualquer tipo de exageros, às vezes até conversar com os professores sobre o qual que é o papel do aluno, porque sei que alguns professores acabam exigindo mais que os outros e às vezes eles exageram até na medida (E25)

Então talvez...eu não sei como isso acontece, mas o que eu sugeriria, se é que já não acontece, é que todos os professores que naquele semestre for participar do PAE, se reúnam e troquem ideias sobre como vai ser o contato com o estagiário, por exemplo, no que o estagiário vai ajudar, se vai aplicar prova, se vai corrigir prova... que eles se reúnam e eles troquem ideias entre si; talvez para um acrescentar algo que o outro não havia pensado, eu acho muito importante. E eu não sei também se tem um padrão a ser seguido pelos professores também, mas não que seja uma coisa engessada, mas assim que houvesse uns requisitos mínimos digamos assim que os professores deveriam seguir, por exemplo, todos os professores vão decidir ou não, vão decidir, aliás, se os alunos vão aplicar prova, vão corrigir prova, vão fazer exercícios, vão elaborar, vão corrigir... Eu acho importante isso, acho importante eles alinharem as ideias, para que justamente não aconteça isso de um supervisor seja melhor avaliado do que o outro e isso se confundir com o programa. E também, só acrescentando, que às vezes, a gente, como estagiário, tem uma palestra do que vai ser o curso, talvez os professores também devessem ter essa palestra, se é que já não tem, para entender também do que se trata o curso porque também não adianta só o estagiário entender e o professor imaginar outra coisa, imaginar que o estagiário é só um ajudante ali. (E22)

Acredito que uma supervisão realmente, uma supervisão maior, porque além do objetivo de logicamente o principal objetivo ali que é o aprendizado dos alunos da graduação, o supervisor do PAE entender que também existe um objetivo ali de auxiliar na formação docente dos mestrandos e doutorandos e que isso existe uma grande importância nisso, eu acho que se não tiver essa consciência e uma sensibilização do programa para os supervisores, talvez isso se torne só uma atividade burocrática para cumprir créditos ou obrigatoriedade do programa né. (E26)

Quanto a envolver o estagiário PAE ou o monitor em todo o processo, uma das maiores dificuldades é a questão de envolver na parte do planejamento. Isso devido à diferença temporal entre o momento que o monitor e o estagiário do PAE começam a atuar com o docente e o momento em que o docente faz o planejamento das aulas. Alguns alegam que, como o planejamento já está pronto bem antes, isto dificulta envolver o monitor na parte de planejamento.

o estagiário ele fica relegado a correção de exercícios e provas, então ele não participa da preparação, da etapa prévia de programação da disciplina, pensar 3, 4 aulas adiante, fazer eventualmente aplicações conceituais da aula 1 para a aula 8, que eventualmente vão precisar de alguns conceitos básicos; o monitor ele precisaria estar desde o começo da elaboração da disciplina, e aí a gente tem alguns problemas nesse aspecto, porque dentro da universidade como os professores eles estão acostumados e muitos deles dão as mesmas disciplinas durante muitos anos, então é muito complicado de o aluno

acompanhar o processo de preparação, porque muito provavelmente a preparação já foi feita muito antes, então esse envolvimento fundamental ele precisa ser feito. (P18)

eu penso que ter esse envolvimento na parte do planejamento seria o mais interessante, mas isso tem uma questão do *timing*, nem sempre tem o tempo e tem uma questão da disponibilidade de cada professor mesmo, ou de outra maneira não tem essa cultura, dessa participação, se ela existe e acho que ela deva existir, ela é muito mais individualizada, então é mais iniciativa de um ou outro professor, e eu não sei nem se com todo monitor, talvez com aqueles com que ele se sinta mais à vontade, então acho que não há, digamos institucionalmente não me parece haver uma preocupação em trazer o PAE para o planejamento, quer dizer parece que o PAE (ou o monitor) é mesmo para acompanhar a aula, e menos para o planejamento. E aí eu nunca tinha pensado assim exatamente nisso, mas dessa nossa conversa aqui, me parece que no planejamento que pudesse ser o maior benefício. (P3)

Neste sentido, uma alternativa que pode ajudar é o que alguns professores fazem ao iniciar o semestre, de apresentar o planejamento e consultar o monitor sobre a opinião dele em relação ao que vai ser desenvolvido, além de oportunizar conversas ao longo do semestre sobre ajustes e eventuais mudanças que possam ser realizadas. E de, no final do semestre, se reunirem novamente para fazer a avaliação do que ocorreu ao longo do semestre e pensar em melhorias para os próximos semestres. Outro quesito que poderia ajudar seria colocar a monitoria didática para o segundo semestre do ano no doutorado e não no primeiro semestre. Assim, apesar de não resolver totalmente a questão temporal, pelo menos se poderia começar as atividades/conversas sobre a disciplina com o monitor com algum tempo de antecedência, como um mês antes de ter início às aulas, por exemplo, como na teoria já ocorre com o estágio do PAE.

Isso também poderia contribuir para solucionar outro problema apontado por alguns supervisores e estagiários: o fato de o monitor ser alocado para uma disciplina que não necessariamente ele tem afinidade ou conhecimento. Como em algumas ocasiões, principalmente no primeiro semestre, as monitorias são distribuídas pelo próprio Programa de Pós-graduação, o monitor não tem a oportunidade de escolher a disciplina em que atuará e, mesmo que tivesse a oportunidade de escolha, sendo no primeiro semestre, como pode estar chegando na USP naquele momento sem ter um contato prévio, ele não tem como ter um mínimo de conhecimento em relação às disciplinas e professores para tentar entrar em contato e buscar escolher alguma disciplina da graduação para acompanhar. Deste modo, caso as monitorias fossem no segundo e terceiro semestre, por exemplo, e desde o início os pós-graduandos fossem orientados sobre os objetivos da monitoria e como será desenvolvida, isto poderia ajudar a dar um tempo para que os doutorandos pudessem pensar em com quem gostariam de atuar e estabelecessem contato com os professores já com antecedência, além de

talvez ser possível pensar em mecanismos para que o estagiário possa de alguma forma ser mais envolvido na fase de planejamento da disciplina.

às vezes acontece de o PAE não ter nenhum conhecimento da disciplina, já tive isso, e aí tinha até uma professora que veio fazer monitoria comigo e ela pegou a disciplina de [...] e ela nunca viu isso na vida, aí ela virou aluna mesmo ‘poxa nunca vi, tô aprendendo’, ‘mas será que era isso que você precisava?’, pensando na didática, pessoalmente aprendeu, legal, mas se a monitoria é didática tinha que ter uma outra função, mas agora como é que vou pegar essa menina que nunca viu aquela disciplina e pedir um apoio para ela, ela não vai conseguir criticar o programa, ela não vai poder falar nada dos exercícios e não vai poder me ajudar, não pode chegar e dar uma aula sobre esse tema. (P5)

ele fazia coisas assim bem básicas, porque tinha que estar presente, já que estava presente que fizesse a chamada, que recolhesse os trabalhos, que cuidasse dos grupos, mas eu poderia fazer isso eu mesmo, então foi não foi nada que me acrescentou; para ele, como eu disse, também não foi muito bom, porque ele não tinha como assumir nenhuma atividade mais nobre, ele não tinha, repito, o conhecimento prévio necessário (P10)

é igual escolher orientador, você não vai escolher uma pessoa com a qual você não tem afinidade, senão não vai dar certo, então passar por cadeiras, conhecer o professor, já ter observado e falar ‘eu quero acompanhar essa pessoa’, acho que é a melhor estratégia que alguém pode fazer, não pode ser assim ‘ah vou fazer PAE com qualquer pessoa’, porque pode ser que não dê certo, agora quando você percebe que tem sintonia com aquela pessoa e vai atrás daquela pessoa para fazer, aí sim eu acho que funciona e eu acho que até por isso que deu certo, porque eu conheci o [...] um ano antes de fazer o PAE, então tinha muita certeza da escolha que eu estava fazendo; então eu estava elegendo fazer uma atividade que eu achava que era importante para mim e eu estava elegendo ser monitorada por uma pessoa que eu acreditava que iria me agregar valor e me agregou. Eu acho que isso é uma boa estratégia, pelo menos baseado na minha própria experiência. [...] Enfim, será que a monitoria deveria ser no primeiro ano, porque tem gente que vem de fora, não conhece os professores, pelo menos no segundo semestre, para deixar a pessoa chegar, conhecer e identificar com quem tem afinidade e aí ser o monitor dessa pessoa, não ser uma coisa aleatória, porque a gente não bate com todo mundo, as pessoas são diferentes, e se não bate o monitor e o professor não é bom nem para o professor nem para o monitor, nem vai ser efetivo para os alunos. (E4)

O segundo ponto é você ter um alinhamento com o professor, por exemplo, você gostar do professor realmente, gostar de quem você vai estar atuando como monitor, como PAE, você ver se o professor é gente fina, se você tem essa empatia, eu acho que empatia é fundamental, porque se você não tem essa empatia você acaba não aprendendo, não adianta. E o terceiro ponto foi muito pela estrutura a qual foi apresentada, por exemplo, [...] tem uma monitoria que eu fiz especificamente, que eu queria com o professor A, só que isso foi do programa, o programa falou não você não vai fazer com o professor A ponto, você vai fazer e você tem esses outros professores aqui e é isso. (E27)

4.4.2.2 Aulas

Quanto à possibilidade de dar alguma aula, a maioria dos professores supervisores entrevistados acham que é uma atividade importante. Alguns já tem um rol de atividades a serem realizadas pelos monitores ou estagiários que inclui a ministração de uma aula. Ou seja, buscam oferecer sempre ao estudante essa oportunidade. Outros, o fazem com alguns estagiários. Outros, ainda, não o fazem, pois acham que não é permitido ao pós-graduando realizar essa atividade. E, finalmente, um professor mencionou que acha que os seus monitores não devam realizar esse tipo de atividade, até porque como muda o monitor/estagiário todo semestre, dividir as atividades pode ser arriscado, no sentido de prejudicar os alunos da graduação, já que em um semestre o monitor/estagiário pode ter uma ótima desenvoltura e, no outro semestre, outro monitor/estagiário pode não vir a desempenhar as atividades adequadamente.

Uma coisa que eu quero dizer é que na minha experiência para o monitor ou para o PAE, eu acho que é muito importante é a possibilidade de dar aula, eu avalio como muito importante e eu percebi isso uma vez que eu estava com alguém me acompanhando que já era professor e estava afastado para fazer o doutorado e ele mesmo disse: “eu que sou professor, eu já estava sentindo falta desse ambiente de sala de aula”. Então, eu imagino, para mim, que a vivência mais forte é você poder realmente participar desse ambiente de sala de aula, o que para mim só acontece se você assumir um papel ativo. Então, em geral, quem está trabalhando comigo tem algum momento em que vai assumir um papel ativo, que é propor e desenvolver uma atividade didática em sala de aula de forma independente. (P1)

[...] e eu também costumo sempre oferecer ao aluno a oportunidade de conduzir alguma aula (P17)

Complementar material, acompanhar as aulas e eu acho inclusive ministrar aulas, eu acho que deveria fazer parte do programa (P19)

Eu acho que ele tem que ser desafiado, ele tem que ter colocado obviamente um desafio proporcional ao que ele pode oferecer, mas tem que ser desafiado, ele tem que ter um pedaço do curso que ele que vai ministrar, sei lá, por exemplo, vou falar de modelagem de risco e aí vai ter duas aulas do software R, aí o PAE vai lá e apresenta software R, por exemplo, não precisa ser obviamente um semestre todo, mas o PAE tem que ser colocado na frente do problemas, o soldado só aprende a guerrear quando está no front, o resto é treino, no front, quando você tá ali no meio da guerra você percebe coisas que só o ato de ler ou de refletir não resolve. (P15)

Eu não sei se eu chamaria de dar aula, eu talvez dissesse a experiência de estar à frente do grupo e ter algum tipo de interação, eu acho que é interessante. Quer dizer isso eu falo porque em alguns casos o que eu pedi para o monitor na disciplina de custos que tem uma parte que é muito cálculo, de solução de exercício e tal, então ele ficou responsável por conduzir a solução de uma atividade; teve um outro caso que a pessoa, o monitor, escolheu um tema e montou uma apresentação e conduziu a apresentação...Então acho que independente do como seja, eu acho que é importante ter

a experiência dessa interação, do ser o responsável digamos, ser quem está ali à frente. (P3)

também tenho tentado o espaço para que o monitor também pelo menos assuma uma das aulas, então isso às vezes é mais difícil conseguir, esse envolvimento para que ele assuma uma das aulas, para que ele esteja à frente responsável por uma das aulas, mas isso também é uma tentativa. (P12)

eu pergunto para o aluno ‘você quer dar aula uma vez comigo na sala?’ então às vezes eu tive *feedback* positivo e às vezes eu tive negativo ‘não, não quero’, então claro beleza, está tudo bem, se não quer, ou se você quer dar aula ‘qual a aula que você quer? Estão aqui todos os assuntos, qual é o assunto que você quer dar?’ e aí a pessoa escolhia e dava aula na sala. (P16)

eu sempre combinei com o aluno que ele deveria apresentar um tema para eu poder dar *feedback* com a minha presença, então vai lá e vai falar sobre o tema tal, você escolhe o tema, um tema que tenha sinergia, então significa o que? é uma maneira do aluno ser inserido na sala de aula sem ser uma situação de ter que ter resultado sem ser preparado, o que aconteceu comigo (eu fui para uma sala de aula sem ter nenhuma preparação, ‘olha você vai ter que falar’, tá bom, então preparei o material fui lá e falei, fui lá e transmiti, fui lá e cobre, fui lá e fiz prova e o que for), então esse papel é importante. (P14)

Eu acho que ele tem que ser desafiado, ele tem que ter colocado obviamente um desafio proporcional ao que ele pode oferecer, mas tem que ser desafiado, ele tem que ter um pedaço do curso que ele que vai ministrar, sei lá, por exemplo, vou falar de modelagem de risco e aí vai ter duas aulas do software R, aí o PAE vai lá e apresenta software R, por exemplo, não precisa ser obviamente um semestre todo, mas o PAE tem que ser colocado na frente do problemas, o soldado só aprende a guerrear quando está no *front*, o resto é treino, no *front*, quando você tá ali no meio da guerra você percebe coisas que só o ato de ler ou de refletir não resolve. (P15)

Eu acho que o PAE deveria dar um pedaço das aulas, devia ter uma norma dizendo assim ‘das 16 aulas, 1/3 tem que ser dado pelo PAE’, pode ser as iniciais, as do meio, não sei, ou de vez em quando ele dar, de maneira que o PAE desse 1/3 das aulas e 2/3 os professores, 15 aulas, 5 aulas o PAE tem que dar, preparar o material, preparar as transparências, preparar os casos, ele vai dar aula. (P11)

Agora eu não posso chegar, por exemplo, esse ano aqui você é meu PAE, está certo?! e eu pego e divido as aulas com você, você vai dar as aulas de exercício, você se sai maravilhosamente bem, poxa legal bela experiência, aí eu chego no semestre que vem você não é mais meu PAE, porque vai trocar, aí vem uma outra pessoa e o cara vira um desastre, cria um problema para mim, atrasa, cria problema para os alunos, então esse risco você não posso correr. Então só eventualmente se tem uma coisa muito especial, pelo menos todos esses anos que eu tenho tido auxílio de PAE, é que eventualmente o cara terminou de fazer um exercício, vai fazer um exercício para mim, o resto eu dou aula, eu vou lá eu planejo, eu falo que eu vou fazer e é dessa forma, ah mas os alunos poderiam colaborar?! Poderiam, só que essa troca, essa mudança ela é uma coisa que pode ser bom, mas também pode ser ruim. (P9)

4.4.2.3 *Feedbacks* e troca de experiências

Quanto à troca de experiências e *feedbacks*, alguns professores mencionam que tentam realizar discussões com os monitores e/ou estagiários e buscam dar *feedbacks* em relação às atividades que os desenvolvem. No entanto, muitas vezes, esse *feedback* acontece de maneira informal, não tendo um espaço estruturado para isso como, por exemplo, reuniões periódicas ou conversas definidas para acontecerem antes ou depois da aula. Alguns acreditam que poderiam dar mais *feedbacks*. Além disso, no quesito receber sugestões ou *feedbacks* dos monitores e/ou estagiários, a maioria menciona que acha isso importante, sendo que alguns dizem questionar, às vezes, os monitores em relação a isso. Um dos professores até pede isso de maneira mais formal, por meio de um relatório elaborado pelo monitor/estagiário ao final do semestre. Mas muitos alegam que os *feedbacks* e sugestões advindos dos pós-graduandos ainda ocorrem de forma tímida.

Eu tento fazer um relatório que é um pouco mais completo para poder servir como retorno. Acho que eu tento fazer isso em torno de cada uma das atividades: ah essa prova ficou legal! Ah gostei dessa aula! Essa atividade ficou boa! Mas acho que poderia haver mais sabe?! (P1)

Bom, eu acho que é dar todo o apoio para o aluno, sempre deixá-lo ciente do que ele tá fazendo, do que que ele planejou, do que que ele espera fazendo aquilo que ele tá fazendo, quer dizer o que que ele espera do monitor, o que ele pode ajudar o professor na condução ali das atividades e dar apoio para os alunos, ajudá-lo com materiais; quer dizer, eu vejo dessa forma, tem que ter um acompanhamento, fundamentalmente é isso, é acompanhar a atividade do monitor, deixar ele sempre a par do que está acontecendo, dos critérios, enfim de todo o processo da disciplina, desde o planejamento, até o desenvolvimento e depois a finalização (os critérios de avaliação, prova...), tudo isso. (P17)

Discutir critérios da estrutura, da estruturação do curso, do planejamento da disciplina, do planejamento das aulas em si, incluir o PAE no processo de decisão, na confecção de exercícios, elaboração de exercícios, elaboração de material, eu acho que seria apresentar e discutir, dar liberdade para o PAE apresentar ideias e sugestões. (P19)

o que eu tento fazer em vários dos casos, eu não vou dizer que sempre isso é possível, mas eu tento às vezes conversar com...eu já tive vários monitores, tanto num caso quanto no outro... conversar com o aluno eventualmente para explicar determinadas escolhas que eu fiz para a aula, por que que eu escolhi aquela abordagem, por que eu comecei a aula daquele jeito, por que eu fiz uma determinada pausa em algum momento da aula, por que que fiz chamada depois de uma hora de aula e não depois de 30 minutos, por que que eu não fiz chamada, por que que eu fiz isso, por que que eu fiz aquilo, então para que o aluno entenda os motivos das escolhas que a gente faz em aula, até para ele entender por que uma aula não é linear o tempo todo, mas assim nem sempre isso é

possível, a gente tenta fazer, algumas vezes isso acaba não sendo tão bom quanto a gente gostaria que fosse. [...] Tenho, como te falei, algumas vezes a gente consegue fazer isso melhor e às vezes não, então, por exemplo, às vezes com correção de exercícios, às vezes eu converso com o monitor eu falo para corrigir o exercício, digo os parâmetros que ele tem que fazer, olhar, eu falo ‘isso aqui é mais importante, isso aqui é menos’, ele corrige, mas todo exercício que o monitor eventualmente corrige eu reviso, obrigatoriamente, eu nunca devolvo do jeito que ele me passou, em alguns casos eu vou dizendo para ele ‘olha aqui você foi muito mão aberta, aqui você foi rigoroso demais, esse ponto você deixou passar isso, você deixou passar aquilo, olha para isso aqui que esse ponto é relevante’, eu tento dar o *feedback* em relação a essas atividades; agora algumas vezes a gente gostaria de dar mais *feedback*, mas a gente não consegue, por questão de tempo, de *timing*, de atividades mutuas, mas em geral eu tento fazer isso. (P2)

Então, isso tem acontecido esse semestre, teve uma outra vez em que isso eu pedi só no final e também aconteceu, eu tive monitor que eu não precisei pedir, ele já proativamente trazia isso e eu procuro também, talvez de maneira restrita, mas eu procuro dar o *feedback*, principalmente quando...é, quer dizer, hoje o que eu me vejo fazendo às vezes, até não sei se dando um *feedback*, mas talvez seja também uma forma de *feedback*, de justificar algumas das escolhas, quer dizer como a pessoa não participou do planejamento, ela pode não entender exatamente porque aquilo está ali ou porquê que eu fiz aquilo daquele jeito, então procuro justificar em alguns momentos porque as coisas estão sendo feitas de um jeito ou de outro, mas acho que ainda é muito restrito também. Eu acho que assim, pessoalmente, eu penso que pessoalmente o dar *feedback* eu precisaria fazer mais ou melhor. (P3)

Então acho que de troca, por isso que falei reuniões, troca de ideias, então talvez ‘oh por que não muda isso aqui’, se eu não concordar vou falar ‘acho que por causa disso, da minha experiência’ ou o professor falar ‘porque você está propondo isso, você já viveu?’, essa troca é útil em todos os sentidos, ‘por que você está dizendo isso que aqui ao invés de dar uma prova é melhor dar um case, você já viveu isso? Vamos experimentar’ é para ajudar no processo de evolução, não é somente para cumprir a carga de monitoria e eu ter um monitor, para mim não tem utilidade dentro do contexto todo. Então atualmente essa troca não ocorre (P5)

eu sempre gosto de sentar, planejar e dizer ‘o que você acha que a gente deve fazer?, como você vê isso?, qual a sua sugestão?’ eu gosto de acolher isso e, em geral, as experiências que eu tive foram muito positivas, ideias boas, sugestões boas e tal (P7)

eu tenho um costume de elogiar quando obviamente é o caso, mas eu não tenho uma coisa assim formal, não tenho ‘ah vou falar isso’, acontece mais espontaneamente eu acho, mas eu normalmente falo de pronto assim quando a gente termina a sessão eu faço um comentário do que eu gostei e tal, do que eu não gostei, mas em geral eu procuro oferecer *feedback* e muito nos bastidores obviamente, nas sessões de planejamento... (P7)

Neste contexto, cabe destacar que no que se refere à preparação das aulas, a maioria dos professores manifestou uma reflexão mais individual, levando em conta suas próprias experiências como aluno e como professor e, também, o *feedback* dos estudantes da graduação.

Ao questionarmos sobre ter espaços de troca de experiências e da reflexão com outros professores, todos manifestam que isso era importante e que, intra-departamento, alguns até fazem isso, mas muito de forma informal e em pequenos grupos. A maioria acha que poderia ter ações que tornassem essa reflexão conjunta entre os professores mais estruturada. Nesse contexto, apesar de a monitoria e o PAE não resolverem esta última questão, como já são ações disponíveis e, de acordo com os relatos dos entrevistados, terem potencial de serem espaços de troca de experiências e reflexão conjunta, vê-se mais um motivo para buscar uma melhoria contínua no processo de monitoria e de PAE, a fim de permitir cada vez mais que possa, de alguma forma, ocorrer a reflexão conjunta sobre o ensino na graduação, permitindo, dessa forma, que tanto o aluno da pós-graduação possa ter aprendizado sobre docência, como também o supervisor possa ter oportunidades de repensar sua própria atuação e ter novos *insights* sobre sua prática pedagógica.

4.4.2.4 Reflexão e reflexos para a graduação e sua própria atuação

Apesar de, como mencionado na seção anterior, os *feedbacks* e sugestões dos monitores e estagiários serem considerados tímidos, a maioria dos professores vê de forma positiva a participação dos estagiários e cita reflexos positivos e melhorias para suas aulas na graduação.

Olha eu acho que algumas coisas que vieram acontecendo com o tempo; por conta dessa interação eu fiquei mais segura e mais propensa a adotar determinadas ferramentas e determinadas tecnologias. Acho, por exemplo, o uso que eu faço do Moodle mudou muito, o uso, por exemplo, de planilhas em sala de aula... eu lembro uma vez até que eu fiz uma prova junto com [...], que era uma prova em planilha Excel no computador, foi uma das primeiras experiências com prova no computador. Então, nesse sentido, sim, gerou alguma mudança. Por exemplo, [...] aquela questão das rubricas de avaliação e a questão de ter uma ficha de avaliação das apresentações que a gente desenvolveu juntas e aquela experiência de gente trocar as nossas avaliações para definir qual a nota que a gente ia dar para cada pessoa e para cada grupo então isso eu acho bem interessante. Essas são algumas que eu me lembro. E acho também que essa possibilidade também de interação com pesquisa, por exemplo, a experiência da [...], dela fazer alguma coisa relacionada à pesquisa dela na sala; já teve uma outra experiência que a gente fez em outra turma, teve a dissertação da [...]. também existe uma interação com pesquisa. Acho que é isso um pouco que eu lembro. (P1)

Eu acho que acaba me dando mais segurança para eu tentar algumas coisas, acho que essa possibilidade de discutir de pensar coisas novas, pensar como implementar, ela acontece um pouco dessa interação com os estagiários e com os monitores. Eu acho que, provavelmente, se eu estivesse só, eu seria mais resistente sabe dessa insegurança que eu falei para você?!, acho que ela se faria mais presente. Quando você recebe uma sugestão ou você faz uma sugestão e essa sugestão recebe uma boa acolhida, você se sente mais segura; ou para experimentar aquela sugestão ou para implementar aquilo que você está pensando, porque passa como se fosse por um teste daquele grupinho.

Mas tem outras também, com relação a própria questão de bibliografia, material de consulta que a gente possa disponibilizar, exercícios... na turma desse semestre que passou, por exemplo, o [...] trouxe uma sugestão de um exercício que envolve a DVA. Acho que isso tudo vai crescendo nessa possibilidade de você tentar coisas novas, que muito provavelmente, se eu tivesse sozinha, haveria uma tendência da inércia sabe?! (P1)

Assim eu acho que assim às vezes é uma oportunidade para dialogar com alguém, para interagir com as pessoas, mesmo que a pessoa não seja exatamente daquela formação, daquela disciplina que está sendo ministrada, ter oportunidade de ter alguém para ajudar, às vezes alguns casos para você compartilhar algumas experiências, para você compartilhar visão sobre o comportamento da classe, sobre o que os alunos têm feito, então até já teve alguns casos de correção de exercícios e projetos, que eu pedia para o monitor fazer um *screening* inicial e depois eu corrigia e depois mais uma vez eu sentava para conversar com o monitor e falava ‘o que você achou?’ para ver se a minha impressão era... ele corroborava a minha impressão, que às vezes você pode ter uma impressão da turma, do projeto, do exercício, então ela pode não ser a mais adequada. Então acho que o monitor além dele ser alguém para auxiliar, que é importante claro, que a gente tem muita coisa para fazer, mas também ele é uma pessoa que está em treinamento, isso a gente tem que reconhecer, esse é um ponto fundamental, mas eu acho que também é uma pessoa para você compartilhar uma série de pontos (para você compartilhar a sua visão da classe, o que você vai fazer, para você dividir), até porque o professor também tem dúvidas (se aquela avaliação que você fez era a mais adequada, se a visão que você teve, por exemplo, de um projeto de TCC não foi excessivamente rigorosa ou não) então o monitor te ajuda a pensar conjuntamente, e duas pessoas, eventualmente, uma pessoa te ajudando, duas pessoas pensando juntas, sempre é uma coisa positiva, porque a atividade docente ela tende a ser muito solitária de alguma forma e a existência de um monitor ajuda a reduzir esse problema. (P2)

Sim, tem uma aula, vou dar talvez dois exemplos particulares, tem uma disciplina que eu dei ontem, eu tenho uma aula que a estrutura da aula é basicamente a estrutura sugerida por uma monitora há alguns anos, quando tinha mais liberdade para que monitor desse aula, digamos assim ajudasse o professor; e tem uma outra disciplina onde a parte inicial eu dei para ele alguma coisa que eu queria, falei ‘olha, me ajuda nisso aqui, eu tenho essa ideia’ e aí a pessoa trouxe uma estrutura para o começo da aula, justamente aquele começo que você está dizendo ‘olha isso aqui é importante, esse negócio é legal, tem um negócio aqui para te chamar à atenção para isso’ e a estrutura é em boa parte o que esse monitor sugeriu a algum tempo e que funciona muito bem até hoje, eu mudei marginalmente essa introdução da aula, porque eu acho que ela funciona muito bem. (P2)

Sim, eu posso dar até um exemplo de agora mesmo, quer dizer é o exemplo de uma aula, montando a prova, o monitor deu um *feedback* e alterou a maneira como eu ia apresentar essa prova, enfim. Também teve um outro *feedback* que também fez com que a partir daquela aula eu mudasse ou incluísse aquilo que foi comentado, então sim, eu diria que sim, eu penso que há sim um aprendizado do meu lado também. (P3)

Um ponto positivo é ter uma segunda, e segunda opinião que eu falo não em termos de hierarquia, porque inicialmente eu que planejo, mas então ter esse *feedback* do que vem sendo feito, acho que esse é o benefício sobre o meu ponto de vista, que eu estou entendendo

que essa é a pergunta, então no meu ponto de vista é esse aprendizado que a interação com o monitor oferece. (P3)

Ah eu penso esse processo educacional, como eu te falei, você ajuda o camarada a construir uma coisa, acho que sozinho você vai ter a sua limitação, tendo diálogo para preparar a sessão, para discutir...bom, sempre vem uma ideia nova, é uma forma de você se convencer de que o que você está tentando fazer é legal ou não, diálogo para mim é fundamental, então para mim talvez o principal ponto é esse, é uma chance de você conversar e com isso você eleva o nível da experiência que se oferece para os estudantes; o resto é coisa mais pontual, são contribuições mais pontuais. (P7)

também é uma forma de os próprios alunos da graduação se aproximarem do aluno de pós, que muitas vezes esses grupos são bem separados e muitas vezes os alunos de graduação às vezes querem saber melhor o que é a pós, entender a experiência ali do monitor e a linguagem é sempre mais próxima de aluno para aluno, então muitas vezes o aluno ele fica com certo receio de se aproximar do professor, de fazer uma pergunta de achar que ele vai falar uma bobagem e tudo mais e o aluno de pós ele tem uma proximidade um pouco maior, não sei se você sentiu isso naquela época que você foi monitora, mas em geral eu percebo isso, que a linguagem é mais próxima, então os alunos acabam tendo mais facilidade, se identificando e tudo mais. (P17)

Costuma provocar sim, é claro que isso aí também varia muito de pessoa para pessoa, mas muitas vezes é um olhar externo, você está meio que viciado na sua forma de fazer e às vezes o aluno como ela está meio em cima do muro, ele é aluno, mas ele está do lado do professor, então ele muitas vezes percebe alguma coisa que o professor não percebeu e comenta 'olha isso aqui eu gostei, isso não gostei, isso deu certo, isso não deu certo' e aí a gente acaba sempre refletindo em relação a isso e eventualmente fazendo diferente nas experiências seguintes, então eu acho que sim, então acho que tem um potencial de provocar mudanças sim. (P17)

Para o professor eu acho que é alguém que de fato colabora com as atividades, as atividades em si, as operacionais, mas principalmente alguém que colabore com novas ideias sobre material, sobre exercícios, sobre abordagens, é isso que eu esperaria de um PAE com um professor, esperaria que ele viesse com ideias, com sugestões, com iniciativas e com propostas, eu acho que essa seria a vantagem, o lado positivo para o professor. Para o aluno eu acho que já é automático é ter esse primeiro acesso, caso seja o primeiro, ter esse acesso à docência acompanhando como é feita a estruturação de uma disciplina, de um curso, das aulas, como é a dinâmica do planejamento e de ministério das aulas, das disciplinas. (P19)

E, voltando, eu acho que como docente a gente se desenvolve a vida inteira, então esse desenvolvimento é conjunto, por que eu falo que é uma parceria? porque quando vem um aluno da pós ser monitor ele acaba tendo outros olhares, você acaba oxigenando mesmo, você acaba tendo outras ideias e eu acho que isso é muito importante, então normalmente eu tenho tido boas experiências com os monitores quando eles percebem que é uma oportunidade de se formar como docente. (P12)

Eu acho que sim, porque geralmente tem o *feedback* do PAE e como eu disse para você a gente vai conversando sempre, o que está acontecendo, como pode melhorar a aula, como pode fazer melhor, então sempre tem uma melhoria sim, às vezes não tão significativas, eu acho, às vezes não tinha significativas, mas eu acho normal. (P16)

eu posso dizer para você que em várias situações esse PAE por trazer um tipo de experiência diferente, eu dei o exemplo do cara de auditoria, então você imagina você tem um PAE que tem vivência em auditoria esse cara vai trazer uma experiência rica se o professor que o acompanha der abertura; tem alguém que tem uma experiência sei lá fez um período fora do Brasil em tal lugar, talvez ele traz alguma coisa, ele pode trazer alguma coisa, isso pode deixar o ambiente mais rico; ou então alguém que tem uma vivência num ambiente diferente de São Paulo, você tem uma experiência em relação a Santa Maria, às empresas de lá, à forma de pensar, a visão profissional e você pode trazer ingredientes para uma sala de aula bem bacana, agora que você precisa saber que é bem-vinda essa experiência, o professor precisa achar que é bem vinda, aí realmente eu diria que a graduação tem algum benefício, e tem, agora se não for essa a preocupação existe uma acomodação e aí eu não sei identificar esse segundo aspecto que é a melhoria da graduação. (P14)

4.5 Relatório e *feedback*

Uma possibilidade de reflexão também citada seria o relatório final. Ou seja, a elaboração do relatório final poderia ser um momento para o estagiário e o supervisor parassem, e refletissem sobre a prática durante o semestre e, também, poderia ser um instrumento que possibilitasse uma reflexão sobre a reflexão que ocorreu durante o semestre.

Para o PAE eu já me lembro que precisava de um relatório a ser entregue no final, e eu acho que é muito importante essas duas ações, principalmente porque quando você para fazer um relatório eu acho que é um momento de refletir sobre a prática, como foi, o que poderia ter sido feito de uma forma diferente. Então, por exemplo, eu lembro que no estágio do mestrado [realizado em outra instituição] o relatório final ficou muito bem construído, eu lembro que recebi elogios por causa disso, porque foi um processo tão interessante de parar para pensar o que aconteceu, o que eu fiz, isso foi muito interessante. No PAE eu acho que acho que também tem isso, você tem que primeiro entregar um plano de trabalho e depois um relatório final, então você também cruza o que você propôs a fazer e o que de fato foi feito, o que não foi feito, se houve algum tipo de modificação no processo. Então acho que é muito interessante e importante essa questão do *feedback*, que é o momento que a gente para refletir um pouco sobre o processo. (E21)

No entanto, não necessariamente isso esteja ocorrendo, pois, a maioria dos entrevistados e entrevistadas diz que acaba sendo um relatório burocrático, escrito de forma a cumprir um requisito e não, necessariamente, usado para poder pensar sobre o estágio. Alguns argumentam que até tentaram, em alguns semestres, escrever de forma cuidadosa, principalmente, as sugestões. No entanto, nunca perceberam algum efeito disso. Então, acabaram depois não dando mais importância ao relatório. Deste modo, algo que talvez poderia ajudar seria que, de alguma forma, fosse dado um *feedback* no agregado aos professores e estagiários, a fim de demonstrar que aqueles relatórios estão sendo utilizados de alguma forma, para alguma avaliação. Além

disso, alguns sugerem que talvez seria interessante um formato mais digital, que permitisse utilizar com mais facilidade as informações, inclusive para pesquisas como essa.

Talvez se houvesse um processo de *feedback* da nossa parte, como o relatório final, mas que fosse mais controlado, porque assim a sensação que eu tive ao entregar o relatório final do PAE é que ninguém vai ler, não vai ter impacto nenhum, talvez colocar uns relatórios, algumas perguntas que façam a pessoa parar e refletir sobre isso e que haja alguma discussão com alguém, que poderia ser o próprio supervisor, mas para que tenha uma questão específica e não seja só uma coisa pro forma para cumprir os requisitos. (E10)

O relatório eu acho que as questões do texto estão adequadas, mas fica uma questão, um sentimento, que é totalmente proforma, deveria haver esse *feedback*, essa avaliação, porque assim soube de alguns colegas que as atividades eram muito excessivas, exigências muito além do que é esperado do aluno e essas situações continuam acontecendo ao longo do tempo e não acontece nada, não tem um *feedback* da Coordenação então um retorno da avaliação do relatório seria bem interessante. (E10)

acho que teria que ser informado, passado uma visão geral, por exemplo, de uma forma geral os professores pensam isso e aquilo do PAE, de uma forma geral os estagiários pensam isso e aquilo do PAE. Que isso fosse divulgado para todo mundo, então o estagiário soubesse no geral o que os professores pensam e os outros estagiários e os professores também soubessem no geral o que os outros professores e os estagiários pensam; eu acho muito importante mesmo. (E22)

Se existissem Comissões, por exemplo, que acompanhassem o PAE seria ótimo, porque da forma como é hoje, talvez as pessoas nem estejam muito preocupadas sobre o que escrever no relatório, porque não vai ter retorno mesmo, então talvez como não tem um retorno as pessoas nem estejam construindo o relatório da melhor forma. (E21)

Eu acho que assim a parte final do relatório assim que a gente tem que fazer ela não é muito aproveitada, nem pelos professores, nem pelos alunos, eu no meu caso assim tanto quando eu finalizei as monitorias, quanto o PAE, eu sentei com os professores e conversei com eles, eu acho que essa conversa vale muito mais do que eu ler o relatório, deles lerem o meu relatório, eu nem li o relatório, então eu nem sei o que foi escrito. Eu acho que essa conversa é muito mais proveitosa, o *feedback* final, vamos dizer assim, desse processo de aprendizado; eu não sei como isso poderia ser feito, talvez não numa forma tão formal ou as perguntas que são feitas ali meio gerais acaba sendo um cópia e cola do que já foi feito, então eu não sei assim, essa parte assim eu acho bem burocrática e não sei até que ponto tem efetividade. Eu acho que tem que ter o registro, tem que ter o registro, mas o quanto dali desse registro realmente é aproveitado pelo professor, pelos alunos e quanto disso gera de informação, vamos dizer assim, de *feedback*, quanto disso volta para a própria instituição, para a própria FEA, se isso é analisado, não sei, não sei mesmo. (E11)

Hoje o que eu vejo é que você já está tão desgastada no processo, que você acaba...eu, por exemplo, sempre entreguei no último dia, no último prazo, correndo atrás de alguém para assinar, foi só para “inglês ver” porque eu tinha que fazer e ponto, isso foi o que eu fiz. Então aqueles relatórios lá eu sinceramente nem sei... e depois que eu descobri que todos eram iguais, então eu já tenho um padrão [...], porque aquilo não serve para nada, porque ninguém lê, se alguém lesse e visse que tudo está igual, então eu ia tomar um

baita de um chavão, eu jamais ia me comportar assim, agora ninguém tá olhando mesmo então vai pelo mais prático e coleta assinatura e segue. (E23)

não se tem muito o *feedback*, então você preencheu um formulário, você pode ter falado um milhão de coisas, mas só que em momento algum, pelo menos eu nesse um ano e 10 meses que eu estou na universidade, não vi assim nenhuma chamada deles, não vi assim nada deles, ah um *feedback*, um relatório sobre o PAE, apontamento sobre o PAE, não sei se talvez isso possa existir e está escondido e eu ainda não vi, mas assim em momento algum já passei por algo que tenha um *feedback* do processo, do programa na verdade; um outro ponto é que as coisas às vezes também estão meio soltas, você começa um processo de inscrição em que você tem que colocar lá quais vão ser as tarefas que você vai realizar, só que assim, por mais que a gente leia, etc., pelo menos eu não lembro de ter muita coisa clara sobre os papéis que eu vou desempenhar, eu sei que ah não posso dar aula, não posso conduzir a disciplina sozinho, mas não tem assim muito claro, não sei também se colocasse se seria ruim, mas você fica meio perdido, então vejo que aquela parte inicial fica algo meio que só pra constar ah eu vou fazer isso e aquilo outro e tal, mas eu não sei se existe um confronto do que você colocou no início, no primeiro relatório e o que você colocou no final entendeu?!, não sei se existe alguma orientação, se eu vou botar lá que eu vou dar todas as aulas, que eu estou conduzindo a disciplina sozinho, se alguém da secretaria vai ver e vai me chamar à atenção ou chamar à atenção do supervisor, então assim eu acho que é uma iniciativa muito boa, mas eu acho que ainda tem bastante coisa que pode ser melhorada, que pode ser aperfeiçoada no próprio programa de aperfeiçoamento. (E16)

Mas aí o ponto que vai é tipo para onde vai esse relatório e quem usa? tipo porque não adianta você fazer um relatório que ninguém vai olhar e ninguém vai dar um *feedback* em relação àquilo, tipo vai que o professor escreveu que o estágio com o professor foi uma droga, porque o professor foi abusivo em relação à carga de trabalho, muito provavelmente vai vim outro monitor depois no semestre seguinte pegando monitoria com ele, porque não vai fazer diferença, porque quem vai olhar aquele relatório? Quem vai fazer cumprir? Não sei, não faço ideia. Sei lá é minha responsabilidade sim como estagiária saber quem está acima de mim, no sentido de não ser só um professor, mas quem vai fiscalizar o Programa de Aperfeiçoamento do Ensino, mas eu desconheço quem seja (é a FEA, é a reitoria, para quem eu falo alguma coisa), porque junta isso também, acaba que no relatório acho que às vezes fica um tom meio falso em alguns momentos, porque a pessoa só precisa cumprir tabela e ela não sabe qual que vai ser a represália se ela tiver que falar que o aluno sofreu abuso de trabalho, aí o que acontece é que você cria uma cultura interna dos alunos do tipo ‘quem é o professor que você pode pegar monitoria e quem é o professor que você não pode pegar monitoria’. Então eu acho o relatório falho nesse ponto no final, do tipo ele fala do aluno se foi bom ou não, mas o aluno não sabe; fala do professor se ele foi ou não foi como supervisor e se o processo foi bacana, e você não sabe para onde vai aquilo e quem vai fazer o que com aquela informação e morre ali. (E3)

Então eu acho que é interessante, eu acho que o monitor gerar esse *feedback*, digamos assim, para o sistema que cuida do PAE, para as pessoas que cuidam do PAE, é legal e até mesmo com a quantidade de tecnologia que tem hoje esse relatório ele poderia ser preenchido até mesmo por meio digital em que cada monitor pudesse expressar o que aconteceu, o que não aconteceu, eu acho bastante válido. (E24)

Então talvez ter um relatório num prazo melhor, num prazo mais curto, para que você consiga se lembrar das atividades que você fez, um relatório mais amigável que você consiga preencher e razoavelmente você possa fazer no computador, não precisa ficar imprimindo e tudo mais, e o último que façam alguma coisa com aqueles dados, porque acho que talvez o que desanima é porque a gente sabe que não tem muita gente olhando para isso, não tem gente avaliando como é que está sendo o processo do PAE, então que se tenha o *feedback*, ah sei lá tivesse um portal lá de informações sobre o PAE, e aí fechou cada semestre, claro que não seria imediato, mas talvez sei lá dois meses depois, daí fechou em junho as aulas, agora em setembro, talvez no fim do outubro, informações sobre o PAE do primeiro semestre, tivemos tantos alunos, colocar a nível FEA, tivemos tantos alunos, recebemos as sugestões tais, nós tivemos tantos supervisores respondendo e aí talvez botar uma análise qualitativa ‘ah percebemos na opinião dos alunos que os professores estão respeitando o horário semanal’ ‘ah nós percebemos que, na visão dos professores, que os alunos não têm se dedicado ao estágio PAE’ então assim acho que coisas assim serviriam mesmo para você perceber que o relatório que você tá enviando alguém está fazendo alguma coisa com aquilo e da mesma forma que o relatório que o seu supervisor está enviando alguém tá olhando para aquilo, então acho que coloca um pouco mais de responsabilidade nas suas atividades. (E16)

É que você escreve aquele negócio, tipo a primeira vez até que escrevi bonitinho aquele negócio, tanto eu quanto o meu orientador, que tem um relatório do aluno e outro do supervisor, escrevemos bonitinho o negócio, a segunda vez também, aí agora eu entreguei lá para ele e ele botou ok, ok, tracinho e assinado e pronto, que não mudou nada até agora, cinco anos e não mudou nada, tudo bem que essas coisas também são difíceis de mudar, mas assim não acho que é uma coisa que eles talvez avaliem muito [...] agora tipo você só entrega o negócio e tá ok, não tem nenhum tipo de *feedback* nem nada assim, então acho que acaba perdendo a função. (E9)

Hoje o que eu percebo é que ele é um pouco burocrático sim, não vou mentir não, eu percebo que ele é um pouco burocrático, por que?, qual é o retorno que as pessoas tem desse relatório? O que o professor tem de retorno dele? O que a gente sabe sobre esses relatórios do PAE? [...] a gente faz o relatório e entrega o relatório, tá, o que a gente obtém daí? Tem alguma publicação que é feita em cima dos relatórios? Tem alguma equipe que se debruça em cima deles e desenvolve estatísticas sobre o que está sendo analisado?, sobre como pode estar sendo melhorado?, prepara um livro?, prepara um trabalho? (E27)

Então a gente tem muito pouco *feedback* em relação a isso, eu acho que isso talvez seja, eu não vou dizer uma falha, mas talvez a gente pudesse ter mais respostas em relação a isso, tanto em relação a seu próprio monitor quanto de outros, pudesse ter um *feedback* maior dos alunos em relação ao papel do monitor às vezes, que a gente tem, mas isso não faz parte do PAE, faz parte do processo de avaliação interna aqui que a gente tem, então mas eu tenho pouco conhecimento sobre como isso é usado, como esses relatórios são avaliados, não sei muita coisa. (P2)

Acho que esses relatórios eles poderiam ter um outro tipo de utilidade, eu acho que não pensando num relatório, mas eu acho que no agregado, por alguma forma, ele poderia ter informação útil, que ajudasse tanto a pensar o papel do PAE, quanto enfim eu acho que um *feedback* para os professores também, quer dizer quais são os pontos principais que os monitores criticam, que eu não lembro se eu tenho acesso, não lembro se esse relatório vem para mim, o que o monitor faz, mas eu acho que nem deveria, mas então

se não vem eu ou qualquer outro professor não sabe quais são esses pontos, então seria na forma tanto positivos quanto... enfim ter uma visão do que está acontecendo. (P3)

Eu entendo que isso é basicamente algo proforma, eu acho que o ganho se deu ao longo do processo. Talvez o que pudesse acontecer mais é a existência de um relatório talvez até mais objetivo, alguma ficha de avaliação detalhada, a exemplo daquela ficha que os alunos respondem ao final da disciplina avaliando a disciplina poderia ter uma ficha de avaliação para o supervisor e o estagiário para que eles pudessem pontuar ou dar nota em alguns quesitos, eu gosto mais dessa avaliação objetiva. Mas assim tanto eu quanto os meus monitores ao final do processo a gente não acaba dando muita ênfase nisso. [...] acho que talvez o que pudesse existir é algum compartilhamento desses resultados, eu acho que seria interessante que outros professores e outros alunos tomassem conhecimento do que tem acontecido com o programa aqui na FEA ou no departamento de Contabilidade e Atuaria (P4)

Então eu acho que é mais burocrático isso, o meu sentimento é que acaba sendo algo burocrático no final. Quem vai ler esse relatório? O que eu faço com esse relatório? Quem recebe esse relatório? O que o professor tem que escrever? Qual foco ele tem que dar no relatório? Para que? Sabe, se eu não entender bem essas coisas, para mim acaba sendo algo mais burocrático. Porque eu não sei, alguém vai ler isso? Que ação que nós teremos com esse relatório? Eu acho que é mais uma burocracia da Universidade, para mim o que importa é o processo do PAE. (P11)

Acho que seria sim, eu acho que se a gente fizer um apanhado dos relatórios, das notas, a gente vai chegar a algumas conclusões em relação a isso, se o programa tá bom ou não está bom, se eu posso achar que eu estou fazendo um trabalho maravilhoso mas o objetivo não é esse mudou; acho que sim é um material que deveria ser usado não só como pesquisa, mas como ações mesmo. (P14)

Ainda sobre os relatórios do PAE, é importante destacar que ao realizar a pesquisa documental, foi possível perceber que as questões 2 e 3 do relatório do estagiário, que tratam da avaliação sobre o desenvolvimento do plano e de sugestões para o Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE), respectivamente, apresentam entendimentos diferentes por parte dos estudantes. Na questão 2 alguns, estudantes comentam sobre o plano do estagiário PAE, que é uma síntese das atividades a serem realizadas pelo estagiário, elaborado por este em conjunto com o supervisor, entregue no ato da inscrição para a realização do estágio supervisionado; e outros interpretam como sendo o Plano de ensino da disciplina em que participou como estagiário. Já quanto à questão 3, alguns estudantes apresentam sugestões para o PAE, de modo geral; e outros trazem, nesse item, sugestões de melhoria para a disciplina junto a qual atuou. Com relação a isto, cabe questionar, por exemplo, se esses *feedbacks* chegam aos professores e, se não chegam, como poderiam chegar. Também, talvez fosse uma possibilidade de expandir os relatórios, incluindo o *feedback* do aluno sobre a disciplina, podendo ser essas sugestões tratadas em reunião com os supervisores de forma geral, para não identificar o estagiário, por exemplo, e contribuir para a melhoria dos cursos de graduação, já

que esta melhoria era um dos objetivos iniciais do Programa PAE. Além disso, é importante reescrever o enunciado dessas questões, procurando deixá-las mais claras.

4.6 Comentários adicionais sobre o PAE

Com a finalidade de explorar alternativas de preparação pedagógica e, também, atividades complementares ao estágio do PAE, os entrevistados e entrevistadas que atuaram como estagiários do PAE foram questionados sobre a sua opinião em relação a disciplinas oferecidas a distância, tomando como exemplo uma disciplina oferecida pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação a todos os alunos da USP no ano de 2017, e, também, sobre realizar *workshops* ou atividades de troca de experiências entre os estagiários do PAE, a exemplo de *workshops* do PAE já realizados em algumas unidades da USP, como ESALQ e USP-São Carlos e do *Workshop* do PAE realizado junto ao III Congresso de Graduação da USP no ano de 2017.

Nesse sentido, quanto a uma disciplina a distância como alternativa de preparação pedagógica, alguns entrevistados acharam interessante, mas não se chegou a um consenso em relação a se isso poderia ser uma forma de preparação pedagógica do PAE. Alguns acreditam que seria interessante, pois permitiria até tratar mais assuntos do que no ciclo de palestras, além de cada um poder fazer as atividades nos horários que tiver disponibilidade. Outros acham que talvez poderia ser um complemento, pois é importante ter uma parte presencial também.

Quanto aos *workshops* ou atividades de troca de experiências, boa parte dos entrevistados e entrevistadas acha que alguma forma de troca de experiências pode ser interessante. No entanto, muitos acham que seria melhor ter discussões e não apresentação de *banners* como ocorre atualmente, por exemplo. Além disso, alguns dizem que, apesar de talvez ser interessante, não sabem se participariam desse tipo de atividade ou se seria possível discutir de forma sincera aspectos negativos, por exemplo. E ainda, foi destacado que, se ocorressem, seria importante que não só os estagiários participassem desse tipo de atividade, mas também os supervisores.

Portanto, ambas as questões denotam a necessidade de mais estudos, pois nas entrevistas realizadas ainda se percebem muitas divergências de opinião em relação à realização ou não desse tipo de atividades e, caso fossem realizadas, qual seria a melhor maneira de operacionalizá-las.

4.7 Visão dos alunos da graduação

Em relação os estudantes da graduação que foram entrevistados, a primeira questão buscava constatar se eles conseguiam diferenciar os estudantes da pós-graduação que atuavam como estagiários por meio da Monitoria Didática e do estágio do PAE. Nesse sentido, todos manifestaram não terem conhecimento sobre a diferença entre o PAE e a Monitoria Didática. Assim, para eles, todos eram considerados monitores da pós-graduação. Deste modo, se conduziu as entrevistas tratando as duas atividades como sinônimas.

Quanto às entrevistas, é importante destacar que foram entrevistados estudantes dos cursos de Ciências Contábeis, Administração e Economia. Esses estudantes não têm aulas somente com professores do Departamento de Contabilidade ou da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA), mas sim de diversos departamentos da USP.

Em relação às atividades desempenhadas pelos monitores, os comentários dos alunos denotam que a participação varia dependendo do professor e/ou disciplina cursada. Alguns monitores, por exemplo, assistem todas as aulas e têm uma participação mais ativa. Outros nem chegam a assistir aulas, estando disponíveis apenas para tirar dúvidas por e-mail, ou ofertam plantão de dúvidas. Alguns só foram em alguma aula e aplicaram provas. A seguir alguns trechos que exemplificam essas diferenças.

Maior parte das vezes era tirar dúvida do pessoal do curso mesmo, por exemplo, se alguém com os conceitos que a professora passava na aula tivesse alguma dúvida a gente procurava os monitores, seja por e-mail ou pela monitoria mesmo, eles tinham um horário que eles ficavam aqui só para tirar dúvida. Maior parte do tempo era isso. Aí a outra atividade que eles fizeram no caso só da [...] foi dar uma parte da aula também, os outros monitores que a gente teve nunca deram aula, só estavam lá para tirar dúvida mesmo. (G1)

Assistiam as aulas dos professores; cuidavam da burocracia em relação a lista de presença/frequência (para alguns dos professores, não todos); alguns, não todos, tinham uma atuação mais participativa em termos de correção de lista de exercícios e provas, mas não todos, e até acho que você tinha uma participação maior nisso, mas não todos, tem uma porção de monitores que só assistem aula; eu falei da burocracia de lista de presença/frequência, adiciono também secretariar o professor de maneira geral, ajudando o professor, auxiliando com partes menos didáticas propriamente ditas; alguns apresentavam aula no lugar do professor. (G2)

Eles mudam bastante dependendo do professor, então tem professor que exige bastante do monitor PAE, então tem muita atividade, o que eu acho interessante porque desenvolve toda a parte acadêmica, até de ir lá na frente apresentar, tem alguns que deram uma aula para gente, o professor deixou eles darem uma aula, não sei como funciona, agora tem outros que nem aparecem na sala de aula, então tipo ele não precisa vir para sala de aula, então ele é um monitor PAE que a gente não sabe quem é a cara, mas se a gente manda e-mail ele responde, tem essas diferenças assim. (G3)

Às vezes é diferente, em algumas matérias eles só são responsáveis por corrigir algumas provas, fazer algumas atividades auxiliares aos professores e em outras matérias eles já ajudam mais, às vezes eles dão pelo menos uma aula expositiva e quando eles corrigem as atividades, eles vem atrás do aluno e falam “olha aqui onde você errou, não era assim, era mais isso e isso”, então era mais um auxílio para ensinar do que só auxiliar o professor na sala de aula. Alguns eram mais um auxílio operacional na sala de aula e outros era mais um auxílio acadêmico (para ensino). Então, às vezes era diferente, depende do professor. (G9)

Que eu tive experiência, assim, os monitores, quase todos, assistem as aulas daquela disciplina, então eles estão sempre presentes. Aí tem alguns monitores que nos períodos de intervalo das aulas, eles tiram nossas dúvidas, se a gente for conversar com eles. Têm alguns que abrem um horário de atendimento, se a gente quiser tirar dúvidas eles marcam um horário para a gente e a gente vai tirar as dúvidas. Têm alguns casos que as pessoas correspondem para gente por e-mail passando algumas informações que o professor queria para turma. E tem algumas vezes que eles corrigem provas, que os professores falam, e algumas vezes já teve disciplinas que eu fiz que eles ministravam aulas, algumas poucas e algumas muitas. (G4)

Os monitores alguns ficavam dentro da sala de aula com a gente acompanhando as aulas dos professores, auxiliando em tirar dúvidas dos alunos, alguns marcavam plantão de dúvidas assim algum dia à tarde, algum horário para a gente, outros ali durante correção de exercício, fazer exercícios, eles estavam lá para auxiliar a gente e outros a gente acabou nem sabendo quem era, só respondia e-mail e colocava material no Moodle para a gente. (G10)

Então eles acompanham as aulas, às vezes o professor tem algum congresso, alguma coisa assim, aí eles passam atividades; eles tipo tem um plantão de dúvidas; aí depende da matéria também, tem uns que você vai lá e tira dúvida e tem alguns que você só manda e-mail; mas acho que é basicamente isso. [...] tem um que assistem todas, todas as aulas; tem uns que vão às vezes e tem uns que vão quando tem apresentação de trabalho; tem uns que vão aplicar prova. (G7)

Quanto a assistir aulas, nem todos os estudantes da graduação acharam que isso é algo essencial. Nesse sentido, alguns apontam, que a simples presença do monitor em aula assistindo não faz diferença. Mas indicam que uma participação mais ativa do monitor é interessante, pois ajuda a complementar a aula do professor com outras visões. Além disso, apesar de alguns estudantes apontarem que a procura pelos monitores para tirar dúvidas tinha muita relação com a dificuldade da disciplina, outros mencionam que presença do monitor em sala, ainda mais se participando ativamente, também abre caminhos para que eles se aproximem mais dos monitores, seja para tirar dúvidas da disciplina, ou para conversar sobre outros assuntos que não estão diretamente relacionados à disciplina.

Sim, eu não tentei entrar em contato, por exemplo, com os monitores de introdução à economia, mas acho que seria um pouquinho difícil entrar em contato com eles, porque eles nem apareciam nas aulas né, não acompanhavam as aulas, aí a gente está muito

longe deles, por exemplo, a gente não tinha tanta intimidade assim, a gente não conhecia eles assim como a gente conheceu o [...]. (G1)

O fato dele participar, estar....acho que sim, aí já vendo de modo geral todos os estagiários, o fato de a gente ver a pessoa acho que estabelece uma proximidade né?!, então o fato dele estar lá, de saber que é uma pessoa, 'não estou mandando mensagem lá para o Google e o robô deles que está respondendo', acho que isso ajuda a gente a se sentir mais à vontade, com certeza, é bom saber quem é; talvez não que ele precisasse ir em todas as aulas, mas acho que é importante na primeira para a gente saber quem é, saber que ele existe, que está a disposição, e em algumas outras para a gente saber como ele é, tem pessoas e pessoas (mais acessíveis, menos acessíveis, mais numa linha de pensamento, mais numa outra...), conhecer mesmo, acho que ajuda a estabelecer essa ponte. (G18)

Isso ajuda a aproximar sim, eu acho, porque quando o monitor fala mais com os alunos, ele muitas vezes acaba se apresentando e ele já tem alguma experiência e o que aconteceu também com a minha turma, é que esse professor de administração falou que o monitor trabalhava bastante no Sebrae, por exemplo, várias experiências com empresas ele teve, várias experiências com enfim, você vai conhecendo melhor o que aquele monitor fez; o outro monitor também semestre passado de outra disciplina estava falando sobre o que ele fazia, sobre o escritório de contabilidade, como funcionava a contabilidade gerencial mais ou menos, dando uma noção assim, e conforme ele ia se apresentando sobre o que ele fez dentro da área, o que...ele ia passando esse conteúdo ia aproximando mais alunos, porque as pessoas iam tendo mais dúvida da área dele, pessoa que se interessa por contabilidade gerencial já ia falar mais com esse monitor, já ia falar mais, já ia estabelecer mais contato, e aí sim já ia ter um *feedback* da turma, porque assim às vezes a turma está naquele gelo lá, aí para quebrar o gelo acho que o monitor conseguindo falar com a turma, falando um pouco do histórico dele, acho que já quebra mais o gelo para as pessoas começarem a perguntar o que....enfim é despertar o interesse das pessoas, acho que isso ajuda bastante. (G14)

Quando eles são bem participativos isso é bem enriquecedor para a sala de aula, então eu acho que eles poderiam continuar tendo essas intervenções positivas, trazendo dados mais atualizados e com dúvidas relevantes. (G9)

Eu acho que assim já teve monitor que eu gostava, que estava na sala de aula, porque ele meio que complementava o professor assim, tipo a gente ia apresentar trabalho e aí ele fazia perguntas também, ele comentava o trabalho e era bom, mas tem alguns que só assistem aula, então tipo não tem muita diferença, porque ele só está assistindo. (G7)

Além de que os complementos que eles fazem na aula são bem interessantes, a gente não teria tipo esses conhecimentos que eles trazem para a gente em sala de aula e isso é bem legal, porque é uma coisa prática, a gente vê o que eles estão estudando. (G3)

Eu acho que aqueles que já se manifestaram mais presentes, participando da aula, abrindo um horário de atendimento, mandando e-mail sobre suas considerações sobre o trabalho feito, esses realmente que estabelecem um contato maior para com nós alunos, esses acho que assim que funciona melhor, a meu ver, que eu sinto uma maior confiança e mais acessibilidade com eles. (G5)

geralmente esses monitores eles pegam e sentam nos cantos da sala, aí não tem tanto contato com os alunos, aí até essa parte ok, aí quando o professor pega e chama para

participar, aí vai mostrando sua experiência e aí você vai se identificando em alguns pontos, falando “ah! Eu posso perguntar sobre isso depois para ele”, essa questão da acessibilidade mesmo. (G5)

acho que quebra uma barreira, você mandar o e-mail para uma pessoa desconhecida com uma dúvida acho acaba tendo uma resistência maior do que a pessoa estar lá e você falar ‘olha estou com uma dúvida nisso ou naquilo’, acho que facilita. (G8)

poderia ter uma participação maior, tipo ser menos passivo na aula, porque parece que eles estão na aula igual a gente assistindo, como se eles estivessem fazendo a matéria e a parte ativa fica só quando o professor está fora mesmo, talvez pudesse conciliar a participação do professor com a aula. (G17)

Ajudam, ajudam, com certeza, acho que tudo que adiciona no nosso conhecimento ajuda na formação, porque a gente não fica só limitado, por exemplo, à explicação do professor, ao jeito do professor, acho que eles vão abrindo o leque de possibilidades assim, eu acho que eles acrescentam sim. (G17)

Ativo no sentido que eu mais gosto é participação em aula, então quando está tendo alguma discussão entrar na discussão e trazer contribuições e falar o que ele já passou ou que ele pesquisa e tal, esse tipo de contribuição é muito agradável; nas disciplinas daqui isso era muito incipiente, principalmente porque elas eram muito matemáticas, então, como eu já havia dito, acho que deveria ter monitor para disciplinas menos matemáticas também, não é porque é leitura que você consegue resolver sozinho, às vezes tem coisas que seria legal ter um apoio. (G16)

queira ou não queira quando a gente prepara uma apresentação qualquer que for, a gente acaba se desviando, e o PAE às vezes puxa de volta ‘ah professor lá atrás aquilo lá eu não entendi, você estava falando disso...’ ou senão ‘ah professor você não vai falar para eles sobre aquele outro caso lá que o senhor fez não sei aonde’ ‘ah!, muito bom’, então vamos dizer é tipo a vozinha do professor ali ‘no roteiro você fala que é para abordar esse tópico e você ia passar batido’, e às vezes são pontos relevantes, não que o professor não estivesse preparado para responder, mas às vezes pelo diálogo da própria classe acaba passando batido e o PAE traz de volta para a discussão, isso é muito bom quando acontece, quando o PAE faz isso, teve coisa que caiu na prova e foi o PAE que lembrou... até porque ele sabe que vai cair na prova né?! (G18)

O problema é que o professor ele, dependendo do professor lógico, ele já definiu um formato de apresentar o conteúdo e aí ele vai usar aquele mesmo formato em várias turmas, porque ele já viu que para ele funcionou o que ele está aplicando; eu acho legal o PAE para complementar isso, porque o PAE traz uma outra experiência. Minha experiência pelo menos com o [...] que é o PAE que ajuda o pessoal da [...], a experiência que ele tem fora da parte acadêmica ajuda muito, porque ele viu muito uma questão prática, ele trabalhou no Sebrae, etc, então ele tem bons exemplos assim que acabam complementando aquilo que o professor está aplicando, acho que facilita um pouco. (G8)

O melhor dentro da sala de aula?! Bom, apresentar as contribuições né, às vezes eles tem mais contato, eles conseguem explicar melhor alguns termos, alguns conceitos, que o professor talvez não consiga ou não tenha tanto contato com a nossa realidade, porque a diferença de idade é muito grande também. (G15)

quando eles intervêm na aula do professor é com alguma informação mais atual, que o professor não tem ou com algumas perguntas relevantes que a sala não fez. E isso é bom. (G9)

No entanto, no que se refere à participação dos monitores, alguns apontam que além da postura dos monitores variar, há professores que dão uma abertura maior para o monitor participar.

essa relação existe entre o professor dar abertura e a gente perceber essa abertura com o monitor, porque mostra que está presente, mostra que o professor aceita esse monitor e que dá credibilidade para aquilo que o monitor está fazendo, porque se o professor está meio “ah! esse monitor está aqui só para cumprir espaço” você fica tipo “ah! Se o professor não está dando credibilidade para aquela pessoa”, já aconteceu às vezes que a gente perdeu a credibilidade no monitor sem nunca ter conversado com ele e, por outro lado, quando ele dá mais abertura a gente sente que um monitor faz parte daquilo e a gente vai buscar o referencial dele também não só do professor. Acho que essa questão da credibilidade, do referencial, para a gente é que é bem diferente. Mas acho que isso não é a única variável, é muito também a questão...sempre tem aquela aula que o monitor chega e o professor “esse é o fulano, ele vai ajudar vocês” e nesse momento o monitor como se comunica com a gente, mostra uma pessoa receptiva ou não, porque existe também esse fator que às vezes nem é que a pessoa...às vezes é uma forma dela se comunicar ou dela se posicionar que causa uma empatia ou antipatia da turma; então além do fator do professor, eu acho que existe um pouco do fator de como o monitor se posiciona naquele momento inicial, porque aquele momento que ele vai ganhar a gente, porque senão algumas pessoas vão atrás dele, mas meio que pode acabar perdendo o bando todo o resto. Eu acho que essas duas variáveis: tanto o professor, quanto ele naquele momento de apresentação. (G4)

Mas tinha, por exemplo, professores que davam uma abertura maior assim inclusive perguntando no meio da aula “o que você acha?”, como aquele caso que eu falei do monitor engraçado, que eventualmente soltava umas piadas na aula, que eram engraçadas e davam uma relaxada, distraíam a sala de aula e eram provocadas pelo professor; outros professores deixavam o PAE no canto davam aula normalmente como se o PAE não estivesse ali, ao menos não incentivavam, não provocavam uma participação ativa do PAE, acontecia; então tem os dois casos. (G2)

tem professores que tem muito mais abertura do que outros assim, na verdade ele coloca o monitor PAE mais na aula, mais presente, então isso eu vejo com o professor [...], que eu faço análise de custos, daí ele chama toda hora a monitora ‘e aí me fala o que você acha desse assunto’, então ele joga o assunto para sala, a sala responde, pergunta para ela, para outras pessoas, então ele faz uma coisa bem interessante de dinâmica; têm outros que o aluno está lá, o monitor PAE está lá e só está assistindo a aula, só para tirar dúvida no intervalo; então tem essa diferenciação sim de professor para professor. (G3)

Alguns professores chamam para participar, fazem perguntas ou então pede para fazerem uma pesquisa ali na hora, outros professores às vezes não dão muito espaço, eu imagino, não sei se essa minha percepção está errada, mas as vezes eu vejo que o professor não quer que o monitor participe muito e outras que o professor realmente quer dividir a agenda com o monitor, então já se programa e já planeja em quais

momentos o PAE monitor vai aparecer e em quais ele vai só auxiliar, mas daí depende do alinhamento que tem entre os dois. (G9)

no geral a gente se sente bem distante do PAE monitor, por isso a gente prefere falar com o professor, mas em alguns momentos a relação com os monitores foi bem próxima, mas depende da postura do monitor e da relação que ele tem com o professor, se o professor dá a chance dele participar ou não, acho que isso é o principal da nossa percepção, da minha percepção pelo menos. (G9)

acho que às vezes se o professor é muito fechado também o monitor não tem muito como aprender, ele vai aprender como o professor dá aula, mas não tem a experiência de lidar com as pessoas, que eu acho que é um aspecto que não tem como ensinar, você pratica e aí praticar na supervisão de alguém seria legal; então acho que tem professores que por serem muito fechados acabam inibindo isso, mas tem outros que são muito bacanas e deixam o monitor participar e quer mesmo que o monitor participe. (G4)

Eu acho que a diferença maior é com relação ao professor, tem professor que dá espaço para o monitor ser ativo e tem professor que não. (G16)

Tem professor que dá abertura maior, tem professor que quase não dá abertura, tem professor que a gente nem vê o monitor, tem algumas aulas que a gente quase não viu, a gente tinha monitor em dia de prova. (G13)

Ainda, em relação a aspectos não relacionados diretamente à disciplina, os monitores também foram apontados como pontes entre os estudantes da graduação e a pesquisa e/ou mercado de trabalho. Nesse sentido, alguns mencionam que acharam muito importante quando os monitores apresentam um pouco das suas pesquisas e/ou trazem suas experiências do mercado de trabalho, pois, após isso, vislumbram novas possibilidades e têm, também no monitor, alguém para conversar sobre esses assuntos.

tem pessoal que vai perguntar coisas sobre o doutorado, por exemplo, ‘mas e aí como foi você saindo da graduação, indo para o mestrado e doutorado’, a gente também vai tirar essas dúvidas com eles, quem quer seguir essa carreira acadêmica. (G3)

a gente também, pelo menos eu tive muito contato com os laboratórios de contabilidade por conta dos monitores, então quando a gente entra na graduação e até esse semestre muita gente não sabia que tinha laboratórios, tem acho que 14 laboratórios diferentes em contabilidade, e a gente não sabia que tinha isso, porque tem a porta de vidro e a gente não sabe o que tem lá dentro, então foi legal, porque a gente começa a saber quais são as linhas de pesquisa, isso é legal para a gente para saber sobre o TCC, então agora no final do curso todo mundo vem perguntar, principalmente para os monitores, porque eles fazem pesquisa, como é, o que pode ser linha de pesquisa, o que não pode, qual é o laboratório, o que trabalha no laboratório, aquela coisa toda, então é bem interessante assim. (G3)

Eu nunca procurei um PAE monitor para falar disso, mas sim, às vezes quando ele se apresenta e fala “olha, eu trabalhei em tal e tal lugar” é uma oportunidade de você conversar com ele sobre o mercado de trabalho para trocar experiências. (G9)

mais isso; ou então apresentando os trabalhos de pesquisa deles, que aí abre mais sobre o campo de atuação, você pode...mais ou menos isso. [...]. É que, por exemplo, no meu caso, no começo do curso eu nem sabia que existia relato integrado e durante uma palestra aí eu entendi e aí agora estou pensando em aplicar também. (G5)

ou trocar experiências também, vai que tenha alguém que queira fazer um projeto de pesquisa, como, por exemplo, agora estou nessa disciplina de metodologia da pesquisa e aí todo mundo fica “ah! O que vou pesquisar?” aí vai perguntar para o monitor, que o monitor está fazendo uma pesquisa também, você faz uma pesquisa, aí eu olho pra isso e penso que legal, vou perguntar para ela se ela dorme, se consegue dormir fazendo isso aí, se eu fizer isso aí também vou passar muitas noites em claro...é legal essa aproximação. (G6)

Eu particularmente não conversei sobre isso, mas tinha gente que era da minha sala, que estava na monitoria junto que eu via conversando sobre mercado de trabalho principalmente, então eu acho que deve ajudar. (G7)

Eu acho, mais porque assim, eu não escolhi contabilidade como primeira opção de curso e eu também não tinha muita opção do que eu queria nem na primeira opção, porque no ano passado eu estava no ensino médio e aí eu escolhi o curso assim “ah! tem que fazer a inscrição para o vestibular” entende?! Então qualquer coisa que fala de tema de pesquisa ou que me apresente a contabilidade de um outro jeito eu acho super válido, seja pelo tema da pesquisa, qualquer coisa e a parte deles apresentarem a pesquisa me fez ter mais noção do que é uma pesquisa acadêmica, porque eu também não tinha noção nenhuma disso (minha primeira faculdade e tal) e eu tenho a intenção de fazer iniciação científica então eu acho que qualquer coisa que eles puderem tipo me dar uma ideia do tema, que nem o tema do Renan eu achei muito legal, que era governança corporativa e eu me interessei muito, então eu já comecei a pesquisar, já fui atrás. Então eu acho que eles apresentaram para, sei lá, a gente conhecer os temas que tem, acho que é bem legal, principalmente no primeiro semestre que a gente ainda chega meio cru, achei legal. (G17)

meus amigos, minha turminha, a gente conversava sim, perguntava sobre iniciação científica, como que era o mestrado, como que era o doutorado; alguns monitores já tinham experiência de mercado, então às vezes a gente perguntava ‘ah você trabalhou na empresa tal? Ah como que era lá? não sei o que e tal, tal...’, então pelo menos ali o meu grupo perguntava essas coisas sim para o monitor do PAE. (G10)

agora eu lembrando, eu já tirei dúvida, que eu tive uma oportunidade na Delloite, fui conversar com o PAE, porque eu sabia que ele tinha trabalhado lá, então ele falou ‘lá é assim, assim que funciona lá dentro’, também, não sei se seria o foco, se poderia falar que é o foco do programa, mas é muito útil sim, você tem mais um contato com a prática. (G18)

Ah eu acredito que os benefícios seriam network em si, da gente poder dividir experiências, como ele costuma ser mais velho do que quem tá fazendo a graduação, tem experiências que possam agregar, tem alguns que a gente teve contato que foram para o mercado de trabalho e aí retornaram para carreira acadêmica, então também tem esse contato com as duas áreas e a visão de cada um isso é importante para a gente que ainda está começando. E, eu não sei, eu posso comentar um pouquinho?! que eu não prestei contabilidade, eu prestei economia, então esse contato com os pós-graduandos me fizeram enxergar tanto a profissão na parte de empresa, banco, com os pós-

graduandos, tanto a parte acadêmica que eu também não conhecia muito bem assim, eu tinha uma breve ideia do que era, mas eu não conhecia nada a fundo. Então acho que é isso a importância do network e deles compartilharem experiências com a gente e também o conhecimento deles serem mais aprofundados do que quem tá fazendo graduação só. (G11)

E a gente quando está na graduação a gente pensa “ah por que tanta gente procura a FEA para fazer mestrado e doutorado?” e aí o monitor ele é um bom caminho para a gente tirar essas dúvidas, tipo “ah você faz pós no que? Qual é a diferença da graduação? Vocês estudam as mesmas coisas ou vocês aprofundam mais?”. Esse é o ponto positivo mais fora do currículo do que é ser monitor. (G12)

É a mesma coisa que eu acho, que as vantagens basicamente são de você ter uma pessoa que entende mais, de um conhecimento muito mais abrangente e que no caso pode te auxiliar se você tem a intenção de fazer uma pesquisa, às vezes o projeto de pesquisa desse monitor é parecido com o seu e aí você tem interesse em conversar com esse monitor, ou coisas desse tipo; às vezes ele está fazendo um projeto de pesquisa que é uma área que você gosta muito e aí você tem mais dúvidas dessa área e você vai falar com ele, acho que essas são as vantagens de um monitor de pós-graduação, porque ele tem especificação, ele está se especificando em uma coisa que pode do aluno no futuro e aí esse aluno pode conversar com ele e enfim, é uma possibilidade que o monitor da graduação não tem tanto quanto o da pós-graduação. (G14)

[...]eu gostei de quando a gente teve uma pós-graduanda que apresentou o que ela estava estudando para gente, eu achei legal, eu acho que isso poderia ser diferente, os outros também fazerem isso, porque a gente tem bastante curiosidade, eu tenho bastante curiosidade nessa parte acadêmica e é muito legal saber o que cada um pesquisa, como funciona a pesquisa em si;[...]. (G11)

Ah seria legal também se os monitores pudessem fomentar mais a pesquisa, porque pelo menos no meu curso é muito fraco, a gente quase nunca fica sabendo o que os professores pesquisam, quem são eles, o que eles fazem, só as aulas que eles dão, tudo bem que para maioria que vai para o mercado tá ok, mas não é todo mundo que quer ir para o mercado, então seria legal se tivesse mais incentivo à pesquisa na graduação. (G16)

Outro ponto positivo apontado foi a questão de ter mais de uma pessoa a quem recorrer, ou seja, em sala de aula ter o professor e o monitor. Além disso, alguns manifestaram que se sentem mais confortáveis para tirar alguma dúvida com o monitor do que recorrer ao professor diretamente, fato que também foi mencionado por alguns estagiários e professores nas suas entrevistas, além de o monitor poder ser uma ponte de comunicação entre o professor e os alunos, como já relatado.

Eu acho que eu gostei, eu gostei muito de tipo, às vezes, o professor está ocupado, está fazendo o trabalho de pesquisa dele próprio, e para eles tirar uma dúvida da gente que está na graduação, ainda mais no primeiro semestre, que são coisas bem mais simples, então acaba que foi muito bom ter um monitor, porque a gente podia tirar qualquer dúvida, que a gente vê no monitor alguém mais próximo que o professor, que, não sei, às vezes a gente pode ter vergonha de perguntar para o professor alguma coisa mais

simples e ir para o monitor a gente não tem tanta, porque a gente já tinha mais essa confiança de que o monitor estava lá para tirar dúvidas, entendeu?! então a gente sabia que poderia perguntar qualquer coisa. (G1)

A vantagem para aquele mais introvertido, talvez ele tenha um par no nível dele, se é que você me entende, assim para conversar ao invés de estorvar o professor, não precisa ficar enchendo a paciência do professor, porque eu tenho ali uma pessoa que está mais próxima e uma pessoa introvertida pode se sentir mais à vontade ou pode ter um outro canal de acesso ao professor, que não necessariamente seja o professor, mas um canal indireto, que sabe que vai ser atingido pelo professor e ele pode se sentir um pouco mais à vontade assim com a presença do monitor, então para tirar dúvidas, para ter algum questionamento com professor o aluno introvertido pode se sentir mais confortável e acho que é isso... Mais o canal de comunicação mesmo, o PAE proporciona que para qualquer estudante ter um acesso ao professor, outro acesso ao professor que não seja o próprio professor. Então esse outro canal de acesso é uma grande contribuição, eu acho. (G2)

Geralmente a gente tira dúvida com eles na hora, então assim o professor está ocupado, professor tá com alguma coisa ou a gente tem uma dúvida muito idiota que a gente não quer falar com o professor, a gente fala com eles, acontece muito assim ‘olha não lembro alguma coisa da semestre passado que é muito básico, você consegue me ajudar?’, então é com eles que a gente fala, não é com o professor, a gente sente mais liberdade, acontece muito na minha sala também principalmente porque como é noturno, o pessoal é mais velho, então falar que não sabe uma coisa básica para eles é meio ruim. (G3)

... às vezes a dúvida é tão básica, mas você não consegue chegar no professor e conversar ou você acha que a dúvida é muito ignorante, que você tá perguntando uma coisa tão básica e você já tá numa matéria mais avançada e aí acaba ficando assim, quando você tem um monitor você acaba perguntando, porque não é o próprio professor que está te dando aula. (G15)

Uma das coisas positivas era essa, que quando tinha muita gente para tirar dúvida, as vezes o monitor ele estava mais acessível do que o professor, então isso ajudava. Ou então quando a atividade era em grupo, quando o PAE monitor estava circulando pela sala, ele também ajudava bastante, mais que o professor, porque o professor às vezes estava no computador vendo outras coisas, então o PAE monitor era uma opção. (G9)

Eu acho que é uma espécie de elo. Às vezes você vê um professor tão antigo, que sabe tanta coisa, parece uma coisa meio distante de você, então ter um monitor que, embora faça doutorado, está mais próximo da gente, mais próximo da graduação, digamos assim, talvez entenda melhor a gente, se comunique melhor, ajuste melhor a linguagem, alguma coisa do tipo, acho melhor, tem como se aproximar melhor, eu me sinto mais à vontade pelo menos para me aproximar melhor com o monitor do que com o professor, muitas vezes, claro que não é regra, tem alguns professores também que você fala tranquilamente. (G6)

Bom, a primeira coisa, eu enxergo uma espécie de uma escala, o professor às vezes ele já está tanto tempo já exercendo a função que ele está bem distante do que é a nossa realidade, então das nossas dificuldades, das nossas cobranças e não que ele não consiga compreender, mas é que já passou um certo tempo, então às vezes é difícil ter uma empatia pela situação. Por outro lado, o monitor ele está meio que no meio do caminho, ele não faz muito tempo que vivenciou nossa experiência de graduação, mas ele já

completou e tem uma experiência para ver isso com uma certa maturidade. Então acho que o legal do monitor é que ele faz esse link entre as gerações, por assim dizer, então por um lado ele ajuda a gente a compreender o professor ou às vezes o professor compreender a gente e, por outro também a parte deles ajudarem com esclarecer dúvidas e mesmo ter um pouco mais de disponibilidade ou paciência para explicar para a gente, isso ajuda super. (G4)

Ponto positivo, eu acho que ajuda mais o aluno a solucionar as dúvidas dele, porque numa sala de 30, 40 até 60 alunos, um professor sozinho não consegue dar conta, então ter um monitor ali para auxiliar ajuda nessa questão; ajuda também na questão de troca de conhecimento, porque não fica só professor e aluno, tem mais pessoas para você discutir, para você trocar essas ideias, para você ter um *feedback* diferente e também ajuda a gente a não ficar boiando, na figura de linguagem popular, boiando na aula e também como os monitores são pessoas com idades mais jovens, idades mais próximas acaba ajudando com que o aluno mais tímido, o aluno que às vezes tem um pouco de medo de perguntar para o professor, perguntar para o monitor ali, uma pessoa que tem uma idade mais próxima, tirar alguma dúvida, então acho que ajuda bastante nesse quesito. (G10)

Eu acho que é mais fácil recorrer ao monitor, porque ele parece que está mais próximo que o professor, é que também depende do professor, mas geralmente o monitor vem antes. (G7)

Eu vejo muita a questão de acesso, tanto a disponibilidade, como eu vejo que o pessoal fica mais confortável em conversar com eles do que com o professor, não sei se é por medo de ser avaliado (tipo ‘tá incomodando muito vou descontar uma nota aqui dele’ ou o que é), eu vejo assim que eles se sentem muito mais confortáveis em estabelecer essa ponte com o monitor, ele ser o interlocutor da conversa com o professor, em alguns casos, do que direto com o professor, muitas coisas que eles talvez guardariam para si, um ponto de melhoria ou alguma coisa que eles não entenderam, eu percebo que eles procuram bastante o PAE. Em algumas disciplinas o PAE talvez por ter passado mais recentemente pela nossa experiência de aprender aquele conteúdo, eu percebo que eles entendem um pouquinho melhor a dúvida, em alguns casos, não necessariamente em todos, talvez seja uma coisa mais da pessoa do que do programa em si, mas eu vejo isso ‘ah estou com dúvida nisso aqui’, o professor repete e repete, daí o PAE ‘não talvez ele esteja querendo falar isso e não esteja conseguindo se expressar, a dúvida dele na verdade é essa’ então alinha e ao contrário também ‘aqui talvez você não quer explicar mais aquele ponto? Eles estão com a carinha meio de interrogação ainda’. Então talvez isso, por estar mais próximo da nossa realidade e essa ponte, acho que esses são dois pontos principais do programa. (G18)

Ainda, quanto à participação dos monitores fora de sala de aula e/ou tirando dúvidas, a maioria dos estudantes não soube dizer se os monitores ajudavam o professor de outras formas. Mas alguns destacaram o fato de correção de exercícios ou postagem de materiais como sendo pontos positivos, por permitirem agilizar o processo, dando *feedbacks* mais rápidos em relação às atividades e mantendo os materiais mais organizados.

Depende se o professor tem uma resistência a isso, acho que o PAE pode dar uma ajuda, porque o professor larga na mão dele essa parte do ‘ah! tem que postar no Moodle, tem

que organizar...’, então acho que nesse aspecto também ajuda, aquela questão de gerações, o professor é mais velho, tem um pouco mais de resistência com tecnologia, entra o PAE e acho que facilita para usar outras plataformas e outros formatos. (G8)

Se não me engano tem, eu não lembro direito, mas tem, e eu percebo assim que é interessante para eles, dependendo do professor, ver como é a dinâmica de sala de aula, então muitos dos professores que tem o monitor, a aula fica mais completa, então porque o professor talvez foque só no conteúdo, então, por exemplo, fazer provinha, normalmente é o monitor PAE que faz, eles não falam, mas a gente sabe que ele faz, ou corrigir as provas é muito mais rápido e a gente recebe as notas muito antes, fica uma coisa muito mais limpa; então a parte operacional que o professor não faria, além da parte tipo obviamente de pensamento e tal fica muito melhor para a gente, então Moodle de quem tem monitor PAE fica muito melhor para a gente, a gente tem todas as coisas um dia depois no máximo, porque o professor cobra, então as pessoas fazem. (G3)

tem aquele monte de sistemas na USP, tem o Moodle, aqui tinha o Erudito, lá tinha Paca, na engenharia, na Geologia é o IGC, então agora meio que toda vez que tinha alguma mudança de plataforma os professores não sabiam bem como adaptar, principalmente os professores mais antigos que eu peguei, os professores que já estão na casa a mais tempo, então eles falavam “ah! Lá vem essa treta de sistemas de novo e o que eu faço?” e o monitor ajudava muito, falava “olha professor, as pessoas usam esse sistema aqui”, “ah! Mas eu não sei mexer”, “então deixa que eu faço”, os monitores garantiam que a gente tivesse acesso aos conteúdos de uma forma mais prática (tinha uma disciplina que eu peguei no RI, que os professores colocavam em uma pasta para imprimir, aí tá era legal, mas dava muito trabalho, porque a gente tinha que vir aqui ou ficar buscando em qual Xerox que estava; na RI ainda é perto, mas tinha disciplinas que eu peguei que tinha que andar o campus inteiro para buscar um Xerox; então isso não é que é impeditivo – funcionou assim durante muito tempo –, mas os monitores trazem uma agilidade, e também essas plataformas permitem um *feedback* muito rápido), então por um lado essa questão upgrade tecnológico eu senti um pouco. (G4)

Às vezes sim, que nem a correção, e também porque para os professores que são mais velhos, às vezes eles não sabem mexer direito e às vezes colocam errado no moodle, então quando o PAE monitor coloca, que geralmente é uma pessoa mais jovem, já tem um pouco mais de domínio da tecnologia, ele sabe como colocar lá e explica e deixa organizado, às vezes é melhor. (G9)

E também para corrigir provas, atividades, as vezes é mais rápido, porque ele já vai entregando e quando ele vai entregando ele fala “olha, aqui e aqui, você errou por causa disso e disso”, aí com o professor as vezes você tem que marcar horário para tirar dúvida, com o PAE monitor as vezes é mais rápido. (G9)

no semestre passado que deu todas aquelas greves, e teve uma justo no dia da prova final de contabilidade introdutória, então foi adiada a prova, só adiada justo para aquela semana final que tem um prazo para lançar a nota e tudo mais, então a gente fez a prova 11 horas e no mesmo dia o professor tinha que corrigir tudo e entregar, claro ele não fez tudo sozinho, ele teve que chamar o monitor dele para os dois ficarem lá e corrigir, então deram um jeito de corrigir; então eu imagino que se não tivesse aquele monitor, se não tivesse uma assistência para o professor, talvez tivesse sido um pouco mais complicado, então eu acho que o monitor ele ajuda muito o professor e por ajudar o professor acaba ajudando a gente também. (G6)

Agora o que mais tem de positivo... também velocidade, eu acho que traz velocidade para dar o *feedback*, por exemplo, eu fiz uma atividade, a correção é mais rápida quando tem o PAE ajudando. (G8)

Uma aluna também relatou contribuições para a graduação advindas de sugestões e materiais complementares trazidos pelos monitores. E outro estudante comentou que existe possibilidade de o professor utilizar com mais facilidade outras técnicas, apesar de não necessariamente isso acontecer com frequência.

teve algumas sugestões que o monitor deu que foram realmente... ajudou a gente, porque tem uma atividade que ele manda que é o guia de desempenho, aí você tem que meio que relatar suas opiniões, o que você absorveu da aula, essas coisas, e o monitor acabou remodelando isso porque tipo tinha algumas questões que eram meio que repetitivas ou não tinham porque estar ali, aí ele acabou remodelando esse guia né, que faz parte da nota, e ele também ele chega antes do professor na aula e liga o computador, o projetor, abaixa as coisas, então fica muito mais rápido, quando o professor chega ele já pode dar aula. (G15)

Então, eu acho que ajuda bastante ter um monitor, eu, por exemplo, na aula de análise de custos a monitora é bem proativa e acaba sempre trazendo exercícios extras, às vezes a gente não consegue acompanhar de tantos exercícios que a gente tem para fazer para memorizar, mas ajuda bastante, por exemplo, tem o exercício de entrega e tem alguns que são mais curtos que a monitora acaba disponibilizando e aí ajuda bastante. (G15)

Não que de fato eles façam, mas poderiam e eu já vi fazendo, por exemplo, em discussão de grupo, às vezes o professor prefere não fazer uma discussão em grupo, porque não vai poder rodar todos os grupos, mas aí duas pessoas já fica menos gente para ele olhar, então já fica mais fácil de fazer essa questão....tem, tem a possibilidade, a gente vê que dá mais liberdade das técnicas que ele consegue usar em sala, consegue fazer umas coisas mais modernas assim, do que a velha aula lousa e giz, mas não que isso faça falta. (G18)

Quanto a aspectos negativos, foram apontados alguns casos de monitores que pareciam estar realizando a atividade por obrigação, além da questão de monitor e professor parecer não estarem se comunicando bem entre si, o que causou dificuldade em relação a atividades desenvolvidas e, também, o fato de se deixar o estagiário sozinho em sala de aula realizando alguma atividade sem acompanhamento do supervisor, como aplicar prova, fazer avaliação de trabalhos ou dar alguma aula.

o monitor poderia se comunicar; isso não é regra, não acontece com todos, mas com uma disciplina em especial que eu tive, o monitor ele meio que não se comunicava muito com o professor, então ele às vezes passava uma coisa, o professor passava outra, ficou um pouco confuso, mas acho que isso foi um caso isolado só, de restante eu acho o programa legal, presta uma assistência muito boa para os alunos de graduação, ele ajuda com coisas pequenas assim, mas que fazem a diferença. (G6)

tinha alguns monitores que não respondiam, que ficavam bravos de a gente entrar em contato e mesmo sem ter...ele não tinha um horário de monitoria marcado e aí você tentava marcar e a pessoa não queria marcar de jeito nenhum, até reclamava da gente, às vezes não acontecia comigo mas aconteceu com colegas e a gente acaba sabendo enquanto turma. Tem às vezes a situação do monitor que meio que parece que está obrigado a estar ali e aí então perde todo o espírito de ajuda da monitoria. (G4)

E outros não, você percebe que só está fazendo o programa, às vezes talvez porque do doutorado acho que é obrigatório, então você percebe que tem essa diferença, não sei avaliar o que é, se é exatamente isso ou alguma outra questão; mas você percebe isso, uns você vê bem proativos, bem alinhados com a aula, assim estão estrategicamente posicionados, e os outros estão lá, participam, fazem a parte deles, mas mais meio que cumprindo uma obrigação do que realmente estar lá. (G18)

Então, porque teve caso de monitor que estava lá por obrigação, não se dispunham tanto pelos alunos, às vezes eram até um pouco grossos assim, não ajudavam, até pioravam a situação da disciplina. (G12)

Ah talvez com relação a correção, como eu já havia citado, se o professor atribui a tarefa integral de correção para o monitor, eu não vejo tão positivo assim, mas aí eu acho que o problema não é do monitor, acho que é do professor, então a relação entre eles deveria ser mais bem estabelecida. (G16)

Essa parte de passar as atividades dos professores para a monitoria, na verdade não é nem os pontos negativos da monitoria em si, mas é que eles tem que fazer atividades como aplicar prova, por exemplo, em dias de prova raramente o professor que dá a matéria está lá para aplicar, normalmente o professor não vai e deixa com o monitor de pós-graduação para aplicar prova ou quando vai corrigir lista de exercício, alguns professores pelo menos não corrigem a lista, eles pedem para o monitor corrigir as listas e planilhar, esse tipo de coisa. (G14)

É uma apresentação que tinha um peso grande na nota, a apresentação de um projeto na disciplina de Administração e quem estava avaliando a apresentação e tudo mais era um monitor da pós-graduação, semestre passado isso. Mas isso aí nem é um ponto negativo, talvez é que estava sem a orientação do professor, porque querendo ou não o aluno de pós-graduação, é o que eu acho, não tenho certeza, ele também está aprendendo com o professor, que é o que já está na casa e tudo, aí se o professor deixa o aluno corrigindo, às vezes o aluno de pós-graduação pode cometer um erro, tudo bem que é meio improvável, enfim, mas às vezes o professor já tá ele pode complementar muito mais esse aluno de pós-graduação se caso ele cometa um erro na correção de um aluno de graduação, por exemplo, ou alguma coisa desse tipo. (G14)

A única desvantagem, mas aí acho que não está no âmbito do PAE monitor, é que quando ele dá aula e o professor não está na sala, os alunos não dão muita credibilidade para a aula do PAE monitor, aí a aula acaba ficando um pouco mais bagunçada. (G9)

Enquanto sugestões, alguns estudantes sugeriram que gostariam de ver o monitor ministrar alguma aula, por acharem que pode dar uma dinâmica diferente em sala de aula e, também, que contribuiria para a formação do monitor como futuro docente.

dar uma aula eu acho que seria interessante também, porque na monitoria quando a gente vai é mais ponto específico que a gente está com alguma dúvida, então acho que dar

uma aula seria interessante, para a experiência dele mesmo até, de dar uma aula, que provavelmente é uma coisa que ele vai fazer no futuro. (G17)

pelo menos nas disciplinas que eu cursei nenhum monitor foi lá e deu uma aula mesmo, eu acho que eu gostaria de ter visto isso, porque eu acredito que contribui para o desenvolvimento desse aluno da pós-graduação na questão didática, então não só na correção de exercício, mas na apresentação de conteúdo, de um conceito, eu não tive a oportunidade de ver isso durante os meus anos de graduação, mas eu acho que poderia ter uma ou duas aulas que o monitor do PAE ministrasse com o acompanhamento do professor, porque acho que seria interessante para o desenvolvimento do aluno do PAE mesmo. (G10)

em questão de dar aula mesmo foram poucas ocasiões, o professor cedeu um dia, um horário dele para o monitor dar aula, acontecia mas era bem menos frequente e tipo acho que era bacana, porque mudava muito a dinâmica da aula, porque quem é pós-graduando, não sei definir porquê, mas parece que tem uma cabeça diferente de quem já é professor a muito tempo, então, por exemplo, teve um monitor que trabalhou na PepsiCo e ele trazia exemplos do Dolly, da bebida, aí ele brincava com o Dollynho e ficava uma aula super mais descontraída, trazia exemplos mais atuais... acho que era isso assim. (G12)

a gente não sente tanta distância entre o monitor e a gente, então é mais fácil de perguntar, é mais fácil de entender, que algumas coisas que são óbvias para os docentes, para os monitores não são tão óbvias e para a gente menos ainda, então eles têm um pouco mais de empatia com as dúvidas, parece que por eles terem passado por isso a pouco tempo eles resolvem melhor o problema, então eu queria que tivesse mais aulas com eles. Também porque a maioria deles, quer dizer boa parte deles, vai se tornar docente, então se começasse a prática agora seria bastante interessante. [...] O monitor ideal daria algumas aulas, principalmente tentando relacionar a aula com algo que ele já pesquisa, então talvez com pouco mais profundidade do que as aulas genéricas que são usuais na graduação, que fica muito no overview e aprofunda muito pouco, então o monitor ideal para mim daria aulas específicas de alguns temas. (G16)

Tiraria um pouco da mesmice, se tem um professor lá e ele fala 'ah o monitor vai fazer uma parte', mas como o professor lá, porque também acontece de o professor sair e entrar o monitor e o monitor tomar conta, eu acho que aí seria bom, sairia da mesmice de sempre assim do professor chegando, dando a mesma coisa, mesmo tipo de aula... e seria bom para os alunos, seria bom para o monitor, seria bom para o professor, se tem o acompanhamento assim do professor, se o professor acrescenta, tem esse diálogo entre os dois lá dando aula, é interessante. (G13)

No geral, os estudantes de graduação percebem como positivo a participação dos monitores. Mas, essa participação acaba ficando muito no âmbito de tirar dúvidas. Eles avaliam como bom ter alguém disponível para tirar dúvidas. Caso tenham monitores da graduação e da pós-graduação, há estudantes que se dizem mais confortáveis de recorrer a um ou a outro. Os que recorrem aos monitores da pós afirmam que sentem mais confiança pelo fato deles terem um conhecimento mais amplo. Os que preferem recorrer aos monitores da graduação

argumentam que se sentem mais próximos a eles do que aos monitores da pós e, também, porque, muitas vezes, os procuram para tirar dúvidas de listas, ou seja, dúvidas mais pontuais e que acreditam que os alunos da pós são para tirar dúvidas mais complexas. Além disso, pelo fato de, no geral, não terem plantão já institucionalizado, acham mais burocrático mandar *e-mail* para marcar um horário, restringindo-se mais a tirar eventuais dúvidas nos intervalos das aulas.

Ainda cabe destacar que, apesar de os estudantes não manifestaram que conseguem ver a questão de troca de experiências e reflexão entre professor e pós-graduandos, salvo alguns casos específicos mencionados, eles percebem de forma positiva a presença dos monitores e, também, manifestam que acham importante a participação ativa dos monitores nas aulas, como complemento às mesmas e como forma de se criar uma ponte maior entre eles e os monitores, a fim de que procurem mais os monitores para conversar e tirar dúvidas, seja em relação à aula propriamente dita ou a assuntos de mercado de trabalho e pesquisa. Isso vem ao encontro do desejo dos monitores/estagiários em relação a dar aula e/ou ter uma participação mais ativa, sendo que pode até ser uma oportunidade de o aluno da pós-graduação dar alguma aula relacionada à sua pesquisa.

Também, considerando as sugestões apresentadas por estagiários e supervisores, de realizar atividades de extensão para contribuir com a docência, o desejo dos estudantes de graduação em relação a ter mais informações sobre pesquisa, pode ser uma oportunidade de pensar em minicursos, palestras ou apresentações relacionadas à pesquisa. Essa seria uma oportunidade de exposição para os pós-graduandos e, também, uma forma de ajudar os estudantes da graduação. Além disso, outra oportunidade de ensino apresentada é junto às entidades que, segundo G16, sentem falta de um entrosamento maior com os estudantes da pós-graduação, afirmando que “têm vários problemas que, talvez, uma pessoa que já tenha passado por isso saiba resolver muito facilmente e a gente fica batendo a cabeça em várias coisas inúteis, assim, e perde muito tempo para uma coisa que talvez fosse simples”. Dessa maneira, talvez os pós-graduandos pudessem oferecer minicursos ou algo que as entidades estejam sentindo falta, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou responder à pergunta de pesquisa: Como o PAE e a Monitoria Didática podem contribuir para a reflexão sobre a prática docente? Utilizou-se para tal, de uma abordagem qualitativa, com a construção de evidências por meio de pesquisa documental e de entrevistas. Estas entrevistas abrangeram três grupos principais: o de pessoas que em algum momento participaram de estágios do PAE e/ou monitoria didática no PPGCC/USP, dos supervisores e dos estudantes da graduação. Pretendeu-se com isso atender aos objetivos propostos de: **a)** reunir as percepções de pessoas que participaram como estagiários do PAE e da Monitoria Didática, com relação à contribuição dessas atividades para a formação docente, considerando a reflexão sobre a prática; **b)** levantar as percepções dos professores e professoras que participam do PAE e da Monitoria Didática como supervisores, buscando entender se têm contribuído para a reflexão em conjunto com o(a) estagiário(a) das atividades docentes e qual a sua visão sobre a atividade de supervisão de estágio; **c)** inventariar quais são as percepções dos estudantes da graduação sobre as atividades desenvolvidas pelos estagiários(as) do PAE e da Monitoria Didática, a fim de entender de que forma essas ações repercutem na graduação; **d)** confrontar essas percepções, de estagiários(as), professores e professoras e estudantes de pós-graduação, buscando-se uma melhor compreensão que permita qualificar a contribuição do PAE e da Monitoria Didática para a reflexão sobre a prática docente.

Nesse contexto, foi possível constatar que um envolvimento em todo o processo atrelado a lecionar uma disciplina é importante para que os estagiários(as) possam refletir sobre a docência e tenham um aprendizado mais efetivo. Também são importantes as conversas, trocas de experiências e *feedbacks*, entre estagiários(as) e supervisores. Esse tipo de participação do(a) monitor(a) muitas vezes não ocorre, por questão temporal, no que se refere ao momento que o(a) professor(a) realiza o planejamento do semestre, por exemplo, por dúvidas referentes ao que o(a) monitor(a) pode e não pode fazer, advindas do desconhecimento das regras e normas do programa e da existência de um currículo oculto que perpetua algumas práticas, ou, até mesmo, pelo fato do(a) monitor(a) não possuir conhecimento suficiente sobre o assunto tratado na disciplina.

Desse modo, observa-se a necessidade de um alinhamento entre supervisores e que, ambas as partes, monitor(a) e supervisor(a), tenham conhecimento sobre os objetivos das ações de formação do PAE e da monitoria, de suas responsabilidades e, também, de seu potencial para contribuir com a melhoria do ensino na graduação, por meio da reflexão conjunta sobre as

práticas docentes. Foi possível perceber, tanto nas entrevistas com os(as) estagiários(as), quanto com supervisores e estudantes de graduação, que já há exemplos de reflexos positivos para a graduação advindos das monitorias/estágio PAE. Mas, esses reflexos positivos ainda são pontuais e existem muitas oportunidades de melhoria.

Pode-se, por fim, afirmar que, da forma como se constitui hoje, a principal função do PAE e da monitoria é aproximar professores e estudantes de graduação, pela intermediação de estagiários(as) PAE e monitores, uma vez que graduandos(as) se sentem mais próximos dos pós-graduandos(as) e mais confortáveis em compartilhar com eles dúvidas e preocupações. No entanto, os(as) estudantes da graduação também apresentam ideias que vão ao encontro dos anseios dos(as) estagiários(as), como, por exemplo, ter uma participação mais ativa em sala de aula, sendo que para os(as) alunos(as) da graduação, as vezes em que isso aconteceu, foi uma forma de complementar a aula do professor responsável pela disciplina. Além disso, a participação mais ativa dos(as) monitores também pode contribuir para aproximar ainda mais os(as) alunos(as) da graduação com os(as) da pós-graduação.

É importante destacar que este trabalho, além das limitações inerentes à estratégia de pesquisa utilizada, também possui outras duas limitações que são importantes de destacar. Primeiramente, o fato de a pesquisadora ter atuado como estagiária do PAE e monitora, que por mais que se tenha procurado utilizar das técnicas de pesquisa de forma a tornar a pesquisa imparcial, de alguma forma a visão da pesquisadora se manifestou na pesquisa também. Ainda, com relação aos(as) alunos(as) da graduação, o fato de a maior parte dos(as) entrevistados(as) serem do segundo semestre do Curso de Ciências Contábeis diurno, pode ter impactado nos padrões de resposta achados. Afinal, todos(as) tiveram experiências com os(as) mesmos(as) monitores/estagiários. Mas, como contraponto, com certeza essas experiências repercutiram de maneira diversa para cada um e cada uma, o que pôde ser apreendido pelo uso de entrevistas como estratégia de construção de evidências.

No que concerne a pesquisas futuras, sugere-se que sejam realizados estudos com ações semelhantes, ou seja, outros tipos estágios docência. Nesse sentido, tem-se, por exemplo, o Estágio Docência da CAPES ou outras ações que vem sendo desenvolvidas em Programas de Pós-graduação em Contabilidade do Brasil (ver Apêndice P). Poderia se tentar entender também as atividades de *Teaching Assistants* e que tipo de contribuições elas poderiam trazer ao aperfeiçoamento das atividades como propostas e realizadas no Brasil.

Em relação ao PAE, observou-se que poderiam ser realizadas mais pesquisas aprofundando o tema. Por exemplo, tentando entender mais a respeito do que os(as) estagiários(as) e monitores(as) almejam na etapa de preparação pedagógica. Também buscar olhar para outros programas da USP que venham desenvolvendo ações diferentes em relação ao PAE, principalmente, ações que beneficiem o diálogo e a reflexão conjunta, como, por exemplo, o PAE na ESALQ (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) e/ou na USP São Carlos, que desenvolvem *Workshops* que possibilitam a troca de experiências sobre as atividades realizadas durante os estágios supervisionados do PAE.

Também, como extensão a esta pesquisa, poderia se propor e desenvolver estudos abordando outras metodologias de pesquisa, podendo-se trabalhar com abordagens quantitativas, por exemplo, ou com pesquisas qualitativas nas perspectivas interpretativas ou críticas.

Ainda, dado o contexto de valorização da pesquisa em detrimento do ensino, conforme foi demonstrado na literatura e também nas percepções dos entrevistados e das entrevistadas, acredita-se que seria importante um estudo que desenvolvesse entrevistas com representantes da CAPES com o intuito de investigar a visão destes em relação à formação docente nos programas de pós-graduação e se há planos de mudanças para o futuro como, por exemplo, alterações de políticas, alterações nas formas de avaliações dos programas dando relevância também ao ensino, entre outras. Essas entrevistas seriam importantes, a fim de investigar o que está previsto em relação aos rumos dos programas de pós-graduação e, portanto, da formação docente universitária.

Como implicações dos achados para a prática, tem-se que é possível pensar em ações que possam contribuir com a melhoria do estágio do PAE e da monitoria didática como, por exemplo, buscar envolver o estagiário/monitor em todo o processo, tentar criar espaços (dias/horários) para a troca de ideias, sugestões e *feedbacks* entre supervisor e estagiário, dar oportunidades para o estagiário/monitor participar de forma ativa das aulas e até dar alguma aula, buscar pensar em formas de deixar mais claros os objetivos e regras da monitoria didática e do PAE tanto para os estagiários, quanto para os supervisores, além de talvez repensar alguns aspectos estruturais, como colocar a monitoria didática no segundo semestre, assim os alunos da pós-graduação poderiam escolher com quem fazer a monitoria, não sendo necessário o departamento realizar a distribuição, contribuindo para que não ocorram casos de o monitor pegar disciplinas com as quais não tem afinidade e, também, permitir que o monitor já possa

entrar em contato com o supervisor com uma antecedência um pouco maior do que ocorre atualmente. Essas ações, como visto na pesquisa, têm potencial de impactar de forma positiva a qualidade do ensino dos cursos de graduação e a formação docente e a prática pedagógica de professores em atuação e de professores em formação, em um processo de colaboração e reflexão. Afinal, como nos ensinou Cora Coralina: "Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende ensinando"⁷.

⁷ Julgou-se oportuno utilizar essa frase "Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende ensinando", que foi baseada em duas frases do texto "Exaltação de Aninha", de Cora Coralina, "Feliz é o professor que aprende ensinando" e "Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina", tanto aqui, quanto no título, pois se entende que ela sintetiza os objetivos iniciais do estágio PAE e os achados da pesquisa em relação ao PAE e à monitoria didática. Vale lembrar que o objetivo inicial do PAE, de acordo com a professora Myriam Krasilchik, era permitir que trabalhassem juntos o professor experiente e o pós-graduando e, por meio do trabalho conjunto e das trocas de opiniões e sugestões entre ambos, além de contribuir para a formação docente do pós-graduando, fosse possível melhorar e modernizar os cursos de graduação. Neste sentido, o supervisor teria a oportunidade tanto de ensinar sobre docência ao pós-graduando, quanto também aprender com o processo. Essa interação, mesmo que ainda ocorra de maneira tímida, é percebida como importante ao longo das entrevistas, com potencial de contribuir para a formação docente e, também, com o ensino na graduação.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. I. (2011). *Pedagogia Universitária e projetos institucionais de formação e profissionalização de professores universitários*. (Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo).
- Almeida, M. I. (2012). *Formação do professor do Ensino Superior: desafios e políticas institucionais*. São Paulo: Cortez.
- Andere, M. A., & Araujo, A. M. P. D. (2008). Aspectos da formação do professor de ensino superior de Ciências Contábeis: uma análise dos programas de pós-graduação. *Revista de Contabilidade e Finanças*, 19(48), 91-102.
- Antonelli, R. A., Colauto, R. D., & Cunha, J. V. (2012). Expectativa e satisfação dos alunos de ciências contábeis com relação às competências docentes. *REICE. Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*.
- Araujo, A. M. P. de, & Mello, R. R. de. (2014). What Is the Training of the Accounting Professor in Brazil?. *Creative Education*, 5, 886-899.
- Assunção, C. G. D. (2013). *Possibilidades e limites do programa de aperfeiçoamento de ensino para a formação pedagógica do professor universitário*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo).
- Bishop, C. C., Boyle, D. M., Clune, R. R., & Hermanson, D. R. (2011). A Different Model for Doctoral Education in Accounting and Auditing: Student and Faculty Reflections. *Current Issues in Auditing*, 6(1), A1-A16.
- Brasil. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília (DF) 1996 dez 23; 34(248) Seção 1:27.833- 41.
- Brightman, H. J., & Nargundkar, S. (2013). Implementing Comprehensive Teacher Training in Business Doctoral Programs. *Decision Sciences Journal of Innovative Education*, 11(4), 297-304.
- Camargo, S. R. (2006). Desenvolvimento profissional do professor: um estudo diagnóstico das necessidades de formação dos professores do curso de Ciências Contábeis da UEPG. (Dissertação, Universidade Estadual de Ponta Grossa).
- Chamlian, H. C. (2003). Docência na universidade: professores inovadores na USP. *Cadernos de pesquisa*, 118, 41-64.
- Comunelo, A. L., Espejo, M. M. S. B., Voese, S. B., Lima, E. M. (2012). Programas de pós-graduação *Stricto Sensu* em contabilidade: sua contribuição na formação de professores e pesquisadores. *Referência Contábil*, 31 (1), 07-26. doi: 10.4025/enfoque.v31i1.13375
- Conte, K. D. M. (2013). *Espaço formativo da docência do Ensino Superior: um estudo a partir do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) da Universidade de São Paulo*. (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo).

- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). (2017). *Relatório da Avaliação Quadrienal 2017: Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo*. Recuperado de <http://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/relatorios-finais-quadrienal-2017/20122017-Administracao-quadrienal.pdf>
- Corrêa, G. T., & Ribeiro, V. M. B. (2013). A formação pedagógica no ensino superior e o papel da pós-graduação stricto sensu. *Educação e Pesquisa, São Paulo*, 39(2), 319-334.
- Costa, M., Torrecchia, P., & Sangster, A. (2013). Accounting Education for Accounting Educators Evidence from Italy–The Case of SISIS/TFA (2002-2013). *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 106, 295-307.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (M. F. Lopes, Trad.). (3a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Cunha, J. V. A., Cornachione Jr, E. B., & Martins, G. de A. (2010). Doutores em ciências contábeis: análise sob a óptica da teoria do capital humano. *Revista de Administração Contemporânea*, 14(3), 532-557.
- Cunha, L. A. C. (1974). A pós-graduação no Brasil: função técnica e função social. *Revista de Administração de Empresas*, 14(5), 66-70.
- Cunha, M. I. (2005). *O professor universitário na transição de paradigmas*. (2a ed.). Araraquara: Junqueira & Marin Editores.
- Cunha, M. I. (2010). *Impasses contemporâneos para a pedagogia universitária no Brasil – implicações para os currículos e a prática pedagógica*. In: Leite, C. (org.). *Sentidos da pedagogia no ensino superior*. Porto: Livpsic.
- Cunha, M.I. (2009). *A Educação Superior e o campo da pedagogia universitária: legitimidades e desafios*. In: Pimenta & Almeida. *Pedagogia Universitária*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Dewey, J. (1959). *Como pensamos*. São Paulo Companhia Editora Nacional.
- Godói, C.K., Bandeira-de-Mello, R., & Silva, A.B. (Org.). (2006). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva.
- Gómez, A. P. (1992). O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. *Os professores e a sua formação*, 2, 93-114.
- Goulart, G. A. R. (2013). *Reestruturação e Expansão do Ensino Superior: o lugar da docência*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo).
- Gray, D. E. (2012). *Pesquisa no mundo real* (R. C. Costa, Trad.). Porto Alegre: Penso.
- Harden, R. M., & Laidlaw, J. M. (2016). *Essential skills for a medical teacher: an introduction to teaching and learning in medicine*. Elsevier Health Sciences
- Kourganoff, W. (1990). *A face oculta da universidade*. São Paulo: UNESP.

- Krasilchik, M. (2008). *Docência no Ensino Superior*: Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação.
- Libâneo, J. C. (2002). Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro?. In: Pimenta, S. G., & Ghedin, E. (Orgs.). (2006). *Professor reflexivo: gênese e crítica de um conceito*. (4a ed). São Paulo: Cortez, 53-79.
- Martins, G. de A. (2008). *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa* (2a ed., p. 101). São Paulo: Atlas.
- Masetto, M. T. (2003). *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus.
- Mills, N. (2011). Teaching Assistants' Self-Efficacy in Teaching Literature: Sources, Personal Assessments, and Consequences. *The Modern Language Journal*, 95(1), 61-80.
- Ministério da Educação e Cultura. (1968). Reforma Universitária. Relatório do Grupo de Trabalho do Grupo de Trabalho.
- Miranda, G. J. (2010). Docência universitária: uma análise das disciplinas na área da formação pedagógica oferecidas pelos programas de pós-graduação stricto sensu em Ciências Contábeis. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, 4(2), 81-98.
- Miranda, G. J. (2011). *Relações entre as qualificações do professor e o desempenho discente nos cursos de graduação em contabilidade no Brasil*. (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo).
- Miranda, G. J., Casa Nova, S. P. C., & Cornacchione Jr, E. B. (2012). Os saberes dos professores-referência no ensino de contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças*, 23(59), 142-153.
- Mitchell, T. R. (2007). The academic life: Realistic changes needed for business school students and faculty. *Academy of Management Learning & Education*, 6(2), 236-251.
- Muzaka, V. (2009). The niche of graduate teaching assistants (GTAs): perceptions and reflections. *Teaching in Higher Education*, 14(1), 1-12.
- Neves Júnior, I. J., Moreira, S. A., Costa, L. B., & Nunes, M. L.S. (2015). As características do professor exemplar segundo os discentes do curso de ciências contábeis da Universidade Católica de Brasília (UCB). *CONTABILOMETRIA - Brazilian Journal of Quantitative Methods Applied to Accounting*, 2 (1).
- Pimenta, S. G. Professor Reflexivo: construindo uma crítica. In: Pimenta, S. G., & Ghedin, E. (Orgs.). (2006). *Professor reflexivo: gênese e crítica de um conceito*. (4a ed). São Paulo: Cortez.
- Pimenta, S. G., & Anastasiou, L. G. C. (2010). *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez.

Portaria n. 76, de 14 de abril de 2010. (2010). Aprova o novo Regulamento do Programa de Demanda Social . Diário Oficial da União. Brasília, DF: Coordenação De Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Programa de Pós-graduação em Controladoria e Contabilidade da USP (PPGCC/USP) (2014a). *Regulamento do PPGCC anterior à 2014*. Recuperado de https://www.portalfea.fea.usp.br/sites/default/files/arquivos/anexos/regulamento_usp_anti.go.pdf

Programa de Pós-graduação em Controladoria e Contabilidade da USP (PPGCC/USP) (2014b). *Regulamento do PPGCC para alunos ingressantes a partir de 2014*. Recuperado de https://www.portalfea.fea.usp.br/sites/default/files/arquivos/anexos/regulamento_usp_novo.pdf

Programa de Pós-graduação em Controladoria e Contabilidade da USP (PPGCC/USP) (2016). *Regulamento do PPGCC 07/12/2016*. Recuperado de <http://www.leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-copgr-7285-de-07-de-dezembro-de-2016>

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de pesquisa*. (F. C. Murad, Trad.). (3a ed.). São Paulo: McGraw-Hill.

Saviani, D. A. (1997). A função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista Brasileira de Educação*, 12.

Schön, D. (1983). *The Reflective Practitioner: How Professionals Think in Action*. New York: Basic Books.

Schön, D. (2000). *Educando o profissional reflexivo Educando o profissional reflexivo Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem* [Educating the reflective practitioner – toward a new design for teaching and learning in the professions]. Porto Alegre: Artmed.

Severino, J. A. (2009). Ensino e pesquisa na docência universitária: caminho para a integração. IN: Pimenta, S. G.; Almeida, M. I. (Orgs.). *Pedagogia universitária*. São Paulo: Edusp.

Slomski, V. G., de Lames, E. R., Megliorini, E., & Lames, L. D. C. J. (2013). Saberes da docência que fundamentam a prática pedagógica do professor que ministra a disciplina de gestão de custos em um curso de Ciências Contábeis. *Revista Universo Contábil*, 9(4), 71-89.

Smith, M. (2011). *Research Methods in Accounting* (2nd ed., p. 223). London: Sage.

Soares, S. R. (2009). Pedagogia universitária: campo de prática, formação e pesquisa na contemporaneidade. Nascimento, A. D., & Hetkowski, T.M. (orgs). *Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas [online]*. Salvador: EDUFBA.

Souza, D. B. D. (2009). Os dilemas do professor iniciante: reflexões sobre os cursos de formação inicial. *Revista multidisciplinar da UNIESP*, 8, 35-45.

Stake, R. E. (1995). *The art of case study research*. Sage.

- Stevens, K. T., & Stevens, W. P. (1992). Evidence on the extent of training in teaching and education research among accounting faculty. *Journal of Accounting Education*, 10(2), 271-283.
- Swain, M. R., & Stout, D. E. (2000). Survey evidence of teacher development based on AECC recommendations. *Journal of Accounting Education*, 18(2), 99-113.
- Universidade de São Paulo: Pró-Reitoria de Pós-Graduação. (2010). *Programa de Aperfeiçoamento do Ensino - Diretrizes*. Recuperado de: http://www.prpg.usp.br/wp-content/uploads/diretrizes_PAE_-09.12.10.pdf
- Veiga, I. P. A. (2005). Docência Univesitária Na Educação Superior. *VI Simpósio do Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais "Anísio Teixeira" (INEP)*, Brasília.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. (2a ed., p. 205). Porto Alegre: Bookman.
- Zabalza, M. A. (2004). *O Ensino Universitário seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre, Artmed, 2004.

ANEXOS

ANEXO A - Diretrizes do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE)

Programa de Aperfeiçoamento de Ensino **Diretrizes**

I. Da Caracterização do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino

1. O Programa de Aperfeiçoamento de Ensino da Universidade de São Paulo destina-se a aprimorar a formação de alunos de pós-graduação para a atividade didática de graduação e está composto de duas etapas:

- a) Preparação Pedagógica.
- b) Estágio Supervisionado em Docência.

Ia. Da Etapa de Preparação Pedagógica

1. A Etapa de Preparação Pedagógica assume diferentes características, dependendo da forma que a Comissão do PAE de cada Unidade a estrutura:

- a) uma disciplina de pós-graduação oferecendo créditos, cujo conteúdo estará voltado para as questões da Universidade e do Ensino Superior.
- b) conjunto de conferências, com especialistas da área de Educação, condensadas num tempo menor, tendo como tema as questões do Ensino Superior.

c) núcleo de atividades, envolvendo preparo de material didático, discussões de currículo, de ementas de disciplinas e planejamento de cursos, coordenadas por professores.

2. A licenciatura é formação voltada para o Ensino Fundamental e Médio, não correspondendo, portanto, à Etapa de Preparação Pedagógica.

Ib. Da Etapa de Estágio Supervisionado em Docência

1. O Estágio Supervisionado em Docência caracteriza-se pela participação de estudantes de pós-graduação nas múltiplas dimensões pressupostas à docência como seguem:

a) **Organizativa**: que diz respeito à seleção dos conteúdos curriculares e da bibliografia de apoio, seleção e organização dos recursos didáticos e outros materiais de apoio, etc;

b) **Técnica**: que se refere à organização das atividades operacionais como lista de presença e de notas e acompanhamento das atividades práticas e teóricas, etc;

c) **Didático-pedagógica** que envolve, por exemplo, a organização e desenvolvimento das aulas e utilização do espaço-tempo das atividades didáticas, etc;

d) Das **relações professor/aluno**: favorecendo a organização da participação dos alunos nas aulas e atividades, estabelecimento de vocabulário adequado, e

demais iniciativas que facilitem a interlocução entre o docente e os estudantes etc;

e) **Avaliativa:** que prevê ações como a seleção dos tipos mais adequados de avaliação e elaboração dos instrumentos de avaliação, bem como a definição dos critérios avaliativos, etc.

1.1) É permitido ao aluno PAE ministrar aulas, a critério do supervisor, em número de horas correspondentes a não mais que 10% da carga horária total da disciplina. Fica clara a proibição da substituição de docentes pelo aluno PAE, sendo **obrigatória** a presença física do supervisor acompanhando a prática da regência do aluno.

1.2) O Estágio, com carga horária de 6 horas semanais, será desenvolvido exclusivamente em disciplinas de graduação.

Ic. Da Coordenação do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino

1. A coordenação geral do Programa compete à Comissão Central do PAE, conforme determina a Portaria PAE em vigor.
2. Competem à Comissão Central a normatização, acompanhamento, avaliação e controle do Programa.
3. Em cada Unidade o Programa tem uma Comissão Coordenadora cuja composição e atribuições são deliberadas pela Portaria PAE em vigor.
4. O número de membros da Comissão Coordenadora do PAE na Unidade deverá ser definido pela Comissão de Pós-Graduação, ouvida a

Comissão de Graduação, incluindo-se o representante discente, conforme Portaria que regulamenta o PAE.

5. O coordenador da Comissão Coordenadora do PAE deverá ser indicado pela Comissão de Pós-Graduação, ouvida a Comissão de Graduação.

II. Das Normas para Participação no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino

1. Poderão se candidatar para participar do PAE alunos regularmente matriculados em programas de pós-graduação, cursos de mestrado e doutorado da USP.
2. Poderão se inscrever alunos de pós-graduação de diferentes Unidades da USP, desde que respeitados os critérios das Comissões Coordenadoras.

III. Da Inscrição para a Etapa de Preparação Pedagógica

1. A Preparação Pedagógica poderá ser oferecida uma vez no ano ou a cada semestre, na dependência das condições da Unidade e da demanda de seus estudantes de pós-graduação, sendo fundamental que haja regularidade em seu oferecimento.
2. A Preparação Pedagógica, nas modalidades B ou C (item Ia) poderá dar direito a créditos especiais, a critério da Comissão de Pós-Graduação e de acordo com o Regimento de Pós-Graduação.
3. A estruturação, acompanhamento e avaliação da Preparação Pedagógica são de competência da Comissão Coordenadora do PAE na Unidade.

IV. Da Inscrição para a Etapa de Estágio Supervisionado em Docência

1. As inscrições deverão ser abertas semestralmente, em cada Unidade, instruídas em edital publicado no Diário Oficial do Estado, permanecendo abertas pelo prazo de 20 dias.
 - a) para o primeiro semestre de cada ano, o processo seletivo deverá ocorrer nos meses de outubro/novembro, com data de entrega à Comissão Central em 30 de novembro.
 - b) para o segundo semestre de cada ano, o processo seletivo deverá ocorrer nos meses de abril/maio, com data de entrega à Comissão Central em 10 de junho.
2. Poderão se inscrever alunos de pós-graduação de Unidades diferentes daquelas onde a disciplina de graduação é ministrada, respeitados os critérios estabelecidos (a atribuição de créditos será feita a critério da Comissão de Pós-Graduação da Unidade onde o aluno estiver regularmente matriculado).
3. O aluno de mestrado/doutorado somente poderá se inscrever para realizar o Estágio Supervisionado em Docência em uma disciplina por semestre.
4. A inscrição deverá ser feita diretamente na Unidade responsável pela disciplina de graduação, mediante a apresentação dos seguintes documentos:
 - a) ficha de inscrição preenchida e assinada pelo candidato;
 - b) plano de trabalho elaborado pelo(s) responsável(eis) pela disciplina de graduação a ser oferecida no semestre letivo seguinte, no qual deverão constar as tarefas de responsabilidade do pós-graduando;

- c) ficha do aluno atualizada;
- d) comprovante indicando a modalidade da Preparação Pedagógica realizada.

V. Da Seleção para a Etapa de Estágio Supervisionado em Docência

1. A seleção dos candidatos será feita pela Comissão Coordenadora do PAE na Unidade responsável pelo oferecimento das disciplinas de graduação, com aprovação da CPG.
2. Cabe à Comissão Coordenadora do PAE na Unidade proceder à seleção dos candidatos de acordo com critérios por ela estabelecidos (respeitadas as normas gerais) e aprovados pela CPG. Todo o processo deverá ser analisado e aprovado pela CPG que, em seguida, encaminhará à Comissão Central do PAE a documentação de acordo com o item IV, subitem 4.
3. A relação dos selecionados deverá ser encaminhada à Comissão Central do PAE até 10 de junho e 30 de novembro de cada ano para aprovação, instruída em processo, o qual deverá constar:
 - a) edital de abertura de inscrição para seleção dos alunos publicado em Diário Oficial do Estado;
 - b) relação de disciplinas de graduação ofertadas para o PAE, nas quais os estagiários poderão atuar;
 - c) relação com nome dos estagiários, classificação, número USP, indicação do curso (mestrado ou doutorado), informação sobre a Preparação Pedagógica, número de participações no Estágio Supervisionado e disciplina na qual o estágio será desenvolvido;

- d) critérios utilizados pela Comissão Coordenadora do PAE na Unidade para a seleção, com aprovação da CPG;
 - e) ficha de inscrição de cada aluno, com todos os campos corretamente preenchidos;
 - f) ficha do aluno atualizada;
 - g) comprovante indicando a modalidade da Preparação Pedagógica realizada;
 - h) plano de trabalho a ser desenvolvido no semestre pelo estudante;
 - i) documento de aprovação pela Comissão Coordenadora do PAE e Comissão de Pós-Graduação da relação dos alunos que cumprirão o Estágio Supervisionado em Docência.
4. A Etapa de Estágio Supervisionado em Docência poderá contar com auxílio financeiro mensal destinado aos alunos de pós-graduação selecionados entre os inscritos, sendo que cada Unidade de Ensino é contemplada com certo número de cotas definido pelo Presidente da Comissão Central do PAE, ouvida a referida Comissão.
- a) O auxílio financeiro mensal será concedido prioritariamente ao estudante que for selecionado pela primeira vez para realizar o Estágio Supervisionado em Docência, sendo concedido, no máximo, por 4 semestres, respeitadas as normas da Portaria que regulamenta o PAE.

VI. Da Supervisão da Etapa de Estágio Supervisionado em Docência

- 1. A supervisão do plano de trabalho ficará a cargo do professor responsável pela disciplina de graduação.

2. A função de supervisor será desvinculada da de orientador do estudante, não sendo vedada a coincidência.
3. Cabe ao supervisor orientar e acompanhar as atividades desenvolvidas pelo aluno no estágio.

VII. Da Conclusão da Etapa de Estágio Supervisionado em Docência

1. O estudante participante da Etapa de Estágio Supervisionado em Docência deverá elaborar um relatório detalhado de todas as atividades realizadas no decorrer do estágio e encaminhar à Comissão Coordenadora do PAE na Unidade onde realizou o estágio.
2. O supervisor deverá encaminhar a Ficha de Avaliação do estudante participante do Estágio Supervisionado em Docência à Comissão Coordenadora do PAE na Unidade.
3. A Comissão Coordenadora do PAE na Unidade deverá avaliar os relatórios e as fichas de avaliação, concluindo pela aprovação ou reprovação dos mesmos, tendo em vista o cumprimento das atividades realizadas e sua concordância com as previstas nos planos aprovados quando da seleção dos estagiários.
 - 3.1. A Comissão poderá se valer de assessores para esta avaliação.
 - 3.2. A Comissão deverá elaborar um parecer geral do Programa e encaminhar à CPG para apreciação final e posterior envio à Comissão Central do PAE.

3.3. Os prazos para entrega dos relatórios e das fichas de avaliação serão determinados pelas Comissões Coordenadoras do PAE nas Unidades de Ensino.

3.4. Relatórios insatisfatórios deverão ser devolvidos para serem refeitos. Caso isto não ocorra, o aluno perderá o direito ao certificado e não poderá participar de uma nova seleção.

3.5. Alunos bolsistas CAPES reprovados no Estágio Supervisionado em Docência deverão repetir a atividade, sem remuneração, para cumprir as exigências da Agência.

VIII. Do Parecer Geral da Comissão Coordenadora do PAE na Unidade

1. O parecer geral a ser encaminhado pela Comissão Coordenadora à CPG e, posteriormente, à Comissão Central do PAE, será instruído em processo, no qual deve constar:

- a)** Uma descrição geral das atividades realizadas pelos estudantes na Etapa de Estágio Supervisionado em Docência, bem como a lista de dificuldades encontradas e sugestões para melhoria do Programa;
- b)** Relatórios dos estagiários que participaram da Etapa de Estágio Supervisionado em Docência;
- c)** Fichas de avaliação dos supervisores dos estagiários;
- d)** Relação de disciplinas de graduação ofertadas para o PAE, nas quais os estagiários atuaram;
- e)** Relação de alunos desistentes, justificativas e, caso a desistência tenha ocorrido após a data início do estágio, relatórios do período;

- f) Parecer geral da Comissão Coordenadora do PAE na Unidade;
- g) Data de aprovação da CPG;
- h) Relação de alunos que receberão certificados;
- i) Relação de alunos que receberão declaração de participação.

IX. Disposições Gerais

1. A participação no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino é opcional aos alunos de pós-graduação da Universidade de São Paulo, à exceção dos bolsistas CAPES, que deverão cumprir o Programa uma vez que sua forma atende às exigências da Agência quanto ao requisito "estágio em docência".
2. A conclusão do Estágio com aproveitamento dará ao aluno direito de receber um certificado de participação no Programa, que deverá ser preenchido pela Comissão Coordenadora do PAE na Unidade e encaminhado ao Presidente da Comissão de Pós-Graduação da Unidade para assinatura.
3. O aluno que participar do Estágio mais de uma vez terá direito a receber declarações assinadas pelo Coordenador da Comissão na Unidade.
4. O aluno que concluir o Programa com aproveitamento poderá receber, a critério da CPG, até 20% dos créditos mínimos exigidos, conforme Artigo 66 do Regimento de Pós-Graduação.
5. O desligamento da Etapa de Estágio Supervisionado em Docência, antes do término do prazo estabelecido dar-se-á por:
 - a) trancamento de matrícula, abandono ou conclusão do curso;
 - b) não cumprimento da carga horária firmada no termo de compromisso;

c) não cumprimento do plano de atividades.

6. Em caso de interrupção da Etapa de Estágio Supervisionado em Docência ou desligamento, a Comissão Central do PAE deverá ser comunicada imediatamente.
7. O aluno perde imediatamente o auxílio financeiro mensal quando desligado do Estágio Supervisionado em Docência.
8. A responsabilidade de devolução dos recursos é de competência da CPG do Programa ao qual o aluno está realizando o referido estágio.

São Paulo, 09 de dezembro de 2010.

Vahan Agopyan
Pró-Reitor de Pós-Graduação

ANEXO B – Ementa da Disciplina de Monitoria Didática II

Ementa da disciplina de Monitoria Didática II (EAC5855-2), cujo conteúdo é igual à disciplina de Monitoria Didática I (EAC 5854-2).

Disponibilizada no site da FEA (<https://www.fea.usp.br/contabilidade/pos-graduacao/disciplinas?area=12136&disc=EAC5855>), sendo consultado em 18/08/2016.

Monitoria Didática II

Disciplina: EAC5855-2

Área de Concentração: 12136

Número de Créditos: 4

Carga do curso:

Teórico (Por semana)	Prática (Por semana)	Estudos (Por semana)	Duração	Total
2	2	0	15	60

Objetivos:

A Atividade/Disciplina Monitoria Didática I tem a finalidade de familiarizar o aluno do programa de pós-graduação com o planejamento, a preparação, a condução e a avaliação das atividades presentes em uma disciplina do Departamento de Contabilidade e Atuária e seus problemas operacionais, preparando o estudante para assumir o papel de docente.

Justificativa:

Os objetivos do Curso de Mestrado e Doutorado em Ciências Contábeis são: formar e desenvolver pesquisadores e também formar professores da área de concentração do Programa. A disciplina/atividade aqui proposta vem ao encontro do propósito de formar docentes para o campo das Ciências Contábeis.

Conteúdo:

A atividade consiste em atuar como monitor acompanhando uma disciplina de graduação de sua área de concentração durante um semestre letivo, sob orientação direta de um professor do curso de Graduação em Ciências Contábeis, em tarefas típicas da atividade docente:

- Acompanhar o planejamento da disciplina, ao início do semestre letivo;
- Acompanhar as aulas ministradas pelo professor responsável;
- Apoiar o professor em todas as suas atividades docentes;
- Ajudar no desenvolvimento de material didático;
- Aplicar exercícios e assistir os alunos;
- Ajudar na correção de exercícios e provas;
- Ajudar no controle de frequência e emissão de notas finais.

Obs: Não se inclui entre estas atividades a substituição do professor, mas sim de estar em sala de aula acompanhando as atividades do professor.

Formalização:

- a) O aluno deverá identificar o professor e a disciplina de seu interesse.
- b) Registrar em formulário próprio, na secretaria, o acordo feito com o professor ao qual estará diretamente se reportando.
- c) Após o encerramento disciplina o professor deverá completar formulário próprio apresentando seu parecer sobre a atividade de monitoria desenvolvida.
- d) De posse do formulário preenchido, a secretaria fará a solicitação de registro dos 4 créditos para o aluno.

Avaliation methods:

Aprovação do Prof. Responsável pela disciplina de Graduação do relatório apresentado pelo aluno.

Notas:

Bibliografia:

Indicada pelo professor responsável pela disciplina monitorada.

ANEXO C – Resposta da Comissão de Pesquisa da FEA/USP **Ofício 020/2015-CPq-FEA**

São Paulo, 21 de setembro de 2015.

Prezada Suilise Berwanger Wille

A Comissão de Pesquisa da FEA comunica que a constituição do Comitê de Ética em Pesquisas da FEA ainda está em trâmite, o regimento do Comitê ainda encontra-se em fase de aprovação pela Procuradoria Geral da Universidade de São Paulo e demais instâncias.

Diante do exposto, os membros da Comissão de Pesquisa em reunião realizada no dia 16/09/2015, não se julgaram aptos a emitir um parecer a respeito dos aspectos éticos concernentes ao projeto intitulado “Formação docente em Contabilidade: estudo de caso do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino da Universidade de São Paulo”.

Atenciosamente,

Prof. Dr. **RODRIGO DE LOSSO DA SILVEIRA BUENO**
Presidente da Comissão de Pesquisa

C.C Prof^ª. Dr^ª. **SILVIA PEREIRA DE CASTRO CASA NOVA**

ANEXO D – Solicitação de autorização para acesso aos relatórios do PAE

Suilise Berwanger Wille <suiliseberwanger@gmail.com>

Solicitação de autorização de ampliação do acesso aos relatórios do PAE

10 mensagens

Sílvia Pereira de Castro Casa Nova <silvianova@usp.br>

19 de julho de 2017 15:10

Para: spgfea@usp.br, mirandaoliveira@usp.br

Cc: Suilise Berwanger Wille <suilise@usp.br>, Suilise Berwanger Wille <suiliseberwanger@gmail.com>

Prezado professor Moacir,
Prezada Adriana,

Boa tarde!

Encaminho pedido de Suilise, pesquisadora de doutorado vinculada ao PPGCC, sob minha orientação. Entendo que a pesquisa tem relevância para a FEA e seus departamentos e apoio fortemente a solicitação.

Sou acadêmica do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da USP, sob a orientação da Profa. Sílvia Pereira de Castro Casa Nova (em cópia) e estou desenvolvendo uma pesquisa de tese que tem como um de seus objetivos identificar de que maneiras o Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) contribui para a formação docente dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade na FEA/USP (PPGCC/USP).

Em setembro de 2015 solicitei o acesso às fichas e relatórios dos estagiários do PAE do PPGCC/USP de 1999 a 2014. No entanto, à medida que fui fazendo o levantamento das informações, acabei coletando também informações referentes aos estagiários PAE da Administração e da Economia, além de algumas informações históricas contidas nas pastas do PAE (entre as quais o que constava nos editais, qual foi o valor das bolsas ao longo dos anos e quais foram as mudanças que são possíveis perceber através dos documentos em relação ao PAE ao longo desse período). Estendi ainda o período de coleta para o ano de 2015.

Essas informações, se adicionadas à base de dados de minha pesquisa de doutorado, serviriam para poder apresentar na minha tese um histórico e contexto do PAE na FEA como um todo. Permitiriam também estabelecer um comparativo do PAE na Contabilidade com o dos cursos de Administração e Economia. Portanto, solicito autorização para utilizar em minha pesquisa de doutorado, assim como em trabalhos futuros que advenham desta, as informações adicionais acima mencionadas.

Desde já, me comprometo a manter a confidencialidade sobre os dados pessoais dos participantes nos arquivos, bem como de seus conteúdos. As informações serão tratadas no agregado sem identificação de alunos, professores ou orientadores.

Adicionalmente, colocarei à disposição a base de dados que organizei com base nos relatórios bem como um relatório sucinto do comparativo do programa entre os departamentos e o consolidado da FEA. Tenho convicção de que essas informações trazem um quadro interessante do que tem sido o programa no âmbito da faculdade e de seus departamentos.

Finalmente, me coloco a disposição para maiores esclarecimentos, por meio deste e-mail e do telefone (11) 95654-3344.

Desde já agradeço pela atenção,
Suilise Berwanger Wille

Encaminhamos em anexo um novo pedido formal de acesso a essa documentação adicional. Se necessário podemos entregá-la na SPGFEA.

Coloco-me igualmente à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários, ressaltando a possibilidade que a pesquisa tem de contribuir para o entendimento do PAE na FEA.

Saudações acadêmicas,

—
Silvia Pereira de Castro Casa Nova
Professora Associada
Departamento de Contabilidade e Atuária
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade
Universidade de São Paulo

—
Associate Professor
Accounting and Actuarial Science Department
School of Economics, Business and Accountancy
University of Sao Paulo (Brasil)
eMail: silvianova@usp.br
SkypeID: silvia_casa_nova
Voice (BR): +55 011 3091-5820 ext. 132
Ave. Prof. Luciano Gualberto, 908 (214 - FEA 3 Bldg.)
São Paulo, SP, 05508-010 (Brasil)

Autorização Comissão do PAE 2-signed.pdf
267K

Moacir de Miranda Oliveira Júnior <mirandaoliveira@usp.br> 19 de julho de 2017 17:51

Para: Silvia Pereira de Castro Casa Nova <silvianova@usp.br>
Cc: spgfea <spgfea@usp.br>, Suilise Berwanger Wille <suilise@usp.br>, Suilise Berwanger Wille <suiliseberwanger@gmail.com>, Cesar Alexandre de Souza - FEA-USP <calesou@usp.br>, Eloisa Martins Alessio <eloisaa@fia.com.br>, cintia sy <cintia_sy@usp.br>, ppgafea <ppgafea@usp.br>

Prezada Silvia; Prezada Suilise;

Parabéns pela relevante pesquisa, acerca da qual aguardaremos com interesse os resultados.

Estou de acordo com a utilização dos dados referentes ao PPGA-USP. Apesar de Presidente da Comissão do PAE, recomendo solicitar autorização diretamente ao Coordenador da Pós em Economia, inclusive informando da minha autorização em relação aos dados da Administração.

Cordialmente;

Prof. Moacir de Miranda Oliveira Junior
[Texto das mensagens anteriores oculto]

Silvia Pereira de Castro Casa Nova <silvianova@usp.br> 19 de julho de 2017 19:33

Para: Moacir de Miranda Oliveira Júnior <mirandaoliveira@usp.br>
Cc: Cesar Alexandre de Souza - FEA-USP <calesou@usp.br>, Eloisa Martins Alessio <eloisaa@fia.com.br>, Suilise Berwanger Wille <suilise@usp.br>, Suilise Berwanger Wille <suiliseberwanger@gmail.com>, cintia sy <cintia_sy@usp.br>,

https://mail.google.com/mail/u/0/?ui=2&ik=6e744fd279&jsver=5WfS5xDRm9w.pt_BR.&view=pt&q=pae&qs=true&search=query&th=15d8554a946d3ad... 2/6

ppgafea <ppgafea@usp.br>, spgfea <spgfea@usp.br>

Caro Moacir,

Obrigada pela pronta resposta e pelo apoio à pesquisa. Entraremos em contato com o coordenador da pós em economia.

Cordialmente,

Silvia

[Texto das mensagens anteriores oculto]

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Silvia Pereira de Castro Casa Nova <silvianova@usp.br>

20 de julho de 2017 08:28

Para: Lucas Barros <lucasayres2002@gmail.com>, lucasbarros@usp.br

Cc: Moacir de Miranda Oliveira Júnior <mirandaoliveira@usp.br>, spgfea <spgfea@usp.br>, Suilise Berwanger Wille <suiliseberwanger@gmail.com>, Suilise Berwanger Wille <suilise@usp.br>

Prezado professor Lucas,
Prezado professor Moacir,
Prezada Adriana,

Bom dia!

Encaminho pedido de Suilise, pesquisadora de doutorado vinculada ao PPGCC, sob minha orientação. Entendo que a pesquisa tem relevância para a FEA e seus programas de pós-graduação e seus departamentos e apoio fortemente a solicitação.

Já contamos com a autorização formal do professor Moacir (em cópia), no que se refere aos dados da Administração.

Sou acadêmica do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da USP, sob a orientação da Profa. Silvia Pereira de Castro Casa Nova (em cópia) e estou desenvolvendo uma pesquisa de tese que tem como um de seus objetivos identificar de que maneiras o Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) contribui para a formação docente dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade na FEA/USP (PPGCC/USP).

Em setembro de 2015 solicitei o acesso às fichas e relatórios dos estagiários do PAE do PPGCC/USP de 1999 a 2014. No entanto, à medida que fui fazendo o levantamento das informações, acabei coletando também informações referentes aos estagiários PAE da Administração e da Economia, além de algumas informações históricas contidas nas pastas do PAE (entre as quais o que constava nos editais, qual foi o valor das bolsas ao longo dos anos e quais foram as mudanças que são possíveis perceber através dos documentos em relação ao PAE ao longo desse período). Estendi ainda o período de coleta para o ano de 2015.

Essas informações, se adicionadas à base de dados de minha pesquisa de doutorado, serviriam para poder apresentar na minha tese um histórico e contexto do PAE na FEA como um todo. Permitiriam também estabelecer um comparativo do PAE na Contabilidade com o dos cursos de Administração e Economia. Portanto, solicito autorização para utilizar em minha pesquisa de doutorado, assim como em trabalhos futuros que advenham desta, as informações adicionais acima mencionadas.

Desde já, me comprometo a manter a confidencialidade sobre os dados pessoais dos participantes nos arquivos, bem como de seus conteúdos. As informações serão tratadas no agregado sem identificação de alunos, professores ou orientadores.

Adicionalmente, colocarei à disposição a base de dados que organizei com base nos relatórios bem como um relatório sucinto do comparativo do programa entre os departamentos e o consolidado da FEA. Tenho convicção de que essas informações trazem um quadro interessante do que tem sido o programa no âmbito da faculdade e de seus departamentos.

https://mail.google.com/mail/u/0/?ui=2&ik=6e744fd279&jsver=5WfS5xDRm9w.pt_BR.&view=pt&q=pae&qs=true&search=query&th=15d8554a946d3ad... 3/6

Finalmente, me coloco a disposição para maiores esclarecimentos, por meio deste e-mail e do telefone (11) 95654-3344.

Desde já agradeço pela atenção,
Suilise Berwanger Wille

Coloco-me igualmente à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários, ressaltando a possibilidade que a pesquisa tem de contribuir para o entendimento do PAE na FEA.

Saudações acadêmicas,

—
Silvia Pereira de Castro Casa Nova
Professora Associada
Departamento de Contabilidade e Atuária
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade
Universidade de São Paulo

—
Associate Professor
Accounting and Actuarial Science Department
School of Economics, Business and Accountancy
University of Sao Paulo (Brasil)
eMail: silvianova@usp.br
SkypeID: [silvia_casa_nova](#)
Voice (BR): [+55 011 3091-5820 ext. 132](#)
Ave. Prof. Luciano Gualberto, 908 (214 - FEA 3 Bldg.)
São Paulo, SP, 05508-010 (Brasil)

Autorização Comissão do PAE Lucas-signed.pdf
267K

Silvia Pereira de Castro Casa Nova <silvianova@usp.br> 20 de julho de 2017 08:30
Para: chimeli@usp.br
Cc: Moacir de Miranda Oliveira Júnior <mirandaoliveira@usp.br>, spgfea <spgfea@usp.br>, Suilise Berwanger Wille <suiliseberwanger@gmail.com>, Suilise Berwanger Wille <suilise@usp.br>

Prezado professor Ariaster,
[Texto das mensagens anteriores oculto]

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Autorização Comissão do PAE Ariaster-signed.pdf
266K

Lucas Barros <lucasayres2002@gmail.com> 20 de julho de 2017 14:26
Para: Silvia Pereira de Castro Casa Nova <silvianova@usp.br>
Cc: Moacir de Miranda Oliveira Júnior <mirandaoliveira@usp.br>, spgfea <spgfea@usp.br>, Suilise Berwanger Wille <suiliseberwanger@gmail.com>, Suilise Berwanger Wille <suilise@usp.br>

Boa tarde,

Estou plenamente de acordo com a solicitação.

Atenciosamente,

Luca Barros

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Silvia Pereira de Castro Casa Nova <silvianova@usp.br>

20 de julho de 2017 14:31

Para: Lucas Barros <lucasayres2002@gmail.com>

Cc: Moacir de Miranda Oliveira Júnior <mirandaoliveira@usp.br>, spgfea <spgfea@usp.br>, Suilise Berwanger Wille <suiliseberwanger@gmail.com>, Suilise Berwanger Wille <suilise@usp.br>

Muito obrigada pelo apoio à pesquisa e pela prontidão na resposta, Lucas.

Cordialmente,

Silvia

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Ariaster Baumgratz Chimeli <chimeli@usp.br>

26 de julho de 2017 13:51

Para: Silvia Pereira de Castro Casa Nova <silvianova@usp.br>

Cc: Moacir de Miranda Oliveira Júnior <mirandaoliveira@usp.br>, spgfea <spgfea@usp.br>, Suilise Berwanger Wille <suiliseberwanger@gmail.com>, Suilise Berwanger Wille <suilise@usp.br>, ccpeae <ccpeae@gmail.com>, Martinho Isnard Ribeiro de Almeida <martinho@usp.br>

Prezada professora Silvia,

No que for da competência da pós graduação em economia a aluna Suilise Wille tem a autorização de utilização das informações descritas na carta, respeitando a confidencialidade de dados privados como ela já se comprometeu a fazer. Copio nesta mensagem o professor Martinho, coordenador da CPG, uma vez que os dados referente ao PAE dos nossos ex-alunos estão na CPG e talvez a autorização adequada caiba ao professor Martinho.

O projeto da aluna merece nosso apoio e gostaríamos de solicitar o compartilhamento dos resultados quando estes estiverem disponíveis.

Um abraço,

Ariaster

[Texto das mensagens anteriores oculto]

--
--

Ariaster Baumgratz Chimeli

Professor Doutor

Universidade de São Paulo, FEA

Departamento de Economia

Av. Prof. Luciano Gualberto, 908 - FEA 2 - 1º andar - Sala 113

Sao Paulo, SP CEP: 05508-010

Tel.: +55 11 3091-5824

<https://economiadomeioambiente.com/>

<https://ariasterchimeli.wordpress.com/>

Martinho Isnard Ribeiro de Almeida <martinho@usp.br>

26 de julho de 2017 15:07

Para: Ariaster Baumgratz Chimeli <chimeli@usp.br>

Cc: Silvia Pereira de Castro Casa Nova <silvianova@usp.br>, Moacir de Miranda Oliveira Júnior <mirandaoliveira@usp.br>, spgfea <spgfea@usp.br>, Suilise Berwanger Wille <suiliseberwanger@gmail.com>, Suilise Berwanger Wille <suilise@usp.br>, ccpeae <ccpeae@gmail.com>

Cara Silvia

Será ótimo podermos colaborar com a pesquisa de sua aluna

Martinho

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Silvia Pereira de Castro Casa Nova <silvianova@usp.br>

27 de julho de 2017 15:35

Para: Martinho Isnard Ribeiro de Almeida <martinho@usp.br>

Cc: Ariaster Baumgratz Chimeli <chimeli@usp.br>, Moacir de Miranda Oliveira Júnior <mirandaoliveira@usp.br>, spgfea <spgfea@usp.br>, Suilise Berwanger Wille <suiliseberwanger@gmail.com>, Suilise Berwanger Wille <suilise@usp.br>, ccpeae <ccpeae@gmail.com>

Agradecemos o apoio e colaboração de todos e todas e nos comprometemos, Suilise e eu, a compartilhar os resultados do estudo com as coordenações dos programas e com outras instâncias da FEA, assegurando a confidencialidade dos dados individuais.

Cordialmente,

Silvia Pereira de Castro Casa Nova

[Texto das mensagens anteriores oculto]

ANEXO E – Ficha de inscrição para o Estágio Supervisionado do PAE **Programa de Aperfeiçoamento de Ensino****Ficha de Inscrição**

SEMESTRE _____

DADOS DO ALUNO	
NOME:	_____ (nome completo por extenso)
SEXO:	M ☐ F ☐
Nº USP:	_____
E-MAIL:	_____
UNIDADE:	_____
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO:	_____
MESTRADO ☐	DOCTORADO ☐
DATA DA MATRÍCULA:	____/____/____
AUTORIZAÇÃO DO ORIENTADOR	
ORIENTADOR:	_____ (nome completo por extenso)
_____ Assinatura do orientador autorizando a participação do aluno no programa	
DADOS COMPLEMENTARES	
É BOLSISTA?	
☐ NÃO	
☐ SIM	QUAL AGÊNCIA DE FOMENTO? ☐ CAPES
	☐ CNPq
	☐ FAPESP
	☐ OUTRA QUAL? _____
PERÍODO DE VIGÊNCIA DA BOLSA: INÍCIO: ____/____/____ FIM: ____/____/____	
BOLSA SOLICITADA?	
☐ NÃO	
☐ SIM	QUAL AGÊNCIA DE FOMENTO? _____

ATENÇÃO: É OBRIGATÓRIO O PREENCHIMENTO DE TODOS OS CAMPOS

ANEXO F – Relatório do estagiário PAE **Programa de Aperfeiçoamento de Ensino****Relatório do Estagiário****INFORMAÇÕES:**

ALUNO: _____

Nº USP: _____ ☐ MESTRADO ☐ DOUTORADO

UNIDADE: _____

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO: _____

ORIENTADOR: _____

ESTÁGIO:

SEMESTRE: _____ ANO: _____

DISCIPLINA: _____
(junto a qual foi desenvolvido o Estágio)

DEPARTAMENTO: _____ UNIDADE: _____

SUPERVISOR: _____

1. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:_____
_____**2. AVALIAÇÃO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PLANO:**_____
_____**3. SUGESTÕES PARA O PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DE ENSINO (PAE):**_____

DATA: ____/____/____

Assinatura do Aluno

ANEXO G – Ficha de Avaliação (Relatório do Supervisor) **Programa de Aperfeiçoamento de Ensino****Ficha de Avaliação****INFORMAÇÕES:**

ALUNO AVALIADO: _____

☐ MESTRADO☐ DOUTORADODISCIPLINA: _____
(junto a qual foi desenvolvido o Estágio)

DEPARTAMENTO: _____ UNIDADE: _____

SEMESTRE: _____ ANO: _____

AVALIAÇÃO:

1. DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO ALUNO:

2. DO DESEMPENHO DO ALUNO:

3. SUGESTÕES:

DATA: ____/____/____

NOME DO SUPERVISOR: _____

Assinatura do Supervisor

APÊNDICES

APÊNDICE A – Programas de pós-graduação em Contabilidade

Sigla IES	Nome do Programa	Nível	Nota
FUCAPE	ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado/Doutorado	5
FUCAPE	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado Profissional	5
Fucape-RJ	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado Profissional	3
FURB	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado/Doutorado	5
PUC/SP	CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ATUARIAIS	Mestrado	3
UEM	Ciências Contábeis	Mestrado	3
UERJ	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado	3
UFBA	CONTABILIDADE	Mestrado	3
UFES	Ciências Contábeis	Mestrado	4
UFG	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado	3
UFMG	CONTROLADORIA E CONTABILIDADE	Mestrado/Doutorado	4
UFPB/J.P.	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado/Doutorado	4
UFPE	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado/Doutorado	4
UFPR	CONTABILIDADE	Mestrado/Doutorado	5
UFRGS	CONTROLADORIA E CONTABILIDADE	Mestrado	3
UFRJ	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado/Doutorado	5
UFRN	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado	3
UFSC	CONTABILIDADE	Mestrado/Doutorado	5
UFU	Ciências Contábeis	Mestrado/Doutorado	4
UNB	CONTABILIDADE - UNB - UFPB - UFRN	Mestrado/Doutorado	5
UNB	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado/Doutorado	4
Unifecap	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado	4
UNIOESTE	CONTABILIDADE	Mestrado	3
UNISINOS	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado/Doutorado	5
UNOCHAPECÓ	CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO	Mestrado	3
UPM	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	Mestrado Profissional	4
USP	CONTROLADORIA E CONTABILIDADE	Mestrado/Doutorado	6
USP/RP	CONTROLADORIA E CONTABILIDADE	Mestrado/Doutorado	5

Fonte: Adaptado do quadro de Resultados finais da Avaliação Quadrienal 2017 - Programas Acadêmicos E Programas Profissionais; páginas 66 a 70 do Relatório da Avaliação Quadrienal 2017 da CAPES, dos cursos de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo. Recuperado de: <http://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/relatorios-finais-quadrienal-2017/20122017-Administracao-quadrienal.pdf>

APÊNDICE B - Carta de apresentação (professores da área de educação e/ou ligados a atividades de gestão do PAE)

Prezado (a) _____

Como doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da USP, estou realizando um trabalho acadêmico visando identificar de que maneiras o PAE contribui para a formação docente dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade na FEA/USP.

Este estudo justifica-se pela importância da formação inicial docente na Pós-graduação, função que o Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE) visa suprir atualmente; sendo que, até agora, há poucos estudos analisando-o e as pesquisas desenvolvidas denotaram necessidade de maior aprofundamento sobre o assunto, no sentido de se ter uma melhor compreensão do programa e possibilitar a sua melhoria e aperfeiçoamento.

Para tanto, o estudo baseia-se na análise de documentos (relatórios) dos estagiários PAE (egressos de Programa Pós-graduação de Contabilidade e Controladoria), entrevistas com professores da área de educação e/ou ligados à gestão do PAE, entrevistas com professores do Programa de Pós-graduação mencionado e entrevistas com egressos deste programa.

Para tal, venho por meio deste convidá-lo (a) a participar de uma entrevista, a fim de entender melhor o histórico do PAE, a sua visão sobre o mesmo e sobre a formação inicial de professores. A sua identificação só será feita se houver a respectiva autorização. Caso contrário os dados mostrados no trabalho não possibilitarão qualquer identificação. Agradeço antecipadamente sua atenção.

Suillise Berwanger Wille

APÊNDICE C - Termo de consentimento para gravação de voz (professores da área de educação e/ou ligados a atividades de gestão do PAE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada, (título da pesquisa), que tem como objetivo principal "identificar de que maneiras o PAE contribui para a formação docente dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade na FEA/USP".

Para alcançar o objetivo do estudo, será realizada uma entrevista semi-estruturada com algumas perguntas pré-estabelecidas e outras que serão desenvolvidas no decorrer da entrevista.

Eu, (nome do participante da pesquisa), depois receber as informações sobre os objetivos e importância desta pesquisa de forma clara, de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada (título da pesquisa) poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Suilise Berwanger Wille, sob orientação de Prof^a. Dra. Silvia Pereira de Castro Casa Nova, a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. minha identificação só será revelada, se assim o autorizar, depois de receber a transcrição da entrevista;
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Em caso de dúvidas ou novas perguntas você poderá entrar em contato com a pesquisadora, pelo e-mail: suilise@usp.br

Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

Local:

Data:

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE D – Pedido de Autorização enviada junto com à transcrição da entrevista (professores da área de educação e/ou ligados a atividades de gestão do PAE)

1. E-mail:

Prezado (a) _____

Dando andamento à pesquisa, estou lhe enviando em anexo a transcrição da entrevista. Estou anexando o termo de consentimento para autorizar que a entrevista seja utilizada somente para finalidades acadêmicas.

Agradeço se me retornar o mais breve possível o termo de consentimento assinado.

No termo tem a opção de autorizar a identificação da fala do (a) entrevistado (a). Por favor, indique sua preferência, pois ela será seguida rigorosamente. Caso uma das pessoas entrevistadas opte pela codificação, utilizarei esse procedimento para as demais, para manter a consistência.

Fico a disposição para qualquer outro esclarecimento que se fizer necessário e aproveito para agradecer novamente sua ajuda!

2. Termo de autorização de uso da entrevista e identificação:

Título da pesquisa: _____

Nome e contato da pesquisadora:

Nome: Suilise Berwanger Wille

E-mail: suilise@usp.br

Telefone: (11) 982437757

Termo de consentimento:

Recebi e li a transcrição da entrevista e concordo que o texto representa com exatidão a minha fala durante a entrevista. Tive a oportunidade de incluir, excluir e corrigir informações.

A pesquisadora está autorizada a identificar a minha fala: () sim () não

Caso não tenha autorizado a identificação, a pesquisadora se compromete a preservar meu depoimento no anonimato, identificando minha fala com nome fictício ou símbolo não relacionados à minha verdadeira identidade.

Fui informado (a) que a qualquer momento posso solicitar a exclusão da pesquisa.

Nome Completo:

Assinatura:

Local e data:

APÊNDICE E – Carta de apresentação/convite (alunos de graduação)

1 – Carta Convite para *focus group* 1

Prezados(as) estudantes.

Sou acadêmica do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade, sob a orientação da professora Silvia Pereira de Castro Casa Nova e desenvolvo uma pesquisa de tese com o objetivo de identificar de que maneiras as atividades desenvolvidas no Programa de Pós Graduação em Controladoria e Contabilidade na FEA/USP (PPGCC/USP) contribuem para a formação docente de seus egressos.

Como parte da pesquisa, desejo desenvolver grupos focais (*focus group*) com estudantes da graduação, para entender as percepções dos estudantes da graduação em relação às atividades realizadas pelos estagiários do PAE (Programa de Aperfeiçoamento do Ensino) e pelos monitores da pós-graduação.

O grupo focal consiste em uma discussão em grupos (variando de 6 a 12 participantes), a ser realizada na FEA-USP, tendo uma duração aproximada de 60 minutos, na qual serão discutidas questões relativas ao tema da pesquisa. A discussão será gravada para fins de análise posterior.

Nesse sentido, faço uma consulta sobre seu interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. Caso deseje participar do grupo focal, por favor, preencha este formulário (<https://goo.gl/forms/tYH5WivoAlfxEFvg1>), informando o dia e horário que poderia participar. Inicialmente foram reservadas salas para 4 sessões de grupo focal (destacasse que não haverá participação da mesma pessoa em mais de uma sessão), nos seguintes horários: 17/08 às 11:20hs; 17/08 às 17:30 ou 18hs; 18/08 às 11:20hs; 18/08 às 17:30 ou 18hs. No entanto, **caso tenha interesse em participar, mas não tenha disponibilidade nos horários citados, favor preencher o campo “outro” na questão do formulário referente a horários ou entrar em contato por e-mail (suilise@usp.br), para avaliarmos alternativas (como por exemplo, fazer alguma sessão por skype ou fazer entrevistas individuais).**

Após o preenchimento desse formulário será analisada a quantidade de alunos interessados e a disponibilidade. Será, então, enviado um e-mail com o convite oficial e com mais informações sobre a atividade.

A pesquisadora se compromete a preservar as informações no anonimato, identificando as falas com nome fictício ou símbolo não relacionados à verdadeira identidade do participante.

Como forma de retribuição, será oferecido um lanche aos que participarem. Teremos ainda o sorteio de livros para os participantes.

Desde já agradecemos a colaboração e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Suilise Berwanger Wille (suilise@usp.br)
Silvia Pereira de Castro Casa Nova (silvianova@usp.br)

2. Carta Convite para *focus group* 2

Prezado(a)

Conforme apresentação hoje de manhã em sala de aula, meu nome é Suilise Berwanger Wille, sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade (PPGCC) da Universidade de São Paulo (USP), orientada pela Profa. Dra. Silvia Casa Nova. Desenvolvo uma pesquisa para o doutorado que tem o interesse de identificar de que maneiras as atividades desenvolvidas no Programa de Pós Graduação em Controladoria e Contabilidade na FEA/USP (PPGCC/USP) contribuem para a formação docente de seus egressos e, em uma das etapas da pesquisa, através de entrevistas com graduandos, busco compreender as percepções destes em relação às atividades realizadas pelos estagiários do PAE (Programa de Aperfeiçoamento do Ensino) e pelos monitores da pós-graduação.

Através deste gostaria de convidá-lo(a) formalmente para contribuir como participante de um focus group em minha pesquisa. Para tal, com base nos dias e horários que citou como convenientes para sua participação, gostaria de saber se podemos agendar o focus group para *dia e horário*, com duração prevista de 60 a 90 minutos. Esclareço que a atividade será realizada na FEA/USP.

As entrevistas serão gravadas, transcritas e utilizadas para a pesquisa de forma agregada, portanto mantendo o anonimato e a confidencialidade dos(as) participantes. Apenas após a sua revisão e aprovação a transcrição será utilizada. Somente o pesquisador terá acesso aos áudios e às transcrições das entrevistas. A qualquer momento, se for de seu interesse, você poderá solicitar a exclusão de sua participação nessa pesquisa, apenas comunicando essa decisão ao pesquisador.

Agradecemos antecipadamente sua atenção e contamos com a sua participação!

Atenciosamente,
Suilise Berwanger Wille - Doutoranda
Profa. Dra. Sílvia Pereira de Castro Casa Nova - Orientadora

3. Carta Convite entrevista individual.

Prezado (a),

Conforme apresentação hoje de manhã em sala de aula, meu nome é Suilise Berwanger Wille, sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade (PPGCC) da Universidade de São Paulo (USP), orientada pela Profa. Dra. Sílvia Casa Nova. Desenvolvo uma pesquisa para o doutorado que tem o interesse de identificar de que maneiras as atividades desenvolvidas no Programa de Pós Graduação em Controladoria e Contabilidade na FEA/USP (PPGCC/USP) contribuem para a formação docente de seus egressos e, em uma das etapas da pesquisa, através de entrevistas com graduandos, busco compreender as percepções destes em relação às atividades realizadas pelos estagiários do PAE (Programa de Aperfeiçoamento do Ensino) e pelos monitores da pós-graduação.

Através deste gostaria de convidá-lo formalmente para contribuir como entrevistado em minha pesquisa. Para tal, com base nos dias e horários que citou como convenientes para sua participação, gostaria de saber se podemos agendar a entrevista (individual) para *dia e horário*. Esclareço que a entrevista pode ser feita presencialmente, na FEA/USP, ou por Skype®, se for mais conveniente.

As entrevistas serão gravadas, transcritas e utilizadas para a pesquisa de forma agregada, portanto mantendo o anonimato e a confidencialidade dos(as) participantes. Apenas após a sua revisão e aprovação a transcrição será utilizada. Somente o pesquisador terá acesso aos áudios e às transcrições das entrevistas. A qualquer momento, se for de seu interesse, você poderá solicitar a exclusão de sua participação nessa pesquisa, apenas comunicando essa decisão ao pesquisador.

Agradecemos antecipadamente sua atenção e contamos com a sua participação!

Atenciosamente,
Suilise Berwanger Wille - Doutoranda
Profa. Dra. Sílvia Pereira de Castro Casa Nova - Orientadora

APÊNDICE F – Carta de apresentação/convite (monitores/estagiários e supervisores)

Prezado (a)

Meu nome é Suilise Berwanger Wille, sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade (PPGCC) da Universidade de São Paulo (USP), orientada pela Profa. Dra. Silvia Casa Nova. Desenvolvo uma pesquisa para o doutorado com o objetivo de identificar de que maneiras as atividades desenvolvidas no Programa de Pós Graduação em Controladoria e Contabilidade na FEA/USP (PPGCC/USP) contribuem para a formação docente de seus egressos.

Gostaria de convidá-lo para contribuir como entrevistado em minha pesquisa. Nesse sentido, caso deseje participar, por favor, entre em contato através deste e-mail (suilise@usp.br), indicando os dias e horários mais convenientes para sua participação. Esclareço que a entrevista será realizada por Skype®.

As entrevistas serão gravadas, transcritas e utilizadas para a pesquisa de forma agregada, portanto mantendo o anonimato e a confidencialidade dos (as) participantes. Apenas após a sua revisão e aprovação a transcrição será utilizada. Somente a pesquisadora terá acesso aos áudios e às transcrições das entrevistas. A qualquer momento, se for de seu interesse, você poderá solicitar a exclusão de sua participação nessa pesquisa, apenas comunicando essa decisão à pesquisadora.

Agradecemos antecipadamente sua atenção e contamos com a sua participação!

Atenciosamente,

Suilise Berwanger Wille - Doutoranda

Profa. Dra. Silvia Pereira de Castro Casa Nova - Orientadora

APÊNDICE G - Termo de consentimento livre e esclarecido (alunos de graduação)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de tese que tem por objetivo identificar de que maneiras as atividades desenvolvidas no Programa de Pós Graduação em Controladoria e Contabilidade na FEA/USP (PPGCC/USP) contribuem para a formação docente de seus egressos.

Nesse sentido, a entrevista visa entender as percepções dos estudantes da graduação em relação às atividades realizadas pelos estagiários do PAE (Programa de Aperfeiçoamento do Ensino) e pelos monitores da pós-graduação.

Eu, _____, depois receber as informações sobre os objetivos e importância desta pesquisa de forma clara, de entender os riscos e benefícios que a pesquisa poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Suilise Berwanger Wille, sob orientação de Prof^a. Dra. Silvia Pereira de Castro Casa Nova, a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.
5. O pesquisador se compromete a dar um retorno dos resultados aos sujeitos participantes.

Em caso de dúvidas ou novas perguntas você poderá entrar em contato com a pesquisadora, pelo e-mail: suilise@usp.br ou telefone (11) 956543344.

Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

Local:

Data:

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE H – Termo de consentimento livre e esclarecido (estagiários/monitores e supervisores do Programa de Contabilidade e Controladoria da FEA/USP)

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de tese que tem por objetivo identificar de que maneiras as atividades desenvolvidas no Programa de Pós Graduação em Controladoria e Contabilidade na FEA/USP (PPGCC/USP) contribuem para a formação docente de seus egressos.

Para alcançar o objetivo do estudo, será realizada uma entrevista semi-estruturada com algumas perguntas pré-estabelecidas e outras que serão desenvolvidas no decorrer da entrevista.

Eu, _____, depois receber as informações sobre os objetivos e importância desta pesquisa de forma clara, de entender os riscos e benefícios que a pesquisa poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Suilise Berwanger Wille, sob orientação de Prof^a. Dra. Silvia Pereira de Castro Casa Nova, a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.
5. O pesquisador se compromete a dar um retorno dos resultados aos sujeitos participantes.

Em caso de dúvidas ou novas perguntas você poderá entrar em contato com a pesquisadora, pelo e-mail: suilise@usp.br ou telefone (11) 956543344.

Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

Local:

Data:

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora responsável

**APÊNDICE I – Pedido de Autorização enviada junto com à transcrição da entrevista
(alunos de graduação)**

Prezado (a),

Dando andamento à pesquisa, estou lhe enviando em anexo a transcrição da entrevista, para que possa ler e incluir, excluir ou corrigir informações, se julgar necessário. Estou anexando também o termo de consentimento para autorizar que a transcrição da entrevista seja utilizada somente para finalidades acadêmicas.

O texto do termo também se encontra transcrito abaixo:

Termo de consentimento:

Eu concordei em participar voluntariamente desta pesquisa e concordo que as informações fornecidas sejam utilizadas com finalidade de pesquisa. Entendo que os resultados da pesquisa serão publicados em revistas ou outro tipo de divulgação acadêmica. Concordei que a entrevista fosse gravada e fui informado (a) de que teria a oportunidade de ler a transcrição da minha entrevista antes de ser incluída na pesquisa. Entendo que as transcrições e os áudios serão mantidos em segurança e que serão utilizados exclusivamente com finalidade acadêmica.

Recebi e li a transcrição da entrevista e concordo que o texto representa com exatidão a minha fala durante a entrevista. Tive a oportunidade de incluir, excluir e corrigir informações.

A pesquisadora se compromete a preservar meu depoimento no anonimato, identificando minha fala com nome fictício ou símbolo não relacionados à minha verdadeira identidade.

Fui informado (a) que a qualquer momento posso solicitar a exclusão da pesquisa.

Agradeço se me retornar o mais breve possível (para fins de autorização pode somente responder este e-mail confirmando a leitura e o consentimento de uso da transcrição ou pode me enviar o termo assinado e escaneado). Houve um consentimento implícito ao concordar em participar da pesquisa e em ter a entrevista gravada. Assim esse termo pode ser considerado dispensável, mas é importante para tornar esse consentimento formal e explícito.

Destaco que informações de identificação, como nomes de professores, colegas, instituições, disciplinas ou algum ponto do texto que a pesquisadora julgue que possam vir a identificar o entrevistado e/ou outras pessoas, serão preservadas, ou seja, omitidas caso apareçam em algum trecho que for utilizado na pesquisa.

Fico a disposição para qualquer outro esclarecimento que se fizer necessário e aproveito para agradecer novamente sua ajuda e desejar um 2018 promissor!

Atenciosamente,

Suilise Berwanger Wille

**APÊNDICE J – Pedido de Autorização enviada junto com à transcrição da entrevista
(monitores/estagiários e supervisores do Programa de Contabilidade e Controladoria
da FEA/USP)**

Prezado (a),

Dando andamento à pesquisa, estou lhe enviando em anexo a transcrição da entrevista, para que possa ler e incluir, excluir ou corrigir informações, se julgar necessário. Estou anexando também o termo de consentimento para autorizar que a transcrição da entrevista seja utilizada somente para finalidades acadêmicas.

O texto do termo também se encontra transcrito abaixo:

Termo de consentimento:

Eu concordei em participar voluntariamente desta pesquisa e concordo que as informações fornecidas sejam utilizadas com finalidade de pesquisa. Entendo que os resultados da pesquisa serão publicados em revistas ou outro tipo de divulgação acadêmica. Concordei que a entrevista fosse gravada e fui informado (a) de que teria a oportunidade de ler a transcrição da minha entrevista antes de ser incluída na pesquisa. Entendo que as transcrições e os áudios serão mantidos em segurança e que serão utilizados exclusivamente com finalidade acadêmica.

Recebi e li a transcrição da entrevista e concordo que o texto representa com exatidão a minha fala durante a entrevista. Tive a oportunidade de incluir, excluir e corrigir informações.

A pesquisadora se compromete a preservar meu depoimento no anonimato, identificando minha fala com nome fictício ou símbolo não relacionados à minha verdadeira identidade.

Fui informado (a) que a qualquer momento posso solicitar a exclusão da pesquisa.

Agradeço se me retornar o mais breve possível (para fins de autorização pode somente responder este e-mail confirmando a leitura e o consentimento de uso da transcrição ou pode me enviar o termo assinado). Houve um consentimento implícito ao concordar em participar da pesquisa e em ter a entrevista gravada. Assim esse termo pode ser considerado dispensável, mas é importante para tornar esse consentimento formal e explícito.

Peço por gentileza, que caso deseje que seja realizada alguma alteração na transcrição, me informe até o dia 12/02, para que seja possível realizar eventuais ajustes na tese.

Destaco que informações de identificação, como nomes de professores, colegas, instituições, disciplinas ou algum ponto do texto que a pesquisadora julgue que possam vir a identificar o entrevistado e/ou outras pessoas, serão preservadas, ou seja, omitidas caso apareçam em algum trecho que for utilizado na pesquisa.

Fico a disposição para qualquer outro esclarecimento que se fizer necessário e aproveito para agradecer novamente sua ajuda.

Atenciosamente,

Suillise Berwanger Wille

APÊNDICE K – Roteiro entrevista com professores da área de educação e ligados à gestão do PAE na USP

Fala de abordagem:

Conforme conversamos anteriormente estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a formação docente em contabilidade, e de forma mais precisa um dos aspectos estudados é como o PAE se insere nesse processo. Por isso, sabendo um pouco da sua participação na instauração do PAE na USP, gostaria de saber um pouco mais sobre esse processo.

Informo que a entrevista tem cunho acadêmico e sua duração prevista é de uma hora, sendo que se for do seu consentimento gostaria de gravar a mesma, comprometendo-me a lhe mandar a transcrição e cumprir as demais garantias constantes do termo de consentimento para gravação de voz (ler o que consta no termo).

Questões

1. Poderia me contar um pouco da história do PAE desde sua concepção?
2. Quais eram os objetivos iniciais quando o PAE foi concebido? Quais eram as expectativas?
3. Qual é o objetivo do PAE em termos de formação didático-pedagógica do pós-graduando?
4. Quais outros objetivos o PAE busca atender?
5. Quais foram as referências utilizadas para dar início ao programa? Em um boletim de 2001 falando sobre o PAE se diz que muitas universidades estrangeiras já instituíram programas similares (os “Teaching Assistants”). Esse realmente foi um dos modelos iniciais ou teve outras motivações?
6. Como você vê o PAE atualmente, em relação ao cumprimento dos seus objetivos, oportunidades de melhorias e melhorias que já tem sofrido ao longo dos anos? Quais os principais problemas e desafios? Qual a influência da CAPES no processo?
7. Que outros modelos de formação docente são relevantes?
8. Teria alguma pergunta ou mais algum comentário para fazer

“Agradeço a sua colaboração com a pesquisa e me coloco a disposição para qualquer dúvida ou sugestões em relação à mesma. Aproveito para informar também, que estarei realizando a transcrição no mais breve possível e lhe enviarei, para que possa ler, fazer eventuais alterações, decidir em relação a aspectos de confidencialidade e optar por autorizar o uso ou não da transcrição para a pesquisa”

APÊNDICE L – Roteiro entrevista com pessoas que participaram do PAE ou Monitoria didática

Fala de abordagem:

Conforme conversamos anteriormente estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a formação docente em contabilidade, e de forma mais precisa um dos aspectos estudados é como o PAE e a monitoria didática se inserem nesse processo. Por isso, sabendo que você já participou do PAE e/ou monitoria didática, gostaria de saber um pouco da sua opinião a respeito dessas atividades.

Informo que a entrevista tem cunho acadêmico e sua duração prevista é de uma hora, sendo que se for do seu consentimento gostaria de gravar a mesma, comprometendo-me a lhe mandar a transcrição e cumprir as demais garantias constantes do termo de consentimento para gravação de voz (ler o que consta no termo).

Questões sobre formação

- 1) Fale-me um pouco sobre sua vida profissional? (Poderia me falar um pouco sobre o que o levou para a docência, sua opção pelo magistério no ensino superior, formação, início na docência no ensino superior)
- 2) Como foi o início da sua atividade no ensino superior? (como se sentiu, quais foram as dificuldades, de que preparação sentiu falta...)
- 3) Como você avalia seu processo de formação para atuar na docência no ensino superior?
 - foi adequado?
 - conseguiu adquirir os conhecimentos que acredita serem necessários? O que falta ou faltou na formação docente ?
 - como foi construindo esses conhecimentos? (teve formação na pós-graduação? Se baseou na sua experiência de ensino? Se inspirou em algum professor? Teve acesso a cursos de formação continuada, outros cursos...)
 - costuma participar de eventos ou cursos relacionados à formação docente?
- 4) Quais conhecimentos você acha necessários para conseguir ser professor de Ciências Contábeis? O que você gostaria de saber antes de ir para a sala de aula?
- 5) Qual é em sua opinião o papel dos cursos de pós-graduação em termos da formação docente? E qual o papel do próprio docente?
- 6) Como avalia que a formação docente deveria ser estruturada no âmbito da pós-graduação?
 - O que acha que a universidade /pós-graduação deveria oferecer para a formação docente?
 - Disciplinas
 - Workshop de discussões

Questões sobre o PAE e monitoria

- 7) O que é o PAE para você? O que é monitoria didática para você?
 - Vê diferença entre PAE e monitoria?

- 8) Você foi orientado em algum momento sobre as regras do Programa PAE e sobre quais são as atribuições do supervisor do PAE e do estagiário PAE?
- Conhece as normas do PAE?
 - Alguém explicou sobre as regras do PAE e sobre qual a função do supervisor?
 - Você gostaria de saber mais sobre o PAE?
 - Sabe da carga horária do PAE? Acha que a carga horária é respeitada?
 - Você se sente informado sobre quais são suas atribuições como estagiário?
- 9) Fale-me sobre o que o/a levou a fazer o PAE e as monitorias?
- Bolsa
 - Aprender mais da disciplina da graduação
 - Ter contato com o professor
 - Se as monitorias não fossem obrigatórias você faria?
 - Se tivesse que fazer o PAE de forma voluntária você faria?
- 10) Qual foi seu critério de seleção da disciplina e do professor?
- pelo professor, por conhecer a disciplina, por querer aquela disciplina, por querer aprender mais da disciplina...
- 11) Atualmente para participar do PAE, antes tem que participar de uma etapa de preparação pedagógica. Poderia me contar como foi a sua etapa de preparação pedagógica?
- Disciplina
 - Ciclo de palestras
 - Núcleo de atividades
- 12) O que o/a levou a optar por esse tipo de preparação pedagógica?
- 13) Qual a sua avaliação sobre a experiência nessa etapa (da preparação pedagógica)?
- quais foram os pontos fortes
 - o que poderia ser melhorado
 - Qual a contribuição dessa etapa para a sua formação pedagógica
- 14) Em sua opinião, como é a articulação da etapa da preparação pedagógica com a etapa do estágio supervisionado?
- 15) Quais atividades você desenvolveu nas monitorias e estágio do PAE?
- Teve diferenças entre monitoria e estágio PAE?
- 16) No seu entendimento, quais são as funções do estagiário do PAE e /ou monitor?
- Quais são as atividades que você considera que são de responsabilidade do estagiário PAE?
 - O que deveria ser exigido na disciplina?
 - Você acha que é importante dar aula?
- 17) No seu entendimento, quais seriam as atribuições do professor supervisor?
- 18) Você dá e recebe *feedbacks* dos supervisores?
- Recebeu algum *feedback* sobre como foi o desenvolvimento do PAE? Acha que isso seria importante?
 - Dá sugestões ao supervisor em relação à disciplina?
- 19) A presença do monitor ou estagiário PAE provoca alguma mudança nas aulas?
- Qual você acha que foi sua contribuição para a disciplina?
 - O estagiário/monitor pode contribuir para a melhoria da graduação?
- 20) Quais os pontos positivos da monitoria ou estágio do PAE?

- 21) Quais os pontos negativos da monitoria ou estagiário do PAE?
- 22) Foi possível refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem ao longo do semestre? Como essa reflexão foi feita?
- 23) O que acha importante para conseguir (ou não ter conseguido) refletir sobre o processo de ensino e o processo de aprendizagem?
- 24) Caso já tenha dado aula anteriormente, o PAE lhe permitiu repensar alguma prática? Suas aulas mudaram de alguma forma por ter realizado o PAE? Participar do PAE lhe fez pensar mudar algo na sua forma de dar aula? Por que?
- 25) Esse ano foi lançado pela pró-reitoria de pós-graduação um curso, uma disciplina online sobre formação docente. Nesse sentido, o que você acha que esse tipo de disciplina a distância também poderia ser utilizada como etapa de preparação pedagógica, seja complementando ou substituindo, sendo uma alternativa a mais ao lado do que já tem. Ou seja, além das disciplinas, do ciclo de palestras, acha que uma disciplina a distância seria uma opção também de preparação pedagógica para o PAE?
- 26) O PAE acaba adquirindo características diferentes dependendo da unidade da USP. Nesse sentido, em alguns lugares, como em São Carlos e na ESALQ, no final dos semestres eles fazem uma espécie de workshops com as pessoas que participaram do estágio PAE para trocarem experiências sobre as atividades que realizaram nas respectivas disciplinas (esse workshop também foi realizado em julho de 2017 junto com o Congresso de Graduação aqui na USP Butantã). O que você acha em relação a algum tipo de troca de experiências entre os próprios estagiários?
- 27) Em relação ao processo final da monitoria e do PAE, no PAE tem a entrega dos relatórios (tanto pelo estagiário quanto pelo supervisor) e na monitoria tem a atribuição de um conceito (nota). Qual a sua opinião em relação a essas ferramentas utilizadas no final, ou seja, os relatórios e a avaliação com a nota em relação à monitoria didática?
- 28) Em sua opinião, o PAE é, ou pode vir a ser, um programa que ajude os pós-graduandos a adquirir os conhecimentos básicos para ser professor no ensino superior? Que sugestões teria nesse sentido?
- 29) Teria alguma pergunta ou mais algum comentário para fazer

“Agradeço a sua colaboração com a pesquisa e me coloco a disposição para qualquer dúvida ou sugestões em relação à mesma. Aproveito para informar também, que estarei realizando a transcrição no mais breve possível e lhe enviarei, para que possa ler, fazer eventuais alterações, decidir em relação a aspectos de confidencialidade e optar por autorizar o uso ou não da transcrição para a pesquisa”

APÊNDICE M – Roteiro entrevista com supervisores

Fala de abordagem:

Conforme conversamos anteriormente estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a formação docente em contabilidade, e de forma mais precisa um dos aspectos estudados é como o PAE e as monitorias se inserem nesse processo. Por isso, sabendo que você já atuou como supervisor, gostaria de saber um pouco da sua opinião a respeito dessas atividades.

Informo que a entrevista tem cunho acadêmico e sua duração prevista é de uma hora, sendo que se for do seu consentimento gostaria de gravar a mesma, comprometendo-me a lhe mandar a transcrição e cumprir as demais garantias constantes do termo de consentimento para gravação de voz (ler o que consta no termo).

Questões sobre formação

- 1) Fale-me um pouco sobre sua vida profissional? (Poderia me falar um pouco sobre o que o levou para a docência, sua opção pelo magistério no ensino superior, formação, início na docência no ensino superior)
- 2) Como foi o início da sua atividade no ensino superior? (como se sentiu, quais foram as dificuldades, de que preparação sentiu falta...)
- 3) Como você avalia seu processo de formação para atuar na docência no ensino superior?
 - foi adequado?
 - conseguiu adquirir os conhecimentos que acredita serem necessários? O que falta ou faltou na formação docente ?
 - como foi construindo esses conhecimentos? (teve formação na pós-graduação? Se baseou na sua experiência de ensino? Se inspirou em algum professor? Teve acesso a cursos de formação continuada, outros cursos...)
 - costuma participar de eventos ou cursos relacionados à formação docente?
- 4) Quais conhecimentos você acha necessários para conseguir ser professor de Ciências Contábeis?
- 5) Qual é em sua opinião o papel dos cursos de pós-graduação em termos da formação docente? E qual o papel do próprio docente?
- 6) Como avalia que a formação docente deveria ser estruturada no âmbito da pós-graduação?
 - O que acha que a universidade /pós-graduação deveria oferecer para a formação docente?
 - Disciplinas
 - Workshop de discussões
- 7) Quando você prepara uma aula, com base no que decide as estratégias que irá utilizar?
 - O que pensa ao decidir a estratégia? O que deu certo pra alguém? Reflete como você aprendeu melhor? Baseia-se nas suas experiências como aluno? Avalia as suas aulas? Considera o perfil dos alunos? Considera o *feedback* dos alunos?
- 8) Como professores, vocês têm espaço de trocas de experiência e de reflexão sobre a prática docente? Quais? Acha isso importante?

Questões sobre o PAE e monitoria

- 9) O que é o PAE para você? O que é monitoria didática para você?
 - Vê diferença entre PAE e monitoria?
 - Vê diferença entre monitor da pós-graduação e da graduação?
- 10) Você foi orientado em algum momento sobre as regras do Programa PAE e sobre quais são as atribuições do supervisor do PAE e do estagiário PAE?

- Conhece as normas do PAE?
 - Alguém explicou sobre as regras do PAE e sobre qual a função do supervisor?
 - Você gostaria de saber mais sobre o PAE?
 - Sabe da carga horária do PAE? Acha que a carga horária é respeitada?
- 11) No seu entendimento, quais são as funções do estagiário do PAE e /ou monitor?
 - Quais são as atividades que você considera que são de responsabilidade do estagiário PAE?
 - 12) Os monitores que acompanharam suas disciplinas desenvolveram quais atividades?
 - 13) No seu entendimento, quais seriam as atribuições do professor supervisor?
 - Como enxerga o estagiário PAE? Se vê como corresponsável pela sua formação para a docência? Por quê? De que maneira?
 - Como você enxerga a atividade do estagiário? Vê isso como uma forma de ajudá-lo na formação docente?
 - 14) A presença de monitores e estagiários do PAE é importante?
 - 15) A presença de monitores e estagiários do PAE provocou alguma reflexão sobre a sua prática docente?
 - 16) Você dá e recebe *feedbacks* dos monitores? Isso gerou alguma repercussão nas suas aulas?
 - 17) A presença do monitor ou estagiário PAE provocou alguma mudança nas suas aulas?
 - É usada de forma a contribuir na tecnologia? Ou de alguma forma o ambiente?
 - A presença de um estagiário PAE o ajuda a repensar suas ações de ensino?
 - O que você fez, que não faria sem a presença do estagiário?
 - O estagiário trouxe novas ideias?
 - Sentiu melhorias nas aulas?
 - Acredita que a presença do estagiário PAE contribuiu para você poder tentar novas ferramentas pedagógicas? Exemplifique?
 - 18) Quais os pontos positivos de ter um monitor ou estagiário PAE?
 - 19) Quais os pontos negativos de ter um monitor ou estagiário PAE?
 - 20) Em sua opinião, o PAE é, ou pode vir a ser, um programa que ajude os pós-graduandos a adquirir os conhecimentos básicos para ser professor no ensino superior? Que sugestões teria nesse sentido?
 - 21) Você acredita que a monitoria e o PAE podem contribuir para a melhoria da graduação?
 - 22) Em relação ao processo final da monitoria e do PAE, no PAE tem a entrega dos relatórios (tanto pelo estagiário quanto pelo supervisor) e na monitoria tem a atribuição de um conceito (nota). Qual a sua opinião em relação a essas ferramentas utilizadas no final, ou seja, os relatórios e a avaliação com a nota em relação à monitoria didática?
 - 23) Teria alguma pergunta ou mais algum comentário para fazer

“Agradeço a sua colaboração com a pesquisa e me coloco a disposição para qualquer dúvida ou sugestões em relação à mesma. Aproveito para informar também, que estarei realizando a transcrição no mais breve possível e lhe enviarei, para que possa ler, fazer eventuais alterações, decidir em relação a aspectos de confidencialidade e optar por autorizar o uso ou não da transcrição para a pesquisa”

APÊNDICE N – Roteiro entrevista com supervisores que foram estagiários do PAE

Fala de abordagem:

Conforme conversamos anteriormente estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a formação docente em contabilidade, e de forma mais precisa um dos aspectos estudados é como o PAE e as monitorias se inserem nesse processo. Por isso, sabendo que você já atuou como supervisor e estagiário/monitor, gostaria de saber um pouco da sua opinião a respeito dessas atividades.

Informo que a entrevista tem cunho acadêmico e sua duração prevista é de uma hora, sendo que se for do seu consentimento gostaria de gravar a mesma, comprometendo-me a lhe mandar a transcrição e cumprir as demais garantias constantes do termo de consentimento para gravação de voz (ler o que consta no termo).

Questões sobre formação

- 1) Fale-me um pouco sobre sua vida profissional? (Poderia me falar um pouco sobre o que o levou para a docência, sua opção pelo magistério no ensino superior, formação, início na docência no ensino superior)
- 2) Como foi o início da sua atividade no ensino superior? (como se sentiu, quais foram as dificuldades, de que preparação sentiu falta...)
- 3) Como você avalia seu processo de formação para atuar na docência no ensino superior?
 - foi adequado?
 - conseguiu adquirir os conhecimentos que acredita serem necessários? O que falta ou faltou na formação docente ?
 - como foi construindo esses conhecimentos? (teve formação na pós-graduação? Se baseou na sua experiência de ensino? Se inspirou em algum professor? Teve acesso a cursos de formação continuada, outros cursos...)
 - costuma participar de eventos ou cursos relacionados à formação docente?
- 4) Quais conhecimentos você acha necessários para conseguir ser professor de Ciências Contábeis?
- 5) Qual é em sua opinião o papel dos cursos de pós-graduação em termos da formação docente? E qual o papel do próprio docente?
- 6) Como avalia que a formação docente deveria ser estruturada no âmbito da pós-graduação?
 - O que acha que a universidade /pós-graduação deveria oferecer para a formação docente?
 - Disciplinas
 - Workshop de discussões
- 7) Quando você prepara uma aula, com base no que decide as estratégias que irá utilizar?
 - O que pensa ao decidir a estratégia? O que deu certo pra alguém? Reflete como você aprendeu melhor? Baseia-se nas suas experiências como aluno? Avalia as suas aulas? Considera o perfil dos alunos? Considera o *feedback* dos alunos?
- 8) Como professores, vocês tem espaço de trocas de experiência e de reflexão sobre a prática docente? Quais? Acha isso importante?

Questões sobre o PAE e monitoria

- 9) O que é o PAE para você? O que é monitoria didática para você?
 - Vê diferença entre PAE e monitoria?
 - Vê diferença entre monitor da pós-graduação e da graduação?

- 10) Você foi orientado em algum momento sobre as regras do Programa PAE e sobre quais são as atribuições do supervisor do PAE e do estagiário PAE?
- Conhece as normas do PAE?
 - Alguém explicou sobre as regras do PAE e sobre qual a função do supervisor?
 - Você gostaria de saber mais sobre o PAE?
 - Sabe da carga horária do PAE? Acha que a carga horária é respeitada?
- 11) Poderia me falar um pouco de como foi o estágio PAE e/ou monitorias na sua pós-graduação
- O que o levou a fazer o PAE e as monitorias?
 - Lembra de como foi a sua etapa de preparação pedagógica (tipo de preparação, o que o levou a ela, qual a avaliação da mesma, há articulação entre essa etapa e o estágio supervisionado)?
 - Qual foi seu critério de seleção da disciplina e do professor (pelo professor, por conhecer a disciplina, por querer aquela disciplina, por querer aprender mais daquela disciplina...)?
 - Quais atividades desenvolveu?
 - Acredita que sua experiência como estagiário PAE foi válida? Acredita que contribuiu para sua formação docente? Em que sentido?
- 12) No seu entendimento, quais são as funções do estagiário do PAE e /ou monitor?
- Quais são as atividades que você considera que são de responsabilidade do estagiário PAE?
- 13) Os monitores que acompanharam suas disciplinas desenvolveram quais atividades?
- 14) No seu entendimento, quais seriam as atribuições do professor supervisor?
- Como enxerga o estagiário PAE? Se vê como corresponsável pela sua formação para a docência? Por quê? De que maneira?
 - Como você enxerga a atividade do estagiário? Vê isso como uma forma de ajudá-lo na formação docente?
- 15) A presença de monitores e estagiários do PAE é importante?
- 16) A presença de monitores e estagiários do PAE provocou alguma reflexão sobre a sua prática docente?
- E na sua pós-graduação, você acredita que o PAE e as monitorias lhe possibilitaram refletir sobre o processo de ensino aprendizagem?
- 17) Você dá e recebe *feedbacks* dos monitores? Isso gerou alguma repercussão nas suas aulas?
- Na sua pós-graduação, você teve oportunidade de troca de *feedback* com os seus supervisores?
- 18) A presença do monitor ou estagiário PAE provocou alguma mudança nas suas aulas?
- É usada de forma a contribuir na tecnologia? Ou de alguma forma o ambiente?
 - A presença de um estagiário PAE o ajuda a repensar suas ações de ensino?
 - O que você fez, que não faria sem a presença do estagiário?
 - O estagiário trouxe novas ideias?
 - Sentiu melhorias nas aulas?
 - Acredita que a presença do estagiário PAE contribuiu para você poder tentar novas ferramentas pedagógicas? Exemplifique?
- 19) Quais os pontos positivos de ter um monitor ou estagiário PAE?
- 20) Quais os pontos negativos de ter um monitor ou estagiário PAE?
- 21) Em sua opinião, o PAE é, ou pode vir a ser, um programa que ajude os pós-graduandos a adquirir os conhecimentos básicos para ser professor no ensino superior? Que sugestões teria nesse sentido?
- e em relação à monitoria didática, teria alguma sugestão?

- 22) Você acredita que o programa PAE e as monitorias contribuem para a melhoria da graduação
- 23) Em relação ao processo final da monitoria e do PAE, no PAE tem a entrega dos relatórios (tanto pelo estagiário quanto pelo supervisor) e na monitoria tem a atribuição de um conceito (nota). Qual a sua opinião em relação a essas ferramentas utilizadas no final, ou seja, os relatórios e a avaliação com a nota em relação à monitoria didática?
- 24) Teria alguma pergunta ou mais algum comentário para fazer

“Agradeço a sua colaboração com a pesquisa e me coloco a disposição para qualquer dúvida ou sugestões em relação à mesma. Aproveito para informar também, que estarei realizando a transcrição no mais breve possível e lhe enviarei, para que possa ler, fazer eventuais alterações, decidir em relação a aspectos de confidencialidade e optar por autorizar o uso ou não da transcrição para a pesquisa”

APÊNDICE O – Roteiro entrevista com alunos da graduação

- 1) Na sua experiência, qual a diferença entre monitores e estagiário(a)s PAE?
- 2) Na sua experiência, quais são as atividades que percebe que os monitores/estagiário(a)s PAE realizam?
- 3) Na sua experiência, quais os pontos positivos de ter um monitor(a)/estagiário(a) PAE na graduação? De que forma o monitor(a)/estagiário(a) PAE contribuem na melhoria do ensino?
- 4) Acha que a presença do monitor ajuda de alguma forma o professor a repensar suas aulas ou fazer algo diferente?
- 5) Na sua experiência, quais são os pontos negativos/críticas em relação a ter monitores/estagiário(a)s PAE?
- 6) Em sua opinião, de que forma deveria ser a participação do monitor/estagiário(a) PAE no ensino de graduação?
- 7) Como percebem a relação entre estagiários PAE/monitores e estudantes e entre estagiários PAEs e professores e como essa relação impacta a efetividade da participação dos estagiário(a)s.
- 8) Você acredita que as monitorias e PAE contribuem para a formação docente? Por que?
- 9) Algun(s) professores trabalharam com o estagiário PAE/monitor da pós-graduação de uma forma diferenciada? (se possível nomeie, pois isso ajudará nos próximos estágios da pesquisa, onde tentarei entrevistar essas pessoas) Por que?
- 10) Algun(s) estagiários PAE/monitores da pós-graduação se destacaram? Por que?
- 11) Você tem preferência por disciplinas com ou sem monitores? Por que?
- 12) Vê diferença entre monitores da graduação e da pós-graduação?

APÊNDICE P – Disciplinas relacionadas a educação oferecidas pelos Programas de Pós-Graduação em Contabilidade

	Instituição	Disciplina
1	CENTRO UNIVERSITÁRIO FECAP (Unifecap)	Didática do ensino da contabilidade
2	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)	Nenhuma disciplina cadastrada
3	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	Prática de ensino em contabilidade - ME Práticas de ensino em contabilidade
4	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	Metodologia do Ensino Superior
5	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)	Metodologia do Ensino Superior em contabilidade
6	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA (UFPB/J.P.)	Metodologia do Ensino Superior
7	UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU (FURB)	Metodologia do Ensino Superior em contabilidade; Tecnologias da informação aplicadas ao ensino superior; Gestão Universitária
8	FUNDAÇÃO INSTITUTO CAPIXABA DE PESQ.EM CONT.ECON.E FINANÇAS (FUCAPE)	Nenhuma disciplina cadastrada
9	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	Nenhuma disciplina cadastrada
10	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)	Nenhuma disciplina cadastrada
11	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)	Estágio Docência; Metodologia do Ensino da Contabilidade (ME); Metodologia do Ensino da Contabilidade (DO); Estágio Docência II
12	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)	Monitoria didática I (ME); Monitoria didática II (ME); Seminários acadêmicos (Estágio docência) (ME)
13	UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ (UNOCHAPECÓ)	Nenhuma disciplina cadastrada
14	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC/SP)	Metodologia do ensino da contabilidade
15	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	Metodologia do Ensino Superior
16	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	Metodologia do ensino em contabilidade e finanças; Estágio docência
17	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)	TDO; Metodologia de ensino superior
18	UNB - UFPB – UFRN	Prática de ensino em contabilidade – ME
19	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)	Metodologia do ensino
20	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/ RIBEIRÃO PRETO (USP/RP)	Didática do ensino contábil - DO; Aprendizagem colaborativa online; Estruturação de programas de cursos e melhorias curriculares
21	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	Metodologia do ensino na contabilidade; Monitoria didática I; Monitoria didática II; Seminários de pesquisa em educação e pesquisa contábil; Tecnologia da educação
22	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	Estágio Docência
23	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	Metodologia do ensino superior
24	UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)	Metodologia do ensino superior
25	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	Prática de ensino em contabilidade; Educação e pesquisa em contabilidade
26	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)	Metodologia do Ensino em Ciências Contábeis

Fonte: elaborada pela autora com base em informações constantes na plataforma Sucupira (<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>). Consulta realizada em 03/2016.